Esmeraldas cá na terra,
Estrelas lá no céu

Por Olavo Stefanello

Esmeraldas cá na terra, Estrelas lá no céu

Produção
Ricardo Paz de Barros

Preparação e Revisão
Maria Monteiro

Capa
Forza Comunicação e Marketing

Projeto gráfico
Neide Siqueira

Diagramação
Join Bureau

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stefanello, Olavo
Esmeraldas cá na terra, estrelas lá no céu / por Olavo Stefanello – São Paulo : Editora Gente, 2008.

ISBN 978-85-7312-590-0

1. Memórias autobiográficas 2. Stefanello, Olavo I. Título.

08-00525 CDD-920

Índice para catálogo sistemático:

1. Memórias autobiográficas 920

A todos os homens e mulheres

da minha terra

dedico este livro, com afeto e carinho.

Sumário

Prefácio 17
Introdução 19
Andemo In Mérica 21
Ângelo (Andoin) Stefanello – Origens 23
Dicas para pesquisa sobre a família Stefanello me sugeriu Padre Dorvalino Rubin (Stefanello por parte de mãe) que escreveu o texto abaixo, narrando uma visita que fez a Ceggia
Getúlio Vargas me dispensou: "Vá pra casa!" 26
Mamei na teta da nega Clara 27
De carroça nos mudamos para Capão Doce 28
Toda a madeira da casa foi serrada a muque 29
Acoitei-me no oco de tarumã 31
Apanhei por gostar de ler 32
Trançei fumo de corda 34
Um boi por um quilo de açúcar 35
Notivagando com o lençol velho às costas, espantava o gado nas coxilhas . . 36
"Eu te ensino a fazer arapuca." 37
Por açúcar e geada, quase morri! 39
Foi aquele fogaréu campo afora. A lexiguana levou a culpa! 40
Fiz o enterro do Velho Húngaro 41
"Te vira, o cozinheiro é você!" 43
Negrinho Emílio, um grande Otelo dos pampas 45
Pés roxos? As gurias riam de mim! 47
Carne de gambá, comi e gostei 48
Conheci Cândido ainda guri 50

Queriam notícias da guerra, eu as contava lendo o *Correio do Povo* 51
Abóboras rolaram coxilha abaixo e a noiva quase desmaiou 54
No meio das macegas, um cadáver. Quem seria? 57
Vale Vêneto: uma vila de encanto e história 58
Copiei os verbos e adjetivos do dicionário 59
O jogo das palavrinhas 59
"Vem comigo, preciso de ti no cartório." 60
De soldado a sargento de artilharia 61
No Mato Castelhano, depois Sede Aurora 63
Campereando por esses pagos marcou história 65
Uma perdizada inesquecível 67
Se te vola la toza, carezza la mama 69
Tatu assado com casco e tudo 70
Balanças que emagreciam os porcos 71
Doía-me o coração ver aqueles dois mortos, mãe e filho! 72
A fazendinha do Cafundó 73
"Como eu faço? Quero casar e não tenho dinheiro, o padre cobra e
o escrivão também..." 74
Horda de bandidos fuzarqueia festa religiosa 76
"Walter me empreste mais um livro para ler?"
"O de Lucrécia Bórgia serve?" 77
"Deixa de perseguir os 'alemão', eles só 'trabaiam'." 78
"Ué! O que é isso João Frederico?" 80
"Minha têmpera de vida forjei-a entre as montanhas de Linha 7,
Novo Paraíso, onde tu também nasceste." 81
Braços fortes que animam o progresso de Campos Borges 82
"Áti, não chores a faca perdida..." 82
Despedida de um irmão, por Eudes de Souza Leão Pinto 84
O gol que Pelé queria fazer... 86
De cima desta tribuna... Bons amigos como vocês não há ouro
que pague! 88
Com duas gurias no capô venci atoleiros para levá-las à UFSM 90
"Óspie, o trator sumiu!" – "Sumiu não, mergulhou no Ingaí." 92

Peregrinos pedem intercessão de um padre santo que morreu em Sede Aurora 94
A ponte que a comunidade tanto esperava foi construída 97
"Vem cá moço, me dê à mão, vamos ver a sorte." 98
"Tu já comeste *Eisbein* com *Kartoffel*?" 100
A barba-de-bode deu lugar a lindos trigais 102
Inescrupulosa negociata de moageiros prejudica triticultores 103
Dormimos na cabine de caminhão, a barca não dera passagem no rio Taquari em Mariante 104
Sabor amazônico servido em cocho de boi 105
Terra de Vila Rica só existe no coração 109
Guerrilheiros de idéias 111
Heraclides de Lima Gomes 113
Discursei em cima de uma pilha de tábuas 113
Meus encontros com João Goulart 115
Ainda o prefixo da emissora 116
Quem foi Jerilu? 117
Dupla do passado 120
O ceguinho da rodoviária 120
Guardião da imprensa livre 121
"Cadê meu bandoneon?" 122
Ser repórter não basta 123
Edison Quintana, professor e jornalista 124
Uma surpresa no dia do radialista 125
"Bandidos! Me tiraram a escada da janela." 126
"Do livro ao rádio" 128
Nem ginásio completo eu tenho 128
Luiz Müller, o trovador repentista dos pampas 130
A política como arte de construir o bem comum 131
Entrei na política por uma porta e saí logo por outra 131
"Viva Getúlio Vargas!" Foi aquele bafafá 132
Simpatizava com as idéias de Alberto Pasqualini 133
Não precisava mandar tocar o sino! 134

28 de fevereiro de 1955 136
Quantos papagaios novos estão no ninho? 136
Francisco Emílio Trein: "Isso mesmo, vou largar seu Olavo!" 137
Apesar de todo o incentivo, resisti, pois me considerava fora da política 138
Povo feliz é povo que se entende 140
Norman Borlaug, Prêmio Nobel da Paz de 1970, honrou Ibirubá e Quinze de Novembro 142
Ouvi gritos, uma moça quebrara a perna 144
Quem sabe faz a hora, não espera acontecer 145
Maldito cigarro, te esconjuro! 146
Escuela del Pueblo 148
Me ajoelhei para cumprir promessa 150
O velho Zimmermann jogava punhados de alfinetes para todos os lados . . 150
Como se deu a conquista de município-modelo? 151
"Não sou turco, sou palestino. Vim aqui para ficar." 155
Pelos caminhos de Maomé! Maktub 157
Na terra da tulipa, o encanto das flores 159
Namorados adoravam amar nas gôndolas 160
Maratona pelo continente 162
Colocaram-me na fogueira: "Vá mobilizar as co-irmãs que não se manifestaram." 163
Bienvenido a El Ecuador, con saludo y sentimiento a la memoria de Gabriel Garcia Moreno 168
Con la proteción de la madre de Dio embarquei para o México 172
Idealismo inaudito deu em nada 180
Ibirubá, município destaque nacional 182
Num zás-tráz, a guaiaca cantou no lombo do sujeito 183
Primo Nicolodi, gringo guasca da coxilha 184
"Não, não quero que me mires." 186
"Santo Dio!" Apertei os dedos ao fechar a porta 186
Sínodo Rio-grandense da Igreja Evangélica Luterana do Brasil destacou Ibirubá 190

No velório de Castelo Branco 191
"Vamos tirar esse gringo da Prefeitura." 192
Ibirubá eleito município-modelo, o primeiro do país 195
Uma data inesquecível: 17 de abril de 1966 197
Artistas? Até hoje não sei se foi o Pereirinha ou se fui eu o gênio da estrada. Ambos, talvez! 199
Ataliba Ferreira da Luz e da paz também 201
Doces papos-de-anjo 203
Meu jamegão libertou Selbach 203
Levou um tombo e caiu na vala d'água 205
Nos altos da Vila Floresta, um recanto natural destruído 206
Galho de árvore despenca e vitima um grande ibirubense 207
E se vieram... 208
Posto de suinocultura projetou Ibirubá no país 210
Queria, lutei e consegui implantar um serviço social odontológico para as crianças 211
Pai dos assentados do Passo Real? 212
De jipe fui buscar o bispo 214
Dante de Laitano interroga o Pereirinha: "Como é a vida da gente de Ibirubá? O que tem mais lá, alemão, italiano ou pêlo-duro?" 215
Fernando Ferrari marcou minha breve vida política 217
No avião do Kaderli, eu e o Noco voamos a Rio Grande 219
Nem todo descendente de alemão gostava de *Hackepeter*. Eu sempre apreciei 220
Cordeiro mamão assado aqui enriqueceu jantar em Brasília 221
O CTG Rancho dos Tropeiros engrandeceu a maior festa do município . . . 223
"Me chamem o gaúcho, está na hora do churrasco." 225
Assinei ata da pedra fundamental do Templo Luterano 227
"Pra saúde do dotô e de vânceis todos." 227
Com palmadinha nas costas as princesas da noite dedaram o Pereirinha e as safadezas que os outros fizeram 229
Queremos provar a boa comida alemã de Ibirubá 230
Carlos Santos, um emérito homem público 231

"Me dê um poncho, estou precisando, o inverno está aí.
Eu posso te ajudar!" 232
Ibirubá repercutindo na América Latina 234
Meneghetti surpreende no Festival do Milho-verde 236
A vez da cabra, vaquinha de pobre 238
Coelho na mesa, gato no colo do Pereirinha 239
Margareth Simon, um singular testemunho de lealdade 241
Encontro surpresa com Juscelino 242
"Um dia desses estarei por lá para rever os amigos." 244
Uma lição de vida: nunca se é inútil para o trabalho 246
Paula Schneider Paloschi, exemplo de mulher lutadora 247
Na Conferência de Quito a Coprel mostrou o valor
das cooperativas 248
"Como se joga solo? Quatrilho, sei." 250
E dava certo! Na prática, o constante lidar com pessoas me ensinara
certas regras para escolher os melhores 252
Edmundo Roewer em sua última jornada 253
Otto Willy Knorr engenheiro e amigo 256
Revolução tecnológica: a agricultura começa pela eletrificação
do campo 256
Deram as mãos e progrediram 258
A luz nos pampas, uma glória latino-americana 259
Era uma luta sem quartel 260
Eles marcaram o início administrativo da Coprel 260
Associação Gaúcha de Preservadores de Madeira (AGPM) 261
Tá na hora do golinho... 262
Ajudei ministro nordestino a ser governador 263
Norte-americanos não imaginavam encontrar cooperativa do porte
da Coprel 270
Sempre há uma legião para pedir, para reclamar e até mesmo para
protestar, e poucos são os que têm para dar 271
Tupanciretã em quatro tempos 273
Era bonito de se ver 275

"Toma aí essa cabeça de porco assada. É presente de aniversário que te oferecemos." 277
Que pessoal bom esse da Coprel 278
A gritaria foi grande, a fumaceira, maior! 279
"Chegou a luz!", por Ruben Kessler da Silva 281
Esporão no bandoneon, a mulher no violão, música e alegria na eletrificação 283
De arigós a coprelianos formamos um exército vencedor. 284
Vá em frente Ibirubá, guarda bem a natureza onde canta o sabiá 285
Por guerreiros sempre estive cercado 287
Obrigado, Pedro Portela! 287
Nascia o anseio pela luz, nascia a Coprel 288
Virei estátua de barro vermelho 290
"Essa não! Você tá querendo pôr luz no rabo dos bois?" 291
Vida nova, a clorofila que vem de Sete Capões 292
Ovo de touro na brasa 293
Onze reuniões, todas num dia só! Sem tempo para o almoço! 294
"Aprendi com os índios: Carne podre? Brasa nela!" 296
Desafiaram-me, desafio que aceitei 297
Quando os lampiões se apagaram 297
Como são bons os caranguejos dos manguezais de Ajuruteua 298
ARI orgulha imprensa brasileira 300
Com a eletrificação até a geografia mudou 301
Etelvino Ristow, o grande companheiro 302
Por que esse gostinho no churrasco? 303
Gostaria de plantar uma pitangueira na Coprel 304
Com tiro de espingarda! 305
Del tiempo del silencio al tiempo de la esperanza 306
Deixem comigo, farei as reuniões e lhes darei o financiamento 306
Plantou postes, plantou sorrisos de felicidade 307
Caso inédito: a eletrificação estava pronta no interior e a cidade ainda estava às escuras 308
Luz campo afora 310

Colonos que deixaram rastros de prosperidade 310
Com muito trabalho, os sonhos se concretizaram 312
Aproveitei o trem da Coprel 312
"Desde guri estive ligado à energia elétrica." 313
"Ande depressa, faça novos projetos, porque sem eles não há dinheiro." . 314
Os agricultores resistiam... 315
A Sofia Loren da Coprel 317
Naquele ano a energia foi presente de aniversário 318
Tirando geada dos trigais 319
Rosas para muitos espinhos 321
"Quem diria Tapejara, ver-te aqui.". 322
Com pulso firme, a luz chegou a São Silvestre 323
Uma proeza da Coprel, levar luz até onde a onça vai beber água 324
La vida de mi padre es una leyenda 325
Pisei no rastro de Debret 325
Colona pensa... 328
Colônia Saudades ficaria sem luz? De jeito nenhum! 329
Sócios-fundadores relembram 330
Cruzaltinha da lingüiça picada a faca 331
Elvira Sand Becker, a copreliana que pegava em qualquer ponta 332
Agricultor determinado que venceu com as mãos na terra 333
Na bóia campeira coprelianos se destacavam 333
Lá no céu nasceu mais uma estrela 334
"Vivo a Coprel todo dia, vivo sua luta, bonita e vitoriosa.". 335
O massacre do Fundão é uma história feita de ódio, coberta de sangue, crivada de balas e mortes. É a história dos "monges barbudos." 337
I. A filosofia da estranha doutrina 340
II. A história dos barbudos que também eram cabeludos 340
III. Como registrava a imprensa 341
IV. Linda moça encarnava Santa Catarina 342
V. A vida de Deca França, o líder do movimento 344
VI. Tácio Fiúza à frente do povo: nossa fé é Jesus, nossa fé é Santa Catarina! 346

VII. Panos ficaram drapejando ao vento... Uma imagem dolorosa! 347
VIII. Pegaram o Tácio Fiúza pelo cavanhaque e o arrastaram para fora da igreja a socos e pontapés... 348
IX. Bela Vista, abril de 1938 349
X. Gente que veio do inferno, gente sem coração 350
XI. O militarismo poderia ser uma desgraça para a liberdade do povo 352
XII. "Vamos conferir se a santinha é virgem." 352
XIII. "Abençôo toda a comida, de chimarrão pra riba.". 353
Guardem o que eu vejo, como é belo! 355
O cantor dos Sete Povos não morreu 357
Índio bueno, vivente! 359
Lembrando Norman Borlaug nasce o movimento dos Guardiões da Natureza 360
Ninguém vive sem orgulho de suas raízes 361
Duas significativas homenagens 366
Homenagem aos coprelianos 367
O garimpo da esmeralda 367

Caderno de fotos 369

Prefácio

Olavo Stefanello é, com certeza, um homem iluminado. Sempre à frente de seu tempo, fez e ainda faz a história acontecer, com idealismo e desprendimento.

Agricultor de roça bruta ele foi sem os meios que se tem hoje. Trabalhava de madrugada para ordenhar as vacas, com lampiões ou velas de cera de abelha que sua mãe fazia.

Obstáculos, como ele conta, sempre existiram, mas a ousadia e a criatividade de Olavo fizeram que superasse a todos com muita sabedoria, fé, dedicação e força de vontade. Tamanha foi sua disposição para o trabalho que, de mangas arregaçadas, lançou-se à árdua tarefa de escrever sua história de vida, muito mais para contar dos outros, de sua comunidade, de sua gente, de sua terra do que de si propriamente. Escrever é inscrever-se no tempo. Olavo já está inscrito nele, mas para isso precisou enfrentar mais uma luta: a das palavras. Suar, sofrer fez parte de sua luta para dar o último ponto a *Esmeraldas cá na terra, Estrelas lá no céu.* Está aí um dos frutos de seu viver para ser desfrutado pelas comunidades.

Como o autor mesmo diz, a vida era dura. Alguns trechos desta obra relatam o sacrifício pelo qual passava a família campesina. A necessidade da luz era latente e surgiu quando Pedro, pai de Olavo, levou-o à cidade de Cruz Alta, quando tinha oito anos de idade. Ficou encantado com tanta luz à noite e perguntou a seu pai: "Por que nós não temos essa luz lá em casa, pai?". Pedro respondeu-lhe: "Um dia certamente teremos luz!".

Em Sede Vitória, interior de Fortaleza dos Valos, Olavo aprendeu a ler e escrever, e também a cultivar a terra. Mas o destino preferiu levá-lo do cabo da enxada ao microfone da Rádio Ibirubá, a qual instalou na década de 1950.

As poucos Olavo inseriu-se na vida pública. Primeiro como vereador, depois como prefeito, levando Ibirubá ao título de "Município-modelo", destaque nacional. Mas um sonho não saía da sua cabeça e se transformava em uma idéia: a eletrificação rural. E assim, em 14 de janeiro de 1968, com a ajuda de agricultores, iluminou a esperança da vida tão sofrida e esquecida nas imensidões dos campos e lavouras gaúchas, por meio da Coprel Cooperativa de Energia.

Escrevendo estes fragmentos, Olavo demonstra sua capacidade de expressar em palavras algumas experiências que vivenciou. Foi ousado e corajoso ao transformar sua simples vida, mas cheia de conquistas, em obra, pois palavras quando escritas e publicadas ficam registradas na história, para serem sempre relembradas.

Olavo Stefanello foi, e ainda é, "a verdadeira locomotiva que corre pelos campos afora, semeando novos benefícios". Um exemplo de trabalho e persistência a ser seguido. Uma bela história para ser lida e lembrada para sempre.

Raquel Lazzarotto
Publicitária

Introdução

Escritor não sou, bem que gostaria de ser. Escrevinhador, talvez. Esse é o medo que me persegue para interpretar com certa justeza esses pingos e respingos da publicação em foco, se livro poder-se-ia assim chamá-lo.

Tentei fazer o possível, dentro de minhas limitações, dar-lhes mais leveza e expressividade. Recolhi-os da recorrida que empreendi, dia após dia, pela geografia de minha memória.

Outros tantos pingos e respingos deixei-os no sereno, eles terão vez, terão continuidade em nova edição. Por essa, tentarei recuperar eventuais omissões no que se refere a valores que testemunhei, valores que brilharam, outros mais que se esforçam para dar bom sentido às comunidades em que atuam.

Escrever por escrever, falem os de saber superior, é pura perda de tempo, nem graça tem. Ouso-me, pois, a mostrar alguns aspectos de significação social e construtiva, dentro da filosofia de que povo que se ajuda, é povo forte, feliz.

Estribo-me no conceito do magnífico pensador Ortega y Gasset que o escreveu para distinguir nossa geração, a minha particularmente: "O passado é uma força viva que mantém o mundo de hoje. O passado não está lá, na sua data, mas aqui em mim. O passado sou eu – se entende, a minha vida".

À margem desse pressuposto, sem apresentar-me como escritor, que não sou, passo às mãos dos leitores este livro de fragmentos de vida, idéias, fatos e experiências.

Está aqui, caro leitor, *Esmeraldas cá na terra, Estrelas lá no céu*.

Olavo Stefanello

Andemo In Mérica

Um pouco da história de minha família, Stefanello, teve início a 70 quilômetros de Veneza, na cidadezinha de Ceggia, onde na rua Rivazancana di Sopra, nº 13, ainda hoje existe o casarão onde viviam os Stefanello, sobrevivendo do cultivo penoso do cânhamo, em planícies alagadas. Por isso, chegando aqui, procuraram terras altas e enxutas.

Os moradores do casarão, Ângelo Stefanello, casado com Maria Rudine, tiveram muitos filhos, dos quais apenas quatro imigraram para o Brasil, conseguindo terras para morar em Linha 7, Nova Palma, distrito de Júlio de Castilhos: Antônio, nascido em 1828, Marco, em 26 de abril de 1845, Giovanni, em 20 de março de 1847 e Luiggi, em 11 de agosto de 1851. Mas, por causa das dificuldades da região, disseram: *Andemo in Mérica*, pois sonhavam em constituir uma família unida e cristã.

Luiggi foi encarregado de providenciar os passaportes e as passagens marítimas. Fez o pagamento para o navio "Birmânia" que partiu para o Rio de Janeiro no dia 28 de novembro de 1887.

Feitos os arranjos necessários e as despedidas, muito dolorosas, 35 pessoas embarcaram, para uma viagem que levou 28 dias para chegar à ilha das Flores, no Rio de Janeiro, e mais sete dias para chegarem em Porto Alegre (RS), no dia 4 de janeiro de 1888. Entre um ponto e outro, uma parada no porto de Santos.

Chegando a Porto Alegre, embarcaram em um barco a vapor e foram até General Câmara, seguindo de trem até Camobi, Santa Maria, e depois de carreta até os barracões de Silveira Martins, montados para acolher os imigrantes da futura colonização.

Os homens saíam em idas e vindas para receber e preparar suas terras onde lhes permitissem instalar sua família, pois alguns deles já vieram com filhos.

Após o inverno de 1888, a família Stefanello se estabelece no distrito de Nova Palma, no alto das montanhas da Linha 7, realizando ali o sonho de ter sua própria terra, onde não havia patrões que os explorassem, podendo assim criar sua família sem fome e sem as dificuldades existentes em Ceggia.

Os Stefanello, tendo imigrado com jovens em idade de trabalho, em poucos anos fizeram boas economias. Marco, em 1895, montou o primeiro alambique da região. Adquiriam mais terras em Novo Paraíso, Linha Base, Comércio, Pinhal Grande e, mais tarde, em Fortaleza dos Valos, Barril (atual Frederico Westphalen), Jabuticaba, Caiçara, Palotina, Dourados e em vários outros municípios brasileiros.

Foram gente de fé cristã e vigor no trabalho. Já na segunda geração tiveram muitas vocações religiosas. Hoje sabemos que os Stefanello foram abençoados por Deus e pela Maria Santíssima. Cresceram e multiplicaram-se Brasil afora. Estes dados e registros constam dos arquivos históricos do Centro Genealógico da Quarta Colônia da Imigração Italiana, criado e desenvolvido pelo historiador padre Luisinho Sponchiado, em Nova Palma (RS).

Registro o que me contou o meu avô Ângelo, filho de Marco: "Ao trilhar as matas da região insistia com o pai e com os demais do grupo Stefanello, para escolher colônias de terras: Su i monti!". Apontando para o alto dos montes, lembrando as agruras porque passaram em Ceggia, San Dona de Piave, cujas terras eram alagadiças. Foi uma alegria só, me contava o avó Ângelo, quando chegaram no alto da Linha 7, hoje Vila Cruz, onde os quatro irmãos se fixaram. Hoje, Vila Cruz, é uma jóia histórica da Quarta Colônia.

Outro fato, entre tantos contados por meu avô, registra seu namoro, durante a viagem, com Maria Natalina Dalcin, ela imigrante com dezesseis anos de idade e ele com dezessete. Passados alguns meses, os jovens oficializaram o casamento na cidade de Nova Palma, naquele tempo distrito de Vila Rica, depois Júlio de Castilhos.

Marco comprou uma propriedade em uma localidade próxima, chamada Novo Paraíso. Lá, o casal Ângelo e Maria continuou suas atividades agrícolas. Tiveram treze filhos. O primeiro deles foi Pedro Stefanello Sobrinho, que se casou com a jovem Antônia Veneranda Prevedello, filha de Valentim Prevedello e Maria Piovesana, também imigrantes de uma região próxima a Ceggia, que se chamava Camposampiero. Antônia e Pedro, meus pais.

Valentim e Maria, meus avós maternos, fixaram residência em Comércio, no interior do mesmo distrito de Nova Palma, naquele tempo pertencente ao território de Vila Rica, depois Júlio de Castilhos, que por um erro até político, trocam nomes históricos por outros, dando nome até de bandidos aos municípios, localidades, ruas...

Ângelo (Andoin) Stefanello – Origens

Dicas para pesquisa sobre a família Stefanello me sugeriu Padre Dorvalino Rubin (Stefanello por parte de mãe) que escreveu o texto abaixo, narrando uma visita que fez a Ceggia

Ceggia, comuna (município) da Província de Veneza, 5.110 habitantes, 2 metros de altitude, foi a cidadezinha em que nasceu meu avô Ângelo (Andoin) Stefanello, pai de mamãe Amábile.

Antes de viajar para a Itália, em 1968, fiz uma visita ao avô Ângelo. Na ocasião comentava-se que ele teria mais de noventa anos, mas não se sabia sua idade exata. É que ele viera criança da Itália, sem documentos. Sabe-se de outros casos semelhantes em que o nome das crianças imigrantes figurava no único passaporte da família. Diante disso, propunha-me a descobrir, na Itália, a cidade de origem dele.

Perguntado de onde viera, vovô repetia, no dialeto familiar, "Ceia, ceia". Daí podia concluir-se que se trataria de localidade chamada, em italiano oficial, "Ceggia". Vovô Ângelo referia-se também ao trabalho

penoso da família na Itália, naquele tempo, com o cultivo e processamento do "cânego", o cânhamo e suas fibras. A propósito, repare-se a altitude de apenas 2 metros da cidade de Ceggia e o fato de estar situada muito próxima ao golfo de Veneza no mar Adriático.

Lembro que, estando na Suíça, em 1969, caiu-me nas mãos um mapa muito detalhado do norte da Itália. Depois de buscar entre uma centena de pequeninos nomes de lugares, descobri uma cidadezinha chamada "Ceggia". Pouco tempo depois, estando perto de Pádua, na região onde nascera meu avô paterno e falando da possível localidade de proveniência de meu avô materno, Beppin Rubin prontificou-se em me levar até "Ceggia". Só que ele dispunha de pouco tempo. Tinha compromisso logo à tardinha.

Pádua fica a 37 quilômetros de Veneza. Pusemo-nos a caminho e, com efeito, a 70 quilômetros, na estrada que vai de Veneza a Trieste e, depois, à Iugoslávia, chegamos a "Ceggia". Uma cidadezinha simpática, com uma igreja monumental. Fomos ao "Município", que corresponde à nossa Prefeitura. Nas comunas italianas, no "Município" funciona a "Anágrafe", que corresponde ao nosso Registro Civil.

O titular da repartição, atenciosamente, diante das informações de *La Nuova Enciclopédia Universale Garzanti*, 1982, retirou da prateleira um, dois, três livros antigos. Pedi a ele que me permitisse fazer a busca, porque ele tinha outros clientes para atender.

Tomei o livro que fora trazido primeiro, com aspecto mais antigo, e encontrei, quase de imediato, nada menos que o assentamento que procurava, o registro civil de vovô Ângelo. Dispunha-me a anotar os dados na agenda de bolso, quando o funcionário acorreu e se dispôs a me fornecer fotocópia autenticada do documento.

Enviei logo essa fotocópia, mais alguns diapositivos da cidade, ao falecido tio Antero, com quem vovô residia. Soube, depois, que o documento chegou ao conhecimento de vovô Ângelo algo cerca de um mês antes de seu falecimento e que ele ficou muito feliz ao certificar-se de que estava para completar, cerca de um mês depois, 94 anos de idade.

No primeiro momento, tio Antero me fez saber que os diapositivos não tinham chegado e não averigüei se chegaram mais tarde. Voltei da Europa em março de 1970. Vovô Ângelo faleceu antes de meu regresso.

O casarão dos Stefanello em Ceggia – No registro de vovô figurava, como residência da família, a rua Rivazancana di Sopra, nº 13. Informamo-nos, já na "Anágrafe", se esta rua ainda existia. O funcionário garantiu-nos que sim e nos disse para continuarmos andando em direção a Trieste, até a periferia da cidadezinha. Logo em seguida, deparamos com uma seta com o nome "Rivazancana di Sopra", que indicava entrada à esquerda. Entramos pela rua. Casas pequenas e ralas. O número 13 era uma casa moderna. No alto de uma subida, um velho sobrado. Comentei com Beppin que algo me dizia ser aquele sobrado antigo de alvenaria o casarão dos Stefanello. Lá chegando, um senhor de seus cinqüenta anos cultivava a horta-jardim entre o edifício e a rua. Apresentamo-nos. Disse-nos ele que, efetivamente, aquela fora outrora a casa dos Stefanello. Orientou-nos que fôssemos ter com o pai dele, Pedro Trevisan, 87 anos, residente na rua paralela, atrás do sobrado. Com ele obteríamos mais informações.

Era meio-dia. Convidei Beppin ao restaurante. Informei-me do prato típico da região: era o *bollito*, a carne "lessa" de nossos avós, o "fervido". Claro, com o "fervido" vinha o caldo, na *minestra*.

Depois do almoço fizemos a barbaridade de tirar o idoso Pedro Trevisan de sua sesta. Tínhamos pressa, porque Beppin tinha compromisso em casa, e fomos atendidos cordialmente. O ancião de longas barbas brancas nos informou, então, que, efetivamente, aquele casarão fora a residência dos Stefanello. Deu-nos a relação de todas as famílias que, sucessivamente, tinham residido no sobrado, desde que os Stefanello haviam emigrado. Infelizmente perdi, em viagens e transferências, as anotações que fiz na ocasião. Estou relatando o que lembro. Seu Pedro observou que todos os Stefanello de Ceggia tinham emigrado. Quantos, ele não sabia. Mas sabemos que as famílias patriarcais de nossos antepassados, em situação econômica precária, quase servos da gleba medievais, viviam em mais famílias em um só grande casarão.

Lembro que consultei o guia telefônico da região. Em Ceggia não havia Stefanello. Na região, encontrava-se o sobrenome Stefanel e Stefanelli.

Como tínhamos pressa, não nos foi possível pesquisar no arquivo da paróquia de Ceggia. As paróquias na Itália têm ótima escrita paroquial. Nelas há, por exemplo, um livro gigantesco chamado "Livro das Famílias" que contém grande quantidade de dados desde tempos imemoriais. Um padre que tínhamos encontrado na rua, pouco antes do meio-dia, informara-nos que a secretaria já estava fechada e só abriria as quatro horas. Não nos foi possível esperar até aquela hora. Uma pena, porque assim não tive acesso a dados preciosos.

Getúlio Vargas me dispensou: "Vá pra casa!"

Getúlio Vargas fez a revolução de 1930 para assumir a presidência da República. Havia concorrido com Júlio Prestes e perdera. Em Júlio de Castilhos, Batista Luzardo, seu braço direito político, arregimentava uma tropa de civis e militares para embarcar de trem rumo ao local onde a resistência se localizava em São Paulo e no Rio de Janeiro.

No interior esses civis reservistas eram incorporados aos piquetes pelo pessoal de confiança da revolução. Pedro, meu pai, foi pego em Novo Paraíso e teve de seguir em um dos piquetes, deixando minha mãe Antonia grávida e nos dias de dar à luz.

Na estação ferroviária de Júlio de Castilhos esses reservistas do Exército ou de Tiro de Guerra, ali acampados, passavam a receber instruções militares. Na segunda noite Pedro, com outros companheiros, montava vigilância no grande acampamento ali instalado. Aproveitando a escuridão esgueirou-se por meio de um capinzal alto e mandou-se de volta à sua querência.

Conta meu pai que se estropiou todo até chegar a um rancho habitado por um casal de caboclos, ao qual pediu que o ajudasse, emprestando ou vendendo um cavalo e contou a história de como viera para ali. Mostrou um documento que ele mesmo fizera à mão e, como tinha boa

caligrafia, imitou perfeitamente a assinatura de Getúlio Vargas. O caboclo disse: "Se for para te ajudar a ajudar ao Getúlio, te empresto o cavalo, que é o único que tenho".

Meu pai deu então uns trocados para o caboclo e tomou o rumo da estrada, precavendo-se a todo o instante dos piquetes revolucionários, que recolhiam o pessoal para reforçar as tropas.

Chegando à Esquina Frescura, que pertenceu a um comerciante de mesmo nome italiano, foi surpreendido por um dos piquetes cujo chefe intimou-o a acompanhá-lo. De imediato, apresentou a autorização, com a assinatura de Getúlio, que ele mesmo havia subscrito. Após uns minutos de conferência, o chefe liberou a autorização a meu pai, que reiniciou a viagem para sua casa.

Viajando dia e noite, parando alguns instantes para o cavalo pastar, ao chegar em casa, minha mãe já estava, graças à tradicional parteira da região, a vizinha Clara, dando à luz seu terceiro filho, Miguel.

Com receio de que o perseguissem, na condição de fugitivo, meu pai precavia-se permanecendo pouco tempo em casa. Ficava um pouco na roça e um pouco no mato, deixando transcorrer o tempo. Getúlio ganhou a revolução, assumiu a Presidência da República. Pedro Stefanello e sua família vibraram com a conquista e a vida voltou à normalidade. Com meu avô Ângelo, encomendaram uma carroça, grande e reforçada, com a qual ele passou a transportar os produtos da colônia para comercializá-los em Júlio de Castilhos. Carreteava com duas juntas de mulas, vencendo uma estrada quase intransitável. No comércio, trocava muitos produtos agrícolas por mercadorias de que necessitava na colônia, como açúcar, farinha, arroz, café, erva e até charque, este quando não era feito por ele próprio em casa.

Mamei na teta da nega Clara

Na madrugada do dia 2 de agosto de 1927, sob os cuidados da parteira de campanha, nega Clara, vim ao mundo, feio e magrinho, me contava mãe Antônia, que, por não ter tido uma gravidez normal,

pois trabalhava muito na lavoura com meu pai, também não teve leite. E eu acabei sendo amamentado pela nega Clara, que também havia tido um bebê há questão de dois meses, que se chamava Maria do Socorro. Em razão disso, minha mãe me contava: "Tu te salvou graças à bendita nega Clara que te repartiu o leite da filha".

De carroça nos mudamos para Capão Doce

Criei-me na roça trabalhando com meus pais, cultivando fumo, parreirais, trigo, milho, e criando algumas vacas leiteiras, suínos e ovelhas.

Eu estava com uns quatro ou cinco anos, quando meus pais acertaram uma permuta de terra com tio Gerônimo. Nos mudaríamos para Capão Doce, em Sede Vitória, hoje município de Fortaleza dos Valos, e meu tio voltaria para a propriedade onde morávamos. Ele não se dera bem nos descampados de Sede Vitória.

A mudança feita de carroça, puxada a cavalo, levou alguns dias. Lembro-me de alguns fatos ocorridos nesse viagem. Um deles foi o de um pernoite em que nós nos ajeitamos com uns pelegos embaixo da carroça e o dia amanheceu com uma geada que cobria os campos. Minha mãe gritava comigo porque eu pegava o gelo com a mão e o colocava na boca. Depois de algumas travessias de rios e vencida a distância, chegamos ao destino, em uma entrada de mata e campo, onde meu pai começou a cortar algumas varas e construir um rancho de pau-a-pique.

Dos 87 hectares, 60% eram mata; as mudas de parreira meu pai trouxe com ele. Mais tarde ele melhorou a casa, que nem casa era. Era um girau de costaneiras escoradas em um varejão em cima de dois paus de forquilha, um galpão de jeito ainda provisório. Essa era nossa casa em Capão Doce, entre Sede Vitória e Fortaleza dos Valos. Ela era dividida por paredes de taquaras e varas, um quarto para os pais e outro para nós; o restante era uma sala de chão batido. Aliás, a casa toda era de chão batido. A cozinha era composta por umas pedras de tamanho mé-

dio, uma escorada na outra, um gancho de ferro preso na vara das costaneiras, no qual dona Antônia, minha mãe, pendurava as panelas de ferro para levá-las ao fogo, quando não eram colocadas em cima de um trempe (aro de ferro com três pés usada para apoiar panelas sobre o fogo) que meu pai trouxera de Novo Paraíso, feito por ferreiro daquelas bandas. Havia mais de um gancho para as panelas. Uma era para a polenta, panela meio oval, outra para feijão e mais uma, também de ferro, se minha mãe inventasse de cozinhar carne, arroz ou o que tivesse, pois nem sempre havia alimentos disponíveis.

O milho bom para canjica meu pai me fazia socar no pilão, onde também descascava o arroz. O processo era o mesmo. Um ou dois baldes velhos de zinco, uma gamela de madeira, uma bacia velha, meia dúzia de pratos, uns três de louça amarelados pelo uso, mais uns pratos velhos de alouçados.

Trabalhava-se na roça, feita à foice e machado, escoivarada depois de queimada. Plantávamos trigo, milho, feijão, abóbora, moranga, melancia e fumo. Dos trabalhos da roça, aprendi e pratiquei todos. O que se possa imaginar, uma raridade de trabalhador rural, multiplicado muitas vezes. Me especializei no cultivo do arroz em várzea. Carneava boi, ovelha, cabra, porco, aves, qualquer animal. Também aprendi a fazer salames, charquear e defumar carnes, além de estaquear couros de animais.

Com o passar do tempo me acostumara tanto com os trabalhos na colônia que achava tudo aquilo interessante e notável. Tirar leite de meia dúzia de vacas, ajudar minha mãe a fazer queijos coloniais e também a puína, uma delícia de ser saboreada, principalmente com polenta brustulada.

Toda a madeira da casa foi serrada a muque

"Não agüento mais morar nesse rancho, chove dentro, faz frio, o vento entra forte pelas frestas", reclamava minha mãe Antônia inconformada porque meu pai protelava a construção de uma casa mais

decente. E ele afirmava ter outras prioridades: a de concluir a encerra para a criação, a compra de arame e novilhas com as quais queria aumentar a criação.

"Tem um jeito", disse meu pai. "Vamos arrumar madeira, vigas, caibros, barrotes, tábuas, ripas e tabuinhas para o telhado serrando em estaleiro. Assim sairia barato, a madeira nós temos; é só meter o muque dos braços para desdobrá-la."

Eu e o meu irmão dissesmos: "E nós vamos ajudar a puxar a serra". "Essa eu quero ver", disse meu pai.

E para dar início, meu pai convidou o Santo, o Bepi Antonello e mais irmãos que vieram de uma família proveniente de Novo Paraíso, de onde ele também veio.

Juntara-se a nós o Pretinho Emílio. Procuramos no mato as árvores que poderiam oferecer as toras para desdobrar, como louro, canela, cabriúva, cedro, pinheiros, enfim, as mais adequadas para serem serradas em estaleiro.

Tudo começava derrubando as árvores e arrastando as toras até o estaleiro onde eram falquejadas em duas faces. Logo eram erguidas no estaleiro. Feito isso, marcava-se a dimensão e a espessura do que seria serrado, que consistia em estender um barbante ensopado em carvão moído para marcar por onde se puxaria a serra. O barbante era firmado bem esticado nas duas pontas da tora, pelo lado falquejado e, com um golpe certeiro, marcava-se a madeira, em cujo sinal, feito pelo fio, guiava-se a serra.

Em duas pessoas, uma embaixo, outra em cima da tora, pegava-se a serra que o avô trouxera na imigração e começava-se a serrar. Num vai-e-vém intermitente, desdobrava-se a madeira para o fim previsto. Zás-tráz, zás-tráz... Onomatopaico ruído da serra ecoava mata adentro.

Os serradores, quando cansavam se revezavam. O mano Edoardo gostava de puxar em cima e sobrava para mim puxar a serra embaixo, o mais difícil, e naquele vai-e-vém da serra, o seu ruído de "zás-tráz" inundava a floresta.

O pretinho Emílio e o Santo Antonello nos quarteavam nessa cansativa tarefa de serrar toda a madeira para a casa nova tão desejada por mãe Antônia.

Pronta a madeira, José Antonello, o Bepi, auxiliado por todos, deu início à construção da casa. Minha mãe queria que ela tivesse um bom porão, porque, segundo ela, onde não se tem energia elétrica, o porão é o local para se guardar e conservar alimentos, como salame, queijo e vinho, uma solução para quem não tinha geladeira. Aliás, um costume generalizado nas colônias dos imigrantes italianos; o porão era local até para se refugiar do calor nos dias muito quentes.

Era no sótão dessa casa que eu me refugiava para ler, escrever, estudar e, às vezes, fugir de um servicinho extra à noite. Fruto do esforço de duas famílias que se uniram praticamente em mutirão para realizar o sonho de mãe Antônia: ter uma casa grande.

Acoitei-me no oco de tarumã

Meu pai me conduzira até o toco de tarumã que ficava no canto da roça nova de milho. As cutias diariamente comiam espigas e mais espigas do milharal. Mas não era por esse motivo que ele queria caçar as cutias. Era pela carne dos bichinhos. "Te meta aí dentro deste oco de tarumã, coloque o cano da espingarda no furo que eu fiz, voltado para a direção do mato, e mire firme, elas vão aparecer por ali", ordenou-me meu pai. "Daqui a meia hora ou um pouco mais, virão comer o milho-verde. Se atente que a calma e o olho vivo podem garantir a caça. Enquanto isso vou armar uns anzóis e pescar no açude". O açude fora feito no rio para irrigar a lavoura de arroz. Deixou-me de tocaia. Era a primeira vez, tremia de medo, mas não podia tremer. Ajeitei-me meio de joelho firmando a ponta da calibre 12, dois canos para o local da saída das cutias. Quase escurecia naquela tarde mormacenta de dezembro. O sol envermelhava o céu no horizonte do milharal. Mussorocas me picavam e eu nem me coçar podia, olho vivo dissera o pai, porque as cutias são ariscas e pressentem coisa estranha. De repente, elas surgiram uma atrás da outra. A maior que me pareceu, a 30 metros do toco, postou-se de pé apoiada nas patinhas de trás, esfregando o focinho para espantar os mosquitos ou desconfiando, vigilantes que são.

De relancina disparei o tiro... Vi a cutia dar um pulo e cair, corri até ela, peguei-a pelas patas, estava morta. Acertara bem o tiro, uma glória para mim, passara na prova. Meu pai já vinha a meu encontro. Mostrei-lhe a bela cutia que matara. Ele disse: "Vamos dar uma espiada lá, se outras não foram atingidas pelo tiro". Os cartuchos eu os carreguei para espalhar o chumbo. Já no carreiro, um pouco dentro do mato, outra cutia fora atingida, estava morta. "Matei duas cutias, pai!"

E lá fomos nós, recolher os anzóis, três traíras, jundiás, pintados, cerca de dois quilos de peixe, e não era história de pescador. Há setenta anos, naquele tempo a caça e a pesca eram abundantes.

Regressamos, mãe Antônia e meus irmãozinhos nos esperavam ansiosos. Esperavam mais e ganharam, para saciar a fome, peixe frito, polenta e *radicci* que mamãe preparara. Eu gostava de sobremesa, quando havia. Naquele dia houve coalhada com polenta que mamãe me deu numa tigela alouçada, amarela pelo uso.

Das cutias, depois do jantar, o meu pai com habilidade mateira de caçador tirou as peles e as estaqueou para curar. A carne, dona Antônia, com sua experiência de culinária, que adquirira de sua mãe, jogou-a em uma panela com água fervente e ervas de temperos e até umas folhas de pitangueira. Ficava uns minutos para tirar algum cheiro estranho. Depois a carne era preparada de muitas maneiras, frita, ensopada ou assada, no jeito da minha mãe. A mesma prática ela fazia com as demais carnes selvagens de capivara, paca, tatu, veado, lebre, o que viesse, até mesmo aves silvestres.

Pela caça e pesca tinha-se a proteína que no início em Capão Doce era escassa e a renda não permitia comprar.

Apanhei por gostar de ler

É uma historinha simples, talvez existam muitas outras iguais: como me habituei a gostar da leitura? Minha mãe me ensinava o á-be-cê e a juntar as letras para formar as palavras. Eu tinha cinco anos de idade.

Para mim isso virou brincadeira, porque mamãe entremeava as aulinhas, quando ela dispunha de tempo, com historinhas e me dizia que para aprendê-las eu deveria ler, escrever e entender as coisas.

Mas a escola que me iluminou o primeiro saber das letras e das palavras ficava a 8 quilômetros da nossa casa e passei a freqüentá-la a partir dos sete anos: era meio dia na aula e meio dia na roça. O caminho até a escola era feito a cavalo ou a pé. O professor Antônio Alves era velhinho e doente. Nem sempre podia lecionar. Nessas ocasiões, sua filha Antoninha o substituía, ela tinha a mesma idade que eu. Para evitar a bagunça, mais cuidava dos alunos do que dava aula, pois havia alguns alunos levados da breca. Mesmo assim estudei, o que deu certo por dois anos. Aprendi a ler e a escrever, e até a falar em público. Estudei mais dois anos em colégio e nada mais. Daí para a frente trabalhava na lavoura que, na época, era feita de forma braçal ou a cangote de boi.

Como gostava de ler, eu pedia livros, revistas e jornais que meus pais nem sempre podiam me dar. Eu os conseguia com meu tio Vitório que era comerciante.

Lembro-me de uma vez que meu pai vendera uns sacos de milho e eu deveria ajudar meus dois irmãos a debulhar as espigas na mão. Esse serviço era feito à noite e foi numa delas que, sob a luz de um lampião, me escondi no sótão da casa para ler as publicações que meu tio emprestara. Mas meu pai reclamou de minha ausência e foi me buscar no sótão, que era também onde eu dormia. Interrompeu a leitura com uma boa surra de guaiaca: "Primeiro o trabalho, depois tu vais ler". E lá fui eu, chorando, debulhar milho à mão.

Apanhei por gostar de ler.

Mais tarde, quando fui fazer o serviço militar, ingressei na escola regimental que funcionava no quartel. Voltei a estudar e me formei cabo de linha de tiro e depois sargento.

Hoje, lembro com saudade dos domingos em que passava lendo no sótão da velha casa de madeira, da qual abria uma janelinha que dava perto das grimpas das árvores, onde os pássaros expandiam seus cantos.

Eu li milhares de livros. Testemunho que foi na leitura que me formei pela vida.

Apanhei por gostar de ler, do que me orgulho.

Na verdade, meus pais, que sofreram muito naquele tempo de vida rude na roça, foram os que mais se orgulharam do filho que lhes dava muitas alegrias na vida.

Trançei fumo de corda

Aprender a trançar as folhas de fumo, desde o início do processo, auxiliado por uma cambota de madeira, eu já aprendera e tinha destreza com as mãos. Desgalhava as folhas que eram retiradas dos pés de fumo, as destalava colocando-as ao lado da cambota, com a qual fazia-se um giro, segurando firme as folhas, uma após outra, e assim formava-se uma corda que se enrolava em um bastão de um metros, mais ou menos. Feito isso, os rolos eram expostos ao sol e, à noite, retornavam para o interior do galpão.

Elaborar o fumo de corda não deixava de ser um processo de arte, um artesanato bem colonial, bem mateiro. Quando as cordas de fumo soltavam um melado negro, meu pai nos ensinava: "Vamos pegar um pouco do liquido que sai do fumo e misturar com um pouco de melado de cana-de-açúcar e depois, moderadamente, passá-lo sobre os rolos", que todos os dias eram virados. Pronto, o cigarro ou palheiro de fumo de corda era aceso para fazer aquela fumaceira. Oh, vício danado! Não fumei, experimentara apenas para qualificá-lo, fato que o pai fazia melhor, pois era fumante.

Eu gostara de lidar com o fumo e fumei por algum tempo. Graças a Deus parei com o vício. Dele guardo apenas a lembrança dos fumais que cultivara e a grande quantidade de fumo de corda que renderam bons trocados. Na verdade, para consegui-los tive eu, meus irmãos e meu pai a difícil tarefa de colocar o fumo em cestos de cargueiros e, a cavalo, vendê-lo aos bolicheiros e comerciantes da região.

Um boi por um quilo de açúcar

O velho Maneco, Manuel Leal era seu nome, morava perto de nosso rancho, uns 5 quilômetros distante. Tinha casa velha de madeira coberta de tabuinha e uma mangueira feita de varas do mato. Ao redor, um tapetão de estrume de gado.

"Olavo, venha comigo", chamou meu pai. "Vamos tentar comprar um boi para carnear, se o velho Maneco nos vender a prazo. Agora não temos dinheiro". A colheita de roça ainda ia demorar, e a vontade de comer carne de gado já era danada.

Minha mãe também reclamava para melhorar a bóia. Ela seria mais necessária ainda por ocasião da colheita do trigo. Deveria contratar uns dois, três trabalhadores mais. Só com o negrinho Emílio, meus pais não dariam conta da colheita. Semearam oito sacos de 60 quilos de trigo e colher tudo no braço e trilhar dava um serviço.

"Seu Maneco, me venda um boi, para pagar na safra", disse meu pai. "Olha, seu Pedro, me dê um quilo de açúcar que eu te darei o boi", respondeu o Maneco, que prosseguiu: "Velhinho como estou, não posso sair e não tenho ninguém para mandar comprar açúcar que me faz falta. A mulher velha me pede a toda hora". Meu pai deu um pouco mais de um quilo de açúcar pelo boi. Contentes da vida levamos o novilho gordo, que não era xucro, puxado por uma corda. No dia seguinte foi abatido bem cedinho e bem na frente do rancho. Arrepiei-me, naquele instante, quando o negrinho Emílio fincou aquela sua adaga pontuda e afiada no sangrador do boi, que berrou e espirrou sangue para longe.

Emílio e meu pai, de carneadeiras em punho, tiravam o couro, quando desceu um temporal com chuva, vento e granizo. O boi foi puxado de arrasto em cima do couro para dentro do rancho, onde continuou a faina da carneação. Eu e meus irmãozinhos Edoardo, Miguel e Estela, com ansiedade esperávamos pela carne frita.

Minha mãe nos acalmava, pois já havia preparado a frigideira grande para colocar no fogo. Eu não desgrudava os olhos do boi, e perguntava: "Pai, demora muito a carne?". "Demora não, piá!" E me deu um planchaço com a faca na bunda, aí sim me aconteceu o pior. Botei as mãos atrás,

instintivamente, para me proteger e o fio da faca atingiu-me na parte de cima dos dedos indicador e polegar, marca que persiste na mão até hoje.

Passado o susto e o curativo que minha mãe fez – curativo caseiro com ervas – o trabalho da carneação prosseguiu. E depois veio a carne frita para matar a fome que aumentara com aquele reboliço todo. Do boi de 300 quilos de carne mais ou menos, elaborou-se muito charque que, assim manipulado, teria conservação longa. Embutidos também foram feitos, mas não muitos.

E nossa vida lá no Capão Doce estava começando a melhorar. Que saudade de tudo isso! Tempos que a gente não esquece e muito menos a carneação do boi comprado a troco de um quilo de açúcar!

Notivagando com o lençol velho às costas, espantava o gado nas coxilhas

Sim, eu fora sonâmbulo, nem sei porque isso acontecia comigo por um longo tempo de guri. Certo dia anoitecera, e eu não havia recolhido as vacas de leite e os terneiros, tarefa que diariamente me cabia realizar. Simplesmente me esquecera. Meu pai, porém, não me poupou, pegou do cinto, dobrou-o e me deu uma tunda daquelas que jamais esqueci. E mandou-me para a cama sem jantar. Enrolado nuns pedaços de cobertor dormi chorando. Arrependera-me, mas de nada adiantara.

Lá pelas tantas da noite fria de inverno que era, levantei-me e cobrindo-me com um lençol amarelado de pó, saí campo afora, quieto, sem fazer qualquer ruído, recolher as vacas para o estábulo.

Dando grito e com aquele lençol nas costas espantava a criação, mas as vacas obedeceram-me. Separei os terneiros para um cercado meio coberto da mangueira, que também era parcialmente coberta de capim-santafé. Depois regressava à casa, sem acordar. Meus pais, assustados, me observavam sem dizer nada. Sabiam que eu era sonâmbulo. Preocupavam-se com isso.

Antes de recolher-me novamente à cama, procurei a gamela de madeira que estava cheia de água no chão de terra da cozinha, para me lavar, pois estava todo embarrado. Ao lavar a cara, acordei do sonho de noctívago em que me encontrava. "Não se lave nessa água, está suja, todo mundo lavou os pés aí." Em seguida meus pais me contaram o que eu havia feito e me perguntaram se me lembrava do que fizera. Não me lembro de nada, lembrar mesmo me lembro de ter saído de casa, nem sei para fazer o quê.

Em ocasiões anteriores, relatavam os pais, eu me levantava à noite. Um dia me acharam debaixo do parreiral, com um lampião a querosene, vendo se as malditas formiguinhas de monte estavam cortando os cachinhos de uva. Esta praga, formiguinha de monte, invadia o parreiral na florescência e dava um trabalho impiedoso combatê-la, com repelentes elaborados em casa; até fogo colocávamos nos montes dessas formigas.

Em outra ocasião eu me levantava para tratar os animais, porcos principalmente, que ficaram sem trato por esquecimento.

Às vezes, vínhamos tarde da escola.

Ser sonâmbulo era perigoso. Eu poderia cair de uma árvore, ou de uma casa, se subisse nela nesse estado. É sonâmbulo quem anda, fala, faz coisas e se levanta durante o sono automaticamente sem saber o que está fazendo. Vivia nessa situação de apreensão para meus pais. Não faltaram benzedeiras para tirar coisa ruim do meu corpo.

O bispo de Santa Maria, dom Antonio Reis, em uma de suas visitas à Capela e região, deu-me uma bênção especial com velas cruzadas no pescoço. Diziam que era a devoção de São Braz.

Fiz mais algumas estripulias como sonâmbulo, peguei cavalo no campo, montei em pêlo e corri ao léu em noite escura ou de lua clara. Haja sustos para meus pais, e nesse estado nem saravá me curava. Melhorei com o tempo, graças a Deus.

"Eu te ensino a fazer arapuca."

Tudo começou em uma manhã de junho de 1936, uns três dias antes da Festa de São Pedro. Em casa ficáramos eu e meus irmãos peque-

nos. Eu ficara de caseiro. Meus pais foram plantar trigo de enxada em roça nova, recém-escoivarada. Lá pelas tantas dessa manhã, achega-se à porta da casa, que por sinal estava mais para rancho que para casa, uma pessoa vestida meio cabocla, perguntando por meu pai. Apresentara-se como Cantídio Silveira e dissera ser amigo dele.

Respondi-lhe onde eles se encontravam, a uns 2 mil metros dali, na roça. Começou contando uma história de uma caçada que fizera, matara cutia e paca, interessava-me com essa conversa. Logo me perguntou se não queria aprender a fazer arapuca para pegar aves silvestres, como inhambu, pombas, saracuras... "Eu te ensino", disse ele. E lá fomos, eu e meus manos, mata adentro para aprender a fazer a tal armadilha feita de pequenas varas. Cortou as varinhas e armou a gaiolinha, a tal arapuca, botou uns grãos de milho no fundo, bem pertinho de uma varinha que seria desarmada pela azarada ave que ali entrasse. Entre a aula que nos deu e a armação da arapuca, correu quase uma hora.

Dei conta de que deixara a panela de ferro cozinhando feijão, embora em fogo baixo. Enchi a panela de água, recuei um pouco os tições de fogo. O Cantídio disse que voltaria depois para conversar com meu pai. Em casa tudo normal. O feijão não chegara a queimar, a novidade era que havia aprendido a fazer arapuca, um avanço para um piá de oito anos de idade.

Quase ao meio-dia, chegam meus pais, cada um sobraçando um cesto de almeirão silvestre e pastos para os porcos. Pois foi aí que a porca torceu o rabo. Meu pai logo deu pela falta do porco gordo, havia cinco no chiqueiro. Disse-lhe que não ouvira berro de porco, o chiqueiro estava fechado, de anormal mesmo só a falta do porco gordo que o pai estimava pesar mais de 100 quilos, prontinho para carnear. Procurou pelo animal no mato, nos vizinhos e nada do porco, e assim passaram-se mais uns dias.

Na véspera de São Pedro, noite escura, o silêncio fora cortado por uma forte cantoria ao som de gaita e violão. A cachorrada fazia um barulho danado, quem seria? Meu pai, naquela altura, já desconfiava. Eles me aprontaram uma surpresa, e que surpresa! De carreta de boi vinham seis e uns chegavam a cavalo. Lembro-me bem de Amantino Lopes,

meu padrinho Luiz Stefanello, Cantídio. Ah, e seu irmão Adão Silveira, pessoas que às vezes trabalhavam com meu pai.

Traziam a carne do porco, já assada, e muitos garrafões de vinho que compraram com a venda da banha. Tudo para comemorar o aniversário e onomástico do pai, na noite de São Pedro, 29 de junho.

Mas quem perdeu com isso fui eu e meus manos, pois esperávamos meu pai carnear aquele porco para vender a banha e comprar umas roupinhas.

Como fora ingênuo ao ser embrulhado pelo amigo de meu pai. Consolava-me por ter aprendido e ouvido aquelas pessoas todas conversando e contando causos, falando de plantações, criações, fatos, tudo isso com uma alegria inusitada e indescritível.

Por açúcar e geada, quase morri!

O *cartóccio* era a palha de espigas de milho atada aos pés, que eu mesmo colocava.

Mãe Antônia mandou-me buscar açúcar emprestado na casa da tia Ana, lonjura distante uns 2 ou 3 quilômetros. Chegara a nosso rancho o tio Gerônimo, meu padrinho, e não havia açúcar para o café da manhã. Fui correndo, pisando firme em meio ao capinzal durinho de geada que caíra à noite. Até a casa de meus tios tudo bem, a volta sim que estava difícil. Enregelava os pés, a palha de milho desmanchara. O frio era demais, não agüentava, ajoelhei-me entre as macegas tremendo, nem gritar podia. Preocuparam-se com a minha demora, não aparecia.

O Emilinho já estava na roça plantando trigo, o jeito era meu pai e o padrinho irem me procurar. Acharam-me duro de frio, carregaram-me para casa, tendo minha mãe esquentado panos, lençol e me enrolado neles. Batia os dentes. Ô geada braba! Esquecê-la até hoje não esqueci. Mas o café do meu padrinho ficou doce. Um doce que não ficou doce para minha vida, custara-me uma friagem que levou tempo para curar.

Foi aquele fogaréu campo afora. A lexiguana levou a culpa!

Estiagem braba castigava duramente a região. Tudo esturricava com o sol. E as plantações sofriam com a seca, excetuando-se a lavoura de arroz irrigada, na qual todos se empenharam na retirada dos inços, menos nós, eu e o Edoardo; o Miguel acompanhava a minha mãe na roça.

Vínhamos tarde do meio-dia da escola e no tempo que nos sobrava a tarefa era percorrer as cercas, encerras de lascões de angico e arame, numa extensão de 17 hectares entre mato e campo, para reparar os possíveis furos de escape dos animais, principalmente os porcos. Não raro esses buracos na encerra eram feitos pelos próprios porcos criados livres, que se alimentavam de frutas silvestres – canela, pitanga, guabiroba, guamirim, sete capotes e outros mais.

A certa altura deparamos com uma lexiguana, na beira do campo. "Vamos melar essa lexiguana!", ela deve ter bastante mel, falei para o mano Edoardo, que se dispôs a cortar logo uma longa taquara para fazer uma tocha de fogo para espantar as abelhas. Eu arranquei a muque os pés de capim rabo de burro, com o qual fizemos a tocha, e com avio de fogo (isqueiro) atritei várias vezes a liminha em um pedaço de pedra de ágata até que pegou fogo. Acesa a tocha, Edoardo foi até a lexiguana e botou fogo na macega que a envolvia, uma bola de certo tamanho; o fogo alastrou-se e as abelhas fugiram. Corremos para o mato, e os bichinhos ainda conseguiram nos picar. O fogo assoprado pelo vento alastrava-se campo afora... A situação estava ficando medonha, esperamos um pouco e, a seguir, fomos até a lexiguana, cortamos na base umas arvorezinhas que a sustentavam e a levamos para o mato. Aquela bola estava cheia de mel, saboreamos alguns favos e nos mandamos para casa.

Foi daí que percebemos a gravidade da situação, o incêndio no campo se expandia para todos os lados. A fumaceira já toldava o céu. Meu Deus, não vamos falar nada, combinamos, eu e o mano, ficar quietos, não contar para ninguém que o incêndio foi por causa da lexiguana. Quando chegamos em casa, quase ao anoitecer, nossos pais estavam nos

esperando muito apreensivos e não acreditaram no que dissemos, que não havíamos botado fogo. Esse fogaréu vai dar muito estrago, o gado vai ficar sem pastagem. Noite adentro, o fogo atingira os contornos dos capões Doce, Pinhal, Cipó, Cara Preta e Faxinal. De fato, um ato de conseqüências funestas, tudo para melar uma lexiguana. Nossos pais duvidaram da explicação que lhes havíamos dado, mas ficaram quietos.

O povo conjecturava nas reuniões de boliche acerca dos responsáveis pelo incêndio, que queimara enorme extensão de sesmarias de campo. O que ficou mesmo foi um manto negro nas coxilhas daquela região. Suspeitavam dos piás do Pedro, mas, graças a Deus, ninguém descobriu. Passaram-se mais uns dias e veio a chuva e, com ela, o verde nos campos. Acabara nossa angústia, tendo permanecido em dúvida a origem do fogo.

Fiz o enterro do Velho Húngaro

Eu devia ter entre onze e doze anos quando tive de fazer um enterro próximo a Engenho Deitado, que ficava entre Sede Vitória e Santa Clara do Ingaí. Levei quase um susto por ter de dirigir uma cerimônia dessa natureza, em geral reservada a padre, pastor ou religioso. Distante 8 quilômetros de casa, morrera o velho Hann, largamente conhecido nas redondezas como Velho Húngaro ou Velho Galo. Se era húngaro ou alemão, não fiquei sabendo, nem meu pai sabia. Pediram a meu pai ou a quem pudesse indicar alguém para fazer o enterro. Meu pai me escalou, pois não havia pessoa por ali que soubesse coordenar uma cerimônia de sepultamento. Na verdade, nem eu sabia, e nem de perto assistira como faziam; rezar sei, pois rezei bastante.

Peguei o rosário de minha mãe, o livro de orações e um vidrinho de água-benta. Minha mãe me explicou mais ou menos como deveria proceder, as orações principais, as leituras e as aspersões de água-benta.

A cavalo, me dirigi ao velório onde o pessoal, parentes, familiares e amigos, me aguardava. No trotezito da montaria memorizava o que de-

veria falar, rezar e como benzer o corpo do Velho Hann. Meu pai também me dava coragem para o desempenho desse ato de despedida. Lá chegando, me apresentei e falei que ali estava para, com todos os presentes, prestar a derradeira homenagem ao santo homem que fora o velhinho Haan e dar-lhe, a partir desse momento, um bom enterro, pois ele merecia, e relatei as numerosas virtudes dele, que fora uma pessoa muito querida.

Comecei com umas rezas e, em seguida, anunciei um canto, que todos cantaram em voz alta. Segui lendo orações do livrinho, acrescentava frases, falava de Jesus – caminho, verdade, luz e salvação – e que no céu todos nós iríamos encontrar o estimadíssimo Velho Hann. Por fim, pedi para fechar o caixão e os que queriam despedir-se o fizeram.

Encerrado esse ato, o corpo foi transportado para o cemitério que ficava a uns 3 quilômetros dali. Um cemitério pequeno, quase abandonado, no meio de um capinzal de mais de metro de altura. Com vozes altas, rezamos o terço, depois entoamos mais uns hinos. Lá, falei da fugacidade da vida, do grande exemplo de trabalho e de vida que ele dera, voltada ao bem de todos. Hann fora mais que amigo, um pai, um companheiro, fora um líder daquela região abandonada.

O corpo era colocado na sepultura, uma grande cova aberta na pura terra daquele cemitério. Repetiram-se as cenas de choro dos familiares enquanto eu aspergia com um raminho o restante de água-benta sobre a sepultura. Suspirei ao findar aquele ato, dando graças a Deus pela missão cumprida, pois não fora fácil, a tensão fora grande.

Abracei a viúva, os filhos, mais algumas pessoas e com meu pai despedi-me dos presentes. Fomos então pegar os cavalos para o retorno. Um dos filhos do velho húngaro falou-me que fizera um belo enterro. Foi quando uma velhinha me perguntou se eu seria padre. Respondi-lhe perguntando: "A senhora acha que tenho jeito para padre?" – "Se tem, até parece um padrezinho!".

Devia ser por que deixara recentemente o seminário de Vale Vêneto, onde estudei por dois anos. Abandonei os estudos por duas razões: a primeira porque meus pais lutavam com grande dificuldade financeira e, a segunda, porque meu pai submetera-se a duas intervenções cirúr-

gicas, exigia-se um reforço no trabalho da roça, que passei a comandar. Pensava em voltar ao colégio tão logo meu pai se restabelecesse, o que não aconteceu.

"Te vira, o cozinheiro é você!"

Andava com uns treze anos quando meu tio Benjamim fez uma parceria com meu pai para cultivar arroz. Para isso arrendaram uma várzea de mato baixo e carrasquento, perto de Esquina Gaúcha, Fortaleza dos Valos, banhada por um arroio que desembocava no rio maior, o Ingaí. Pedro, meu pai, me incluíra no grupo formado pelo tio Benjamim e os peões Chico Passarinho, Nego Conceição, Henrique Torto e outros.

A mim coube o preparo da bóia para o pessoal que trabalhava na lavoura. O acampamento era composto de um rancho feito de pau-a-pique, um jirau. No fogo de chão que dispunha de umas pedras, trempe e ganchos para dependurar as panelas, eu me virava com o preparo do sustento do grupo. O tempo que me sobrava, à tarde, ia trabalhar na lavoura que tinha uma abrangência de 30 hectares para o cultivo do arroz irrigado e mais uns 10 hectares para plantio de milho, feijão, melancia, melão e abóbora. No arroio foi feita uma pequena represa para distribuir a água. A colheita do arroz era bonita de se ver.

Na cozinha eu fazia o que podia. Dispunha de feijão, arroz, charque, farinhas, banha, toucinho, e carne fresca só de caça e pesca que ocorriam em fins de semana. Certo dia faltara-me o charque e a carne, o boião tinha de ser só de arroz e feijão. Conversei com meu tio e ele me respondeu: "Te vira!".

Nessa manhã matutava comigo o que fazer. Iria à sede da fazenda pedir uma carne fresca ou seca para reforçar a bóia ou pegaria da espingarda e me embrenharia no mato para caçar algum bicho?

Foi nesse meio-tempo que uma seriema pousou num galho de aroeira que sombreava parte do rancho e dali abrira o bico para seu can-

to estridente. Era uma cantilena até harmoniosa, quebrava o silêncio daquela manhã. Não pensei duas vezes, com aquela voz do tio a dizer-me: "Vira-te, o cozinheiro é você". Peguei do calibre 12 e arrebentei a cabeça da pobre seriema com o tiro, que por sorte não fora ouvido pelo meu tio. Matei a seriema, cometera um crime contra a fauna, eu que defendia a fauna e a flora, lera alguma coisa sobre isso, mas o que fazer, havia muitas pelos campos.

Rapidamente, coloquei a água numa dessas latas de 18 litros, que em acampamento tem muita serventia, e a encostei ao fogo. Assim que ela ferveu, mergulhei a seriema. Longe, no mato, depenei-a, limpei-a e cortei-a em pedaços e na mesma lata pus a carne para cozinhar. Dizia a mim mesmo: "Hoje o tio me paga!".

Acho que ninguém comera carne dessa ave silvestre, mas agora provariam e teríamos carne frita para o almoço, para o jantar e para o almoço do dia seguinte.

A seriema dera uns 8 quilos de carne. Faltara-me uns temperos melhores, como alho. Lembrei-me de que ao passar por uma velha tapera ali próxima, vira alho-poró. Num pulinho fui lá buscar o alho. Antes de o pessoal chegar limpei a área de qualquer vestígio de penas, era surpresa e eu tinha de aprontar essa para meu tio.

Chegando, ele exclamou: "Pegou coragem e foi até o Adriano?". Respondi-lhe que não, disse-lhe que a carne caíra do céu, e caíra mesmo, graças ao tiro que dera na seriema.

Apontei para a aroeira. Disse que me ajoelhara ali e depois de muita reza, a carne me caíra bem na frente, uma carne esquisita. Mas como ouvira uma voz dizer que era para cozinhar para o almoço dos que estavam trabalhando na lavoura de arroz, não hesitei; a carne está pronta, graças a Deus e ao patrono dos caçadores.

Todos comeram e acharam uma gostosura. Davam até palpites, "Essa carne se parece com carne de peru", e me olhavam desconfiados, mas quem era eu, um piazito, para aprontar ou articular uma mentira daquelas de que a carne viera dos céus.

O tio Benjamim logo que terminara de almoçar, puxou do cavalo que estava na soga e se mandou para a fazenda do Adriano. E disse-me

antes de sair: "Se a carne veio de lá, logo vou saber dessa história seu Olavo, tu é meio espertinho demais para a idade".

Eu sabia porque o tio ia seguido na fazenda do velho Adriano Costa. Descobrira que a visita, ao dono das terras, não era bem para conversar ou tratar de negócios, era para namorar umas belas prendas que enfeitavam aquela linda fazenda. Quando regressou, queria saber de onde viera a carne. Contei-lhe a história toda, nem tinha porque retrancar ainda mais o assunto, que já esgotara a graça. Disse-me apenas que fora uma idéia genial. Guardo isso como um fato inesquecível: a seriema do Ingaí.

Negrinho Emílio, um grande Otelo dos pampas

Desde que meus pais se arrancharam em Capão Doce, vindo de Novo Paraíso, interior de Júlio de Castilhos, um fato de relativa importância mexera com a minha vida: o negrinho Emílio aparecera, não se sabia de onde, nem ele, que se dizia filho das macegas, porque nem pai nem mãe conhecera. Criado ao léu da sorte por fazendas e colônias, como dizia ele, um dia o Patrão lá de cima vai me ajudar. Pedia trabalho e comida. E Pedro, o pai, lhe dera. "Se caprichares, nego bom tem casa, roupa e comida. Bem que eu precisava de um companheiro pra roça."

Emílio, baixo e retaco, não deveria ter mais de trinta anos de idade, sem registro a idade não contava. Era de espírito aberto, alegre e dera-se bem conosco, ele gostava de crianças e se afeiçoara a nossos costumes. Carregava apenas uma trouxinha às costas e portava uma velha adaga na cintura com a lâmina já gasta pelo uso.

"Essa adaga ganhei do meu avô, um presente de serventia, que só uso pra coisa boa", dizia o negrinho Emílio, feliz da vida, expedito no cumprimento de ordens que meu pai lhe dava. Na verdade, um faz-tudo. Falava muito do avô; tratava-se de um casal de idosos que lhe deram criação.

Convidou-nos um dia para caçar a caça que fosse. Em tempo quente de verão, o tatu ajeita folhas na boca da furna e mete o narizinho entre elas, certamente por causa do calor, e ali permanece escondido até o anoitecer, quando sai para alimentar-se de bichinhos e formigas, entre outros.

Caminhando pelas restingas de mato à procura das tocas de tatus, o negrinho Emílio nos ensinava: "A gente pega uma varinha e a introduz na toca, se o tatu faz um barulhinho e recua para o interior da furna, mãos à obra, vamos armar o juquiá para pegá-lo".

Cortávamos umas varinhas de uma polegada de grossura mais ou menos, enchiamos de terra a toca e socávamos. Ao redor da boca da furna, fazíamos um anel no solo para cravar as varinhas de metro e pouco em forma de cone, que enchíamos de terra apertando bem com cipó, imbira ou arame até ficar bem firme. Pronto o juquiá, aguardava-se o desfecho.

O tatu tentaria sair para comer. Cavaria até que desse, mas acabaria preso ao término do cone de varas, empurrando a terra para trás.

Explicava o negrinho Emílio: "Agora vamos sangrar o tatu no pescoço", o que ele fazia com muita destreza. Pobre do bicho! Tirado o casco, a carne era preparada por minha mãe, que era perita nesse mister de cozinhar animais silvestres. Uma aventura; quando conseguíamos caçá-los, acrescentava-se proteína à nossa alimentação.

Em certa ocasião, o Emilinho, que se parecia com o Grande Otelo, se hoje o comparássemos, levou-nos, eu e os manos Edoardo e Miguel, para fazer uma pescaria no rio Cara Preta que atravessava nossa propriedade e a dos vizinhos.

Com taquara lascada fazíamos uma nassa que era presa no início de uma corredeira. Com apoio de galhos e folhagens de vegetações, rolávamos pelo leito d'água açudada repontando os peixes até a entrada da gaiola de taquara, a nassa. De 3 a 5 quilos de peixes por vez era o resultado da pescaria: de lambaris, jundiás, joaninhas, traíras e outras espécies mais.

Nas lidas do campo e da lavoura, no cuidado e no trato da criação, negrinho Emílio era um mestre. Mestre mesmo era na feitura de artesanatos com imbira, couro, cipós, vime ou taquara. Nessas tarefas muitas vezes eu o ajudava, em especial para trançar laços e outros utensílios campeiros. Apreciava muito o chimarrão, mas não a cachaça.

Seu prato preferido era costela de porco frita, com toicinho e tudo, e o que mais viesse de carne de porco, pratos que sabia preparar como ninguém. Doce, ele mesmo fazia, que consistia em mel com farinha de mandioca, com o qual se lambuzava.

Nos domingos, quando meus pais iam à missa a cavalo em Sede Aurora, distante uns 15 quilômetros da nossa morada, era o dia de festa do neguinho Emílio. Tínhamos nele, além de guarda e caseiro, o mestre-cuca dos pratos de sua preferência.

De porte físico e jeitinho bagunceiro, via-se no negrinho Emílio o verdadeiro sósia do Grande Otelo, Otelo dos pampas. Engraçado! Hoje, ao recordar e escrever passagens da infância, conto aqui um detalhe: quando meninos, ainda discutíamos a cor da pele das pessoas, as diferenças entre preto e branco. O Emilinho quando chegou em nossa casa explicou a meu pai Pedro, que seu nome era Emílio, mas não lembrava o sobrenome, não tinha certidão de registro civil. Identificava-se como neguinho Emílio ou Emilinho. Era pequeno, na verdade um pouco mais do que um anão. Eu e meus irmãos Edoardo, Miguel, Estela e Tereza, também gostaríamos de ser morenos, uma cor de pele só.

Morenidade, beleza. Não precisa nem de praia e sol para serem bonitos. Aí me vem na lembrança o que o escritor, antropólogo e sociólogo Darcy Ribeiro, de grande renome nacional, sentenciou em um de seus livros sobre a verdadeira etnia brasileira, que em menos de cinqüenta anos os brasileiros se definiriam por uma cor só: **moreno**.

Morenidade será a cor dos brasileiros.

Pés roxos? As gurias riam de mim!

Nos tempos de roça no Capão Doce, e por ser mais velho, meu pai me mandava esmagar a uva na tina para fabricar o vinho. Era o procedimento rústico da época de colheita de uvas de um parreiral de cerca de 1 hectare. Dava trabalho cultivar e fabricar um bom vinho. Em

compensação, tinha-se vinho orgânico o ano todo e sobrava ainda para os vizinhos. O que me chateava mesmo era a gozação que as gurias me faziam, aos domingos, por ocasião das reuniões em Sede Vitória: "Olha lá os pés dele, são roxos!". Elas nem sabiam o quanto eu os esfregara no rio para tirar as manchas roxas da uva.

Vestia-me com calças curtas, os pés e as pernas ficavam à mostra. Um pouco de timidez retraía-me e pensava comigo: "Se vocês soubessem, meninas, o que me foi útil na vida aprender tantos serviços, vocês não ririam dos meus pés roxos".

Orgulho-me de ter pisado uvas lá em Capão Doce, tradição que é preservada até hoje. Onde? Na ilha da Madeira, domínio de Portugal. Sustentam que o vinho tem mais vigor e substância nutritiva naturalmente se o "pisador" tiver boa saúde e pés limpos.

Carne de gambá, comi e gostei

Perto da casa de meus pais, em um ranchinho de capim abrigava-se a nega Modesta. Se havia muitas abelhas que davam mel na beira de mato do Capão Doce, havia também gambás, ouriços, bugios, mão-peladas, guarás.

Os gambás perseguiam galinhas, ninhadas de pintos desapareciam, e minha mãe, desesperada com a situação, apelava a Pedro, o marido, um jeito de matá-los.

Com o auxílio de cachorros e tiros de espingarda, os gambás iam sendo abatidos. A nega Modesta, magra, altona, pele lisa, reluzente, pedia a meu pai os gambás mortos.

Certo dia, minha mãe ordenou-me chamá-la para os labores da casa. Lá fui eu, gurizote, ano de 1939, cumprir o que minha mãe me pedira. Entro na casinha de Modesta, vejo no fogo de chão, feito de pedras, uma frigideira preta de ferro em cima do trempe, exalando cheirinho de fritura.

Dado o recado, a negra disse que a esperasse. Iria acordar o piá, seu filho Conceição de cinco anos. O marido cometera homicídio em carreirada, estava na cadeia, e ela nem queria que ele voltasse. "Que morra por lá!"

Modesta não cruzava muito dos vinte anos. Todos a achavam bonita, expedita e caprichosa nos afazeres domésticos, nem rejeitava trabalho na roça. Afugentou o cachorro Baito e o gato Teté ao redor do fogo, afastou a frigideira, retirou dela dois pedacinhos de carne que me deu num pratinho feito de lata. "Coma essa carne, tu vai gostar", disse Modesta!

Arrumou-se, vestiu o menino Conceição e lhe deu de comer aipim cozido e a carne que fritara, o que ela também comeu.

"Gostei da carne", lhe disse. "Tem gosto bom, de que bicho é", perguntei-lhe. "De gambá que teu pai matou", respondeu-me. Fazer cara de nojo, não fiz, a carne era boa mesmo.

Meus pais nunca disseram nada a respeito. Mas quem aproveitava a carne dos gambás sempre fora a Modesta, uma grande amiga de infância e adolescência. Tratava-me bem. Ajudava minha mãe a cuidar dos maninhos.

Antônia considerava Modesta uma mulher séria e prestimosa. "Pessoa boa assim não se acha, nem dá em touceira", dizia minha mãe. Ligeirinha, sempre alegre, brincava com criança.

Em uma recorrida ao passado, revivo aquele tempo de tantas remembranças, Modesta, a carne de gambá. Comi e gostei.

Lembro mais adiante no tempo, quando fiz assinatura da revista *Chácaras e Quintais*, a mais completa publicação do setor. Em uma de suas edições li uma reportagem sobre o marsupial animalzinho, o gambá, que a princesa Isabel mandava seus criados caçar para saborear a carne, considerada a mais palatável do mundo.

Hoje o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (Ibama) protege. Não se extingue porque, se o mato diminui, ele se abriga nas casas, reproduz-se com facilidade e vira tormento doméstico.

Matá-los é crime contra a fauna. Criá-los em cativeiro poderá ser uma boa saída, a carne é boa e o Ibama permite; preso ele não incomoda e pode dar lucro!

Conheci Cândido ainda guri

Conheci Cândido Gomes da Silva ainda guri, na escola em Sede Vitória. Ele morava a uns três quilômetros da sede assinalada por uma capela, uma casa de comércio, um bolicho, uma cancha reta de carreira e mais umas casas esparsas.

Desses povoados nos confins de Cruz Alta, seguidamente via aquele gaúcho de porte avantajado e moreno, cavalgando um belo cavalo zaino, de manchas brancas nos pés e na testa. Aparecia naquele comércio uma vez por outra para conversar com o pessoal que por lá também vinha. Uns para jogar cartas de solo, outros para jogo de bochas e a maioria para as corridas de cavalo. E mais, aos domingos para a reza do terço ou de missas quando lá aparecia um padre. Era como o povo dali podia se entreter um pouco nos fins de semana.

Cândido não gostava de bebidas nem de jogos, apreciava o chimarrão bem cevado. De jeitão interessante que me impressionava. Ouvira falar dele, meu pai dizia-me que se tratava de pessoa inteligente, camarada e benquista por aquelas redondezas. Certo dia tomei coragem e me acheguei a ele para cumprimentá-lo. Ficou um pouco surpreso com o piá que se aproximava, mas logo que lhe disse ser filho de Pedro Stefanello Sobrinho, morador de Capão Doce, abriu-se comigo e me respondeu faceiramente: "Que prazer Olavo, filho de Pedro, teu pai falou de ti, me disse que você gosta de ler e estudar. Então, faça isso, que vais ser um grande homem".

Assim me recordo, foi o início de uma amizade que durou toda a vida. Amizade que se traduziu em contínuas visitas à sua casa. Eu precisava aprender o que não aprendia na escola. E Cândido passara a ser meu professor complementar, um achado quase milagroso naqueles pampas e, com uma vantagem, não se atinha à aprendizagem meramente escolar. Na verdade, aprendi com ele o que não se aprenderia em escola nenhuma. Moldei um caráter de ser digno, respeitoso, educado e sincero.

Ele me emprestava livros de temas variados, dicionários, aventuras, entre as quais não posso esquecer a coleção de Emílio Salgari, que escreveu sobre o gaúcho, envolvendo-o em uma bela história de aventura e

com detalhes impressionantes sobre os pampas e os nativos da época, sem ter saído da Itália ou da Europa.

Valiam-me muito os prazerosos momentos de bate-papo, as conversas ao pé do fogo de chão, noites afora. Ele me contava o que passara na infância que, por sinal, não era diferente da minha, dura demais e cheia de peripécias. Cândido fora sargento e enfermeiro da Brigada Militar, possuía conhecimento de medicina, media terras, era agrimensor.

Queriam notícias da guerra, eu as contava lendo o *Correio do Povo*

Nem bem clareava o dia 4 de março de 1936, meu pai ordenou-me: "Pegue a trouxa e suba no caminhão, vamos à Cruz Alta e de lá tu vai para o Colégio em Vale Vêneto. Combinei tudo com os meus primos, padre Ernesto Ferrari e monsenhor André Ferrari, eles dirigem o colégio onde tu vais estudar!".

A trouxa constava de um saco de algodão para o ano inteiro, com as roupas simples de uso diário. Calçados? Um par de sapatos, outros de chinelo e tamanco.

Tio Vitório chegara. Ele tinha comércio em Sede Vitória. Carregaram o caminhão com cereais e quitandas, como feijão, milho, cera de abelha, couro e crina de cavalo, além de banha e mel para vender em Cruz Alta.

Adeus Capão Doce! Despedi-me dos manos e abracei mãe Antônia que me fez muitas recomendações. Lá fui eu para cima do caminhão. Bem à tardinha chegamos em Cruz Alta.

No dia seguinte, eu seguiria viagem para Santa Maria, em ônibus movido a gasogênio (queima de carvão vegetal). Gasolina, nem falar, estava racionada em virtude da Segunda Guerra Mundial. O ônibus pertencia ao senhor Roberto, estabelecido com a tradicional Casa Queimada, que emergencialmente fazia transporte de passageiros para Santa Maria, pois nem sempre havia trem.

Antes de me despedir de pai Pedro e do tio Vitório, lhes pedi o *Correio do Povo*. Eu estava curioso para saber da Guerra que se travava na Europa. Falaram que o Hitler iria tomar conta do mundo.

Embarcamos no ônibus que, por ser movido a gasogênio, formava uma lista de fumaça ao longo da estrada por onde passava. De fumaça à poeira vermelha, o barulho do ônibus espantava o gado que berrava e se reunia em círculo. Seriemas, avestruzes, emas e outras aves das coxilhas também se assustavam com o barulho.

O sossego naqueles campos de barba-de-bode e macegais infindáveis estava sendo violentado. Um quadro paisagístico que me impressionava. Roberto, no fim do dia, fez parar o ônibus na Fazenda Becker, a primeira etapa da viagem. Ali pernoitaríamos. Ele ficaria na fazenda para pescar nas lagoas. Acertara isso com o capataz.

Os passageiros, homens e senhoras, foram acomodados na casa-grande da fazenda. Os piás, entre eles eu, dormimos com os peões, no galpão. Gostei porque queria conhecer melhor a peonada e o que eles falavam e faziam.

Entrei com a trouxa nas costas e me apresentei a um dos peões que lidava no interior do galpão, grande e cheio de aperros de montaria, todos pendurados pelas paredes e barrotes. Cordoalhas, courames, laços, arreios, mangos, freios, rédeas, todos da lida do campo. Viam-se também arreios e pelegos por cima de cavaletes. Chamou-me: "Te aprochega, vamos conversar, donde vens e para onde vais. Quantos anos tens?".

Um tanto atordoado com tudo o que via e ouvia, investi-me de coragem e lhe falei que vinha da roça e iria para o colégio estudar.

Ao peão que me inqueria, somaram-se outros, todos surpresos com o guri de Capão Doce. E logo me perguntaram: "O que tu sabes da guerra? Porque nós, aqui, não temos rádio, nem jornal e o pouco que sabemos nos é contado raramente por alguém que passa por aqui".

Prontamente saquei o *Correio do Povo* de dentro do saco de roupa e lhes forneci as primeiras notícias da guerra. A peãozada que regressava das lidas campeiras me cercava e, no maior silêncio, ouvia o piá ler e contar notícias da guerra além-mar. Quando parava um pouco, me criva-

vam de perguntas. "Esse tal Hitler tem mesmo tanta força assim de vencer a guerra?"

Eu lhes dizia que o alemão era fera, estava muito armado e tinha tropas muito bem treinadas. Dizia-lhes, porém, que Deus é grande e a coragem dos Aliados, inclusive dos brasileiros expedicionários, certamente iria barrar os nazistas. A curiosidade do pessoal era tanta que cheguei até cansar de contar o que sabia e lia sobre a guerra.

Do fundo do galpão chegava um cheiro de bóia até onde me encontrava, sentado sobre uns arreios e a peãozada em volta. Uma mulher aproximou-se e falou que a bóia estava pronta.

O chefe dos peões pediu para continuar o papo depois, e chamou para nos servirmos da comida. "Peguem os pratos e sirvam nas panelas!". Uns pratos de alumínio, outros de lata, mas eram pratos. As panelas em cima do fogão de chapa continham feijão, arroz, carne de charque desfiada em gordura, batata-doce e até aipim. Comi bastante, a fome viera com a viagem.

Quiseram servir um apojo de leite tirado pela manhã. Não cabia mais. Estava farto e agradeci. "Gosto muito disso, ainda mais com batata-doce. É delicioso, mas não dá, comi o suficiente, muito obrigado!", respondi.

Recomeçaram a perguntar sobre a guerra. Queriam saber mais. Como Hitler matava os judeus e todos os que atrapalhavam sua ambição. Um horror o que o alemão praticava contra povo inocente.

Lembrei-me de mudar o rumo da conversa, eu lhes perguntaria sobre suas lidas campeiras. E foi o que aconteceu, mas por pouco tempo. O que lhes interessava mesmo eram notícias da guerra. Na verdade, o mundo inteiro vivia o trauma da guerra, uma mortandade incontável de gente.

Concentrado na Europa, o sangue corria em muitas nações, Alemanha, Itália, Polônia, Rússia, França e Japão. Brasil e Estados Unidos derramaram o sangue de seus soldados no solo europeu. O Japão, peleando com os norte-americanos, tremeu quando estes lançaram a bomba atômica em Nagasaki.

A noite avançava... O sono venceu, prometi-lhes continuar aquela conversação noutra volteada que eu faria de regresso do colégio. Daí

sim, sabendo mais, mais contos e histórias contaria nesse local tão aprazível e gaudério, e para uma gente tão camarada e amiga que felizmente encontrara nessa fazenda.

Dormimos. Dormi sonhando com peleias, gritos e guerra.

No dia seguinte, o amanhecer foi um reboliço, o galo cantando, a peãozada lavando a cara, terneiros berrando, conversa pra todo lado. Era a fazenda acordando para a faina de outro dia.

Em um upa eu estava de pé. Dormi sobre uns pelegos. Vi e observava como os peões faziam. O que me chamou a atenção foi um deles enfiar um dedo molhado na cinza e esfregá-lo nos dentes. "É assim que se faz para assear a boca."

Outro ajeitava uns espetos com carne no fogo de chão. "Olha seu moço, este é churrasco de charque, deixa-se de molho, tira-se o sal e se assa". É um costume galponeiro. Carne, leite, batata, moranga fazem o gaúcho das lidas de campo ficar ligeiro, guapo e valente para o que der e vier.

O trabalho de campo exige destreza e agilidade. Índio barrigudo não sai do chão, não é mesmo piazito contador de história. "Tu farás falta em nossa fazenda." Depois de um café, apojo, carne e batata, recomeçamos a viagem para Santa Maria.

O gasogênio incendiava força no motor do ônibus, barulho estranho por aquelas bandas ao descer da serra para a Boca do Monte. Em Santa Maria, eu e meus dois colegas desembarcamos na igreja Nossa Senhora das Dores. De lá, seguimos de caminhão até próximo a São João de Polêsine e terminamos a viagem até Vale Vêneto de carroça puxada a cavalo.

Abóboras rolaram coxilha abaixo e a noiva quase desmaiou

Concluindo o curso de brevê de aviação no aeroclube de Cruz Alta, Maximino Librelotto fazia os últimos vôos de treinamento. Em um deles, nem importância teria se não fosse pelo acidente. Ele partiu com

um teco-teco rumo a dois locais que imaginara surpreender. Um por cima da granja de seus pais, Jorge e Cecília, em Portão, e outro na Sede Aurora onde residia.

Em Portão, às margens do rio Ingaí, sobrevoava a sede da granja e a lavoura, quando avistou uma pessoa com um cesto de abóboras às costas. Baixou o avião e deu um rasante sobre o sujeito, nada mais do que o trabalhador João Paes, que do susto largou a carga e disparou para o mato.

As abóboras rolaram coxilha abaixo e o coitado do preto João praguejou nomes ao atrevido pássaro do espaço que o assustara.

Maximino, até aí, ia muito bem em sua prática aviatória. Planejara ir além, dar um alô aéreo a sua noiva Lucilia, em Sede Aurora.

Dispondo de combustível no tanque do teco-teco, o piloto rumou à casa da amada que, por nada deste mundo, imaginaria ver o noivo aviador revoar sobre a residência de seu pai Estevão Scarsi: "Oi querida, sou eu, amor!"

Depois das revoadas pela vila, passou a fazê-las no local em que Lucilia e familiares acenavam para ele. Entre uma e outra manobra arriscada, de repente, no rasante bem perto da casa, bate com o trem do avião em uma árvore branquilho, estraçalha os galhos da copa, o avião se desequilibra e tomba de bico no solo, dá um salto, o motor vai para um lado e o resto do aparelho para outro. E o piloto por sorte, tonto e levemente ferido, sai da cabine e é socorrido pela noiva e seus pais, em um grande alvoroço dos moradores que nunca haviam visto avião.

O acidente teve grande repercussão e, enquanto os destroços permaneceram no local, a visitação foi intensa, a curiosidade era grande.

Eu, que fora com ele a Cruz Alta, e gerenciava a casa de comércio, sem notícias de seu retorno ao aeroporto do aeroclube, passei a me preocupar. O que teria acontecido com o Maximino? O tempo de vôo não deveria ultrapassar duas horas, e nada de ele retornar.

O fim do dia chegava, o sol se embrulhava com nuvens. O pessoal que coordenava o curso de brevê me pediu para procurá-lo, e suspeitava que teria havido algum contratempo, obrigando-o a aterrissar talvez emergencialmente, porque nenhum deles acreditava na eventualidade de acidente. Tratava-se do mais exímio piloto entre os alunos.

Convidei um motorista para me quartear no volante do Fordzinho alemão. Carregamos um pouco de sacos de açúcar, erva, sal, mercadorias para o bolicho e nos botamos estrada afora. E que estrada naquele tempo!

Em Portão, indaguei um dos moradores se ele vira voar pelos céus um teco-teco, um avião. Vira sim, passou a tarde rumo do Ingaí, mas não viu o tal avião voltar por aqui.

Para lá nos dirigimos. Então ficamos sabendo da proeza do jovem piloto, não havia dúvida de que era ele. Encagaçara o trabalhador João Paes que largou as abóboras e correu para o bosque. Ele rumou para Sede Aurora, afastou-se logo. Ah! Foi fazer bonito para sua noiva, preparava-se para casar, julguei.

E não deu outra. Que loucura fizera! Entrei em casa já sabendo do acidente e o encontrei deitado na cama. "Levanta e me siga, o pessoal do aeroclube está ansioso a tua espera, temos de explicar o que houve."

À noite era de renguear cusco, a geada cobria casas e campos. E sob o efeito de uns goles de pinga, descarregamos o caminhão e carregamos outra meia carga para não correr barulhando carroceria.

O Maximino, sem muita aflição, narrou-me com detalhes o que lhe acontecera com o avião. Para uma aventura dessas, de piloto apaixonado, imprudência pura. Agora remediar era a solução.

De Portão enviamos um mensageiro com um bilhete a seus pais lá na lavoura. Nada de grave havia ocorrido. Destroços do avião, susto na noiva e muitas notícias ficaram em Sede Aurora ao lado da casa de Estevão Scarsi. O *Diário Serrano*, jornal de Cruz Alta, estampou o fato com destaque.

Foram contratados os advogados Lucídio e David Ramos, pai e filho, para gestionar a defesa do Maximino, devido ao ressarcimento exigido pela direção do Aeroclube, que era alto.

Voar quando se está apaixonado, provou Maximino, é arriscado. Manobras no ar e beijos a distância nem sempre terminam bem!

Houve inquérito da 5ª Base Aérea da Aeronáutica, sediada em Canoas, que demorou a liberar a retirada dos destroços do avião. Nesse entretempo, o local do acidente e o teco-teco destroçado transformaram-se em correria de gente, tanta era a curiosidade popular.

Relembro que curti um frio danado durante aquela noite toda na busca do aviador, que também era motorista do famoso Fordzinho alemão. Maximino é progenitor do Jorge Luiz Librelotto, médico e diretor do Hospital Annes Dias, de Ibirubá.

No meio das macegas, um cadáver. Quem seria?

De fronte à capelinha de Sede Vitória, havia uma cancha de carreira de cavalos, até parecia estranho, mas, naqueles tempos, eu deveria ter uns oito anos, me preparava para a primeira comunhão, me lembra a filha do professor Antonio Alves, Antoninha, que se prepara também para esse ato cristão. Brincando com a gurizada, corria pelo meio das barba-de-bodes. Numa dessas pisei no corpo de um homem morto, que já exalava um cheiro forte, devendo estar ali há cerca de dois dias. Os bichos já o atacavam, formigas, moscas. Horrível; saí gritando aos quatro ventos, "Tem homem morto aí"; foi um corre-corre da piazada, uns para ver de perto, outros nem queriam saber, assustaram-se. Eu corri contar o fato para alguns homens que estavam lá perto.

Sabia que há alguns dias, por ali, naquela cancha contígua à capela São Jorge de um cavaleiro lanceando um dragão, que ironia! Divertia-se o povo em frente ao local da corrida de cavalos.

Nessas ocasiões, o pessoal monta um pequeno quiosque, umas varas cravadas no chão sustentando vassourinhas verdes e folhudas para sombra e abrigo de bebidas e algo mais: a bodeguinha dos carreiristas. Tempo em que desavenças de jogo, ou outros motivos, eram decididos em lutas, com ferro branco e arma de fogo.

Sei que o dr. Dante Westphalen, médico-legista de Cruz Alta, genro do general Cordeiro de Farias, percorreu uns 70 quilômetros de chão bruto para vir fazer o exame de corpo delito do defunto. Quem era? Disseram que se tratava de cabra bueno no facão, valente e ruim dos

bofes, se desaviera com um bodegueiro de Engenho Deitado, e este com tiros de revólver deixou-o morto no meio do capinzal. Era fim de dia, poucos viram o assassinato, e se viram, calaram.

Ficou em minha lembrança essa horrível ocorrência, lá pelo ano de 1935, entre a capela e a escolinha de Sede Vitória.

Vale Vêneto: uma vila de encanto e história

Ali a Sociedade dos Padres Palotinos, ou de São Vicente Palloti, construiu um grande colégio, o Seminário Rainha dos Apóstolos. Como aluno interno estudei cerca de dois anos, porque meu pai adoecera e eu tive de voltar para o cabo da enxada. O curto tempo de ensino deu-me impulso de conhecimento para continuar estudando sem auxílio de professor. Não era o que eu queria. A vida no colégio, entre estudo e orações, recreio e algumas atividades rurais, me agradava sobremodo e guardo indeléveis recordações.

Entre tantas felizes lembranças do colégio, guardo a da figura inconfundível do padre Pedro Luis Bottári, professor erudito, escritor, poeta e orador, que arrebatava os ouvintes, dava gosto ouvi-lo pregar.

Podes ir ao fim da terra,
ver metrópolis,
ter luxo.
Ter os bens que a vida encerra
mas retorna,
se és gaúcho,
nem que seja num petiço...
Não agüentas o repuxo.
a querência tem feitiço.[1]

1. Padre Pedro Luís. *O gênio do pampa*. Santa Maria: Paloti, 1955.

Evidentemente que lembro também dos parentes, de monsenhor André Ferrari, dos padres Ernesto Ferrari, Casemiro Tronco e Artur Soldera, entre tantos outros mestres que se dedicavam a educar e preparar homens para missões futuras. Destaco ainda os primos padres Dorvalino e Achiles Rubin, ambos PhD's e escritores, também os padres Bonfilho e José Stefanello.

Outro fato que gostaria de citar é de um jornalzinho interno denominado "A Casca", no qual algumas vezes eu contribuía com historinhas.

Copiei os verbos e adjetivos do dicionário

"Copie para mim os verbos e adjetivos do dicionário, em contrapartida te ajudarei a resolver eventuais questões em teus estudos." Propunha-me isso o seminarista Fiorentino Garlett, que concluía seus estudos em Vale Vêneto. Eu apenas os começara e nem o primário havia feito.

Achei boa a proposta, que não era castigo, mas sim um belo trabalho de aprendizagem. Copiaria em cadernetas todos os verbos e adjetivos do dicionário, o Aurélio. E foi o que fiz. Por ele aprendi tanto vocabulário e sinônimos que me foram muito úteis no exercício da língua portuguesa. Cumpri à risca o que me pedira o Garlett, jovem estudioso e bom orador. Escrevia-se tudo a bico de pena. Eu até que praticava uma elegante grafia.

Com o tempo a bela caligrafia desequilibrou-se. A partir dessa inusitada tarefa de copiar a bico de pena os verbos e adjetivos, aprendi a jogar palavrinhas.

O jogo das palavrinhas

O jogo de palavrinhas consistia num grupo de dois, três ou quatro... O primeiro começava o jogo colocando uma letra em uma folha de papel, o segundo colocava outra, o próximo, outra em seguida, e

quem encerrasse ou não soubesse o significado da palavra perderia. Uma modalidade simples de passatempo.

Esse malabarismo intelectual de palavrinhas era muito praticado em Ibirubá. Recordo-me do Egon Sommer, Ricardo Wommer, Adalberto Egler-Áti, Felipe Weber e Plínio Lütz Machado, entre outros, com os quais mais assiduamente jogávamos no Café Central. O dicionário era o companheiro indispensável para dirimir as dúvidas das partidas. Os jogadores que mais pontos faziam eram os vencedores. Um explícito jogo de aprendizagem de palavras e entretenimento. Diplomei-me nisso.

"Vem comigo, preciso de ti no cartório."

"Se meu pai concordar, irei", respondi a Dácio Lopes de Moraes, escrivão do cartório de registro civil de Santa Clara do Ingaí, distrito de Cruz Alta.

Não sem relutância, Pedro, meu pai, concordou com o pedido de seu amigo. Além de titular do cartório, Dácio era pessoa influente da vida social e política de Cruz Alta. Genro do líder Victor Hugo Palmeiro de Azevedo foi vereador, integrava uma plêiade de proeminentes líderes de Rainha da Serra. No cartório, orientou o que eu deveria fazer. As tarefas me eram um pouco estranhas, mas não eram tão difíceis. Deveria auxiliar o escrivão substituto Telêmaco da Rosa, pessoa dada com a qual me afeiçoei, que determinava: "Ajude-me a atender o público e a transcrever os registros civis nos livros". Eram uns livros com folhas pautadas, nos quais se assentavam todos os registros expedidos, que constariam do arquivo público.

Naquele tempo, não recordo bem, deveria estar com catorze ou quinze anos de idade. Escrever à pena de maneira legível, eu praticara no colégio. Caligrafia razoável que perdi no começo da rádio. Tinha de escrever a mil sempre. Avisos, recados, notícias pelos precários meios telefônicos. Exigia-se experiência taquigráfica. Adeus letra bonita, igual à de meu pai, nunca. Pedro, sim, tinha caligrafia de fazer inveja. Para

safar-se da Revolução de 30, valeu-se de jamegão de Getúlio Vargas, perfeito, igualzinho. Imitava-o.

Escrivão, eu? Não, não nascera para isso. Dava-me bem com trabalho que exigia maior mobilidade.

Da experiência escriturável de Santa Clara, rememoro os bons amigos Telêmaco da Rosa e Dácio Lopes de Moraes, este progenitor do médico bioquímico Dácio Azevedo Moraes, do Hospital Annes Dias e da farmácia Santa Clara. Cito também Leopoldino Peukert, comerciante da localidade em cuja casa comercial compravam-se mercadorias para casa e de Caspar Schaepfer que tinha um matadouro de suínos e era especializado em embutidos e friambeiras suíças.

De soldado a sargento de artilharia

Sentei praça, como todo jovem brasileiro, no antigo 6º RAM, Regimento de Artilharia de Cruz Alta, em 1945. O serviço militar era um compromisso cívico de muitos exercícios bélicos, treinamentos exaustivos de campanha. De soldado de linha de tiro, graduei-me cabo e sargento. Minha identificação militar era soldado 401, cabo 401, depois sargento 401.

Permaneci no quartel cerca de um ano e meio e me afastei dele para recomeçar a vida de agricultor em Capão Doce, Sede Vitória. Poderia ter feito carreira militar, freqüentado a Academia Militar de Resende, no estado do Rio de Janeiro, onde cursavam e se formavam oficiais do Exército. Essa oportunidade mais uma vez a perdi, meu pai não achava conveniente eu seguir a vida militar. Para mim, estudo era o que mais importava; por meio dele, certamente, galgaria todas as instâncias da carreira militar, uma vida de intensa ordem e disciplina.

Eu gostava de disciplina e pontualidade; confesso que no curto espaço de tempo de quartel aprendi a ser gente, forjei-me para a vida e o trabalho. No quartel, freqüentei com dedicação as aulas regimentais dadas aos soldados, uma certa continuidade da escola que ainda não freqüentara.

A maioria de meus companheiros de farda não via a hora de despedir-se do quartel. Sentiam saudades dos familiares, da namorada especialmente. Pediam-me para escrever poemas em forma de acrósticos, o que eu fazia a troco de umas entradas de cinema ou por lanche.

Os acrósticos tocavam os sentimentos dos soldados e muito mais o das namoradas, pois eu os escrevia com emoção repassada de amor e saudades. Nos eventuais dias de chuva, impróprio para exercícios externos, o major Aristides Basílio de Campos, militar de grande eloqüência, mais tarde prefeito de Cruz Alta, chamava-me para organizar uma roda de trova, canto, declamações e música gaudéria, que se realizava na sala de intendência do quartel. O major Aristides apreciava a tradição, chimarrão e carreiras de cavalos em cancha reta, e eu me habituara a isso, a cultivar a tradição para ser gaúcho rio-grandense de verdade, e fazia-lhe os préstimos de reunir os soldados gaiteiros, trovadores, cantores. Horas de arte campeira que animava a vida de quartel. Gaiteiros de boa cepa, como Theobald Balz, Seno Lange e Pedro Adam, entre outros de cujo nome não me lembro, espalhavam música e alegria. Declamações e trovas, canto, tudo isso acontecia nessas ocasiões de lazer no quartel, horas essas de alegres entreveros musicais tradicionalistas. Os pracinhas que morriam de saudade das gurias que deixaram em seus rincões me acumulavam de pedidos de modelo de cartas amorosas, e os acrósticos eram os que eles mais queriam que eu fizesse.

Noite adentro eu pensando e escrevendo os acrósticos. Até que ganhei uns trocados. Queria presentear o amigo Candido Gomes da Silva com um poncho *Fiateci,* o melhor que havia. Consegui amealhar o suficiente e o poncho foi adquirido, um presente de gratidão a quem muito me ensinou para a vida.

Não me é possível, todavia, contar tudo o que vivi e aprendi no serviço militar no 6º Regimento de Artilharia de Cruz Alta. As marchas e os combates simulados na invernada de exercícios militares, as noites geladas de inverno de bater queixo, chuvas torrenciais, tudo isso eram testes de resistência a que me submeti para ser soldado da pátria brasileira.

No quartel, entretanto, logo me habituei com o dia-a-dia, tornei-me mais conhecido e passei a me relacionar com militares mais gradua-

dos, tanto que o major comandante da nossa divisão, Lourival Doerdelein, me chamou para ordenança e não raro para acompanhá-lo à missa dominical, que era oficiada no quartel.

Lembro ainda do cozinheiro dos oficiais do quartel, o Guerreiro. Era um perito na arte da culinária. Os oficiais gostavam tanto de seus pratos que ele teve de ficar após o tempo regulamentar de Exército, continuando como contratado e, pelo que sei, continuou também após aposentar-se.

Os companheiros de farda insistiam comigo para acompanhá-los em um passeio rápido ao município de Ibirubá, de onde também eram oriundos. Decidi, por ocasião de uma grande festa religiosa, no matinho da comunidade católica, acompanhá-los. Ao desembarcar do ônibus me ocorreu um pequeno acidente: enrosquei a calça na porta e ela rasgou. Alguém me socorreu com uma joaninha e prendi o pano da calça da túnica, onde rasgara, para não ficar solta e nos misturamos alegremente no meio do povo.

Uma festa e tanto! Meus companheiros, que conheciam meio mundo, me apresentaram a quem mais podia interessar, as gurias. Entre elas, todas bonitas, destacava-se Francisca, com quem estabeleci um namoro, um tanto fugaz, bem próprio das nossas festas interioranas.

No Mato Castelhano, depois Sede Aurora

Nessa localidade onde vivi por alguns anos, exerci o comércio e a agricultura e colaborei intensamente com a sociedade e com o padre Paulo Bortolini na construção da bela igreja de estilo gótico. Fui ativo membro da comunidade que, em um esforço comum, conseguiu a construção de uma ponte ligando Sede Aurora a Sede Vitória e desta a Fortaleza dos Valos, localidade que pertencia à jurisdição da paróquia Nossa Senhora da Saúde.

Sede Aurora, interior do município de Quinze de Novembro, já se chamara inicialmente Colônia Jorge Frias. Mediante pesquisa descobri

que Jorge Frias era natural da Argentina, e foi ele quem colonizou uma vasta área confrontada pelos rios Jacuí e Jacuí Mirim, formando ali uma grande confluência de águas.

Uma belíssima área, embora de terras não tão férteis. Chamou-se também, Mato Castelhano, mas prevaleceu Sede Aurora. E sabem por quê? Jorge Frias, o colonizador, casara-se com uma brasileira de nome Aurora. Deu à sede o nome da mulher.

Habitado por maioria de origem italiana, havia alemães e lusos também. Sede Aurora posicionava-se como um dos centros que mais se desenvolviam na região. Tinha boas cantinas de vinho, fábricas de vassouras, fumo de corda, alambique e uma grande fábrica de compensados, na época, talvez, uma das maiores do estado; mais tarde, com a redução dos pinheirais, transferiu-se para Pato Branco, Paraná. Sede Aurora tinha luz e água encanada graças a essa grande fábrica movida à locomotiva. Havia restaurantes, destacando-se o de Inocêncio Trombeta e Fioravante Frandolozo, este último um dos primeiros moradores do atual município de Tio Hugo, além do próprio Tio Hugo, que foi quem instalou o posto de combustível.

Por ser sede da paróquia de nossa Senhora da Saúde, Sedes Vitória, Mundo Novo, Esquina Gaúcha e Fortaleza dos Valos só eram alcançados por barca ou balsa sobre o rio Lagoão, cuja travessia era um deus-nos-acuda. As capelas nas sedes São José de Campos Borges, em Espumoso, Rincão da Paixão, e outras que eram visitadas pelo pároco de Sede Aurora, padre Paulo Bortolini, também não tinham passagem nem por barca. A travessia era feita por canoa. O padre, no caso, ía a cavalo até o passo. Nos Trenhagno deixava o cavalo na casa de um morador próximo ao rio, varava de canoa e, do lado de lá, pegava outro cavalo que algum amigo lhe emprestava para visitar as capelas.

O padre Paulo escrevia para o prefeito Pacífico Dias de Cruz Alta a que Sede Aurora pertencia. Nas longas cartas manuscritas ao interventor do estado, coronel Osvaldo Cordeiro de Farias, pedia estradas e pontes, porque Sede Aurora era quase uma ilha, uma península cercada pelos rios Jacuí e Lagoão. Um fundão esquecido dos políticos, dos governos: o fundão da Sede Aurora.

Nessa época, estabelecido com casa comercial em Sede Aurora ambientara-me em mais uma atividade, todavia o negócio em si é que não vinha rendendo e pensei logo em, aos poucos, desfazer-me dele e retornar à lida na lavoura, pois me especializara em múltiplas tarefas. Já residia em Sede Aurora, que se ligava à Sede Vitória por uma barca sobre o rio Jacuí Mirim, Lagoão. O comércio era praticado extensivamente, eu adquiria os produtos coloniais e vendia aos produtores tudo de que eles necessitavam.

Campereando por esses pagos marcou história

O ex-prefeito de Ibirubá, o agrônomo Frederico M. Gunnard Dürr, que me sucedeu na Prefeitura, narrou para o semanário *Alto Jacuí*, quando eu o dirigia, um pouco da vida de Bibiano Francisco de Souza, que foi tenente da Guarda Nacional e marcou sua passagem em nossa região, especialmente Rincão Seco, Santa Clara do Ingaí, Fortaleza dos Valos e Quinze de Novembro. Nasceu em Três Capões em 5 de maio de 1878 e faleceu em 1950 aos 72 anos.

Bibiano Francisco de Souza exerceu o comércio em Rincão Seco, onde criou uma família de sete filhos, dos quais citamos Rodolfino Francisco de Souza, vereador em Ibirubá, e o tenente Assis Brasil de Souza. Bibiano encantava seus amigos e os moradores com sua maneira divertida de ir levando a vida, folgazão e camarada. Agora seguem os causos recolhidos por Fritz, apelido de Gunnard Dürr, também um dos maiores contadores de histórias e anedotas que conheci, uma memória anedotista de causar inveja.

Contam que estando acampados no Passo da Divisa um grupo de topógrafos da *Carta Nacional* e seu Bibiano, chimarreando, o chefe daqueles gabava-se dizendo ser um dos poucos brasileiros que conheciam os 22 estados do país. Mas seu Bibiano afirmava que conhecia mais três

estados, e depois de muita discussão geográfica, e quando o clima estava esquentando ou ficando pesado, ele esclareceu: "Conheço 25 estados do Brasil, os 22 que o senhor citou e mais os estados de sítio, o de embriaguêz e de miséria". Quá, quá, quá...

De outra feita, bebericando na casa comercial de Leopoldino Peuckert em Santa Clara do Ingaí, apareceu um vendedor picareta, assim conhecido, de rádio e bugigangas. Lá pelos anos de 1937 o rádio era um aparelho que tinha de ser carregado por duas pessoas, a energia vinha de uma bateria de automóvel, enfim, o aparelho era um trambolho. O vendedor começou a falar das maravilhas daquela geringonça. Era só apertar um botão, girar um ponteiro e se podia ouvir até a longínqua Alemanha. A vítima, no entanto, desconfiando, não se encontrava interessada. Foi quando o Bibiano decidiu entrar na conversa para despachar de uma vez o inoportuno e disse: "Olha moço, aqui você tá lenhando em mato errado, se você quer vender esta coisa tem que procurar o meu compadre, Chico Pinto, na Fortaleza, fica perto daqui, é só atravessar esses campos aqui na frente. O Chico não deixa passar novidade".

O vendedor, meio mascate, mais que depressa empacotou seu artigo e se mandou no flamante Ford bigode à procura da primeira casa à esquerda de quem chega à Fortaleza, pois era esse o endereço que recebera de Bibiano. Qual não foi seu espanto e surpresa quando soube por informações dos moradores locais que Chico Pinto morava embaixo de umas costaneiras em cima de um barranco.

Doutra feita, apareceu na venda do major Celestino Peuckert, no Passo do Lagoão, um transeunte desconhecido, alto, bigode grande, gadeiudo, pistola atravessada na guaiaca e pediu um liso de canha.

No canto do balcão Bibiano observava o viajante, aquele com cuidado, e de repente lascou: "Que mal lhe pergunte, mas o amigo de onde vem?" Ao que o desconhecido respondeu: "Eu ando caminhando mundo". Bibiano não se deu por achado e voltou à carga: "Acho que lhe conheço, nós somos companheiros de xadrez". A afirmação teve o efeito imediato de um tiro para o desconhecido que se alvorotou e, mais que depressa, respondeu que nunca esteve no xadrez e já mexia na arma quando o Bibiano bispou pela coisa e se adiantou: "Calma tchê, tu é compa-

nheiro, tu não tá com uma camisa xadrez? Então nós somos companheiros". E dando uma gargalhada galponeira pagou um trago ao novo amigo.

Já no leito, acometido pela doença da qual viria a falecer, perguntou ao médico se poderia comer melancia e recebeu uma resposta negativa, ao que respondeu: "Mas nem tirando a casca, doutor?"

Assim foi Bibiano, segundo Gunnard Dürr, homem simples espirituoso e companheiro. E sobre ele poderia escrever um livro de fatos, uns pitorescos, outros revestidos de proverbial charla campeira, assim como sobre tantas outras figuras que tiveram passagem singular por esses nossos rincões do Alto Jacuí e Planalto, onde nos situamos.

Uma perdizada inesquecível

Desde que me elegera vereador, meu convívio com a liderança ibirubense se tornara mais constante, apesar do estado das estradas para me locomover à sede do município. Levava-se mais tempo e, por pouco tempo, sair de ônibus de Sede Aurora até esquina Moser, aguardar ali o ônibus de Cruz Alta e de lá seguir até Ibirubá, sabendo-se que o exercício do mandato era gratuito, não se ganhava nada e fazia-se muito.

Vereadores conselheiros, como os da Suíça, ganhavam um jantar especial e exerciam a vereança com elevado espírito público, cargo honroso e nobilitante. Nem dá para comparar com o estilo de funcionamento das Câmaras atuais, ressalvadas exceções, algumas excessivamente onerosas. Na verdade, vereador conversa muito e os resultados são minguados, idéias luminosas continuam sendo escassas.

Corria a notícia das boas perdizadas de Sede Aurora – havia muitos perdizes nos campos – e as gringas de lá tinham habilidade incomum para prepará-las à italiana, exímias na culinária meridional. As lideranças da cidade, a toda hora que me viam, queriam saber o dia da perdizada, quando ela iria acontecer. Não havia prometido, mas a insistência obrigou-me a marcar uma data para o tão esperado ágape em Sede Aurora. Mobilizei caçadores, sob o comando do compadre Avelino Ga-

lera, o mais experiente e hábil caçador, e as mulheres sempre dispostas para o preparo das aves.

Em um caminhão velho de reboque, segundo João Galera, lá fomos nós atrás das perdizes pelos campos e várzeas onde as avezinhas se criavam. Uma caçada e tanto, centenas de perdizes e perdigões foram abatidos. Se caçá-las foi estafante, não menos foi a trabalheira para aprontá-las, tarefa que coube às mulheres que souberam misturar trabalho com alegria.

E assim, em meio ao clima de vibração, o povo ia lotando o salão, a maioria vinda de Ibirubá. Um fato, porém, me chamou atenção.

Entrara no salão Ary Adamy, todo empoado; ele e seus companheiros passavam e cumprimentavam cerimoniosamente os aurorenses, homens, mulheres e jovens. Alguém notou que Ary, contador da municipalidade, vestira casaco pelo avesso e o forro era vermelho. Perguntavam se aquele modo de vestir tinha a ver com alguma moda. Ary, surpreso, tirou o casaco e o vestiu pelo lado correto, informando que no caminho tivera de trocar um pneu, estava escuro e a pressa o fizera vestir-se daquele jeito. Transmitira mais alegria no ambiente. Uma perdizada inesquecível. Perdizes recheadas e com aquele molho de miúdos, polenta, *radicci*, pão novo e outros quitutes, além do vinho branco e tinto.

No final da espetacular perdizada, os comentários sobre quem havia comido mais foram confessados espontaneamente. O juiz-pretor Flávio Viana Bopp, teria comido três, quatro perdigões recheados. Descendente do escritor Raul Bopp, autor de vasta literatura com destaque para o livro *Cobra Norato*, foi embaixador do Brasil em vários países e percorreu o rio Amazonas a partir do Equador, uma proeza contada até hoje. Flávio é pecuarista em Tupanciretã e é cooperante naquele município.

A perdizada está comentada em uma das edições do suplemento encartado no *Diário Serrano* de Cruz Alta.

De inúmeros eventos interessantes de Sede Aurora, uma vila bem desenvolvida com indústrias e cantinas, parou no tempo em conseqüência da barragem do Passo Real. Tinha luz e água encanada, uma realidade que voltou com a Coprel, mas voltou para ser um ponto turístico e de lazer. A barragem do Passo Real lhe tolheu o progresso, mas não a bele-

za natural que permaneceu, embora um tanto solitária no refletir do sol ao entardecer.

Se te vola la toza, carezza la mama

Maria Piovesana Prevedello, minha avó, veio da Itália com quinze anos. Nasceu em Veneza, Ponte de Piave. Aqui no Brasil casou com Valentim Prevedello, de mesma procedência. É progenitora da mãe Antônia Veneranda.

"Lora la zê cossita. Noantri contaremo la nostra stória como ghe la ghemo sentia dei pi véci. Como che luri i gá fato vineri in mezzo el mato. In tel scominmíncio."

Na verdade este intróito em vêneto e brasilian encarecem os escritores e jornalistas Rovilio Costa e Arlindo J. Batistel para que o dialeto vêneto, reconhecido como língua, seja preservado. E só será possível se os descendentes de italianos colaborarem com os movimentos em defesa desse idioma.

Rovilio Costa e Arlindo Batistel já editaram interessantes livros referente aos imigrantes, entre eles, *Cozi i vive i italiani:* vita, stória, canti e frótole. É uma forma de preservar um pouco da vida, dos primórdios da colonização, dos costumes e dos cantos de seus descendentes.

A vovó Maria, no curto tempo que a conheci, alegrava contando histórias e provérbios. Explicava ela em dialeto, e depois traduzia tudo, como dizia, para fazer rir. "El dizea, qüelo che valea dir che i italiani é giera mal afortunádi: Par coei Che nasse desgrassiai, ghe piove sue cul anca star sentai". Isso é, para quem não tem sorte, chove-lhe no traseiro, mesmo quando está sentado. E outro: "Se te vol el pomo sbassa la rama, se te vol la toza, caressa la mama". Traduzindo: se queres a fruta, abaixa o galho, se queres a filha, agrada a mãe.

Italianos e alemães brasileiros, descendentes de imigrantes, deveriam empenhar-se, o que alguns já fazem, para preservar suas tradições. Os encontros de família são uma boa ocasião para decisões dessa natureza, salvar idiomas que falam de nossas raízes culturais.

Tatu assado com casco e tudo

Outra delícia da culinária selvagem de Sede Aurora dos velhos tempos, lembro e registro, era o tatu assado com casco e tudo. Eram dois tatus, um deles foi recheado à italiana. Danado de bom! Parece que estou sentindo no ar aquele aroma gustativo que exalava o tatu, uma mescla de flor de laranjeira, noz-moscada, rosmarino, uva madura e aroma de vinho branco toscano. Carne de tatu caprichosamente preparada pelas gringas de Sede Aurora. Isso mesmo: Tatu assado pedira-me o jornalista Edison Quintana e Ari Rui Ritter, gerente da empresa Germano Hepp. Ambos bons amigos e colaboradores que vim a conhecer logo que me envolvi com a vereança e a Rádio Ibirubá.

"Temos de provar esse tatu assado com casco, de que me falaste", era a intimação que me faziam. Mais uma vez, como fizera com a perdizada, apelei para os amigos Galera, Dal Castel, Birgheuer (Piacaia), De Bortoli. Vamos para o mato, capoeirão, roça afora atrás de tatu, tenho de pagar promessa a amigos de Ibirubá. Vamos caçar tatu de boa qualidade, o cateto ou mulita, não os tatus arrombadores de cemitério. Caçavam-se os bichos ao anoitecer, quando saíam das tocas.

Na verdade conhecíamos as espécies de tatus de carne boa, saborosa. Também não era conveniente caçar tatu em época dos formigueiros de saúva-mineira soltarem enxame. Os tatus apreciam as formigas e, nessa época, comem demais e sua carne fica cheirando a formiga. Bom caçador sabe de tudo, e os tatus que foram caçados eram bons, os convidados gostaram da carne, gostaram da camaradagem dos aurorenses, do vinho, da polenta, do *radicci*, da sobremesa de abóbora, do queijo fresco com marmelada caseira.

Edison Quintana ajudou-me bastante no início da Rádio Ibirubá. Eu não dispunha de carro para me locomover, e ele voluntariamente me transportava em seu autinho Gordini pelos municípios vizinhos. Jornalista inteligente, escrevia no "Suplemento Ibirubá", encartado no *Diário Serrano* de Cruz Alta; exerceu o magistério no 1º e no 2º grau da cidade. Para fazer-lhe justiça, sugeri e consegui que a Secretaria da Educação do estado desse seu nome, Prof. Edison Quintana, ao colégio de Vila Planalto. Justís-

sima homenagem a esse modesto educador que, sem ser ibirubense, viveu Ibirubá intensamente. Lecionou também na Escola Técnica de Comércio.

Na lembrança distante a saudade dos alegres momentos. Ari Rui Ritter me vendera uma caminhonete Ford F100 vermelha; insistia ele na época para que eu trocasse o jipe, meu primeiro carro; ele me servia para trabalho e passeio, até que a caminhonete o substituiu. Ari Rui Ritter revendia carros da linha Ford em Ibirubá. Na política foi candidato a deputado pelo PRP, de Alberto Hoffmann, tendo assumido a Assembléia temporariamente.

Balanças que emagreciam os porcos

O motivo de meu desânimo situava-se na compra de suínos, meus concorrentes sempre pagavam mais aos colonos. Não me conformava com a diferença de preço, pois não poderia acompanhar os concorrentes até descobrir o truque, a safadeza. Com balanças viciadas, e pesos adulterados, compravam pagando a mais, e a diferença tiravam na pesagem enganosa. Por exemplo: um porco de 140 quilos pesava na compra 125 quilos, ou coisa assim, uma boa diferença para um comerciante que, se não lucrava muito na compra, ganhava na sacanagem do peso.

Procurei um deles para um entendimento e encontrar uma saída para o impasse e dar ao comércio, pelo menos, um mínimo de ética e seriedade. Da maneira inescrupulosa como vinha sendo feito não seria mais possível, e eu me dispunha a denunciar publicamente, até mesmo à imprensa da capital, tudo o que estava ocorrendo. Iria às últimas conseqüências. "Ah... io compro e pago i nantri chi se chiavi", me respondiam.

Por diversas vezes foi flagrado na hora da pesagem dos suínos e teve de aceitar a balança do agricultor que se prevenira, em face das notícias que se espalhavam, mas que não eram conferidas. Nessas ocasiões a desculpa recaía sobre o motorista ou os empregados que iam buscar os suínos no chiqueiro do colono. A balança se estragara, trocaram os pesos não sei onde, nem como.

Pensava em vender o comércio de vez, assim que surgisse uma oportunidade. Ela surgiu mais rápido do que eu esperava.

Doía-me o coração ver aqueles dois mortos, mãe e filho!

Jovino Benetta, pequeno agricultor de Sede Vitória, madrugara para vir até Sede Aurora. Viera de carroça de boi conduzindo sua mulher Ana Maria, prestes à dar a luz e em estado grave, segundo a parteira local. Quase sem recursos, pedia-me que os levassem ao médico de Passo do Lagoão. Não hesitei, acionei o velho jipe e me dirigi em busca de assistência médico-hospitalar, a mais próxima a 30 quilômetros dali. O tempo ameaçava chuva, e eu temia os atoleiros, pois a estrada só ficava transitável se os moradores fizessem mutirão para arrumá-la.

Mas chegamos regularmente bem. Coitada da mulher que gemera toda viagem; logo foi examinada pelo médico Walter Dürr, que diagnosticou extrema gravidade: "O bebê está morto e a mãe, muito debilitada, vamos tentar salvá-la". Procedeu à retirada do bebê e medicou a parturiente. Decorridas umas duas horas, a comunicação de que Ana Maria não resistira à intervenção, apesar dos esforços do médico e da enfermeira. Confrangia-me o coração ver mãe e filho mortos, e Jovino, o marido, às lágrimas, diante dessa verdadeira tragédia em sua vida.

Um retorno doloroso também para mim. Nem bem chegara a Quinze de Novembro, desandara a chover. Um pouco adiante da esquina Arthur Hetzel, no repecho defronte à moradia de Fredolino Müller, não consegui desviar de um atoleiro e o jipe caiu nele. Que situação! O jipe atolado com dois corpos dentro.

Molhando-me todo, pedi ajuda aos moradores vizinhos que me socorreram com junta de boi, e de maneira especial Fredolino Müller. Recomecei o regresso, mesmo assim com mais de hora de atraso. Sem café e almoço, comprara pão e salame no bolicho-armazém de Arthur Hetzel,

ofereci-os a Jovino que não quis comer, alegando não se sentir bem. Nem eu comi.

Entre vencer aquele trecho de estrada com chuva e fazer a travessia do rio Jacuí Mirin pela barca foram horas de sofrimento até chegar à casa de Jovino Benetta. Como ninguém sabia da fatídica ocorrência, comuniquei-a primeiro a Antônio Benetta, pai de Jovino, que residia perto dele, para assisti-lo nessa hora de dor. Logo parentes e vizinhos afluíram ao velório de mãe e filho. Um triste acontecimento.

A fazendinha do Cafundó

João Durigon Sobrinho, também natural de Júlio de Castilhos e residente em Cruz Alta, tinha várias glebas de terras de sesmarias. A menor era a Invernadinha, de Faxinal do Cafundó, próxima à Sede Vitória, às margens do rio Jacuí Mirim, que, por estar distanciada das outras que ele possuía, colocara à venda. Apressei-me e fechei negócio com ele, mediante um prazo para o pagamento. Era uma propriedade desprezada pelos moradores da região, por isso chamavam-na de Faxinal.

Pulei de faceiro. É aqui que vou recomeçar a vida de campesino que, de certa forma, nunca abandonei. A fazendinha do Cafundó, formada por um riacho, de um lado, e o rio Jacuí, de outro, possuía duas restingas de mato nativo com pinheiros e um chapadão com mais de 1.500 metros de campo, capinzal onde havia uma cancha reta de corridas de cavalos.

Enquanto muitos diziam que aquela terra não servia nem para agricultura nem para pecuária, eu a dividi para essas duas atividades, mais para a pecuária, cercando-a com um aramado que fiz auxiliado por alguns vizinhos.

Devo mencionar que quem me ajudou de fato foi uma guria, Apolônia Schmidt, dezoito anos, filha de meu compadre Edmundo Schmidt, que era uma fera para o trabalho. Fazia por duas, três pessoas, era forte, criara-se na roça, um exemplo de mulher que não rejeitava tarefas de

qualquer espécie. Os mourões para a cerca foram tirados do próprio mato, onde havia madeira-de-lei e a divisão das áreas em pouco tempo foi concluída.

Gado, de um lado, e plantações, de outro. Não havia na época uma cultura que se sobressaísse. Os preços eram sempre baixos, insignificantes até. De repente uma delas tinha o preço elevado, mas depois baixava novamente. Cito aqui o caso do alho que, de uma hora para outra, teve seu preço elevado, isto é, não só dobrara, subira umas cinco vezes. Era negócio cultivá-lo. Apolônia entusiasmara-se com o preço e, mesmo não sendo uma cultura que necessitava de muita área, precisava sim que fosse boa e bem cultivada. Pediu-me uma área para plantar alho, meio a meio. Eu lhe cederia a terra, o alho para a semente e o adubo. Concordei e ela, com a ajuda de um de seus irmãos, Romeu, fizeram vingar a plantação.

A safra foi excelente. O preço, no entanto, baixara e o sonho dela de comprar vestidos e sapatos novos para poder ir aos bailes mais bem apresentada foi por água abaixo. Em compensação, para que a desilusão não fosse tão grande, dei-lhe uma ajuda para que adquirisse do que mais precisava. Nada mais do que a imagem da vida ingrata do agricultor, sem ter o amparo de uma política agrícola justa.

"Como eu faço? Quero casar e não tenho dinheiro, o padre cobra e o escrivão também..."

O fato poderia até ser irrelevante, mas não era. Há cerca de cinqüenta anos, segundo os casadouros, o Cartório de Registro Civil e a Igreja cobravam para efetuar o casamento.

Leonardo de Matos era um jovem caboclo dos fundões de Sede Aurora e queria se casar. Sua namoradinha chamava-se Tiane, filha de Pedro Paes, preto velho de respeito e trabalhador, mas o que ele ganhava dava apenas para viver.

Tiane tinha um corpinho de pecado, era bonita, e ambos insistiam comigo para lhes facilitar o casamento. Não queriam amasiar-se. De repente tive uma idéia, encontrei a solução. Eu mesmo vou casar vocês.

Aprazando o dia e a hora em meu local de trabalho, no comércio, redigi o compromisso da união entre ambos, lambi uns selos e os colei em uma folha de papel. Fiz os jovens colocarem o polegar, umedecido em tinta, no referido documento, pois ambos eram analfabetos assim como seus pais e testemunhas. Fiz duas pessoas presentes que sabiam ler e escrever subscritar como testemunhas. E com o meu pronunciamento declarei-os casados, com a advertência de que, assim que pudessem, deveriam comparecer a um cartório para referendar o casamento que eu celebrara.

E lá se foram os jovens Leonardo e Tiane, felizes da vida. Ele trabalhava como peão e ela, como doméstica. Não ganhavam muito, mas dava para viver. Tiane por ser uma negrinha bonita, jeitinho de jaguatirica, atraía os filhos homens do patrão, e não raro essas investidas transformavam-se em encrenca.

Passado algum tempo, mudaram-se para outras bandas, até que certo dia bateram à Prefeitura de Ibirubá. Procuravam-me, eu era prefeito, para legalizar a união que fizeram em Sede Aurora. Ouviram dizer que o governo decretara que todo registro de cidadania, doravante, seria lavrado gratuitamente. Casaram, ou melhor, oficializaram o matrimônio, e mais o registro dos filhos no cartório de Willy Kochemborger de Ibirubá. Se não me falha a memória, eram cinco filhos que se tornaram brasileiros, segundo a lei, encaminhados pela Legião Brasileira de Assistência (LBA), da qual Ivone Kronhardt era representante local.

O que fiz nada mais foi do que dar a esses jovens uma configuração de legalidade ao ato do matrimônio.

Este fato me foi lembrado dia 20 de setembro de 2007 por quem o testemunhou, Virgílio Bonazza e Edna Pérsio Bonazza, sua esposa, em Sede Aurora, por ocasião da festinha farroupilha promovida pelos Guardiões da Natureza, que nesse dia receberam a doação que lhes fiz de um fardamento especial.

Horda de bandidos fuzarqueia festa religiosa

O *Diário Serrano* de Cruz Alta manchetou o caderno principal chamando de horda de bandidos. Fuzarca ou baderna, o lamentável fato ocorreu em uma festa em honra de Nossa Senhora da Saúde, a padroeira da paróquia de Sede Aurora. Eu enviara a notícia ao jornal, pelo motorista do ônibus que fazia a linha de Sede Aurora àquela cidade. Descrevi em folhas de caderno escolar a triste ocorrência.

Depois da missa e da procissão com a imagem da Santa, a convergência do povo foi participar da festa, escolher um bom churrasco, esperá-lo assar, conversar, tomar umas bebidas e, ao meio-dia, o almoço, tudo na mais perfeita calma e alegria.

Ninguém notara um movimento estranho no recinto da festa. Cautelosamente uma carroça foi introduzida por várias pessoas, umas conhecidas e outras não, sob a lona e cinamomos que sombreavam a área da festa. Quem eram essas pessoas? Vieram dos cafundós de Volta Grande e das bandas do outro lado do Jacuí, Mundo Novo.

Tinham nome de valentes. Um deles era meu compadre; que eu sei, todos eram trabalhadores, corretos, até o dia da fuzarca.

Na carroça colocaram facões e porretes, encobrindo-os com sacos vazios de aniagem. Nada aparente. Tudo tranqüilo até as 4 horas da tarde. Um deles, o preto Paes começa uma discussão forte com Avelino Galera, meu compadre, por um motivo simples: ele se negava a pagar duas ou três cervejas que ele e seus comparsas beberam.

Jesus! Parecia que tudo havia sido previamente preparado, cerca de sete, oito dos caboclos, uns negros, outros não, apareceram brandindo os facões e aos gritos. "Oh! gringada de merda, vamos acabar com esta festa de vocês".

A resposta veio como um relâmpago. O pessoal da copa lançou mão de garrafas vazias e cheias e a baderna se estabeleceu, um bordel dos diabos.

Ninguém conseguia apartar o bochincho, que durou um bom tempo, e só terminou a partir do instante em que os feridos com roupas ensangüentadas se deram conta de que a farra não estava rendendo mais nada.

Os valentões recolheram suas armas, a carroça, carregaram dois feridos graves, pois todos estavam feridos, atrelaram os cavalos e se mandaram. Graças a Deus não ouve vítima fatal. Dos atendentes das copas, os mais feridos foram Arlindo Tonello, Valdemar Piovesan, Galera e outros organizadores da festa. O povo se dispersou.

Atendi Tonello na enfermaria que mantinha na casa de comércio, com remédios de emergência. Ele tivera ferimentos de certa gravidade, um talho na cabeça, nas costas e nos ombros. Mediquei-o como podia, aplicando-lhe injeções preventivas e o coloquei na cama em minha casa.

Mediquei outros feridos, entre os quais o provocador da bagunça. Pelo temporal que se armara, até que os estragos de uma ou outra ordem foram relativos. As conseqüências poderiam ser maiores, com uma mortandade. Mas ficou a lição: festa sem policiamento naquele tempo era muito arriscado, ainda mais com a pouca instrução do povo abandonado naqueles fundões, distante de processos civilizatórios. Um racismo inconseqüente também, de certo modo, contribuía para tais conflitos. Quanto ao padre Paulo Bortolini, lamentou o fato. "Que Deus nos defenda das brigas e malquerenças, somos todos irmãos, por que brigar?"

"Walter me empreste mais um livro para ler?" "O de Lucrécia Bórgia serve?"

Ler sempre fora para mim mais do que um passatempo, era uma paixão. Da leitura praticamente me formei para a vida, armazenei conhecimentos. "Pegue este. Conta a história de Lucrécia Bórgia, a filha do papa Alexandre VI", me disse Walter. Nem lhe pedi outro. Walter Bender, alfaiate, solteiro, morava em Sede Aurora, uma pessoa rica, culta e amiga e vivia na simplicidade. Lá por 1945-50, seus momentos de lazer era conversar sobre livros, que ele e eu adquiríamos sempre que possível. E fazíamos da leitura quase uma prática religiosa.

Excursionávamos pela política, pelos candidatos, governos que muito prometiam e pouco realizavam, mas os assuntos de preferência se

concentravam na importância da educação, da cultura, sem as quais nossos terra e povo jamais teriam vida melhor.

Walter Bender condenava o cultivo do solo de qualquer jeito, sem cuidado com a natureza, fato que me surpreendia, pois ouvia naquele tempo preocupações com a ecologia que ainda não era tão desrespeitada como é hoje. As águas eram claras, havia matos. As roças, as lavouras produziam porque as terras não se erodiam tão facilmente com as chuvas. Temas que preenchiam horas domingueiras. À noite, ao pé do fogo, ou de dia, sob as sombras do arvoredo.

Naturalmente que o bom chimarrão era o elo daquelas conversações, chasques, quando não de charlas galponeiras, na autêntica expressão gaúcha.

Walter Bender, o solitário inteligente e ecologista amigo da vida às margens da confluência dos rios Jacuí, em Sede Aurora. Uma lembrança inapagável.

"Deixa de perseguir os 'alemão', eles só 'trabaiam'."

Fato humilhante aconteceu no tempo da Segunda Guerra Mundial, conta Albano Trein, Baiano como o chamavam, ibirubense de elevado conceito, ele e seus irmãos. "Seu Olavo, nós, de origem alemã, italiana, tivemos de pagar o que não devíamos, fomos humilhados, perseguidos pela ditadura, nos prenderam como 'quinta-colunas' e judiaram de nós".

Quinta-colunas seriam descendentes da Alemanha e da Itália, que, na verdade, eram brasileiros, exceto alguns imigrantes desinformados dos malefícios de Hitler e Mussolini, nesse período sangrento da Segunda Guerra Mundial.

Albano Trein contava-me esse triste fato com muita mágoa e revolta. Ele, Edgar Otto Fleck, Helmuth Gabe e Menthor Tomaz da Silva foram presos por Oscar Moreira, xerife de quarteirão, investido ou que se investira de

autoridade. "E fomos levados numa velha caminhonete, movida a gasogênio, para Cruz Alta", detalha o Baiano com emoção. E continua me narrando a injustiça da perseguição que manchou a história da ex-colônia General Osório. "O Pife, sob o efeito da cachaça, meio cambaleando em zigue-zague, enfrentou o Moreira: deu-lhe um soco na cara e aos gritos, 'Deixa de perseguir os alemão, eles só trabaiam, não tão fazendo mal pra ninguém'. E o pessoal que saía do Café Central, meteu-se no meio do rolo e segurou o Pife e o Moreira, o arbitrário da ditadura. Pife foi preso também e enquadrado como quinta-coluna. Pobre do Pife! Moreira e seus cupinchas, nem soldados eram, em Passo da Divisa, obrigaram o Fleck e o Gabe a limpar o tubo de gasogênio, eu os ajudei, ficamos escurecidos de pó do carvão."

E Trein continua: "O Menthor também era autoridade, subprefeito, e fora preso pelo Moreira apenas para disfarçar a nossa prisão, a minha, a do Fleck, do Gabe, depois a do Pife, o tomador de canha, um miserável que não fazia mal pra ninguém. Foram feitas muitas outras prisões em datas diferentes".

Thomaz da Silva, com o passar do tempo, integrou-se à sociedade local, transferido que fora pela Prefeitura de Cruz Alta; os injustiçados e supostos quinta-colunas foram submetidos a interrogatórios, humilhações de toda espécie e sem chance de se defenderem das acusações improcedentes.

"Nada comprovado, fomos finalmente soltos, e a pé, com fome e sem dinheiro, tomamos o rumo de volta à nossa terra, pensando na aflição dos familiares, sem notícia. Carona? Pedimos a Deus. Depois de uns quilômetros de pé no chão, apareceu um carroceiro que, um tanto assustado, deu carona para o Fleck, o Gabe e a mim. E assim, com um pouco de carroça e outro de caminhão, chegamos de volta a Ibirubá".

Essas humilhações ao pessoal de origem ou ascendência estrangeira, alemã e italiana principalmente, não se limitaram a Ibirubá, abrangeram Quinze de Novembro, Santa Clara, Alfredo Brenner e Sede Aurora. Eram ordens que partiam de Cruz Alta, dadas pelas autoridades da época.

Recordo-me de Sede Aurora, embora eu residisse em Capão Doce. Para esse povoado nos cafundós de Cruz Alta fora designado um militar

reformado, tenente Martins, homem mau-dos-bofes, cara vingativo diziam, e ganhara todos esse apelidos.

Martins mandava à noite seus puxa-sacos, inclusive ele próprio, fazer escutas nas casas e averiguar se as famílias falavam em algum dialeto, o que até era comum naqueles primeiros tempos de colonização. Se flagrados, as casas eram invadidas, as pessoas maiores de idade eram presas e consideradas quinta-colunas, espiãs do nazismo. Seus aparelhos de rádio, só havia trambolhos, eram apreendidos e seus proprietários sofriam humilhações e até torturas físicas. Um absurdo de perseguições sem quaisquer motivos evidentes. Arrogâncias de um autoritarismo praticado por autoridades talvez sem o conhecimento de autoridades maiores do país, que mais tarde bateram no peito com um *mea-culpa* de arrependimento, quando se delegava poderes para quem não os sabe exercer.

"Ué! O que é isso João Frederico?"

"Oh, vida ingrata, essa de bodegueiro do interior!" Descarregava uma carroça cheia de sacos de linhaça e, ao esvaziá-los, em uma tuia improvisada no armazém, meti o pé com força no saco para escorrer a semente mais rápido. Ui!!! Dei um grito daqueles. Machucara o pé em umas pedronas, que o diabo do João Frederico colocara dentro. Sangrei e exclamei: "Ué, o que é isso tio João, pedra não é linhaça. Ué... Que safadeza tu me fizestes".

O cabra que me vendera a semente de linhaça desculpou-se jogando a culpa nos filhos: "Isso só pode ter sido serviço dos piá lá de casa", e procurou socorrer-me. Havia pedras em quase todos os sacos. E sem brigas as pesei e descontamos do peso total da linhaça.

Comprara dele também cera de abelha e crina de cavalo que tinham bons preços. Desconfiei do bloco de cera que pesava de cerca de 40 quilos. "Vai ver que este diabo colocou pedra aí dentro!" E colocara! Tinira a lâmina do facão, e aí o próprio João Frederico pegou do facão e

aos faconaços retirou as pedras do bloco de cera exclamando, ou fingindo: "Que barbaridade me fizeram!".

Com o peso correto e sem as pedras paguei na bucha, descontando uma conta de venda a crédito que lhe fizera. Não brigamos, nem discutimos. Seu João Frederico tinha fama de valentão. Disse-lhe que não me fizesse mais aquilo, queria continuar seu amigo. Que amigo tchê! Não deixou de ser cliente. Apliquei curativo no pé e passei um dia difícil mancando.

"Minha têmpera de vida forjei-a entre as montanhas de Linha 7, Novo Paraíso, onde tu também nasceste."

Foi assim que se expressou Santo Antonello, na visita que lhe fiz em Campos Borges, onde reside. Descendente de família numerosa, ainda jovem labutava ao lado de seus pais e irmãos em Sede Vitória. Conhecia-o quando tinha uns oito, nove anos. Santo servia muito meus pais em suas atividades da roça. Gostava de lidar com ferramentas, fabricar enxadas, foices, era um gênio na arte de ferraria. Em carpintaria e marcenaria também era experiente. Ele e seus irmãos Bepi, Honorato, João e Alexandre, recordo-me, ajudaram a construir nossa casa grande em Capão Doce. Uma casa de madeira coberta de tabuinha de pinheiro, aliás, toda ela de madeira, desdobrada em estaleiro com serra, a muque.

Atualmente Santo Antonello, de tantas lembranças da infância, de memoráveis caçadas e pescarias, vive tranqüilamente, ao lado de sua mulher Alzira Margarida. Tem 92 anos e fabrica facas de ótima qualidade como distração. Como ele mesmo diz: "Não posso ficar sem fazer nada, o trabalho me distrai, o espírito se aviva, porque é bom viver com idéias clara, para não envelhecer".

Braços fortes que animam o progresso de Campos Borges

Leonildo Trenhago, natural de Butiá, Sede Aurora, reside em Campos Borges onde desenvolveu uma agricultura dos novos tempos. É cooperante da Coprel, ativo e presente em todos os movimentos para transformar sua terra cada vez mais unida e progressista. Em companhia do guapo copreliano, Nelson Soares, dei um "Oh! de casa" para o amigo Leonildo de velhas recordações da antiga Sede Aurora, que nos recebeu com abraços com sua mulher Zeni Elenita Trenhago.

Num bate-papo de reminiscências, me reavivou a memória de muitos lances, como as iniciativas vitoriosas do padre Paulo Bortolini, as construções da ponte sobre o rio Lagoão, a bela Igreja Matriz, a instalação de uma barca no rio Jacuí, entre a Linha Trenhago-Butiá e o Passo dos Paixão, entre outras, em que Leonildo, seus pais, seus tios Trenhago e eu, todos unidos, promovemos na histórica Sede Aurora, sob as bênçãos do padre Paulo Bortolini, o santo das graças que está sepultado ao lado da Igreja Matriz.

"Áti, não chores a faca perdida..."

Nos anos de 1957, 58, 59, vivi um começo de vida ibirubense que finquei fundo na memória.

A cidadezinha saía da condição de vila com a emancipação. Urbanizava-se. O povo ganhava mais *status*, se aculturava. Refiro-me a um grupo de pró-homens no qual me incluía. No seio dele, emergia um pequeno círculo de profissionais liberais, comerciantes, pessoas de peso da comunidade, entre os quais Ricardo Wommer, Pedro Adalberto Egler, o Áti, Lucilo Thomé, Willy Borhz, Oscar Birkhann, o Judeu, Arlindo Wommer, Evaldo Lenhartd, o Barberinho, Loureno Fleck, Egon Sommer e Felipe Weber.

Um dos hábitos do grupo nas horas vagas, extra trabalho, era o de marcar ponto no Café Central, no Bar do Bruno, no Rancho Verde do Clube do Comércio; um e outro reuniam-se para conversar, assuntar temas e eventuais ocorrências do dia ou da semana, quando não para jogar palavrinhas sob o descontraído efeito da birita, chopp, culminando, não raro, com churrasquinho, jantares outros de especialidade do grupo.

Nas temporadas de chuvas, o lazer voltava-se para caminhadas, pelos potreiros existentes na periferia da cidade, para colher cogumelos que brotavam viçosos do solo fértil ou apanhar flores e abobrinhas, mediante permissão ou compra, nas rocinhas e hortas dos colonos, para as deliciosas cambuquiras. Ricardo Wommer, Walter Wojahn e seu irmão Osmar Wojahn, conhecido como Lampião, eram peritos na elaboração desses pratos rudes, mas finos, riquíssimos até para manjares de palácios de rei. Cogumelos, flores e abobrinhas, outros frutos mais da terra, frutos orgânicos, eram os sabores de minha preferência.

A carne gorda na brasa, no entanto, era o mais comum dos jantares. Certa vez aconteceu o inesperado. Realizava-se um desses churrasquinhos, em plena Sexta-feira Santa, para fazer pirraça ao padre Chico – Franz Hümmler. Quero crer que se tornara figura de destaque, alemão e teimoso como muitos, isso porque os católicos cometeriam pecado se comessem carne na Sexta-feira Santa. A maioria do grupo era evangélica, ateus alguns, e não se importavam com isso.

Churrasco nesse dia tinha de ser de qualidade superior. Lembro-me que no Bar do Bruno, dona Avonia Becker Kartz, mestra de muitas culinárias, elaborava o *Hackpeter* (carne de primeira, congelada, moída e temperada com azeite de oliva). Esse prato também deliciava alguns do grupo na sexta-feira, acompanhado com chopp.

No fervor da conversação, Áti Egler repetia o que fizera tantas vezes, a preciosidade de faca prateada que herdara de seu pai, e este de seus avós, uma bonita faca de estimação que portava nessas ocasiões. Entre copos espumantes de chopp bombeados direto do barril, Áti descuidou-se e colocou a faca com bainha de prata de lado sobre a mesa. Egon Sommer, chateado com a insistência laudatória, ou para inticá-lo, pega a faca sem que Áti veja e joga-a no braseiro crepitante do churrasco.

Egon Sommer fora o autor do intempestivo ato que, a princípio, nem todos viram. Brincadeira de mau gosto, sei lá, o Áti, de repente, dá pela falta da faca, que já deveria estar no museu, e exclama: "Cadê a minha faca? Quem a pegou me devolva. Cadê minha faca?".

Nisso o Ricardo Wommer revolveu as brasas. A carne estava quase pronta e aparece a faca prateada já retorcida pelo calor. Adeus a preciosa herança do Áti. Todos se surpreenderam com aquilo; o Áti quase desmaiou ao ver a faca perdida no fogo. "Quem que me fez este desaforo, isso não é brincadeira não, isso é crime, ver ali no fogo a minha faca de estimação."

Desconfiança? Convergia para Egon Sommer; este, porém, nem sinal dava de que teria sido ele o autor da proeza. E eu dizia: "Áti, não chores a faca perdida. Virá outra importada da Alemanha", afirmava o grupo que, afinal de contas, sem confissão do autor, carregou a culpa do malfeito, da faca prateada perdida no fogo.

Despedida de um irmão, por Eudes de Souza Leão Pinto

Meu caro Olavo Stefanello:

Ao deixar essa terra abençoada de Ibirubá, cheia de alegria e de profunda emoção, quero dizer-lhe que você demonstrou ser o grande líder, convocado pela pátria, para servi-la com coragem, denodo e arraigado sentimento humanitário.

Dos doze anos de sua existência, Ibirubá teve nos ilustres e dignos prefeitos, senhores Edgar Otto Fleck, Edmundo Roewer e em si, a trindade santa de homens públicos que souberam unir o povo bom e bravo ao governo honesto e criterioso, na execução de programas eminentemente cristãos e democráticos.

Na ação ecumênica, tão bela e tão nobre dos reverendíssimos padre Franz Hümller e pastores Walter Hesse e Wolf Dieter Wirt, renova-se o

espírito religioso do povo, com o fortalecimento da fé, a prevalência da esperança e a prática da verdadeira caridade.

Na mobilização dos sentimentos mais excelsos dos homens ibirubenses empenham-se as alegrias, virtuosas, inteligentes e trabalhadoras senhoras e senhoritas deste maravilhoso rincão brasileiro, fazendo que o amor vença sempre o ódio, a inveja, a volubilidade e o ócio.

Na colaboração extraordinária de todas as pessoas válidas deste fabuloso município de Ibirubá, desde as religiosas tão puras em suas ações, até a seus mais humildes habitantes, concretizou-se o nosso ideal de ver unidos: um por todos e todos por um.

Aqui, o Instituto Nacional do Desenvolvimento Agrário (INDA) encontrou o melhor e mais fértil solo para plantar a semente do bem pátria, na estrutura do município-modelo e os mais favoráveis ventos para disseminar a mística do desenvolvimento agrário, condições essencialíssimas ao pleno desenvolvimento econômico integrado e ao bem-estar social, para felicidade dos brasileiros e por extensão da humanidade.

Como em meio, meu caro Olavo, vibraram intensamente as cordas sensíveis dos corações de meus estimados, eficientes e devotados colegas Adrião Caminha Filho, digno diretor do Departamento de Desenvolvimento Rural do INDA, um dos mais apaixonados pelo município de Ibirubá, suas terras e sua gente; general-de-divisão Archidy Pinto Amando, o bravo, impávido, proficiente e brilhante gaúcho de Alegrete, assessor da presidência do INDA; Rodrigo Pinto Tenório, o incansável e patriota de lutas sem quartéis, chefe da Divisão de Organização e Desenvolvimento de Comunidades e coordenador dos trabalhos com os municípios-modelos; Paulo Brandão Rebello, o experimentado, clarividente e íntegro delegado do INDA no estado do Rio Grande do Sul; e o companheiro Maximiniano Antônio Lameirão, o artista incomparável, o luso-brasileiro amante de tudo o que enobrece o homem para mais dignificá-lo, chefe do INDA. Em nossos aviadores-comandantes Roque, gaúcho de Montenegro, e Viegas também expandiram-se as almas de encantamento e emoção diante da demonstração soberba do poder conjunto de governo e povo ibirubense.

Levo comigo, com o maior carinho e desvelo, o galardão de Cidadão Ibirubense, com a máxima gratidão pelo gesto magnânimo da Câmara Municipal de Ibirubá, representada pelas valorosas e estimadas figuras de seu digno presidente sr. Teodoro de Abreu e nobres vereadores.

Que Deus continue a cobrir-lhe de graças meu valente e iluminado patrício Olavo Stefanello, extensivas à sua digníssima esposa, filhos parentes e amigos. País com homens como você, o Brasil muito em breve será mesmo o gigante pela própria natureza, de pé, em marcha acelerada para o progresso, na vanguarda das nações mais desenvolvidas do mundo.

Receba um fraternal abraço do amigo e admirador de sempre.

Eudes de Souza Leão Pinto

Ibirubá, 8.3.1967

Eudes de Souza Leão Pinto, como presidente do INDA-MA nessa data visitou Ibirubá e foi estrondosamente homenageado pela comunidade, que dele recebeu a distinção de comunidade exemplar, conferida pelo governo federal.

Reprodução fiel da carta que escreveu em cima do capô do meu carro, momento antes de se despedir de Ibirubá e do Alto Jacuí, depois de ter assinado vários convênios de eletrificação e de tantos outros serviços intergovernamentais e comunitários, dando início ao programa de desenvolvimento regional.

O gol que Pelé queria fazer...

O título não é gozação, contam meus contemporâneos de futebol de Sede Aurora. Com o apoio de um grupo de jovens muito guapos, fundamos o Grêmio Esportivo Aurora.

O time de futebol fez bonito, colocaram-me à frente dele desde o início. Como não gostava de ser perdedor, o GEA conquistava vitórias e mais vitórias. Nem sabia perder, tinha atletas sempre em ponto de bala.

Enumero os principais jogadores da época: Manoel da Silva, Dorvalino Marcon, Ivo Trombetta, Olímpio de Bortolli, Odino da Silva, Celestino Trombetta, Lair da Silva, Romeu Strehl, Saul e Saulo Scherer, Moacir Pinto, João Trombetta, Celestino de Bortolli, Bellini e tantos outros, entre os quais, eu me incluía, como jogador de emergência, treinador e presidente do time.

Embates futebolísticos o Grêmio Esportivo Aurora travou com muitos times da região. Com o Quinze de Novembro, perdemos a primeira partida, mas depois nunca mais.

A fama do GEA chegava a Ibirubá. O Grêmio Esportivo de Ibirubá na época, creio que seu presidente era Gustavo Sommer, desafiou os aurorenses. À beira do Jacuí Mirim, invejável gramado atapetava nosso campo. Do lado do rio, uma frondosa restinga de mata nativa, pitangueiras, guarirobeiras, aroeiras, sete-capotes ensombravam as laterais, no verão. Um belo campo de futebol. O GEA recebeu festivamente o Grêmio Esportivo de Ibirubá que fazia miséria pela região, tinha bons jogadores.

Joguei um tempo nessa partida do GEA X GEI. Foi uma ferrenha partida de futebol que o Grêmio de Ibirubá acreditava estar no papo. Perdeu por 5 a 2. Ganhamos bonito. Nem dá para destacar individualmente os atletas do Grêmio Aurora. Aconteceram jogadas espetaculares. Inconformados com a derrota, o Ibirubá pediu revanche em seu estádio. Ganhamos de novo, 8 a 2, uma vitória inacreditável.

Tudo corria bem, as disputas de futebol revestiam-se de elevado espírito desportivo, o Força e Luz, na época, o contraponto do Grêmio Ibirubense, atual Juventude, pareceu não se conformar com as vitórias do GEA de Sede Aurora. "O que esses gringos pensam que são, melhores do que nós, não vai ter pra eles". Combinamos duas partidas, uma aqui, outra lá, foi uma guerra no campo, mas ganhamos as duas. Bem entendido, guerra esportiva, alegre e festiva.

Jogamos com o Recreio, de Alto Alegre. Com o Ipiranga de Campos Borges, e não perdemos nenhuma partida. Nem para o Concórdia de Cruz Alta e nem para o GEPO de Tupanciretã.

Eu estava exausto nessa fase do futebol, sustentava a equipe, transporte, comida e o que mais fosse necessário eu bancava no osso do peito. O time corria, tinha fôlego e habilidade nos pés e na cabeça. Nem por isso parei, gostava de futebol desde o tempo da escola. Não vai ser desta vez que vou parar. Na falta de alguns atletas do time, de treinador, eu passava a jogador. Jogava em qualquer posição do meio-de-campo para frente.

Foi em uma dessas partidas, no Estádio Leopoldo Erthal, sede do Aurora, que me apossei da bola e, do meio-de-campo, chutei forte em direção ao gol adversário. Parecia que a bola passaria por cima da goleira, mas caiu certinha atrás do goleiro que se adiantara. Gol que fiz sem qualquer pretensão, o vento que vinha do sul talvez tenha ajudado para a bola entrar nas redes do time adversário.

Meus contemporâneos dizem, e Carlos Cézar, radialista e noticiarista da Rádio Ibirubá, afirma que entrevistou testemunhas desse jogo em Sede Aurora e estas confirmam o que lhe dissera Romeu Strehl, aurorense, que testemunhou esse gol: a bola partiu de meus pés, do meio-de-campo e se alojou nas redes da goleira adversária.

Este foi o gol que Pelé queria fazer, diziam eles. Para mim, atleta por gostar do futebol, nada mais do que um gol de linda feitura, dita e comprovada pelos outros que viram e entendiam de futebol.

"O gol que o rei do futebol queria fazer?" Só fiquei sabendo disso quando o assunto é a vida esportiva do quase imbatível GEA – Grêmio Esportivo Aurora.

De cima desta tribuna... Bons amigos como vocês não há ouro que pague!

Corria o ano de 1959... Vou contar um fato simples da roça que se repetia todos os anos no aniversário de Olindo Pedrotti, em sua

casa, a uns 3 quilômetros da cidade de Ibirubá, à margem da estrada, rumo à linha Pulador Norte. A moradia do Pedrotti encantava, um parreiral, de um lado, e, do outro, o pomar, o potreiro e a roça. Era casado com Ângela Ignês Giacomolli. Emigrara de Garibaldi, das colônias velhas, como ele dizia.

Comemorava religiosamente o aniversário com festa e discursos, sempre nesse mesmo dia, 26 de junho, ele que nascera em 1904. Para isso, armava um palanque entre as árvores de sombra e o laranjal, e o enfeitava com fitas, laçarotes e flores. Por ele passariam todos os convidados para discursar e ninguém poderia se recusar quando chamado. Dessa maneira ele festejava o natalício, cercado da mulher, de filhos, parentes e amigos, um regimento de povo. Carneava um, dois novilhos, e churrasco não faltava para o pessoal que comparecia para abraçá-lo, servindo sempre um bom vinho que ele mesmo fazia.

No porão da casa havia uma pipona que guardava o vinho para o gasto. Dependurava ali fileiras de salame, copas e presuntos, no bom costume italiano. Aquele porão era utilizado como uma espécie de geladeira para conservar embutidos, carnes defumadas, queijos e cereais. O queijo então aparecia em escala de maturação, o duro para ralar e apurar o sabor das sopas de capeletti de minestrone, o meio duro e o novo, para o tradicional acompanhamento da polenta e do vinho.

E gostava de cantar as canções da Itália, cujo soar recordava os imigrantes, a luta, os sacrifícios, a colonização, entre vales e montes de Garibaldi, onde nascera e de onde partira para Ibirubá. Detalhes que ele lembrava nessas horas de discursos do coreto no meio do laranjal de sua moradia.

Compareci algumas vezes à festa de Olindo Pedrotti, e me lembro, até com emoção, de frases que ele proferia quase aos brados, entrecortadas de sentenças judiciosas, outras que faziam todo mundo gargalhar, e algumas que se perdiam ao léu do entusiasmo, misturadas com expressões do dialeto vêneto, fantástico.

"Su in questa tribuna, de cima desta tribuna, ...", e iniciava seu discurso, não importava o assunto, embora preferisse o de cunho político.

Ele era do PSD, mas gostava de todos os partidos, ou melhor, dos amigos com ou sem partido.

Bastava uma salva de fogos de artifício para reunir os amigos e vizinhos para uma festança, partindo dele ou dos amigos e vizinhos, Severino Giacomolli e Augusto Belló para se reunir e festejar.

> *Su di questa tribuna, vai falar um colono de colônias velhas, que sou eu mesmo, Olindo Pedrotti, que veio de carroça com mulher e filhos... vim de Garibaldi, dos montes, da terra de pedra, di sassi, di molto sass... cá dei monti, Santo Dio! Ma bona para parreira, uva e vino. E agora, estou em Ibirubá, outra terra boa. Aqui se planta trigo, milho, feijão, mandioca, se cria vaca, porco e se faz salame, queijo... e vino, porco can... e irrompiam a cantar* El andemo in Mérica *que todos o acompanhavam. E prosseguia Pedrotti com o discurso misturado com dialeto vêneto, dando bem um retrato de nossos colonos, homens de muita garra e trabalho, sérios e leais que colonizaram a maior parte do Rio Grande do Sul.*

O que me impressionava, na verdade, era ouvir palavras simples, mas robustas de conceitos, como este: "Nóis pode comprar uma casa, uma terra, um auto, uma carroça, um cavalo bonito, qualquer um pode fazer isso, mas ter bons vizinhos, bons amigos não tem preço, não tem dinheiro que pague. Bons amigos como vocês não se compra nem com monton de ouro... e viva os amigos do Pedrotti, e viva e muitos vivas. Santo Dio, io soi, io sono um uomo de Dio!...".

Com duas gurias no capô venci atoleiros para levá-las à UFSM

Não fora propriamente uma viagem de aventuras, mas de ousadia e turbulência, empreendida em manhã clareando.

Berenice, minha filha, partira comigo de Ibirubá, e Alice Plentz, filha de Adalberto Plentz, da cidade de Cruz Alta. Ambas iam fazer matrícula na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde estudavam.

Chovera muito, dias antes, e o estado da rodovia entre as duas cidades estava péssimo. Em fase inicial de construção para o asfaltamento, formaram-se vários atoleiros em seu leito de terra. Não me aconselhavam passar por ela, mas julguei que ir pela estrada velha seria pior. Vou pela nova, mesmo sendo perigosa. Já nos primeiros quilômetros surgiram os atoleiros, alguns atravessavando a rodovia! Se caminhões passavam, por que eu não haveria de passar.

Fiquei em um deles no início. Meu carro, um Corcelzinho amarelo, o Corcel Ford que dera certo, era bom no barro, se colocasse peso na tração dianteira. Coloquei as duas gurias em cima do capô que, com força, balançavam o Corcel para vencer o barro e fazer a travessia. Vencemos o primeiro obstáculo com poucos respingos de barro. As garotas voltaram para dentro do veículo, e pé no fundo pela nova BR, que um dia seria asfaltada.

Mais adiante, outro atoleiro, do qual não foi possível desviar, e as bravas gurias subiram de novo no capô. Esse atoleiro me surpreendeu, dera "peludo" de marca, diziam os caminhoneiros. Manobrando o Corcelzinho amarelo para um lado e outro transpusemos o pior deles.

Descanso para as novas universitárias, assustadas, que não esperavam por isso. Havia pressa e o negócio era agüentar essa peripécia de viagem.

Lá adiante, outro "peludo" nos desafiou, um pouco antes de chegar em Val de Serra. Novamente as jovens firmaram-se no capô, em cuja faina, certamente, mereceriam nota de craques nesse vestibular, e acabaram cantando toadas de Teixeirinha.

Até que foi divertido. Preocupava-me com a volta que deveria ocorrer no dia seguinte. No entretempo da renovação de matrícula na universidade, matutei uma nova forma de poder regressar.

Fui à estação ferroviária e me informei se havia um jeito de embarcar meu Corcelzinho, e nós iríamos como passageiros. Deram-me o custo das passagens e a hora de partida, embarcaria o carro logo ao amanhecer. Adquiri as passagens e fui ao encontro das jovens estudantes. Vamos voltar de trem, disse-lhes.

À noite jantamos na galeteria Vera Cruz, o saboroso galeto de "primo canto" com um bom vinho, que nos fez esquecer um pouco a turbulência da estrada. Dormimos tranqüilos em hotel próximo à estação ferroviária. Na manhã seguinte embarcamos todos. O mais calmo era o meu Corcel, o valente. O desembarque ocorreu na gare da ferroviária de Cruz Alta.

"Óspie, o trator sumiu!"
"Sumiu não, mergulhou no Ingaí."

A mecanização das lavouras começou por Cruz Alta. Creio que Sede Vitória foi uma das primeiras localidades a receber máquinas agrícolas. José Antônio Rubin adquiriu o primeiro tratorzinho Ford, o segundo foi Aparício Martins Stefanello, ambos meus tios.

Os tratores, antes de entrarem em operação, ficavam expostos em Sede Vitória, grande era a curiosidade dos produtores para ver o trator que lavraria a terra por muitas juntas de bois. Naquela época não se falava em cultivar soja, mas trigo.

Em meados de 1939, houve esse pequeno inicio de mecanização que aumentou no ano seguinte, 1940. Crescia o interesse dos agricultores que, em maior número, se habilitavam no Banco do Brasil para comprar seu trator financiado.

A cultura do trigo não apresentava bons rendimentos sem emprego de adubo, só os mais afoitos se jogavam a risco maior.

Aparício, arrojado em tudo, arrendou cerca de 100 quadras de sesmarias de campo, de Marcial Terra e de seu filho Balbino Terra. Mecanizou toda a área de quase 9 mil hectares, aventura empresarial de proporções para o pioneirismo nos campos de barba-de-bode no interior de Cruz Alta, Boa Vista e Colorados, desapropriados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) para abrigar os *afogados do Passo Real*. Boa Vista do Incra com a emancipação ganhou esse nome,

e é município. Depois subarrendou parte da área a parentes e amigos, a lavoura sobressaiu-se, a mecanização ganhara importância.

Recebendo as indenizações das benfeitorias, Aparício, mudou-se para Dourados (MS). Culto e devotado ao trabalho, em seu estilo aventureiro do "vai ou racha" montou outra grande empresa agrícola em Dourados. Prosperava, sabia administrar, atraiu muitas famílias daqui para aquela nova fronteira agrícola, todas prosperaram: Dourados, Ponta Porã, Sidrolândia testemunham isso para o novo Brasil agrícola, já consorciando a pecuária.

Com a troca de proprietários, cerca de trinta famílias que ali subarrendavam as terras de meu tio Aparício, mudaram-se também para Mato Grosso do Sul, os reassentados tomaram seu lugar e também prosperaram sob a coordenação do INCRA que desapropriara esta área.

No outro lado do rio Ingaí, que margeia Boa Vista do Incra e Colorados, as propriedades de área maior se dividiram e foram adquiridas pelas famílias Librelotto, Soares, Meinen, Scapim e Rocha, prosseguindo a mecanização com os cultivos de trigo, soja e milho, desde 1945, me parece.

Jorge Librelotto arrendara uma gleba relativamente grande de campo, às margens do rio Ingaí, Portão. As terras eram férteis, campos de gravatais, algumas várzeas e banhados próprios à cultura de arroz.

Homem afeito ao trabalho da lavoura, começara logo a lavragem das terras. Fizera acampamento à beira da restinga de escassas árvores, bem à margem do rio. Ergueu às pressas um galpãozinho de pau-a-pique e coberto de capim santa-fé, abundante na propriedade. Árvores, açoita-cavalos, aroeiras, camboatãs sombreavam o local próximo. O fogão de pedra no chão, o pessoal, três ou quatro, dormia no jirau. João Paes era um de seus empregados, preto velho trabalhador. Jorge ansiava com os negócios, com o trabalho quando estes emperravam ou sofriam contratempos.

Certo dia ele chegara mais cedo da manhã da lavragem, incomodado com o Maximino, seu filho, porque este não colocara combustível suficiente no tanque do trator, não enchera todo o tanque. Estava perdendo tempo de trabalho. Parou o trator, ao lado do tonel, para encher uma lata de combustível, valendo-se de uma manga própria para depois

transferi-lo ao trator. Vira-se com a lata cheia, quando vê o trator rodando sozinho em direção ao rio. Grita por socorro, deixara o trator desembreado, destravado por descuido e pressa; sem tempo, o trator sumiu caindo no rio a cavalo de uma aroeira que vergou com o peso do trator. Barranco de dois metros e tanto, máquina lá embaixo n´água. "Óspie, facilitei!" *Bestemou* olhando o trator daquele jeito: "no, no, Óspie, dio varda lá". Maximino correu pedir ajuda a lavoureiros próximos. Com a ajuda de caminhão e tratores dos vizinhos, o trator afogado foi retirado do rio Ingaí.

Não chegou a ser um grande acidente, foi, acima de tudo, um alerta que pressa demasiada, invariavelmente, não ajuda no trabalho. Nesses tempos de lavoureiros pioneiros da agricultura mecanizada, dívidas para pagar, o nome a preservar, o sustento da família, os estudos para filhos, era feito sem tempo a perder. Tudo isso pressionava os homens da terra, como Jorge Librelotto, um brioso pioneiro da agricultura mecanizada.

Peregrinos pedem intercessão de um padre santo que morreu em Sede Aurora

Antes de escrever o que apuramos sobre a vida e morte do saudoso padre Paulo Bortolini, que por muitos anos trabalhou nessa comunidade de Sede Aurora, queremos historiar sucintamente alguns aspectos do núcleo e da região abrangidos pela influência da Paróquia de Nossa Senhora da Saúde.

Sede Aurora chamava-se antigamente Mato Castelhano. Era uma colônia de terras cercadas pelos rios Jacuí e Jacuí Mirim, que nos confins do município de Ibirubá confluíram, hoje formando o grande lago da barragem do Passo Real.

Seus primórdios foram bafejados intensamente pelo progresso das lides agrícolas, o povoado crescera e a colônia alcançava um estágio de muita produção, graças às famílias oriundas de Guaporé, Encantado,

Garibaldi, de descendência italiana, e outra parte de origem alemã, afora algumas famílias lusas e mestiças que completavam a formação étnica do território de Sede Aurora.

Transformara-se também em forte centro comercial, favorecido de certo modo, pela influência exercida em toda uma região, que se estendia pela própria área da Paróquia Nossa Senhora da Saúde: Fortaleza dos Valos, Portão, Rincão dos Valos, Sede Vitória, São José de Campos Borges, Mundo Novo, Quinze de Novembro.

Havia muitos anos que a antiga Colônia de Mato Castelhano, depois Sede Aurora até hoje, desenvolvia-se intensamente. Formara-se de famílias oriundas de Guaporé, Encantado, Garibaldi, em sua maioria, que se dedicavam às culturas de trigo, feijão, milho, uva, fumo de corda e de galpão.

A madeira era explorada por serrarias, chegando mesmo a haver uma grande indústria de compensados e laminados, que mais tarde foi transferida para Pato Branco, Paraná.

Sede Aurora era um grande centro comercial que se projetou rapidamente com a fundação da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, integrando sua área de abrangência religiosa as localidades de Fortaleza dos Valos, Portão, Rincão dos Valos, Esquina Gaúcha, Sede Vitória, Mundo Novo, Campos Borges e Quinze de Novembro, entre outras por onde se erguiam igrejas e capelas de confissão católica.

O primeiro pároco de Sede Aurora foi o padre Paulo Bortolini, homem de vigorosa convicção cristã, piedoso e submetido a vida de muito trabalho e sacrifício. Eram tempos de muita fé e religiosidade.

O povo lotava os templos, participava das missas e dos demais atos religiosos em todos os domingos e dias santos.

Padre Paulo Bortolini dava exemplos extraordinários de devoção e cristandade. Percorria as longas distâncias que separavam uma localidade de outra para realizar o santo oficio dominical ou levar assistência religiosa a seus fiéis. A cavalo por picadas e atoleiros, pois estradas regulares nem havia naqueles tempos, padre Paulo missionava esperanças, dialogava com o povo, dava-lhe conselhos, semeava ensinamentos de união, fraternidade, amor e caridade.

Um padre santo que impressionava; onde estivesse, sentia-se espargir de sua natureza uma força envolvente, telérgica até, pelos reflexos de bondade, ânimo e muita coragem que refletia, parece até que misteriosamente, não só como um homem de Deus, devotadíssimo a ensinar e a ajudar seus fiéis a palmilhar os caminhos da busca constante de Cristo, da fé e da proteção de Nossa Senhora.

Promoveu e conseguiu construir a gruta de pedras semipreciosas, obra realizada praticamente pelos próprios colonos, onde se venera Nossa Senhora de Lourdes. E a majestosa Igreja Matriz de Sede Aurora.

Padre Paulo preocupava-se muito também com o lado material, além do temporal, que lhe absorvia quase o tempo todo, horas sem fim, noites afora, madrugadas a serviço de Deus, para que a luz da salvação permanecesse em todos os corações.

Sentindo falta de assistência aos trabalhadores rurais, a baixa rentabilidade dos colonos com seus processos de cultivo rudimentares, padre Paulo Bortolini iniciou uma campanha de orientação direta à colônia, não por tê-la suficiente de bancas de ensino técnico, mas que adquirira pela prática, observação e experiência própria. Conseguindo uma pequena gleba de terra, próxima à sede da paróquia, organizou nela uma criação de aves, suínos e de algumas vacas leiteiras. Milho, mandioca, batata-doce, além de pastos, como alfafa, aveia, feijão miúdo, capins diversos, constituíam as principais para auxiliar as criações de animais e chegava, como afirma a sra. Adelaide Galera, a produzir porco "de 570 quilos, pesado à frente de muita gente para mostrar-lhe a importância daquele trabalho, um exemplo".

Da tribuna evangélica, roubava uns minutos para falar aos colonos da necessidade de eles melhorarem determinadas práticas de trabalho agrícola, sistemas criatórios, alimentação dos animais, cuidados de higiene. Reunia-os em sua pequena, mas modelar granjinha, para mostrar os resultados nela obtidos, as vantagens, a lucratividade, sempre boas, que lhe serviam para subsidiar os custos de manutenção dos serviços da Igreja, das caminhadas.

E a paróquia era, em boa parte, assim mantida pelos lucros obtidos pelo padre Paulo com seu mangueirão.

Na casa canônica, passarinhos, aves raras, animais, padre Paulo assemelhava-se a São Francisco, pois tinha verdadeira adoração pelos animais e tratava-os com afeição fora do comum.

Rezava... e muito. Como dizia, em certo momento, "O rosário me acompanha a toda hora", e seus dedos encarquilhados pelo trabalho rústico de fazer a ração e tratar os animais contavam sobre o devoto extremado de Nossa Senhora. Certa vez, padre Paulo cumpria visita à comunidade da Capela de São José de Campos Borges, de jipe, pois aposentara o cavalo; ao fazer a travessia, no rio Jacuí, entre a Linha Trenhagno e Paixão, ao parar em cima da barca, o susto. Logo que embarcou lhe falhou a trava. Padre Paulo exclamou pedindo socorro a Nossa Senhora, "Me salve", e o jipe parou no exato momento em que deveria mergulhar no rio. Barqueiros e ajudantes empurraram o carro para trás. O perigo desapareceu e padre Paulo salvou-se. Caso contrário ele e o jipe mergulhariam nas águas profundas do rio Jacuí.

O fato foi considerado um milagre. Este e outros foram registrados por padre Paulo, cujo corpo está sepultado ao lado da Igreja de Sede Aurora. É hoje local do povo acorrer e junto à sua sepultura pedir-lhe proteção e graças.

Padre Paulo Bortolini um exemplo de homem simples e extremamente dedicado a seus paroquianos que o veneravam e o têm como padre santo[2].

A ponte que a comunidade tanto esperava foi construída

No governo do prefeito Aristides de Morais Gomes, mais conhecido como Tidinho Gomes, foi construída uma grande ponte de madeira entre Sede Aurora e Sede Vitória. A ponte garantiu a ligação rodo-

2. O texto tem contribuição do professor e doutor em comunicação da UFSM Adair Caetano Peruzzollo, ex-copreliano.

viária para Sede Vitória, Fortaleza dos Valos e Cruz Alta. Apareceu linha de ônibus e as coisas melhoraram. Na inauguração da ponte o prefeito apareceu e naquele dia também foi inaugurada a nova Igreja Matriz de belo estilo gótico.

Ainda morava em Sede Aurora, Vitória, no Capão Doce, doce mel, doce por causa das abelhas, das "oropas" que havia pelos ocos dos matos. Padre Paulo pedira-me para fazer um discurso bem bonito nas inaugurações, agradecendo e elogiando o prefeito, as autoridades e o povo que ajudou. Passei algumas noites de lampião aceso, para escrever o discurso que ensaiava no mato. No dia das inaugurações, em um palanque armado em frente à igreja, proferi aquele discurso que fora revisto pelo padre Bortolini. Foi uma grande festa para comemorar aquele evento. Mudei-me logo para Sede Aurora.

Atualmente, Sede Aurora é um refúgio para muitas pessoas que vêm de toda região, com dezenas de balneários, áreas de camping, restaurantes, arborização, caminhos diversos e uma natureza exuberante, um brio de jóias cintilantes ainda mais no pôr-do-sol, que embebeda poeta e sonhadores.

"Vem cá moço, me dê à mão, vamos ver a sorte."

La buena dicha, dizem algumas ciganas. Chamava-se Catarina a ciganinha que me seduziu com seu olhar inebriante. "Vem cá moço, estou vendo o teu futuro, me dê tua mão." Nem tive tempo de me esquivar e a cigana pegou minha mão e metralhou um rosário de palavras, "Tu serás um grande homem".

Que lábia! "Teu destino está escrito na palma da mão", sapecava a ciganinha que me levou uns trocados, o preço de trabalho adivinhatório, que psicologia possuía a cigana! Eu morava em Sede Aurora, os ciganos haviam acampado no terreno defronte à Igreja Matriz, era um bando bem numeroso.

Transcorridos dias, a ciganinha voltou a me perseguir, "Basta de *buena dicha*", lhe disse. Ela explicou-me que queria falar comigo, não para ver a sorte, mas para convidar-me para jantar no acampamento. O convite quem fazia eram seus pais. Desejavam conversar, conhecer-me. Ela lhes falara que descobrira em mim uma pessoa muito especial.

Um tanto receoso acompanhei a mulher esbelta, morena de feição suave e olhar penetrante verde-amendoado.

Expedita vestia-se bem, saia longa, blusa salpicada de flores, cabelos em trança, sempre que dava jeito tocava de leve minha mão e sorria. Essa cigana quer seduzir-me, pensei.

Ao redor do fogão de chapa, as panelas fumegavam e a cigana mãe, que lidava com o preparo do jantar, e o cigano chefe me receberam com cordialidade. Deram-me uma bebida licorosa, boa de gosto; se era alcoólica, não tinha gradação alta. Perguntaram-me se gostava de ciganos. Eu não ouvira falar mal deles, e nem acreditaria se alguém falasse mal. Considerava-os um povo curioso, inteligente e amigo.

Jorge, o chefe, agradeceu a espontaneidade e me convidou para ocupar lugar à mesa improvisada em umas caixas. Catarina auxiliou a mãe a servir os pratos, adiantando que o principal era um ensopado de lebre com vegetais, muito apreciado pelo Jorge, autor da caçada.

A carne da lebre era frita com os temperos típicos da cozinha cigana, depois acrescentava-se repolho, batata, acelga e refogava-se tudo. Arroz com açafrão, pão e vinho, um banquete cigano que ofereceram sob a lona do acampamento cigano em Sede Aurora, em torno de 1954.

A ciganinha, antes de seguir com o grupo chefiado por seu pai, procurou-me em meu local de trabalho para se despedir, anunciando que voltaria a me procurar. Ela pressentia que seu futuro estava ligado ao meu, não importava minha condição civil naquele momento.

O tempo não apagou a lembrança da ciganinha. Ela voltou e eu não morava mais em Sede Aurora, já me mudara para Ibirubá, e operava a emissora. Um fim de tarde de domingo, após as transmissões esportivas no estádio Carlos Jacob Simon, do Grêmio Esportivo Ibirubá, um grupo de ciganas invade o salão e os estúdios da Rádio nos altos do edifício E.

Fleck Cia. À frente dele, Catarina, que me reconhece, me abraça e beija. Quer que a deixe dançar com seu grupo. Não tive como negar-lhe o pedido; eles dançaram e cantaram à vontade, surpreendendo os ouvintes da emissora. "O que é isso, seu Olavo, a Rádio Ibirubá virou cigana?" O fato repercutiu positivamente para a maioria. Para a menor parte – puritana – a dança dos ciganos foi um escândalo e até comentários desabonadores me foram dirigidos.

Só o tempo mesmo para apagar o veneno do olhar embevecedor da ciganinha que me seduziu, uma beleza de mulher. Cigana ou gitana, herança étnica de povo nômade, errante, procedente do norte da Índia conheci nas "morerias" de Madri, Granada, Espanha.

Assisti a vibrantes apresentações gitanas flamencas, esfuziantes cantares e sapateios cadenciados que, sob o soar de castanholas, me fizeram sentir o lamento triste de um povo sem pátria, à margem da história. Por pouco não me tornei cigano. A ciganinha, de fato, era uma esmeralda, um talismã que brilhara em meu caminho. Todavia, o destino me imantara, e nenhum talismã me prenderia.

"Tu já comeste *Eisbein* com *Kartoffel*?"

Certo dia dirigia-me a Quinze de Novembro, o que fazia regularmente, de Sede Aurora, onde morava.

Ao passar em frente à casa de Fredolino Müller, vi-o no pátio, parei o jipe e fui cumprimentá-lo. Na verdade, agradecer-lhe o auxilio que me dera para sair de atoleiro na rampa em frente à sua moradia. Há poucos dias ficara ali, pois nem à força das quatro rodas o jipe se mexia, eu necessitara de junta de bois. Carregava cadáveres de mãe e filha Benetta que faleceram no hospital de Passo do Lagoão. Naquele fatídico dia, agradeci-o apenas com um aceno de mão.

Conversamos, ele mostrava-me às inovações que vinha desenvolvendo em sua propriedade. Começara uma criação de ovelhas, o que

não era comum nas colônias, a de cabras sim, havia algumas. Criação de vacas leiteiras, suínos e aves Fredolino tinha em bom número. No mais, praticava os cultivos tradicionais de milho, feijão, mandioca, cana-de-açúcar. Prendera-me a curiosidade do empenho à terra, um colono que avançava, progredia.

Fez-me muitas perguntas, tocantes à minha pessoa, ouvira falar de mim, espalhavam-se comentários de que escrevia para os jornais da capital, denunciava negociatas, defendia os colonos. O tempo foi passando, fiz menção de despedir-me quando Fredolino me convidou "Tu não vais embora, almoça comigo". Que almoço! "Hoje tu vai conhecer um pouco da comida alemã", me disse.

Frau Müller arrumava a mesa e logo notei que os pratos não me eram todos conhecidos, arroz, feijão, batata, eu cohecia, mas outros não.

Fredolino explicava e me servia, "já comeu patate com patate", e me enchia o prato de *Kartoffel* cozida e frita, isso é chucrute, e me detalhava como se fazia. O repolho era prensado em meia barrica, depois salgado e cortado e nela era fermendado. A barrica de chucrute ficava ao lado da mesa. O outro chucrute era feito com repolho roxo, mas este Fredolino não fazia, embora fosse este que fazia sucesso nos restaurantes de culinária alemã.

Conversando e comendo, saboreei os pratos de fervidos. *Eisbein* – joelho de porco –, costelas com lombo defumado, salsichão, variedade de comida gostosa que só bom estômago agüenta, agüentei.

Em contrapartida, nem falei dos pratos da culinária italiana; sem tempo, despedi-me do amigo que conhecera de maneira fortuita.

Pois bem, o tempo gira e tive a ventura de conhecer Lauro Müller, seu neto, na academia de física Movimento de Ibirubá, de Andrea Dendena e Cláudio Henkes, que também freqüento. Contou-me o Lauro que seu avô Fredolino viera mais tarde morar nesta cidade e aqui faleceu aos 96 anos de idade.

Lauro Müller é aposentado do Banco do Brasil e empenha-se em estudar e melhorar a história do município. Por conta própria está quase diplomado em grafologia.

A barba-de-bode deu lugar a lindos trigais

O cultivo do cereal-rei, o trigo, ganhava importância econômica no planalto gaúcho. Viera a mecanização estimulada pelo governo e os campos de barba-de-bode deram lugar à triticultura. A soja só expandiu-se mais tarde formando a dupla de culturas trigo–soja. O trigo, porém, era a cultura que gerava maior interesse dos produtores, na época intensamente subsidiada pelo Banco do Brasil.

No início, Cruz Alta liderava a mecanização das lavouras. Faço esses registros de memória, pois morava ainda em Capão Doce, Sede Vitória, interior de Cruz Alta. Fortaleza dos Valos não era nem distrito, e hoje é município celeiro.

Em Cruz Alta, os produtores reuniram-se em setembro de 1957 e fundaram a cooperativa de produtores, a Cotricruz. O incentivo à cultura do trigo aumentava e, com ele, surgiu o interesse pela realização de uma Conferência Nacional do Trigo. Esse evento alcançou amplitude nacional, repercutiu nos meios da agricultura brasileira. Começava assim a revolução verde, e a barba-de-bode dava lugar às belas searas dos trigais.

A Conferência Nacional do Trigo, que mais tarde foi transformada em Fenatrigo, foi iniciada por volta de 1945, no Clube Internacional de Cruz Alta, sob a presidência do deputado Daniel Dipp, pai do atual prefeito de Passo Fundo, Airton Antônio Dipp.

Secretariou-a o deputado Marcial Terra, que delegou a mim secretariá-la de fato. Na verdade, ajudei-o nos registros pontuais de debates e proposições.

Unírio Carrera Machado, deputado federal, teve papel muito relevante na feira, como integrante da comissão de legisladores da frente em defesa da triticultura nacional. Nestor Jost, também deputado federal, e depois presidente do Banco do Brasil, projetou a agricultura mecanizada. Foram tantos os homens públicos que se posicionaram em favor de tão nobre cultura, que menciono apenas alguns, embora fizesse justiça se pudesse citá-los todos.

Inescrupulosa negociata de moageiros prejudica triticultores

Ainda guri, eu devia ter uns treze anos, certo dia curioso, bombeava o que conversavam em uma roda de pessoas, e meu pai fazia parte dela. Se bem me lembro, era lá por meados de 1940, e a conversa girava em torno de negociata que os moageiros praticavam contra os interesses dos plantadores do cereal-rei. Agucei bem o ouvido para me inteirar do assunto.

Entre os produtores do círculo em questão que ocorria em Sede Vitória estavam presentes Luiz Stefanello, meu padrinho, Herculano Soares, Francisco Rodrigues de Siqueira, João Antônio Rubin, Cândido Gomes da Silva, João Baptista Librelotto, João Tomasi, Alexandre Stefanello e Pedro, meu pai. Cândido informava que ouvira falar que os moageiros apresentavam notas de compra de trigo nacional, tudo direitinho, pagando o preço estipulado pelo governo ao produtor e, em contrapartida, lhes seria concedida a respectiva licença para importar cotas de trigo, trigo que vinha com preço reduzido, subsidiado. A diferença de preço do trigo importado para o nacional era para manter o equilíbrio do custo da farinha de consumo e para incentivar os produtores no cultivo do cereal-rei.

Mas os moageiros usavam de esperteza, espertezas que no Brasil são muito comuns. As notas de aquisição do trigo nacional eram frias. Lucravam com isso elevadas somas em detrimento do trabalhador do campo. Era, na verdade, o trigo papel, ou o passeio do trigo papel, entre outros.

Meu pai também informava o que Cândido contara sobre essa negociata e apontava moinhos, de Júlio de Castilhos e de Cruz Alta, como infratores.

Na noite daquele dia, em casa, perguntei melhor ao meu pai sobre o assunto. Pensara em rascunhar uma notícia para o jornal *A Nação*[3], de

3. Jornal *A Nação* teve grande penetração nas regiões coloniais do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Porto Alegre, do qual era correspondente. Pretendia assim denunciar os moageiros que estavam nos prejudicando.

O suor do nosso trabalho resultava em nada. O trigo que produzíamos ficava à margem, sem preço e sem comprador. Escrevinhei a denúncia com caneta tinteiro de bico de pena, mostrei-a ao pai que a aprovou, e a remeti pelo correio. Qual não foi minha surpresa ao ver, na semana seguinte, estampada a notícia em letras garrafais, dominando a contracapa do jornal: *Inescrupulosa negociata de moageiros prejudica os triticultores serranos*.

A notícia, de certo modo, foi publicada assim: "Do correspondente...", e seguia o texto não tão bem como o escrevera, mas mais bem formulado. Vibrei, vibraram os colonos de Sede Vitória, Sede Aurora. Cândido, o mais letrado deles e meu segundo professor, me lascou essa: "Oigatê guri, bueno, te saíste muito bem! É isso mesmo que temos de fazer, denunciar esses magnatas que nos enganam!".

Efetivamente, aquela notícia-denúncia repercutiu no país.

Se os triticultores, naquela fase já apelidados de *tristecultores*, ganharam com a descoberta da negociata do trigo papel, ganharam com o fim do trigo papel e com a reformulação da política de proteção à triticultura nacional. Parece-me que não durou muito.

Dormimos na cabine de caminhão, a barca não dera passagem no rio Taquari em Mariante

Cerração fechada impedira a travessia no rio Taquari, era noite fria de inverno, eu e Armindo Brenner, ele natural de Quinze de Novembro e eu de Sede Aurora. Uma cruel, braba noite para passar apertados na cabine do caminhão, sem qualquer tipo de cobertor.

Brenner era motorista e comerciante. Foi pessoa muito estimada, como seu irmão Lino, seu pai Breno e outros familiares. Nessas entrelinhas destaco o nome de Armando Müller, comerciante e vereador na Câmara Municipal de Ibirubá, que representava Quinze de Novembro.

Igualmente cito com emoção o escrivão do distrito Libório Maurer e não por último o ilustre cidadão Edmundo Prante. Ambos foram presidentes e vereadores da Câmara Municipal de Ibirubá. Edmundo Prante foi o primeiro presidente do legislativo.

Volto a falar da viagem. Ô! viagem ingrata, transportávamos carga de trigo para Porto Alegre, a negociaríamos em Canoas, o trigo não valia nada, e depois iríamos à capital comprar mercadorias para a loja.

Próximo ao Mercado Público de Porto Alegre, o Melão ali se encontrava e nos chamou. Adolfo Christmann, o impagável Melão, também viera de caminhão à capital. Estacionamos o nosso. O Melão era figura folclórica de Ibirubá, pessoa boníssima e alegre toda vida. Achava-se em sua companhia Alberto Borhz, o Esporão, outro símbolo dos ibirubenses que não sabiam ficar tristes. Este, sempre que viajava, transportava seu bandoneon. Não deixava a vida ficar amarga.

Fomos para o boteco-bar ao lado, na parte externa do mercado. Melão falava alto ao dono do botequim, "Faça rápido, me alcance um copo liso de cachaça da boa, mas depressa... rápido", e gesticulava. O dono do bar espantou-se e lhe perguntou, porque tanta pressa? "Sabe por quê, senão não fico bêbado até o meio-dia" e olhava para o relógio, "Bah, já são dez horas."

Era aquela risada, o Melão era assim. Brincava a valer sem eira nem beira, um alegre encontro, e mais alegre ficou quando o Esporão espichou o bandoneon, aglomerou-se povo ao redor, lá ao lado do Mercado Público de Porto Alegre, para ouvir o som típico daquele instrumento que expressava mais do que palavras, a emoção e o sentimento das colônias do Alto Jacuí.

Sabor amazônico servido em cocho de boi

Milton Décio, o mais velho de meus filhos, passara em concurso do Banco do Brasil, tendo assumido na recém-criada agência de Ibirubá. A inauguração da agência ocorreu no dia 30 de outubro de 1968,

tendo como primeiro presidente Carlos Henrique Glufke. Inaugurou-a Nestor Jost, mais tarde ministro da República.

Vastamente relacionado com as comunidades, Milton tornara-se logo referência para estudar empréstimos e negócios com o banco oficial de crédito, deferindo-os sem muita burocracia, o que era de sua competência. Seu objetivo no banco, no entanto, era fazer carreira. Concluir a faculdade de Economia que freqüentava em Cruz Alta e ousar posição melhor. Conseguiu. Logo foi designado para gerente da agência do Banco do Brasil de Bragança, cidade com 80 mil habitantes, a segunda em importância histórica no estado do Pará. Uma cidade às margens do rio Caité, há 30 quilômetros da praia Ajurutea por asfalto e a 5 do mar, pelo rio. Centro pesqueiro e de cultivo de feijão de corda, malva, pimenta-do-reino, dendê, papaia e farinha-de-mandioca, aquela amarelinha, famosa, que obedece ainda a uma fabricação artesanal indígena nortista.

Aquela agência tivera problema administrativo. Milton estava substituindo um gerente que se complicara com o banco e sua missão era reconceituá-lo na clientela de sua abrangência. Com habilidade e dedicação, conseguiu o que a diretoria do banco de Belém e de Brasília esperavam dele. Dinamizou todas as operações de crédito e granjeou apoio e simpatia da população. É verdade, contava-me Milton, teve de enfrentar situações delicadas com certos políticos habituados a negócios escusos com o banco. Freou as safadezas e moralizou a atuação da agência em todos os sentidos.

Ambientara-se com os costumes bragantinos. A distância entre os familiares do sul aumentava a saudade, o convívio. Sabrina, minha neta, insistia com Vera, sua mãe, que trabalhava no mesmo banco, para telefonar chamando-nos, eu e meu avô Pedro, para visitá-los. Sabrina, Betina e Bianca, minhas netas, ansiavam por esse encontro. Sabrina já é médica. Betina e Bianca estão a caminho para formarem-se em medicina também.

O dia felizmente chegou, convenci meu pai, na raia de seus oitenta anos, a viajar a Belém. Seu neto Milton, o mais chegado a ele, falava-lhe da abundância de caça e pesca, que viesse para umas férias de festa e para conhecer o outro lado do Brasil, o Brasil do Norte, ou do Grã-Pará.

De Porto Alegre ao Rio e de lá a Belém desembarcamos às 23 horas na capital paraense. Meu pai sentiu a mudança de clima, pois naquela hora da noite a temperatura oscilava pelos 30 graus.

De lá o Milton transportou-nos a Bragança aonde chegamos depois de duas horas de estrada. Fizeram uma recepção festiva para nós, Vera e as filhas, Sabrina a mais expansiva, e todos curtiram aquele feliz reencontro. Por fim, descansar foi o convite daquela cálida noite bragantina. Pressenti que o pai dormira pouco, remexia-se na cama. Longe de sua querência, ansiava certamente por ver e conhecer o que vira o Milton lhe contar.

Levantou cedo, antes de todos, era seu hábito dar umas baforadas de cachimbo e caminhar fora de casa, na rua. Nessa manhã avistou um caboclo que vinha em sua direção, chapéu grande na cabeça, camisa surrada, calça com remendos e pés no chão, com duas pacas, uma em cada mão. O pai nem esperou o caçador oferecer-lhe as pacas, pediu se era de venda. Pagou 30 pilas pela caça, que trocou de mão. Entrou em casa, acordando quem não acordara, com os bichinhos nas mãos, cerca de 15 quilos limpos e prontos para o assado. Pedro recordava as caçadas que fizera em Capão Doce, havia caça abundante, de várias espécies, hoje infelizmente quase em extinção.

Visitamos a cidade, o mercado público, gente do interior com todo tipo de mercadoria e artesanato à venda; os pescadores, que regressavam do mar pelo rio Caité, atracavam seus barcos no porto e expunham os peixes ao público. Uma variedade enorme de pescado, entre os quais destaque para a pescada dourada, uma excelência de carne para ser saboreada assada, em caldeirada ou em filés.

Tudo era novidade para meu pai, tanta gente envolvida com o comércio no Mercado Público de Bragança. Tinha nome. Não só pela abundância de frutos do mar, mas pelos caranguejos que se reproduziam nos manguezais, os maiores do país.

Entre Bragança e a praia de Ajuruteua espalham-se os manguezais, hábitat natural dos caranguejos, uma iguaria que pede mais proteção e dá sustento a aproximadamente mil famílias só em Bragança e arredores.

No modesto restaurante Veni Quá, em plena cidade, degustamos gostosas sopas de caranguejos. Era do que eu mais gostava. Lá aproveitam a carne dos bichinhos, trabalho que as mulheres experientes e catadoras fazem tirando-lhes as patinhas. É trabalho diário limpar caranguejo e extrair sua carne. O tempo que permanecemos em Bragança foram dias de muita curtição e prazer. O encanto selvagem da praia Ajuruteua não tem igual. Tudo ali respira o que há de melhor da natureza. Até pescaria fizemos no rio Caité, em Bocajuba e outras mais, uma muito importante em Curupaiti, no rio Piriá.

O grande feito foi participar do rodeio de gado na Fazendinha da Curva, à moda nortista, para vacinar a criação. Essa lida virou festa. Peões e vacinadores tiveram atividade quase ininterrupta para vacinar todo o gado, apenas em um dia. Para o almoço do pessoal campeiro, um bom número, foram precisas algumas providências de emergência.

Não havia talheres suficientes, o que havia era pouco. O jeito eu descobri: vamos limpar o cocho de dar sal e ração para o gado, e nele vamos despejar as latas de cozidos de bode, uma especiaria do interior paraense. Acharam graça da idéia, que deu certo. As mulheres que lidavam com a comida, na hora de matar a fome, despejavam ao longo do cocho a carne, o molho e a farinha típica do Pará. Depois de breve espera para esfriar a panelada no cocho, o povo atracou-se com as mãos na farinha, que, revirada no molho e na carne, era jogada na boca e goela abaixo. Todos se fartaram à vontade. E vale água, para rebater a pimenta-de-cheiro e o coentro, que reativava o sabor amazônico daquela bóia servida em cocho de boi.

O *Bragantino*, jornal da cidade, registrou o fato. Também pudera, todos diziam, nunca havíamos comido tão bem, comida tão gostosa como a servida em cocho de boi, na Fazendinha da Curva. Vaqueiros, nortistas, peões e mulheres não se cansavam de rir e achar a festa da bóia no cocho coisa de muita genialidade, pois, nessas horas, o que importa é ter o que comer. E comer com as mãos nada mais é que imitar os árabes. Pratiquei isso lá em Amã, na Jordânia.

Terra de Vila Rica só existe no coração

Certa feita, embrenhei-me campo afora, não conhecia caminho para chegar à sede da fazenda de Victor Wachrich, próxima a Boa Vista do Incra, Colorado. Acredito que era o Carnaval de 1965. Bela fazenda, casarão, àrvores de sombra, lagoa, gadaria, campo verde a perder de vista. Paisagem que me inebriviava. Encontrei-a assim e assim a descrevi, desenhei e pintei na tela de minha memória. Um paraíso em plena campanha.

Victor Wachrich, velho conhecido, recepcionou-me cortezmente, apresentou-me ao senador Tarso Dutra, de imediato, lhe pedia escusas pela minha afoiteza em procurá-lo em meio a seu sossego do Carnaval. "Que nada", me respondeu. "Tu é prefeito, e com certeza estás fazendo o melhor para o teu município."

Conversa aberta, tratei logo do assunto a que viera. Expus-lhe o pleito de Ibirubá ao título de município-modelo com detalhes e enfatizei que jamais o utilizaria para me promover, lutava pela valorização da comunidade. Pedi seu apoio a essa nossa causa. Em contrapartida prometi-lhe apoiá-lo irrestritamente, ou a quem ele indicasse. Nessa hora, já soubera que Tarso Dutra, no final, teria peso na decisão. Senador da República, sua influência política era inconteste.

Nem me fez perguntas de qualquer ordem, garantiu que me apoiaria sem exigências. Disse ainda que me conhecia e não tinha dúvidas de que Ibirubá seria o município ideal ao que o INDA planejara nele realizar. Victor Wachrich que ouvira minha exposição, e ouvira o que o Tarso dissera, reforçou meu pedido:

"Olavo Stefanello também é filho de Júlio de Castilhos e, se o título for para Ibirubá, até me honraria com essa escolha. Stefanello é conterrâneo, por outra, admirava seu pai, Pedro Stefanello Sobrinho, desde Linha 7, Nova Paraíso", ponderou o ex-prefeito de Júlio de Castilhos.

Com essas manifestações de apoio não tive mais dúvidas, Ibirubá seria eleito município-modelo. De conversa e chimarrão, o dia foi passando, não queria me demorar, Victor Wachrich provocou-me para um café de mesa farta, "a tarde ainda é longa".

Longa, porém, foi a conversa que se enveredou ao de ser vila-riquense ou castilhense. Eu dissera que gostaria do nome de Vila Rica, não o de Júlio de Castilhos, mas o de Vila Rica era um nome mais simpático, emotivo e tinha história.

Tarso Dutra entrou na conversa, não divergia, não achava nada justo mudar o nome de uma localidade sem respeitar-lhe a história. Victor Wachrich concordou com meu pensamento, a troca de nomes, em geral, era feita sem critério, e não raro por impulso político, desmerecendo nomes de expressão histórica e cultural, nascidos no meio do povo.

Com meia conquista do município-modelo, despedi-me da fazenda de Victor Wachrich. Ô Carnaval danado de bom!

E com a Terra de Vila Rica no coração, pensando que existem tantas outras formas e lugares sem nomes que bem poderiam homenagear figuras beneméritas sem apagar nomes históricos, como o de Vila Rica por Júlio de Castilhos. Vila Rica tem história, retrata-a com alma Firmino Costa, ilustre odontólogo vila-riquense, embora de coração como ele mesmo afirma.

Em prosa e verso Firmino Costa enaltece a Terra de Vila Rica com livro de igual nome, uma preciosidade esmeraldina, histórica e comovedora.

Escreveu: "Terra de Vila Rica não é apenas um caminho, uma fazenda, um lugar do planalto, um pedaço do Rio Grande. Essa Terra só existe em nosso coração. É um título-ternura, um nome carinhoso que demos à terra que viu a mamãe-menina saltar, voar com asas de criança. A terra que nos acolheu como filho e onde exercemos a odontologia por mais de 32 anos. Eu moro aqui. Eu vivo aqui. Nasceram aqui meus filhos".

Aprofunda o nome de Vila Rica, eterniza-a na poesia:

"Era um mar verde ondulado, de onde a brisa trazia o doce aroma dos campos; João Alvarenga, então, limpou a sua fronte honrada, o suor de muitas jornadas, e desceu para a restinga, na sombra da mata escura.

"E voltou ao coxilhão. Uma alegria sem fim... iluminava seu rosto.

"No seu instinto pioneiro, a gloria da descoberta enchia-lhe o coração.

"E no lugar da boa vista, o lugar da terra certa:

"É aqui! E descansou..."

Firmino Costa finaliza seu poema:

"O resto da bela história que esta terra identifica é a história de minha terra. A história doce e singela da terra de Vila Rica".

Para mim, revivo com a poesia de Firmino Costa, antes de ser castilhense, sou vila-riquense, modesto filho da terra de Vila Rica.

Guerrilheiros de idéias

Politicamente, eu e Cândido Gomes da Silva éramos getulistas, mas não defensores da ditadura. Com o retorno do regime democrático, tínhamos simpatia pelo PSD e PTB, ambos os partidos criados pelo próprio Getúlio Vargas.

Nossas idéias harmonizavam-se e pendiam mais na linha política e doutrinária do vilariquense, conterrâneo meu, Alberto Pasqualini, que fundara a União Socialista Brasileira (USB), que, a pedido de Getúlio, transferiu todo seu ideário político partidário ao PTB. Foi ele que deu forma e consistência ao trabalhismo.

O Partido Lidertador (PL), que vigorava antes da revolução de 64, com o ideal de Raul Pilla, defendia o parlamentarismo, uma esperança política; acabou com seu criador e a ditadura militar acabou com o restante dos partidos, criando as siglas Arena e MDB, ambas subdividindo-se em outros partidos que cambaleiam em um deserto de idéias e de bons políticos.

Cândido Gomes da Silva e seus filhos, entre os quais destaco Heraclides de Lima Gomes, pessoas de pouco estudo, mas de muito saber, uniram a iniciativa de fases diversas de minhas lutas. Enumerá-las? Não! Elas foram uma constância, desde o tempo que andava de pé no chão.

Nos intervalos do labor da roça, discutíamos planos para defender o agricultor. Éramos, sem modéstia, forjadores de idéias, projetos, sonhos quiçá. Guerrilheiros dos pampas, certamente mobilizamos, sempre que possível, nossa gente de braços fortes das lidas campesinas, levantávamos movimentos para ações mais corajosas.

Heraclides, Delíbio e Odilon, irmãos, assim como seu pai Cândido eram poetas e trovadores que faziam o repentismo nativista. O testemunho de seus valores não só eu dava, deram-nos o consagrado poeta e escritor Pedro Luiz Botari e o inolvidável tradicionalista Darci Fagundes, homem de rádio que comandava o "Rodeio Farroupilha" na capital gaúcha. Pedro Luiz Botari, fundador e responsável pela construção do monumento de Fátima de Cruz Alta, admirava a família de Cândido, dizia-me que dificilmente vira poetas trovadores tão espontâneos e argumentativos em suas expressões fortes e inteligentes.

Padre Pedro Luiz, comparado ao grande poeta Olegário Mariano, salientou-se como membro da Academia da Poesia Crioula do Rio Grande do Sul.

Cândido veio a falecer na manhã de 19 de abril de 1976, no Hospital Annes Dias de Ibirubá, do qual era sócio e ajudara a fundar. Assim como ajudou a fundar a Rádio Ibirubá e a Coprel. Orgulhava-se de ser ibirubense, além de cruzaltense. Foi vereador em Cruz Alta, subprefeito duas vezes em Fortaleza dos Valos. Em "Estância Fortaleza", uma de suas poesias, magnifica o futuro município, que teve em sua história uma divisão geográfica, por valo cavado no dorso das coxilhas que o circundava, além das confluências dos rios Jacuí Mirim e Ingaí.

A fazenda da história de Fortaleza e de seus Valos existira bem antes de 1900, registram antigas referências.

Poetava Cândido:

Criei-me em estância grande
Donde a vida era dureza
Nos pagos de Fortaleza
Ao recordar nem mais adianta
No brete largo de minha garganta
Saudade negra me devora
Dos lindos tempos de outrora
Na maior das invernadas
A tradição foi pealada
Pelo tempo porteira afora...

Heraclides de Lima Gomes

Natural de Sede Vitória, Fortaleza dos Valos, e filho de Cândido Gomes. Desde guri habituou-se às lides campesinas. Estudou até o quarto livro, mas aprimorou conhecimento com seu pai, que se graduou sargento da Brigada Gaúcha e se especializou em agrimensura e enfermagem. Poetava magnificamente. Era trovador e repentista. Sem dúvida, um dos melhores do Rio Grande do Sul. Destacava-se por sua argumentação consistente e bela. Encantava com seus versos emocionantes. Ambos, Heraclides e Cândido, me ajudaram muito na luta que emprendera para conseguir energia elétrica para as famílias rurais.

Não só na eletrificação, justiça seja feita: Cândido e Heraclides participaram de muitas outras iniciativas de Ibirubá, embora residissem em outro município. Poderíamos citar ainda a constituição da Sociedade Hospitalar Beneficente Professor Annes Dias.

A Coprel, que nascera mais ibirubense, teve na ação participativa desses cooperantes uma razão forte para expandir-se imediatamente a todos os demais municípios, uma vez que o meio rural também esperava pela presença da Coprel.

É inegável o apoio de todas as demais lideranças da região, que foram unânimes e valiosas. Recordo os nomes de Cândido, por ter-me alcançado conhecimento que não obtivera em escola, e do Heraclides de Lima Gomes, por sua contribuição à Coprel. *In memoriam* uma homenagem de saudosa lembrança. Além de cooperante, exercera mandatos de conselheiro.

Discursei em cima de uma pilha de tábuas

Coloninho do interior, eu representava, com um grupo de agricultores de Ibirubá e Fortaleza dos Valos, essa região agrícola na 1ª Semana Ruralista de Tapera. Encerrava-se o evento com a presença do governador Ildo Meneghetti e do presidente da Assembléia Legislativa do estado, o deputado Victor Graeff. Ouvira na segunda vez que ha-

viam-me anunciado para falar. Meio assustado, dirigi-me para o local defronte à mesa das autoridades, onde deveria discursar. Subi em um monte de tábuas, apoiando-me nas pessoas que lotavam o salão. Rompendo aquele silêncio de expectativa, impostei a voz, "Meus Deus, o que vou dizer?", ninguém me avisara que deveria falar. Mas falei e disse que ao cumprimentar tão ilustres homens públicos, Tapera e municípios que se irmanaram na Semana Ruralista, brilhava uma nova alvorada para o progresso do Rio Grande do Sul.

Começaram os aplausos, animei-me continuar, realçando os temas que havíamos tratados durante a semana. Questões como estradas, escolas, preços dos produtos da roça, dos suínos, da saúde pública, dos mais prementes para a família rural e, não por último, a da eletrificação.

Elevei o timbre de voz a meio tom musical, que me ajudou a prosseguir. "Vossas excelências nem imaginam o contentamento que vai em nosso coração tê-los em nosso meio, poder abraçá-los e transmitir-lhes toda nossa admiração por esse ato de bravura que faziam rodando para ouvir o homem do interior, nem se importando com a poeira vermelha e os solavancos dos caminhos. Um fato raro que nos entusiasmava e nos fazia acreditar ainda mais nos elevados propósitos do governo."

De braços estendidos mostrava-lhes as mãos calejadas, enfatizando que redobraríamos o labor na terra para que ela produzisse mais riqueza. Que o nosso suor, e o vigor de nossos braços, braços fortes, e mais fortes doravante, seriam para construir a grandeza do Rio Grande.

Emocionado encerrei a palavra sob aplausos da grande assistência. Meneghetti e Victor Graeff abraçaram-me e me agradeceram. "Bravo gauchito", disseram.

Vestira-me à gaúcha, bombachas, bota, camisa branca, lenço vermelho no pescoço, apenas o chapéu com barbicacho não o trouxera. Era o jeito normal de me vestir.

O governador proferiu seu pronunciamento, mostrava-se encantado com as taperenses famílias rurais, com a Semana Ruralista que debatera assuntos de relevância para o desenvolvimento e bem-estar dos riograndenses. Comunicava que projetara muitas obras para o estado, entre elas a construção da ponte na reversa do rio Taquari, em Mariante,

pontes em várias estradas, estradas melhores e o asfalto que viria a seguir no estado e cuja abertura se fazia necessário antecipar. Na verdade, Meneghetti ficara entusiasmado com a recepção e os aplausos que recebera da comunidade taperense, sendo mais tarde chamado por todos de *Governador das Pontes*.

Victor Graeff empolgara os presentes e, como bom orador, afiançara o empenho da Casa do Povo em defesa da agricultura e de todos os que trabalhavam nela, calejavam as mãos, como aqui nos dissera Stefanello, para que o pão do trigo abençoe as nossas mesas e alimente o nosso povo.

Meus encontros com João Goulart

A primeira vez que me encontrei com Jango, como ficara popularmente conhecido João Goulart, foi em sua estância em São Borja. Ele seria candidato a vice-presidente da República pelo PTB, em uma coligação com o marechal Henrique Teixeira Lott, este candidato a presidente. Jango elegeu-se, ele não. O voto não era vinculado.

Eu havia conseguido o direito de um canal de rádio pela sociedade Emissoras Pioneiras da União Ltda. Cedera-me a concessão Norberto Bonner, proprietário da Rádio Chapecó.

Para entrar no ar de forma comercial precisava habilitá-la na Comissão Técnica da Radiodifusão (CTR), instalada e transmitindo em caráter experimental. E foi o que fiz. Aguardava a autorização da CTR, órgão ligado ao Ministério da Justiça que operava no Rio de Janeiro.

Passavam-se os dias e nada do envio do prefixo. A situação para mim e para os funcionários tornara-se angustiante, pois não havia recursos para cobrir as despesas iniciais, que eram grandes, por isso lançara mão da transmissão de dedicatórias sonoras, mediante uma contribuição mínima dos ouvintes que as ofereciam em ocasiões como aniversários, casamentos, festas e bailes. Dava o mínimo, mas não resolvia, embora desapertasse um pouco. Já corriam dois meses de espera e nada de vir a licença final.

João Goulart viria a São Borja coordenar sua campanha eleitoral. Tomei conhecimento pela imprensa e pensei comigo: "Vou falar com

Jango e solicitar seus préstimos para deferir meu pleito". Acertei com o veterano motorista ibirubense Léo Sehn para levar-me até São Borja. Por estradas de terra, asfalto não havia, chegamos ao destino. João Goulart, na maior simplicidade gaúcha, vestia camisa branca esporte, calça jeans e calçava alpargatas. Barbeava-se quando o cumprimentamos.

Mandou peões que o arrodeavam nos oferecer bancos para sentar. Não demorou muito se colocou à disposição. Expus-lhe o motivo por que o procurava. Depositava nele toda a minha esperança e lhe afirmei apoiá-lo intensamente. Compreendeu tudo e me garantiu que iria entender-se com a direção da CTR.

Como não havíamos almoçado, convidou-nos a saborear um churrasquito de cordeiro, mas que tardaria cerca de uma hora, a carne estava sobre as brasas assando no bom estilo da campanha. Ele teria de lavrar uma escritura de terra que comprara, lindeira à sua fazenda.

Tiramos o pó vermelho da cara no galpão em que os peões assavam o cordeiro. Almoçamos com João Goulart, futuro vice e presidente da República na vaga de Jânio Quadros que renunciara.

No dia seguinte voltamos a Ibirubá. Não fizemos boa viagem devido à poeira e ao mau estado das rodovias. Mas foi boa graças à habilidade de Léo Sehn no volante.

Ainda o prefixo da emissora

Decorriam os meses e o prefixo da rádio não vinha nem com a interveniência de João Goulart, que solicitara em São Borja. E sem outra alternativa à vista, arrumei dinheiro emprestado e me mandei para o Rio de Janeiro. Mais uma vez subo o edifício da Comissão Técnica da Radiodifusão, na avenida Rio Branco, nº 4, para ser recebido pelo diretor. Narrei-lhe minha apertura, sem poder atuar comercialmente com a emissora. A mesma resposta da vez anterior, apenas promessas!

Que fazer? Retirava-me da CTR desolado. Nem bem chegara ao elevador, uma mulher me chamou dizendo que era funcionária da entida-

de e me disse o que eu deveria fazer. "Vá até este escritório, próximo daqui, que um advogado baiano conseguirá liberar o prefixo da rádio, e me deu um bilhete com o endereço."

Agradeci-lhe a informação e me dirigi àquele endereço. Não me dera o nome, apenas que se tratava de advogado baiano. Lá chegando, um preto velho bem encorpado me atendeu. Expliquei o que ele já sabia, a funcionária da CTR lhe telefonara. "Tens de me dar mil cruzeiros e, se possível, ainda hoje o prefixo de sua emissora será concedido. Não te dou recibo do que vais me pagar." Paguei os mil cruzeiros e não quis saber nem do recibo, nem de seu nome. Falou-me que poderia voltar para minha cidade.

De fato o prefixo, por telegrama, chegara à Rádio Ibirubá antes de meu regresso: ZYU-79.

Em Ibirubá, uma festa dos funcionários, inclusive dos comerciantes que me apoiavam financeiramente. Terminara o drama da concessão do prefixo. Uma vitória tardia, mas felizmente vitória. A Rádio Ibirubá entrou no ar definitivamente. Pensava eu, "Esse Brasil tem jeito? Um dia certamente terá!".

Ricardo Hoepper, Plínio Lütz Machado e Ilvedy Weber, Ércio Diesel, Armando Streit, entre outros funcionários, anunciaram solenemente a vitoriosa conquista. Um momento de alegria e festa para Ibirubá e Alto Jacuí.

A Rádio Ibirubá, operando na freqüência 1.240 Mhz, se consolidou. Com vozes conhecidas e almas inquietas, suas ondas sonoras se infiltraram em bares, lares e ruas da região. Músicas alemãs e italianas, programas musicais e homenagens faziam a alegria de uma geração que não conhecia televisão, mas, com muita simplicidade, sabia aproveitar a vida.

Quem foi Jerilu?

Jerilu era menino levado da breca que nasceu em Ibirubá. Seu nome próprio era Leomar Drum, tinha mãe e desconhecia o pai. Um e ou-

tro lhe diziam, quando mais grandinho: "Aquele que estacionou o auto ali, não é teu pai?".

Nessas ocasiões e noutras o que o menino Jerilu aprontava? Sorrateiramente, corria até onde estava o carro e retirava os ventis do automóvel para esvaziá-los.

Quem ficava fulo era o proprietário do automóvel, fosse ele ou não seu pai. Sabia-se, todavia, que referida pessoa era amante da mãe do Jerilu, cidadão de alto conceito e prestígio na cidade.

Serviço de um moleque que os ibirubenses da época conheceram e de quem gostavam por seu jeito expansivo, alegre e provocador. Gostavam dele por seu espírito de se oferecer para trabalhar, ajudar ou prestar pequenas diligências a quem as solicitasse. E assim Jerilu, com o passar do tempo, crescera e todos os dias fazia ponto nos estúdios da Rádio Ibirubá. Inticava com o pessoal que ali trabalhava. Atraía-lhe a emissora, suas transmissões e oferecia-se para desempenhar uma e outra tarefa, e com alegria auxiliava a carregar equipamentos para as reportagens. Essa insistência lhe valeu, finalmente, o que ele mais queria, a função de operador técnico da emissora, em que trabalhou por alguns anos.

De férias, decidiu conhecer a cidade maravilhosa. Embolsou 300 cruzeiros, muito pouco para financiar uma viagem que custaria mais de um mil cruzeiros para ir e voltar. De carona em carona com caminhoneiros, Jerilu chegou ao Rio de Janeiro. Dirigiu-se à praia de Copacabana. Esse era o local que ele mais desejava sentir e conhecer. Jerilu contava com a maior bravura de sua vida.

Surpreendia-se com os banhistas em grande quantidade na bela praia de Copacabana. Nunca imaginara ver tanta mulher bonita e quase sem roupa. "Uma loucura!", exclamava, andando de um lado para outro apreciando os encantos do Rio.

À noite, de plano feito, pediu ao proprietário do bar para guardar a sua mochila. E quase desvestido, enterrava-se na areia e assim passava a noite. Ficou uma semana passeando pelo Rio, visitou os locais mais atraentes, passeou de bondinho no Pão de Açúcar. Segundo ele, quando apertava-lhe a fome, procurava as fruteiras e contava uma história, às vezes um pouco fantasiosas a seus proprietários. Que viera do sul, em

companhia de caminhoneiro, mas este sumira e agora sem dinheiro o que faria para comer e conseguir regressar a Ibirubá. Pedia cascas de banana para comer e até o lixo revirava para encontrar algum resto de frutas em decomposição.

Chorava a desgraça de sua viagem que surtia efeito. Ganhava bananas e até sanduíches. Uma noite bateu em uma delegacia de polícia narrando a situação em que se encontrava. Arrumou lugar para dormir num canto. E a própria polícia ajeitou-lhe carona em caminhão de transporte para ele regressar. Em Vacaria, o motorista que gostava de sua companhia o deixou, seguiria outra rota, Caxias do Sul.

Pegou logo outra carona até chegar a Ibirubá. Na emissora fizeram-lhe uma festa, porque o Jerilu voltou um pouco magro, bronzeara a pele e se vangloriava do feito de ir e vir do Rio de Janeiro com apenas 300 cruzeiros. Um grande feito para um menino pobre de Ibirubá. Mas não parou só nessa viagem aventura. Jerilu alardeava novos planos. Estudaria inglês e viajaria pelo mundo como hippie e andarilho.

Afastou-se da Rádio onde trabalhava de um dia para o outro e sumiu. Ninguém soube para onde foi o Jerilu.

Decorridos uns dois, três anos, Jerilu bate na casa de Milton Décio Stefanello, meu filho, que exercia a gerência do Banco do Brasil na cidade de Bragança, no estado do Pará. Fazem festa. Jerilu convivera com Milton em Ibirubá. Permaneceu dias em Bragança. De mochila nas costas novamente, despediu-se do Milton: "Agora vou atravessar os Andes, vou conhecer aquela maravilha dos incas, Machu Picchu, no Peru". E foi. Falando inglês, espanhol, portunhol. O Jerilu virou uma parte do mundo. O fato que considero mais surpreendente foi o de me encontrar com o Jerilu em Brasília.

Eu saía do Congresso Nacional, sob uma garoa fina, quando alguém me chama pelo nome. Olhei para trás e vi o Jerilu de guarda-chuva em punho correndo em minha direção. Foi um reencontro emocionante. Jerilu contou-me as novas proezas que fizera. Proezas exemplares e educativas. Graças à facilidade de falar inglês que aprendera fluentemente, trabalhava como recepcionista em um dos principais hotéis de Brasília. Trabalhava também no gabinete de um deputado federal, na

Câmara dos Deputados, e esse deputado já lhe propiciara muitas viagens ao Rio de Janeiro.

Jerilu esteve em rápida visita a Ibirubá. Contou-me o Saulo Stefanello. Não consegui revê-lo.

Escrevo esta quase trepidante e curiosa história do Jerilu, o menino pobre, filho de Norma Drum, de Ibirubá. Jerilu transfigura-se num belo exemplo de como superar dificuldades e aperturas da vida. Modesto, mas vencedor.

Dupla do passado

Não esqueço, nem poderia esquecer, da *Dupla do Passado*: Ércio Müller e Armando Spengler, o Tarzan. Ércio no violão e Tarzan na folha de laranjeira; seu forte, no entanto, era a gaita de boca. Assim intrepretavam as saudosas músicas do passado. Ponteavam o programa "Chimarrão da Amizade", muito aplaudido.

O ceguinho da rodoviária

"Olá, olá, Olavo você tá aí? Eu ouço a tua voz. Tu me vê, eu não te vejo, sou cego." Era o ceguinho da rodoviária de Ibirubá. Ele me reconhecia pela voz nos meus eventuais embarques ou desembarques de ônibus no curto tempo de vereador, e depois por ocasião da instalação da emissora.

Dedilhava seu violão, me chamava, e cantava melodias dolentes que me oferecia. Por uns trocadinhos, o ceguinho da Rodoviária cumpria sua triste sina, agarrado em seu violão.

"Olá, olá, Olavo você tá aí?"

Parece que ainda hoje ouço o ceguinho da rodoviária. "Vai em frente, seu Olavo"; ele me ouvia falar na emissora que há pouco entrara no ar. Ajudei-o, levei-o ao microfone da Ibirubá, cantou, o que para ele foi uma glória.

Um menino guiava-o para um e outro local, mas a rodoviária de Ibirubá era seu ponto de ganha-pão, onde almas compadecidas lhe davam uns trocados. Recordo-me com emoção do ceguinho da Rodoviária, ainda mais ele cantando ao som de seu violão, dizendo "Que Deus te abençoe, pra nossa cidade crescer, tu veio do mato, tu veio da roça pra trabaiá com nóis... Ibirubá vai crescer, todo mundo vai trabaiá".

A humildade do ceguinho cheia de sentimentos me comovia.

Guardião da imprensa livre

ARI (Associação Rio-grandense de Imprensa) teve muito a ver com minhas atividades, a partir de Ibirubá. A ela me filiei conduzido pelo jornalista e presidente Alberto André, que me dispensava apoio no campo da comunicação social.

Com Alberto André, historiador de nomeada, vereador porto-alegrense, cidadão de coração aberto e sinceridade indiscutível, solidifiquei grande amizade. Quando não podia comparecer às reuniões da ARI, ele sentia minha ausência e me telefonava para saber do motivo. Nunca o magoei por isso, aceitava as minhas escusas e ficávamos em animada conversa horas a fio.

Homem de convicções, dizia-se brizolista, pertencia e defendia os ideais trabalhistas. Dizia-me que Leonel Brizola era associado da ARI, era jornalista. Assemelhava-se a mim, jornalista por ideal e práticas informativas. Agradava-lhe rememorar fatos, lutas, desafios, uns históricos de relevância, outros políticos, também significativos. A história de Porto Alegre, suas ruas e denominações, ele as escreveu como historiador de alto nível e saber.

A liberdade de imprensa que a ARI sempre defendeu teve na pessoa de Alberto André seu grande guardião.

Acertadamente afirmara o professor Antônio Firmo de Oliveira Gonzalez, que o substituiu na presidência da ARI: "Alberto André não é nome próprio, mas patrimônio vivo da sociedade gaúcha e brasileira".

"Cadê meu bandoneon?"

Festa de muita alegria na Selbach de muito amigos. Ronaldo Schiefelbein viera de Sorriso (MT), onde morava, para visitar parentes, rever compadres e quem mais encontrasse, todos seus amigos.

De banboneon às costas, de bicicleta ou no carro, o carregava toda a vida, companhia inseparável. Música para o Ronaldo é vida, é alegria, chopp é suco de cevada. Bem assim, nesse ambiente, o Ronaldo foi para essa festa de Selbach, povo de toda parte, salão cheio, tarde sorridente de sol.

Nem precisavam pedir, o Ronaldo abria seu bandoneon e tocava músicas de saudosas recordações da velha guarda que o aplaudia e saudava com vivas ao Ronaldo. Outros dançavam valsinhas alemãs com os copos de chopp na mão, era a "Trink, trink, Brüderlein trink".

O Ronaldo pede um chopp, acomoda o bandoneon em cima da mesa próxima. Vem o copo de colarinho branco, que lhe alcançava o garçon. "Ô Ronaldo, que achas da nossa festa?" Boa demais, e faz o chopp borbulhar goela abaixo, "Como tá bom esse chopp", elogiava aquele prazeroso suco de cevada. De gole em gole tomou dois copos de chopp. Seus amigos lhe pediam música. "Ronaldo, senão o chopp não desce liso." O Ronaldo virou-se para pegar o bandoneon onde o deixara, em cima da mesa, a um metro atrás dele. O bandoneon sumira dali, alguém o levara, e formou-se então um alvoroço no meio da festa.

"Cadê meu bandoneon? Quem pegou o bandoneon?", exclamava Ronaldo.

Roubar? Ninguém aqui iria roubar o meu bandoneon, de certo querem fazer brincadeira. Nada disso, o bandoneon sumira mesmo, misteriosamente. "Cadê meu bandoneon? Se roubaram, roubaram minha alma, esse bandoneon é pedaço de minha vida." Desapareceu de dentro do salão de festas de Selbach, não dá para acreditar, ninguém queria acreditar.

Notícia urgente, a Rádio Ibirubá divulgou o desaparecimento do bandoneon do Ronaldo Schiefelbein, notícia que se espalhou pela região. Também não era para menos, ele era conhecido por suas apresentações nas emissoras de Cruz Alta, Carazinho e Ibirubá.

Ronaldo, desolado, aguardava alguma notícia do bandoneon, na casa de seu filho Cláudio, em Fortaleza dos Valos. Todas as diligências policiais deram em nada. Ronaldo ficara sem seu velho companheiro, o jeito foi comprar outro bandoneon. "Porque sem ele e sem música não posso viver." Seus filhos se anteciparam e adquiriram um bandoneon novo.

Ronaldo voltou a sorrir e a tocar as músicas das saudades dos velhos tempos. Figura folclórica de nosso meio musical, divertia-se com os floreios e mímica da assistência que fazia, divertia-se divertindo o povo.

Lamentava, porém, a falta que lhe fazia o velho bandoneon. "Aquele sim tinha um som bonito, a música saía mais sonora, tinha mais vida. Agora que fazer, chorar não adianta, nunca chorei, chorar só de alegria... Com o bandoneon novo me divirto, divertindo os amigos."

Ainda lamento o fato, me dizia ele: "Bandoneon como aquele nunca mais, a música saía mais sonora, tinha mais vida". "Alto lá, Ronaldo! Não pare de sorrir. Continue sorrindo o sorriso que entra e sai contigo."

Ser repórter não basta

Corria o ano de 1960. A Rádio entrara no ar não fazia muito. Empenhava-me para organizá-la, com colaboradores e funcionários. Era um mundo desconhecido, do qual passei logo a gostar. De agenciador a locutor, de redator a repórter. Desdobrava-me e marcava presença em todos os municípios da região. Nessa época, Edmundo Roewer era prefeito de Ibirubá, a pessoa que me auxiliava em todas as horas. Amigo de verdade.

Duas ou três vezes por semana, comparecia em seu gabinete ou em sua residência para fazer entrevistas e ouvi-lo sobre tudo o que ocorria de significativo no município. Certo dia, ele me questionou: "Stefanello, eu acho que ser somente repórter não basta. Você tem condições de me ajudar em muitas frentes, como mobilizar a comunidade para partilhar de alguns projetos". Então sugeri a eletrificação rural, visto que era uma

necessidade por mim sentida desde jovem ainda no interior de Capão Doce. De pronto me coloquei à disposição.

Ele marcou uma reunião com as lideranças, tendo sido proposta uma comissão de eletrificação, da qual fui eleito presidente. Em seguida fomos à capital, eu e o prefeito Roewer para uma entrevista com o governador Leonel Brizolla, que nos encaminhou ao secretário de Energia e Obras Públicas, deputado Otávio Caruso. Este ponderou estudar a proposta de estender energia elétrica, em uma primeira etapa, para as localidades de Linha Pulador, Quinze de Novembro, Alfredo Brenner e Santo Antônio do Bom Retiro. Voltamos ao hotel e não nos demos por satisfeito. Precisávamos fazer uma nova proposição ao secretário Caruso, à CEEE talvez. Vamos oferecer o pagamento da mão-de-obra, com a parceria da comunidade, da Prefeitura e da CEEE, na época presidida pelo engenheiro Odir Heitor Thiesen, que mais tarde se tornou um grande colaborador de Ibirubá e, da Coprel. Nossa proposta foi aceita e a extensão elétrica para essas localidades foi executada em curto espaço de tempo, mediante convênio entre as partes.

"Ser repórter não basta, eletrificar é mais uma meta", não se cansava em me dizer, e o fazia publicamente, o prefeito Edmundo Roewer, uma liderança comunitária de mérito sem paralelo, e que era, embora adversário político de Brizola, o maior prefeito do Rio Grande, não só em tamanho, mas em virtudes. Em contrapartida, o prefeito Roewer elogiava muito Brizola. É verdade que quem fazia o meio-de-campo era o combativo deputado Hélio Carlomagno que representava a região do Planalto Médio na Assembléia Legislativa, a partir de Cruz Alta a cuja região pertencia.

Edison Quintana, professor e jornalista

Foi professor no ginásio, na Escola Técnica de Comércio e, como jornalista, escrevia para a Rádio Ibirubá e para jornal *O Alto Jacuí*. Às vezes utilizava o pseudônimo de dr. Xisto. Prestou relevantes serviços à

emissora na fase de sua estruturação e muito mais ao município. Não media sacrifícios para ajudar e ver os empreendimentos darem certo. De espírito alegre e aberto, inúmeras vezes me transportara em seu carrinho Gordini pelas estradas empoeiradas e pedregosas da região, onde íamos fazer reportagens.

Nas Indústrias Mérito, de José Victor Thomé, exercia também o cargo de correspondente. Faleceu em 1964 e foi sepultado em Bagé, sua terra natal.

Sugeri à Secretaria Estadual de Educação seu nome para o Grupo Escolar da Vila Planalto, nesta cidade, que foi referendado como justíssima homenagem a Edison Quintana.

Uma surpresa no dia do radialista

Avançava a tarde, Nininha (Leonilda Sachett) torcia-se na acordeona, barulhavam os demais com violão, pandeiro, cantavam também. Era a alegria que enfuziava do barril e repercutia nesse ambiente alusivo ao dia dos que fazem a comunicação um fermento social e positivo da região.

De repente, no meio da festinha, aparece o deputado Synval Guazzelli com aquele seu jeito gaudério e alegre, abraçando todo mundo e, sem muitas explicações, pega a sanfona de Nininha e passa a tocar uma das músicas dos irmãos Bertussi. Cantou e não lhe faltou acompanhamento. Caminhando de um lado para o outro, dirigiu-se à frente do meu rancho, no amplo gramado, em frente à rua General Osório e dos estúdios da Rádio Ibirubá.

Em poucos instantes, aquela descontração musical virou atração pública reunindo ali cerca de trezentas pessoas, a maioria curiosos que passavam pela rua. Ele, oportunamente, aproveitou a ocasião para cumprimentar de público os radialistas que festejavam seu dia, e explicou os motivos por que chegara de surpresa a Ibirubá: "Estou visitando o interior do estado, venho agora de Júlio de Castilhos, com a finalidade de

ver, sentir e ouvir o povo. Estarei em breve assumindo o governo do estado e quero estar convenientemente preparado para realizar uma boa administração".

Logo mais chegou uma comitiva liderada pelo sr. Nestor Jost, em campanha política por sua candidatura ao senado federal. Jost sempre mantivera um excelente relacionamento com a comunidade regional, fora deputado federal, presidente do Banco do Brasil, ministro da Agricultura e, agora, batia chapa com Paulo Brossard para o Senado e que se elegeu. Ambos eram gaúchos da melhor cepa, homens públicos de reconhecida competência.

A principal testemunha de conquistas importantes da cidade e região, através de nossa emissora, as pessoas acompanharam o crescimento do município, a emancipação de distritos vizinhos, souberam de enchentes, secas e da criação de empreendimentos. Cobrimos a repercussão de crises agrícolas a ascensões políticas, sempre com posicionamento justo e decisivo, presente na vida da comunidade. E ainda, com muito estímulo, pudemos somar no nascimento de empresas que até hoje são parceiras da emissora.

"Bandidos! Me tiraram a escada da janela."

Walter Gauer, todos o conheciam por Pai João, figura folclórica da cidade, eletricista de muita competência. Contavam muitas histórias engraçadas de Pai João. Duas conto-as aqui. Certa noite, o que fazia regularmente, Pai João, que carregava em seu carrinho uma escada própria para os serviços de eletricista para a empresa Força e Luz, Pinheirinho Ltda., que fornecia energia à cidade, colocava a escada na janela do quarto do segundo piso da casa onde morava uma mulher amiga. Até aí, nada demais, a não ser a estranheza do romance com a dita mulher e a maneira insólita de acesso ao quarto dela. Gostaria ele que o caso não se espalhasse, nem que sua entrada fosse vista.

Pessoas de suas relações, amigos mui amigos, decidiram: "Hoje vamos retirar a escada do Pai João, queremos só ver a cara dele como vai

ficar. Terá de sair do quarto descendo a escada interior, despertando os moradores, vai ser um escândalo". E foi o que aconteceu. Pai João foi à janela, já madrugada, para descer e sair do quarto. Cadê a escada?

Seus amigos, amigos da onça, rindo a não poder mais, gozando do azar do amigo aventureiro, estavam escondidos na praça.

Pai João era tido como bom amante, não excluindo nunca seus préstimos à população que estivera muito à frente disso.

Doutra feita, de novo os amigos, mui amigos de Pai João, após um churrasquinho habitual que faziam de quando em vez, o vigiavam e o seguiam na calada da noite. Ficaram um tempinho na espera, um pouco distante da casa de certa dona, defronte à qual estacionara o carrinho de trabalho debaixo de um cinamomo.

No silêncio da noite, cautelosamente, pegaram uma corrente e amarraram o carro a cadeado, no tronco do cinamomo, de tal forma que para tirá-lo seria necessária a ajuda de ferramentas e mecânico ou ferreiro. Como de costume, depois do prazeroso aconchego com a bela dama, Pai João sai da casa, entra no carro, liga-o e tenta arrancar. Tenta mais vezes, os pneus patinavam... "Ué, o que teria acontecido." Sai do carro e vê a brejeirada que lhe fizeram. "Eles me pagam", e teve de ir a pé para casa, com a desconfiança de seus companheiros de birita e festinhas.

Walter Gauer para mim, deixando de lado a jocosidade de sua vida com seu grupo de amigos, prestava valiosos serviços na manutenção da voltagem elétrica, ele e Eugênio Moelmann. Outros técnicos prestativos como Erich Preissler e José Faoro, este ainda hoje prestando serviço às emissoras da rede EPU.

Pai João fabricou-me um grande transformador de voltagem de tensão, que me assegurou por algum tempo a regularidade da energia junto à torre de transmissão, na saída para Vila Seca. No início da Rádio, o transmissor sofria com as variações da tensão elétrica. Pai João, com sua dedicação e conhecimento técnico, resolveu o problema, até a vinda da energia da CEEE.

Edmundo Altmayer, meu compadre, e mais tarde sua filha Ana, ligavam e desligavam o transmissor da Rádio quando necessário. Pessoas que tenho no coração.

"Do livro ao rádio"

Um programa para valorizar os estudantes ibirubenses, os escritores, a cultura. Mobilizei os estudantes e lhes ofereci um espaço na Rádio Ibirubá que iniciava suas transmissões no Alto Jacuí. Veio a idéia de fundar a União Ibirubense dos Estudantes e promover a construção da Casa do Estudante. Dei-lhes total apoio e me incorporei ao movimento. Liderou-o Carlos Roberto Nussbaumer (Colosso), um lutador de muita garra que foi secretariado pela jovem Crista Sommer. Estenderam-se as mãos e uniram-se todos os estudantes e a União Ibirubense de Estudantes (UIE) tornou-se uma auspiciosa realidade em curto espaço de tempo.

Hoje a Casa do Estudante sedia o Museu Municipal Theobaldo Becker, cooperativista e benfeitor do município.

A UIE cumpriu um relevante papel em favor da educação e da cultura. Seus fundadores bem que merecem ser lembrados pela comunidade. E ainda é tempo. Crista Sommer, Carlos Roberto Nussbaumer e Ilvedy Weber, entre outros estudantes, têm e merecem todo o nosso respeito e admiração. Eles foram pioneiros nessa fase estudantil.

Quero destacar também o nome de Frederico Nussbaumer, médico em Santa Maria, e de Henrique Nussbaumer, odontólogo em Ibirubá, ambos irmãos de Colosso. Seu pai era viajante comercial, fumava cachimbo, era um grande amigo. Menciono também Oldemar Weber, médico professor em Santa Maria.

Tenho uma grata lembrança e testemunho com orgulho esses valores da juventude ibirubense. Eles me ajudaram muito, ajudaram a comunidade, a educação, e eu, modestamente, também os ajudei.

Nem ginásio completo eu tenho

A UIE queria entrevistar o escritor Érico Veríssimo, patrono da entidade e natural de Cruz Alta, de cujo município Ibirubá se desmembrara.

Douglas Scortegagna foi o estudante escolhido para entrevistá-lo, o que ocorreu em Porto Alegre. Repercutiu essa iniciativa da UIE que multiplicava entrevistas com homens de letras. Dissertava sobre livros e publicações culturais, sempre valiosas para os estudantes.

"Gosto muito de crianças e escrevi muito para elas", dizia Érico. "Vivo lutando a vida toda. Trabalhei muito em Cruz Alta, em minha terra, depois em Porto Alegre, na Livraria Globo. Meu primeiro livro, *Fantoches*, vendeu quatrocentos exemplares, os 1.100 restantes foram destruídos por um incêndio. Quando me perguntaram se foram os leitores que devoraram meu livro, digo logo: 'Foi o fogo!'

"Meu segundo livro foi *Clarissa*. Um dia vi uma adolescente que me inspirou a história. Minha filha Clarissa nasceu dois anos depois. Pois bem, quando o livro saiu, eu havia pedido ao desenhista que fizesse uma mocinha, dando todas as características, o incrível é que a capa de meu livro é a cara perfeita de Clarissa, minha filha."

Érico Veríssimo falou abertamente, nessa entrevista memorável, de seus livros que foram mundialmente traduzidos. Gostava de música barroca (Vivaldi). Tinha paixão por Villa-Lobos. "Acho que um choro do Villa tem uma receita para o Brasil. Modernismo com alma. Em certa ocasião me pediram, nos Estados Unidos, para traduzir o que o maestro ia dizer."

Eles se contentariam em ver a cara do compositor. Quando Villa soube disso, ficou fulo e explodiu: "Diga a eles que não sou palhaço". E Érico prontamente traduziu: "O maestro diz que está felicíssimo por estar aqui esta noite".

Com sua simplicidade habitual Érico continua: "Deixe falar de meu filho que trabalha em indústrias e comércio, toca vários instrumentos, desenha, mas tem uma certa rebeldia em ser apontado como 'o filho do Érico Veríssimo'".

Estava ele, certo dia, ainda criança, na praia, quando um menino lhe perguntou o nome: "Luis Fernando". "Só?" "Veríssimo.". "Parente do Érico?" "Sou." "O que você é dele?" "Filho." Aquilo tudo tinha de ser arrancado a alicate. Mas posso contar agora que Érico nunca teve ilusões quanto ao extraordinário talento de seu filho, escritor e pensador primoroso.

Érico contou ao Douglas, à UIE e ao programa "Do Livro ao Rádio", nessa entrevista, muitas e curiosas passagens de sua vida como escritor desde sua terra natal Cruz Alta, a Porto Alegre e por longos anos nos Estados Unidos onde morou.

"Não sei se vocês sabem que eu não tenho nem ginásio completo. Lendo e escrevendo me aprimorei para a vida, a vida de escritor, embora tudo isso tenha sido alcançado com muito sacrifício e dedicação.

"Em certa ocasião, vieram me convidar para visitar uma senhora muito doente que era alucinada por toda a minha obra. Não havia como recusar. E lá fui eu, metido a grande escritor. Ao chegar lá, a minha entusiasta me olha de alto a baixo, sem a menor emoção e explica: 'Não foi esse homem que eu pedi para ver. Falei foi no Humberto de Campos'."

E Érico solta uma imensa gargalhada de autogozação, um riso que só poderia explodir de um ser da raça humana. Um escritor dos mais lúcidos de nosso tempo. Um grande contador de histórias que tive a honra de conhecer.

Conheci também seu irmão Ênio Veríssimo, diretor da Rádio Cruz Alta, que no início da Rádio Ibirubá eu consultei e me orientou sobre o melhor a fazer na radiofonia que eu me esforçava para fazer funcionar no município de Ibirubá.

Luiz Müller, o trovador repentista dos pampas

Luiz Müller, entre tantos artistas do meio gauchesco, viera a Ibirubá em meados de 1962, para apresentar-se na Rádio Ibirubá. Daqui movimentava-se a outros lugares para suas apresentações artísticas pela região em sua virtude máxima de trovador. Era cego desde os 21 anos em conseqüência de acidente. Do "Chimarrão da Amizade" fazia seu quartel-general de difusão; suas trovas e cantos expressavam o alto sentido cultural, morava em Canoas. Certa feita transportei-o no jipe da

Rádio de volta à sua casa. À noite entramos em Canoas, onde ele residia distante do centro, até chegarmos à indicação prevista.

Meu destino era Porto Alegre. Descansei um pouco, chimarriei com Luiz Müller e familiares, eu o prezava muito. Luiz Menezes, Paixão Cortes, Hugo Ramires, Vilmar Romera e Darci Fagundes, afora outros expoentes do tradicionalismo gaúcho, o tinham e o reverenciavam como um dos mais brilhantes trovadores-repentistas dos pampas. Luiz Müller, o amigo que desapareceu em 12 de janeiro de 1989. Guardo-o em minhas remembranças.

A política como arte de construir o bem comum

O aprendizado é como o horizonte: não há limites. Acho que aprendi cedo a política como arte para construir o bem comum, nada além disso. Discordava do conceito de que política é a arte de governar. Até pode ser. Considero melhor a forma cooperativa, quando se exercita a política como arte de construir, administrar a coisa pública ou privada para um bem-estar que se estenda a um maior número de pessoas.

Por isso, gostava de me cercar de pessoas sérias que, na maioria das vezes, se prontificavam a ajudar meu trabalho, os interesses das comunidades. Reconheço muitos valores, muitos bons políticos, mais de uma centena, desde líderes municipais, estaduais até federais. Em quase todas as instâncias da administração pública, muitos deles me dispensaram serviços de extrema validade, de extrema relevância. Retribuí-lhes com votos quando político também, porque mereciam.

Entrei na política por uma porta e saí logo por outra

Desde que enveredei pelo exercício de repórter, radialista, jornalista e relações públicas, que me exigiam essas múltiplas funções, o

gosto pela política começou a definhar. Por uma questão de consciência, achava correto esquivar-me ao partidarismo, manter-me acima dele, prestigiando os bons políticos, independentemente do partido em que estivesse. Na verdade, mantinha-me cauteloso, uma estratégia que adquirira com meu pai e, ao longo do tempo, procurei aperfeiçoá-la. Dizia-me ele: "É preciso cortar antes de limar, entalhar antes de polir", ou essa ou outra estratégia ditada ainda pelo velho Pedro Stefanello Sobrinho: "Uma carroça virada lá na frente previne quem vem atrás".

"Viva Getúlio Vargas!" Foi aquele bafafá

Quase levei um susto quando guri na escola, durante uma festa religiosa na capela de São Jorge, em Sede Vitória. Corria a tarde e o pessoal da festa divertia-se e discutia. Sim, discutiam política. Era tempo de campanha política, estavam lançadas as candidaturas de Eurico Gaspar Dutra pelo PSD, com apoio do PTB, e de Eduardo Gomes, pela UDN. Na festa, a maioria era getulista e apoiava Gaspar Dutra, mas os da UDN estavam alvoroçados e discutiam com getulistas de maneira acirrada, havia ataques, defendiam o brigadeiro Eduardo Gomes. Eu me escondera embaixo de uma mesa colocada provisoriamente para ser utilizada como balcão para a venda de bebidas, cucas, doces. Escondera-me ali para ouvir as discussões dos adultos. Sei lá o que me veio à cabeça pois, em determinado momento, ouvindo os gritos de um udenista fanático, atacando ferozmente Getúlio Vargas, não me contive, pulei sobre a mesa e soltei aquele grito: "Viva Getúlio Vargas!".

Por Deus, foi aquele bafafá, o pessoal começou a brigar do jeito que dava, com garrafas, pau e até facão. Voltei para meu esconderijo, e felizmente quase ninguém me conhecia.

Houve alguns feridos de faca que relampearam nas mãos dos mais afoitos. A festa acabou. Meu pai estava no meio, lembro-me dele ter na

mão sua velha carneadeira, da marca Coqueiro, e um espeto de pau noutra mão apartando os mais exaltados, gritando e apelando pela calma e harmonia do pessoal: "Nós somos irmãos, gente, sejam amigos".

Afastaram-se logo, na festa ficaram apenas algumas pessoas, todas getulistas que queriam saber quem dera aquele grito: "Viva Getúlio Vargas!", que detonou aquela baita briga, que, graças aos céus, não deu em morte. Afinal de contas, o que eu tinha com isso?

Ficaram sabendo com o passar dos dias. Foi o piá do Pedro. Getulista por acaso? Não, o pai era getulista. O pai não sabia e nem eu dizia, mas eu tinha muita admiração por outros políticos. Mas só isso. Achava Getúlio o melhor deles.

Simpatizava com as idéias de Alberto Pasqualini

O senador Alberto Pasqualini era meu conterrâneo, nascido em Ivorá e eu em Nova Palma, ambos distritos de Júlio de Castilhos.

Getúlio Vargas, que fora deposto dando lugar à volta do regime democrático, praticou astutamente a fundação de dois partidos, o PTB, para ficar mais à esquerda, mobilizar os trabalhadores e barrar o crescimento de uma corrente comunista-socialista, e o PSD, para arregimentar a classe média, uma vez que o partido mais à direita era a UDN, além de alguns partidos nanicos.

O Partido Libertador (PL), que lutava pelo parlamentarismo, era quase regional, gaúcho com ideário parlamentarista, seria um grande partido se o parlamentarismo tivesse sido adotado no país. O PRP mobilizava o integralismo de Plínio Salgado, não era nanico, tinha representação em todos os recantos do país, era um partido médio. Em São Paulo havia o PSP de Ademar de Barros, forte.

Getúlio chama Alberto Pasqualini e lhe pede para estruturar o PTB com base nos estatutos da União Socialista Brasileira. Pasqualini a prin-

cípio relutou, mas concordou com Getúlio e assim nascia o PTB que absorveu a USB, que Pasqualini havia criado, com o qual, auxiliado pelo PSD, ele manobrava duas correntes, na maioria das vezes convergindo para uma direção só. Getúlio preparava Jango, João Goulart, para expoente e líder do PTB e com este partido ele desfechou a campanha de retorno à Presidência da República. *Ele voltará!* Uma campanha também denominada Queremismo que o levou vitoriosamente à Presidência, mas em cujo cargo suicidou-se, fato que faz parte da história do Brasil.

Não precisava mandar tocar o sino!

Briguinhas sem importância eram levadas ao conhecimento do subprefeito do distrito que também era subdelegado de polícia, um xerife de quarteirão. Havia exagero e perseguições. Não me conformava com aquilo. Enfrentei o subprefeito, que se chamava Carlos Perugino de Mello. Fui à Quinze de Novembro e bati boca com a autoridade, sem desrespeitá-la, mas com firmeza.

Não arrumei nada, a situação até piorara. Aproximava-se a campanha das eleições municipais. Reuni um grupo de Sede Aurora, Sede Vitória e agarrei-me com o Cândido Gomes, em Fortaleza dos Valos e com vários trabalhistas. A eleição já tinha dois candidatos; pelo PTB, o major Aristides Basílio de Campos, e pela Frente Democrática, que reunia PSD, UDN e PL, o pecuarista José Bonifácio Dias da Costa, ambos cidadãos de bom conceito político. Para mudar, me lançara a dar apoio ao candidato do PTB. Certa feita, o major Aristides avisou que me visitaria em determinado dia. Mobilizei a turma favorável, compramos um novilho com cerca de 250 quilos para o churrasco de recepção e o comício.

Convidei meio mundo do povoado e do interior. O major chegou ao meio-dia. O foguetório foi intenso, o sino da igreja repicava naquela hora. Reunira aproximadamente trezentas pessoas, e o candidato me disse: "Olavo, não precisava mandar tocar o sino na minha chegada!";

respondi-lhe que o sino foi o padre Paulo Bortolini que fez tocar porque era meio-dia, e isso é costume. "Ele nem vota conosco, é do outro lado, e está arrilhado comigo por esse comício, mas nós vamos ganhar esta eleição", disse a ele.

Churrasco e comício, um festão por ser uma segunda-feira. Trabalhara como ninguém para quebrar o corincho dos mandões do distrito. E consegui. Ganhamos por 176 votos, uma eleição apertadíssima. Cruz Alta ainda tinha em sua geografia Panambi, Condor, Pejuçara, Santa Bárbara do Sul, Ibirubá, Fortaleza dos Valos e Boa Vista do Cadeado. Lembro ainda que o PRP, forte em Panambi, apoiava também o candidato da Frente Democrática de Zeca Dias da Costa. Com o major Aristides fiz muita campanha. Ganhamos com o compromisso, tão logo o major assumisse a prefeitura de Cruz Alta, de fazer as mudanças que lhe exigira na campanha, a construção de uma estrada e barca sobre o rio Jacuí, no fim da Linha Trenhago–Butiá.

Assim que assumiu, o major chamou-me para os acertos da campanha. Promessa comigo cumpre ou não tem mais companheiro. Ofereceu-me a subprefeitura de Quinze de Novembro. Rejeitei indicando o professor Arthur Saft, que fora candidato a vereador, que aceitou e me consultava sempre sobre as atividades da subprefeitura.

Carlos Perugino de Mello, também chamado de Carlos Amaral e os demais chefes que o acompanhavam, mandaram-se inclusive do distrito. Ele foi para Carazinho, os líderes de Quinze de Novembro diziam que ele era muito severo. Pessoas que cometiam pequenas faltas, algumas irrelevantes e até vítimas de denúncias infundadas eram torturadas e tinham de beijar os pés de sua mulher. Surrava e aplicava toda sorte de castigos, testemunhados por pessoas da vila. Eu, na verdade, nada comprovei. Apenas relato os fatos que contavam.

Quis o destino, e mais uma vez o destino, que Carlos Perugino de Mello, passados muitos anos, me procurasse em Ibirubá quando eu era prefeito. Lamentava a situação em que vivia e solicitava-me um local para a mulher Olívia poder lecionar. Coloquei-a em Linha Sapateiro, na escola da localidade. Era uma boa professora que não decepcionou. Seus filhos vincularam-se bastante a mim, o Jorge e o Olívio, em especial.

O Jorge ainda guri declamava lindas poesias no "Chimarrão da Amizade", programa da emissora que eu apresentava todos os domingos. No quartel ele freqüentou a escola regimental e seguiu carreira militar. Foi cabo e depois sargento da ESA. Já o Olívio de Mello passou a trabalhar na Coprel onde ainda se encontra.

28 de fevereiro de 1955

Depois de uma ruidosa campanha, chegara a hora de organizar os serviços do novo município sob a coordenação do prefeito eleito Edgar Otto Fleck. Para vice, fora eleito Edmundo Roewer. Fleck começara do nada, no município-mãe, Cruz Alta, transferindo para Ibirubá os encargos de pessoal e até aposentados.

Mas a garra do prefeito e de todos sem demora mostrava os méritos da emancipação. Do lápis à primeira patrola, para amenizar os problemas de tráfego nas estradas coloniais, bem testemunhavam o valor da comunidade cuja etnia se baseava nas correntes alemã, italiana e lusa. Segundo seu neto, Alberto Fleck, Beto, essa primeira patrolinha foi leiloada e vendida pela Prefeitura, e hoje constitui peça rara no museu da sua fábrica Fiat, na Itália, vencedora do leilão. Foi vendida por R$ 2.000,00. Bem que poderia ter ficado no museu, ao ar livre, em Ibirubá.

E todos predispostos ao trabalho e à produção. O espírito comunitário refletia-se na solução de problemas que a Prefeitura nem poderia imaginar resolver sozinha.

Dos funcionários transferidos, Menthor Thomaz da Silva, ex-prefeito do distrito, foi designado por Fleck para Chefe de Obras.

Quantos papagaios novos estão no ninho?

As questões de pouca importância eram resolvidas por Menthor, como a de dois agricultores vizinhos que encrencaram por causa de um ninho de papagaio e foram à Prefeitura buscar uma solução. Men-

thor Thomaz da Silva ouviu as partes, inteirou-se do fato e se saiu com essa, uma preciosidade de sentença: "Quantos papagaios novos estão no ninho?" "Três!", responderam os contendores "E a árvore onde está o ninho nasce na terra de quem?" "Na minha!", respondeu um deles. "Vamos consultar aqui nesse código, a Lei do Papagaio." E Menthor folheava o livrinho, que era recente, o Código de Obras Públicas do município. "O que diz a Lei, aqui está a solução: Se a árvore cresceu na terra de determinado proprietário, e seus galhos tenham passado o espaço divisório da propriedade do vizinho, a este cabe uma parte, e ao outro, onde a árvore tem raízes, as outras duas partes. Explicando o assunto, tu, que és dono da árvore, leva dois dos filhotes, e a ti, da galhada em que está o ninho do papagaio, leva o outro filhote. Se abracem e vamos trabalhar por Ibirubá", sentenciou Menthor.

Os dois assim fizeram e a "Lei do Papagaio" ganhou foros de sentença bem judiciosa, embora inexistente no livro que Menthor folheava.

Francisco Emílio Trein: "Isso mesmo, vou largar seu Olavo!"

Já se discutia a sucessão, os partidos convocavam seus correligionários para o exame de nomes a serem indicados. É o Ervino Trein que fala sobre faceta da política daquela vez: "O finado pai, Francisco Emílio Trein, era do PSD, partido do velho Getúlio Vargas, que mandava também no PTB. Ele era presidente do PSD e nós seguíamos a orientação política dele, menos o mano Affonso que era da UDN. A aliança de PSD e PL, que elegera Roewer, parecia que não iria continuar, os chefes não chegavam a um acordo. Me lembro como se fosse hoje, tinha muita gente falando o nome de Olavo Stefanello, mas ninguém o apresentava para candidato. Foi daí que se deu um fato. Eu e o pai estávamos em casa serrando lenha, de um lugar onde se via o campo de futebol do Juventude. Pois foi nesse momento que chegou o seu Olavo para treinar futebol, fazer

uma física, como ele nos dissera mais tarde. Então o pai me disse: "Ervino, que nome seria bom para eu apresentar hoje à noite na reunião do partido? Você sabe, tenho de largar um candidato do PSD de qualquer jeito! Eu sou o presidente e o PSD não pode ficar sem candidato!". Naquele momento olhei para o campo e disse para o pai: 'Olha, lá está correndo o candidato, pegue ele, apresente-o para o pessoal que vai concordar. Ele é inteligente, tem jeito e é camarada, é novo aqui, mas não tem importância, ele vai ganhar essa eleição!' Meu pai concordou comigo e disse: 'Isso mesmo, vou largar seu Olavo!' E à noite, na convenção do PSD, o nome foi apresentado pelo meu pai. Foi aquele entusiasmo todo, o nome de seu Olavo para candidato correu para toda parte."

Como arrematara Ervino Trein: "A surpresa minha e de meu pai foi acontecer o que aconteceu, ter surgido dois nomes a prefeito ligados à gente de casa. Que fazer? Tivemos de nos fechar e esperar o desfecho das eleições, o Affonso, irmão e filho, e o Olavo, o amigo que a gente não queria perder por nada desse mundo!".

O Francisco Emilio Trein, na qualidade de presidente do PSD e depois da Aliança Movimento Popular Municipalista (MPM) ressalta: "Apresentei o Olavo, agora meu filho é candidato também, e ainda, do outro lado, que situação para mim, minha família, mas graças a Deus, correra a eleição, eles se comportaram bem, fico contente e desejo a Olavo que faça uma boa administração!".

Apesar de todo o incentivo, resisti, pois me considerava fora da política

Na contramão da história, a corrente peessedista, liderada por Edmundo Roewer, Francisco Emilio Trein, Cícero do Amaral Viana, Augusto Borges Berthier, Gustavo Sommer e tantos mais, começou a mobilizar os eleitores para forçar uma decisão de minha parte para aceitar o convite e ser o candidato com uma coligação ou para concorrer sozinho.

Decorridos dois dias do lançamento de meu nome na convenção do PSD, à qual não compareci, por indicação de seu presidente Francisco Emílio Trein, a UDN estava criando resistências a uma união partidária para eleger o futuro prefeito. Deduzira-se que a razão nascera em virtude de seu candidato, Libório Maurer, escrivão de Quinze de Novembro, na eleição anterior, ter sido derrotado por Edmundo Roewer, do PSD. Um certo ressentimento político, se é que assim se poderia dizer.

Em convenção municipal, a UDN lançou o nome de Affonso Trein para candidato a prefeito, e nos bastidores dos demais partidos, uma cooperativa, UDN, PL, PTB, PSP, MTR, PRP e mais alguns de pouca expressão, acertaram uma coligação.

Diante da pressão sobre o meu nome para ser canditato, o que eu me negava a ser, por diversas vezes sugerira a esses líderes o nome de Celestino Peuckert, que de Passo do Lagoão viera morar em Ibirubá. Pessoa conhecida e respeitada.

O PTB é o próximo partido a realizar sua convenção e seu principal líder era o dr. Arlindo Fredrich, pessoa amiga, médico conceituado que concorrera na primeira eleição do município com Edgar Fleck. Uma ala, chefiada pelo vereador Teodoro de Abreu, apresenta meu nome à consideração dos convencionais, outra apresenta o nome de Affonso Trein. Não houve consenso entre os convencionais e a ala de Teodoro de Abreu levantou-se em pleno Cine Apolo, onde se realizava a convenção, registra a dissidência em favor do meu nome que se identificava melhor com os ideais do trabalhismo, pois tinha parentesco com Fernando Ferrari e não escondia a identificação ideológica com Alberto Pasqualini, natural da mesma terra que a minha, Júlio de Castilhos.

Pensava eu com os meus botões, "Não poderei entrar nessa", porque o Affonso era tesoureiro da Associação Rural que eu presidia, e eu me encontrava em uma encruzilhada. E a pressão era grande. Todos os partidos haviam decidido em sua convenção apoiar Affondo Trein, em um verdadeiro mutirão para derrotar, quero ter acreditado, o prefeito Edmundo Roewer que se projetara no estado, embora adversário de Leonel Brizolla. Eu expunha uma situação de vida e morte, iniciara com o rádio quase do nada, tinha compromissos e queria manter um bom

relacionamento com todos, tanto que me afastara da vereança. Vinha da roça, não tinha experiência para enfrentar um desafio de tal porte. Foi daí que aconteceu o movimento.

Na verdade, acionado pelas lideranças que pretendiam me ver candidato a prefeito. Em um fim de tarde, logo após a convenção do PTB, a esquina da rua General Osório com a Diniz Dias ficara lotada de gente, mobilizados silenciosamente pela cidade e interior para um comício que oficializaria definitivamente meu nome a candidato. No alto do prédio da antiga firma E. Fleck & Cia. operavam os estúdios da Rádio. Esse prédio pertence atualmente à Coprel. Na hora eu não estava lá. Foram buscar-me em casa. Não houve mais lero-lero, eu fora lançado candidato a prefeito nesse ato público e dali para frente iniciava a campanha. Do outro lado, Affonso Trein. Eu lamentava esse desfecho e não me cabia mais reconsiderá-lo, era ganhar ou perder. Conhecia desafios, mas não conhecia o impacto de derrotas. Sem me aperceber, eu era um vencedor. No entanto, se Trein fosse vencedor, eu estaria imediatamente a seu lado. Ele sabia disso.

Em clima agitado, embora sempre com respeito mútuo, o pleito que eu deveria ter perdido por uns 1.500 votos, venci com a diferença de 226.

Não agi de imediato como vencedor; enquanto o povo festejava a vitória corri procurar os adversários, o Affonso primeiro, e lhe expliquei logo a vontade de tê-lo como colaborador, agora mais do que antes, e não fora candidato por minha vontade. Segundo o coronel Trein, "Seu Olavo Stefanello ajeitou tudo ligeirinho, o povo estava unido e o que importava dali pra frente era o progresso do município!".

Povo feliz é povo que se entende

Aconteceu em maio de 1975. O bacharel Heitor Lothário Saft, que fora vereador e candidato a vice-prefeito pelo PTB, na chapa encabeçada pelo médico Arlindo Fredrich, proferiu veemente pronunciamento no microfone da Rádio Ibirubá, publicado n'*O Alto Jacuí*. Proclamou

entre outras sentenças: "Nunca é tarde para se fazer justiça, reconhecer que a rádio emissora, além de pioneira, constituía-se na mais grata afirmação da radiofonia rio-grandense, lançara a pedra fundamental do progresso regional".

Falando forte e sem rodeios, o jovem Heitor Saft continuou: "Esta emissora incentivou a força, deu entusiasmo e coragem na construção do desenvolvimento, da grandeza de Ibirubá, do Alto Jacuí. E desta Rádio Ibirubá, de seus microfones, que participamos do esforço comum, de companhas eleitorais, de jornadas cívicas e construtivas, nem sempre como vencedores, mas com os objetivos maiores da comunidade, pelo seu bem-estar e progresso".

Excedeu-se o combativo ibirubense, ao referir-se a meu trabalho. "Olavo Stefanello não se limitou à rádio-emissora, ele que vinha do interior, para assinalar apenas o início dessa caminhada, à qual nós nos incluímos como caminheiros a seu lado. Porque não ficou só aí, não caiu na inércia nem se apagou. Stefanello não parou nunca. Foi mais longe, o que é importante e fundamental. Ele não só pediu, mas convidou e conclamou a todos, para que juntos e de mãos dadas, comungando dos mesmos sentimentos, percorrêssemos essa estrada, fizéssemos a caminhada pela construção de um novo município, de uma comunidade mais solidária e progressista. Não sem antes alertar sobre as dificuldades e os espinhos que encontraríamos em alguns trechos, em algumas travessias e passagens, mas dizendo sempre, cada vez com mais segurança, que nem de longe nem distante, mas logo ali, essa trajetória, essa caminhada, esse percurso começaria a perder suas curvas, suas sinuosidades, suas aventuras, emboscadas, suas pedrarias, para tornar-se alvissareira, um sinal alvissareiro fulgurante no horizonte, para dizer com inteira razão que todos esses percalços seriam afastados com a união do povo.

"Que esses espinhos se renderiam à beleza radiante das flores, à beleza esplendorosa das virtudes cívicas e méritos das comunidades. Nunca é tarde para se fazer justiça, para ser feliz. Porque povo feliz é povo que se entende.

"Olavo Stefanello, o guri de pé no chão de Capão Doce, esse teu chamamento, essa tua convocação realmente frutificou. Transfigurou-se, ver-

tiginosamente, na conquista do honroso título de município-modelo do Rio Grande do Sul, o primeiro do Brasil, Ibirubá, a terra que eu amo."

Heitor Lothário Saft, cujo nome brilha na constelação da história de Ibirubá neste seu vibrante improviso no microfone da rádio-emissora, proferido em maio de 1975, antes de seu falecimento, jovem ainda, repercutiu no município e no Alto Jacuí. Uma grande perda que lamentei.

Norman Borlaug, Prêmio Nobel da Paz de 1970, honrou Ibirubá e Quinze de Novembro

No dia 16 de novembro de 1975, o dr. Norman Borlaug, Prêmio Nobel da Paz, fez o lançamento oficial da Operação Guarda-chuva, mais precisamente na então Vila de Quinze de Novembro, onde foi instalado o projeto, cujo objetivo principal era a conservação do solo.

Um acontecimento, importantíssimo, não só pela presença dessa ilustre autoridade agrícola internacional, que lhe deu destaque, mas pela significação dos objetivos do programa. Integrei-me ao movimento desde o início. Prestigiaram o lançamento do programa técnicos da FAO, os drs. Walter Hungler e Jorge Molina, e da Unesco, o dr. Carlos Roquero.

Da Embrapa, o dr. Werner Wüinche que, com o engenheiro agrônomo Delvino Nolla, este responsável pela Agência Conservacionista da Secretaria da Agricultura do Estado em Ibirubá, coordenaram a implantação de novas práticas de conservação do solo.

O reconhecido técnico dr. Norman Borlaug, neste ato em Quinze de Novembro, histórico sobremodo, referiu-se à necessidade inadiável de proteção do solo, de onde nasce a vida, o alimento e a saúde do povo.

Salientou que Ibirubá–Quinze de Novembro fora escolhido para adoção desse projeto, porque ostentava o título de município-modelo do Brasil, além de seu território ser banhado pela bacia hidrográfica do

Passo Real e ter uma boa estrutura fundiária própria e representativa dos solos da região.

"Honro-me muito em encontrar-me com técnicos de reconhecido saber, prefeitos, lideres e homens da terra", salientava Norman Borlaug. "Compraz-me imensamente em ver e sentir que as lideranças e os agricultores se preocupam com questões do solo, e começam a deflagrar programa de correção, como este projeto que estamos lançando aqui com sugestivo nome de Operação Guarda-chuva.

"Daqui espero ver frutificar resultado para toda a geografia do estado, este Brasil que muito aprecio. O solo é a maior riqueza da nação. Cuidar dele é obrigação de todos."

O dr. Norman Borlaug, após estimular o projeto, assistiu a demonstrações de plantio direto, umas das práticas conservacionistas por intermédio de equipamento fabricado pela Metalúrgica Ibirubá e adaptável a tratores, assim como de plantadeiras com sistemas modernos, tudo em sincronia com o projeto de conservação do solo, que progressivamente evoluiu, modernizou-se, lançou o plantio direto.

Um fato que orgulha Quinze de Novembro–Ibirubá. As presenças do detentor do Prêmio Nobel da Paz de 1970, dr. Norman Borlaug, do dr. Jorge Molina, da FAO, e de técnicos da Embrapa de Passo Fundo, todos dando ênfase à proteção do solo em todo o estado, praticamente a medidas conservacionistas ao redor da bacia da represa do Passo Real, cujas águas diminuem com o assoreamento e a poluição.

De certo modo o projeto conscientizou o mundo agrícola, as autoridades, muito aquém, todavia, do que se planejara e se esperara.

Surge agora um pequenino movimento, semente que tem de crescer, vingar, frutificar, queira Deus, consiga motivar profundamente a consciência do povo a se incorporar a ele, é a grande esperança, quiçá, o sonho de Norman Borlaug, se concretize plenamente, desde Quinze de Novembro, território inicial do projeto de conservação do solo.

Nasce ali a sementinha da esperança do maior técnico internacional, os Guardiões da Natureza, pequeno exército de crianças defensoras da vida, da ecologia, das árvores, do solo, das plantinhas que vicejam, amadurecem sementes e raízes, frutos e cereais, o pão nosso de

cada dia. Que Deus abençoe esse auspicioso movimento deflagrado pela corajosa educadora Estefane Franken.

É preciso convencer o povo, e as crianças tentarão fazer isso, começando em Volta Gaúcha, de onde se ouve as ondas das águas do lago do Passo Real, misteriosa esperança. Somente na linguagem misteriosa da natureza ao apelo das crianças, uní-vos, para mostrar que chegou a hora de fazer a guerra da paz, a revolução da terra boa, da água boa, do ar puro... A ciência quer ajudar, ciência e tecnologia para produzir alimentos sem agredir a natureza.

Ouvi gritos, uma moça quebrara a perna

Estava chegando de caminhonete à festa do Esporte Clube Cruzeiro de Alfredo Brenner, quando ouvi uma gritaria, era um grupo de moças que me avistara e corria em minha direção. Eu era candidato a prefeito e contava com apoio muito intenso nesse distrito. De repente os gritos de alegria pela minha presença tornaram-se gritos de tristeza e de dor. Uma das moças metera o pé em um buraco de cupim e quebrara a perna. Corri e, auxiliado pelo pessoal, carreguei a guria até o carro e a levei ao hospital em Ibirubá, sendo imediatamente atendida pelo médico de plantão do Hospital Annes Dias. Um fato que me entristeceu, mas a moça felizmente melhorou.

Os jovens e as mulheres me pareceriam, de certo modo, preferir votar em meu nome, e as crianças, que não votavam, me preferiam da mesma maneira, pois brandiam bandeirinhas e gritavam: "Ola, ola, Olavo ele é o nosso prefeito!". Queria uma explicação na época para o fato. Sei lá, nem hipótese eu tinha.

Nas reuniões, a conversa era suscinta e vibrante. Nunca falava mais do que 3 a 5 minutos, sempre com entusiasmo e, não raro, elogiando o candidato opositor e dizendo em alto e bom tom que acima de tudo eu queria o bem de Ibirubá. Uma campanha bonita, sem ataques pessoais, situação que me ajudou muito a administrar o município e levá-lo à posição invejável de município-modelo do Brasil.

Dos fatos pitorescos da campanha, alinham-se vários outros. Para as áreas de etnia lusa e italiana me vestia de gaúcho, simples, mas a rigor. E para as colônias acentuadamente de predominância alemã, lá eu comparecia às reuniões e visitas vestindo-me como eles, como colono, que já fora e com o qual eu me identificava.

Quem sabe faz a hora, não espera acontecer

Isso mesmo, bem expressa a canção de Geraldo Vandré, a hora é dos nossos clientes, a eles toda a nossa dedicação. Quem sabe faz a hora, e quem não sabe aprende, se aprimora para servir melhor e não espera acontecer.

Inaugurando uma nova fase de suas atividades a Amisa – Automecânica Ibirubá S.A., em uma seqüência positiva conquistando as mais altas distinções mundiais na qualidade de concessionária da Ford para o Alto Jacuí, inaugurou novo centro automotivo, nova oficina de assistência mecânica, alinhando todos os departamentos a uma dinâmica de bom atendimento, inovadora, com rapidez e seriedade nos negócios com seus clientes.

A Amisa tem uma história que se confunde com a história de Ibirubá, município-modelo do Rio Grande do Sul, o primeiro do país. Fundada em 5 de março de 1953, quando Ibirubá ainda era distrito de Cruz Alta, a Amisa constituía-se em um dos alicerces pioneiros de seu desenvolvimento. Venceu etapas, superou dificuldades e não se abateu ao longo de mais de meio século de serviços à região.

Segura em seus propósitos, dinâmica em seus objetivos, diligente em seu compromisso social, a Amisa que presidimos é uma sociedade progressista, vale dizer, o testemunho de sua vitoriosa trajetória são os prêmios máximos da Ford destinados a reconhecer os melhores distribuidores em satisfação ao cliente.

A Amisa alcançou já quatro troféus Chairman's, excelência no atendimento ao cliente, tanto em vendas de veículos novos quanto na realização de serviços. Quem classifica o distribuidor é o próprio cliente, através de questionários de pesquisa de satisfação – QCP – Qualidade,

Compromisso e Participação – enviados diretamente para a Ford em São Paulo, onde são computadas no recebimento do prêmio.

Eu, como presidente da Amisa, enfatizo que o Chairman's Award é a comprovação do trabalho sério desenvolvido por uma equipe comprometida, e prova disso são os vários prêmios já acumulados, e, o mais importante, atribuídos a nós por nossos clientes. Méritos para a sua eficiente e operosa equipe funcional.

"É um orgulho entregar a um distribuidor um prêmio como este.

"A montadora faz o melhor para produzir um bom carro e a Amisa, o melhor para entregá-lo, realizando um ótimo serviço", ressaltou o senhor Faga, representante da Ford, na entrega do último Chairman's.

A Amisa tem em sua memória muitos sócios beneméritos, ex-acionistas, e a eles manifesto o reconhecimento dizendo-lhes que foram amigos, amigos para sempre.

Amparo-me nas palavras de Mário Kempenich, nosso saudoso aliado e orientador de São Paulo: *Pense globalmente, aja localmente.*

E foi justamente isso que Mário Kempenich considerou correto em nosso modo de agir e valorizar os que dão força e sustentam a empresa, os clientes. Não esquecendo que o ímã da roleta somos nós, o ímã da sorte é a visão estratégica.

A Amisa, além de concessionária Ford, representa a Petrobras Distribuidora com posto de combustíveis e serviços. Ali a Amisa conta com uma equipe de funcionários de eficiência nota dez no julgamento de seus clientes.

A todos os clientes, amigos e colaboradores, a Amisa doura de emoções a palavra obrigado, muito obrigado.

Maldito cigarro, te esconjuro!

Era noite e chovia muito, eu voltava do interior, onde estivera em visita às comunidades no desempenho do meu cargo de prefeito. Em casa não havia ninguém e a estafa do dia era grande. Pensava o que fazer para saciar a fome, parecia não haver nada para comer. Procura de

um lado, de outro, por fim encontrei na varanda uma manta de charque de carne de gado e pensei: "Vou fazer um carreteiro!". Cortei um pedaço e coloquei-o na água para dessalgar. Bem, agora vou pitar um pouco, tomar uma caipirinha e relaxar. Mas cadê o cigarro, a carteira estava vazia. Amaldiçoei o *maledetto* vício do cigarro. Sabia que já me prejudicava a voz e os pulmões.

De repente bate à porta um jovem, o filho de Arlindinho Pereira, trovador-repentista e muitas vezes presente ao chimarrão da Amizade. Pede-me qualquer coisa para comer. Conhecia seu pai, não ele, tratava-se de uma família pobre. "Como te chamas?", perguntei. "Aristeu!", respondeu-me, com a roupa totalmente molhada da chuva torrencial. "Aristeu, vou arrumar uma boa comida para ti, mas antes tu vais buscar-me um maço de cigarro Carlton ali no bar Amarelinho, perto de casa", e dei-lhe guarda-chuva e 100 cruzeiros.

Ele se dispôs prontamente a buscar o que lhe pedira. Voltei à cozinha, peguei o charque, piquei em cima do tabuleiro, lavei-o novamente, joguei na panelinha de ferro o guisado de carne seca, o charque. Arrumei um fiambre de restos de comida e esperei o filho do trovador. Fui ver se ele aparecia com o maço de cigarros. Nem sinal do piá, esse diabo mandou-se com o dinheiro e o guarda-chuva que lhe dei. Peguei um chapéu velho, botei na cabeça e corri até o bar Amarelinho do Bodoque, apelido de seu proprietário, que me disse: "Aqui ninguém veio comprar cigarro, conheço aquele gurizão, não presta, é mal elemento".

Com o maço debaixo do casaco, corri de volta para a panelinha que borbulhava no fogo e pensava comigo, "Que vício maldito o cigarro, vou parar de fumar a partir desta hora", coisa que já tentara várias vezes sem sucesso. "Agora basta de fumar. Serei homem ou não?" Escrevi no maço de Carlton: "A partir desta data nunca mais ponho um cigarro na boca, não fumarei mais". De fato, fui radical, deixei de fumar.

Acho que me salvei, salvando minha saúde. Meu pai Pedro era fumante inveterado mas dificilmente tragava a fumaça, fumava palheiro, a maioria das vezes com fumo de corda amarelinho que mesclava com um pouco de figueirilha, cuja raiz é aromática. Desse modo o cigarro não fica tão forte e esparzia um cheirinho agradável.

Mais tarde abandonou o palheiro, passou para o cachimbo e chegou a ter uma coleção de cachimbos. Eu comprei, em Veneza, quando lá estive visitando Ceggia, onde nasceram meus avós, dois belos cachimbos, um italiano, outro inglês – preciosidades para os cachimbeiros. O deputado Antônio Bresolim também lhe deu um de presente. Meu pai prevenia-se moderando o vício de fumar, não tragava. Baforava, isso sim, espalhava a fumaça por onde caminhava, o que testemunhavam os taxistas do ponto de táxi ao lado da Amisa, seus amigos e informantes de tudo o que acontecia na cidade de Ibirubá.

Preocupava-se comigo que era o prefeito do município. Dizia: "Olha Olavo, tem gente aí que não gosta de ti e estão te preparando uma armadilha. Abra o olho, cuida-te", e eu agradecia seu trabalho detetivesco pois os taxistas lhe informavam e eu respondia: "Podes ficar tranqüilo, que eu sei quem são eles, são invejosos inúteis que morrerão dessa doença sem conseguirem nada, tenho corpo fechado, pai". E lhe mostrava meu amuleto no pescoço com as palavras Deus seja louvado. Um pouco Alá, outro pouco nego Ataliba, nunca me deixaram na mão.

Conto isso tudo para amaldiçoar o cigarro, esse *maledetto* vício que abandonei em tempo. Meu pai moderou o cigarro usando-o sem tragar a fumaça, viveu 91 anos. Seu pai Ângelo, meu avô, como bom italiano de velhos costumes, dizia-me "Eu nunca fumei, mas usava de vez em quando o tal rapé, um pó de fumo para aspirar"; usou-o até os setenta anos. Não dispensava, porém, um copo de vinho pela manhã, de fabricação própria, outro ao meio-dia no almoço e outro no jantar. Tomava-o com moderação, e também não dispensava de manhã, antes de ir para a roça, uma colher de mel e outra de azeite de oliva, viveu 98 anos e está sepultado em Fortaleza dos Valos.

Escuela del Pueblo

Escuela del Pueblo ou Escola do Povo era a denominação de um estabelecimento de artes e ofícios e de assistência social mantida pelo partido Aprista de Haya de La Torre, situado no centro de Lima. Mos-

trou-me essa notável instituição o atual presidente do Peru Alan Perez Garcia, na visita que fizemos a esse país, depois de ter participado de encontro com Emilio Seguel Piro, presidente da Federação das Cooperativas de Eletrificação Rural do Chile, em Santiago. Acompanhava-me nessa viagem Jânio Vital Stefanello e Imério Rossatto, presidente e vice da Coprel, respectivamente.

A Escuela del Pueblo abrangia um quarteirão de edificações em cujas dependências funcionava uma série de serviços sociais.

O curioso era ver, além do expressivo patrimônio pertencente a uma agremiação política, o sistema para oferecer tanta assistência à população carente. Profissionais, técnicos, médicos, dentistas, enfermeiros, assistentes sociais, professores, a maioria filiada ao partido, segundo me informava Alan Perez Garcia, prestavam em suas respectivas especializações o atendimento de emergência ao povo e o faziam gratuitamente. Ao povo carente, subentendido, grande mescla de índios e brancos, em uma só nação, a peruana.

Vi e me impressionei com o grande número de pessoas sendo atendido pela Escuela del Pueblo, sobretudo no campo da saúde pública; profissionais se revesavam diariamente para oferecer tão relevante e solidária assistência. Em um grande refeitório, o partido Aprista, mediante contribuições de seus filiados, quero crer, oferecia também comida popular aos necessitados, um boião para saciar a fome. Isso foi o que eu e meus companheiros vimos, tudo funcionando na Escuela del Pueblo. Outra face que me chamou a atenção foi a de artes e ofícios – eram ministrados cursos práticos orientados para o trabalho e instruções, entre as quais notei as de eletricista, secretariado, mecânica, motorista, tratorista, marceneiro, pintor, cozinheiro, cabeleireiro, vendedores, técnicos rurais, costureira, garçom e até aulas de educação política democrática, que deduzi constituir-se em certo comprometimento de fidelidade ao partido que lhes proporcionava amparo nas duras horas de necessidades.

Caridade? Não. Em meu entendimento, em primeiro lugar, o papel político do partido Aprista era o de ensinar a pescar, oferecendo um mínimo para a pessoa dignificar-se para uma ou outra atividade, enfim para tornar-se útil à vida. Paralelamente, fornecia um pouco de alimento e

vestuário às pessoas carentes, estimulando-as a sair da miséria e ser útil à comunidade. Alan Perez Garcia elegeu-se duas vezes presidente do Peru.

Os deputados José Rodrigues Vieira e Jorge Aleluia Alegria conduziram-nos, Jânio Vital Stefanello, Imério Rossatto e eu, à Assembléia Legislativa, onde fomos homenageados pela Casa do Povo do Peru, uma sessão vibrante em que o deputado José Rodrigues Vieira interpretou os votos de apreço e solidariedade da Câmara dos Deputados à Coprel e a seus representantes. O deputado Aleluia Alegria representava Loreto, cidade na divisa do Brasil amazônico com o Peru.

Escrevo esta nota para registrar uma passagem, embora simples, pelo Peru, Cuzco e Machu Picchu, esta a misteriosa e estupenda cidadela inca.

Me ajoelhei para cumprir promessa

Ibirubá daquele tempo era assim. Lembro do padre Chico (Franz Hümmler) que se batera muito por mim, do pastor Strhebel que me devotava uma afeição sem paralelo. Era amigo para todos os momentos. Por causa da campanha, tive de assumir alguns compromissos de cunho religioso. Freqüentar cultos da Assembléia de Deus e da Igreja Metodista. Lembro da velhinha de Rincão Seco, com a qual tive de ficar uma hora de joelhos, rezando em voz alta. Creio ter comovido até a povoação lá do céu. Ela era metodista e fizera a promessa de que, se eu ganhasse a eleição, teria de acompanhá-la na oração que fizemos juntos.

O velho Zimmermann jogava punhados de alfinetes para todos os lados

Ele fazia isso para virar votos contrários, a meu favor, na eleição municipal em que fui candidato a prefeito em 1963. Um dia ele me chamou para assistir a mandinga ou coisa parecida que realizava para eu

ganhar a eleição. Antes de pegar os alfinetes, olhava fixamente para certa direção e proferia uma espécie de reza. Segundo Zimmermann, o povo contrário a teu nome, vai mudar, e você vai ganhar a eleição. E aquele alfinete semeou um mundaréu de alfinetes em muitas direções. Elegi-me prefeito.

O velho Zimmermann, de Vila Seca, São José, procurou-me depois da eleição para me cobrar o que ele fizera. O que fiz foi levá-lo para fazer tratamento especializado de saúde e ele melhorou. Uma promessa que ele, e não eu, fizera.

Assumi a Prefeitura no dia 31 de dezembro de 1963. Tudo correu na maior tranqüilidade. Foram cinco anos de muitas realizações.

Como se deu a conquista de município-modelo?

Assumida a Prefeitura em 31 de dezembro de 1963, minha vida voltou-se total e amplamente às novas atividades. Desdobrava-me com muita energia para estar presente em todos os quadrantes do território municipal. Queria ver as instruções de serviço serem cumpridas, ouvir as pessoas, as lideranças, que se prontificavam indistintamente e colocavam-se à disposição para colaborar!

Certa noite, adormecera preocupado com as metas de tarefas públicas. Mas o sono foi curto. A insônia o superou. Levantei e liguei o rádio, um receptor enorme GE antigo. Corria o dial em busca das emissoras Nacional ou Tupi do Rio de Janeiro, quando ouvi um noticiário do Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA), pela Nacional, entidade de cuja existência eu ainda não tinha conhecimento.

O presidente da instituição anunciava um programa inédito que iria lançar a partir do Rio Grande do Sul. Ele já se entendera por telefone sobre o assunto com seu governador Ildo Meneghetti e, em breve, viajaria a Porto Alegre para dar início àquele programa. Objetivava, em prin-

cípio, a eleição de um município para servir de campo experimental a fim de organizar e desenvolver comunidades, seria um programa dirigido ao homem, à família rural.

Não me contive de tanto entusiasmo pela idéia de inscrever nosso município no referido concurso. Se agir no silêncio, se conseguir unir ainda mais as lideranças, esse título será de Ibirubá. Abri uma garrafa de vinho e comemorei sozinho aquela notícia do professor Eudes de Souza Leão Pinto, madrugada afora.

A escolha, segundo suas palavras, seria feita por uma comissão de alto nível, técnica, e cujos nomes ele e o governador do estado Ildo Meneghetti indicariam. Ao findar a exposição radiofônica, Eudes comunicou que logo viajaria ao sul para encontrar o primeiro mandatário do estado.

Aquela noite se tornara curta. Atento àquele noticiário, pensava o que fazer logo que chegasse à Prefeitura naquela manhã. Idéias me surgiram aos montes. Deduzi que Ibirubá poderia ser candidato ao título de campo ou de laboratório de experiências comunitárias. Ele tinha raízes profundas no seio do povo por seu modo de ser, trabalhar e viver. As comunidades que aqui se formaram no período da colonização deram-lhe força para construir escolas e abrir caminhos, centros culturais, igrejas, e com a virtude de realizar tudo isso sem ajuda pública.

Era um período de bravas iniciativas, nada mais dignificante e exemplar. Além de todos esses méritos, contava ainda com uma infraestrutura bem distribuída pelo território municipal, sem grandezas materiais, porque o destaque era seu acentuado espírito de entendimento e concórdia.

Sem exercício político extremado, a população a saber dava mostra sobejas de um alto grau de entendimento, uma raridade. Aqui conviviam todas as nacionalidades – lusa, alemã e italiana – na mais admirável harmonia social.

Examinando todos esses aspectos, agucei a idéia para candidatar Ibirubá ao título, ganharia a parada e o município seria eleito.

Entre um chimarrão e outro naquela manhã, meu pensamento girou a mil para trilhar o melhor caminho. Quis o gênio da imaginação

criativa jogar-me de inopino para o campo de luta. Lancei mão do telefone e convidei os líderes de todas as áreas e entidades – ninguém faltou à reunião em minha sala de trabalho.

Expus a questão com os detalhes que me pareceram significativos e disse que se tratava de uma tentativa para conquistar esse título. Um desafio de envergadura para Ibirubá, pequeno diante dos grandes municípios.

Expliquei o que me viera à cabeça. Se a política entrar no processo durante a escolha, nossas chances poderiam diminuir. Ibirubá não tinha peso eleitoral, mas possuía, isso sim, grande peso cívico-moral. Confiava no apoio de todos e pedi que mantivessem sigilo sobre o projeto do INDA. Isso nos levaria a ganhar tempo, fortalecer os contatos e nos dar vantagem na conquista.

Entendíamos que um programa de caráter social de integração intergovernamental colimava a pessoa humana a desenvolvê-la e aperfeiçoá-la para uma vida nova. Se o projeto visasse à obra de expressão material, como a maioria poderia pensar, Ibirubá na certa não seria o vencedor.

Havíamos compreendido que essa não era a finalidade do programa, e aqueles que entendessem assim ficariam na estrada. E os que pensassem em fazer dele escada política também não teriam êxito. Pensava muito e chegava a conclusões claras, o programa preveria na certa melhorias nas comunidades, se elas fossem intrinsecamente participantes. Tudo convergiria para a pessoa, ela seria o meio e o fim do programa.

Pensei assim, e foi assim que partimos para o desafio, que vencemos bravamente, com mérito e orgulho. Ibirubá município-modelo, o primeiro do Brasil. Também pudera, contava com um grupo de sessenta pessoas a mais que se incorporaram intensamente no movimento, todos enfim. Destacaria alguns deles, como Altivo Osmar Ruschel, Augusto Borges Berthier, Nabor Faria, Edmundo Roewer, Edgar Otto Fleck, Frederico Dürr, padre Franz Hümmler, pastores Walter Hesse e Gebhardt Strebhel, Plínio Lütz Machado, Ricardo Wommer, Theobaldo Becker, Ilvedy Weber, Cícero do Amaral Viana, Gustavo Sommer e Egonio Ways.

O governador Ildo Meneghetti e o dr. Eudes, pelo INDA, constituíram a comissão de alto nível que pesquisaria e estudaria a escolha de um dos municípios para ser modelo. Integravam essa comissão o dr. Athos Muniz Vasconcellos, delegado regional do Ministério de Agricultura, Adolfo Fetter, secretário de Agricultura do estado, Fernando Gonçalves, presidente do Instituto Gaúcho de Reforma Agrária (IGRA), Otávio Cardoso, secretário de Economia do estado, José Augusto Amaral de Souza e Paulo Brandão Rebello.

Depois da vitória vem a bonança, a calmaria, dizem. O programa do município-modelo passou logo a ser posto em prática. E a suposta trégua tornou-se mais intensa mobilidade. As lideranças e as comunidades foram mobilizadas. Chegara a hora da verdade, o município teria de se organizar como fora previsto e planejado.

Técnicos do INDA, do Rio, de Brasília e até do exterior vinham a Ibirubá. Vinham orientar, instruir e coordenar nosso trabalho de ampla ação intergovernamental, comunitária e social. Pesquisas e estudos sociométricos e levantamentos topográficos, entre outros, fundamentavam projetos e ante-projetos que frutificaram em médias e grandes realizações. Entre elas, o da eletrificação rural cooperativada pelo qual se unia a família ao desenvolvimento e ao bem-estar social.

Outros projetos tiveram continuidade e se realizaram por etapas, sendo que o maior deles, todavia, não foi muito bem compreendido pelas lideranças que me sucederam na governança pública do município. Qual seja: manter vivo o espírito solidário e participativo do povo em um todo abrangente e total de Ibirubá. Pergunta-se muito sobre isso.

Povo unido é povo feliz, argumentava-se no programa do município. As grandes assembléias de líderes desvestidos de política e interesses pessoais não mais se repetiram na escala desejada e prevista. Interesses de grupos ou de partidos sobrepuseram a chama viva da convivência comunitária que se não se apagou, clama por um sopro de calor e vigor social e talvez possa ressurgir das cinzas de um passado recente. Bons exemplos ficaram no caminho.

As comunidades não mudaram tanto e estão ávidas por novos desafios.

"Não sou turco, sou palestino. Vim aqui para ficar."

Eu tomava ciência dos serviços da administração do município, quando recebi a visita de Mustafá Beituni. Era uma manhã de chuva, o visitante carregava uma pasta preta, e fez uma rápida exposição sobre a razão de seu interesse em conversar comigo. Contou que fugira de Jerusalém e Betúnia para a Jordânia, e dali para o Brasil, forçado pela Guerra dos Seis Dias com Israel. Explicou-me as peripécias porque passara, e de sua vontade e da família em se radicar em uma cidade como Ibirubá. Estivera por algum tempo em Carazinho e Colorado, mas seus familiares não se ambientavam a contento. Gostariam de vir para Ibirubá que se configurava mais atraente e propício ao comércio. Pedia-me apoio para se integrar com mais facilidade ao meio social. Prometi-lhe o que me seria possível fazer.

Em contrapartida, pedi a ele que investisse no município até para desfigurar a imagem que faziam de "turcos", mascates ou de comerciantes que se instalavam, juntavam uns trocados e se mandavam, sem contribuir mais com a cidade que os acolhia.

Mustafá prontamente contestou-me afirmando que vinha para fincar pé em Ibirubá. E não era turco, era palestino. Colocou a pasta em cima da mesa e abriu-a, estava cheia de dólares e me disse: "Eu trouxe para aplicar em Ibirubá". E foi o que fez. Comprou terreno na esquina Sete de Setembro com a Tiradentes que mandei terraplenar, onde em seguida construiu um grande edifício para lojas, hotel e residência. Um belo prédio para a época. Mostrou-se muito agradecido pelo estímulo que lhe ofereci e desejava muito que o acompanhasse em uma viagem à sua terra natal. Disse-lhe que só poderia acompanhá-lo após o exercício do mandato de prefeito, pois eu primava pelos compromissos à frente da municipalidade que se projetava, e não poderia por qualquer lapso frustrar a população.

Mustafá veio a falecer em 1973 e foi sepultado no cemitério católico local. Foi uma perda muito sentida. Ele e sua família integraram-se à

comunidade, era palestino, ibirubense benquisto. Seus filhos continuaram com os negócios. Massud e sua esposa Geneci, o mais velho, sua mãe Sofia, irmãos Majed, Majida e Salah espraiaram o comércio com a abertura de várias filiais nos municípios vizinhos.

Massud, mais tarde, como prometera a seu pai, me proporcionou uma viagem com passagem aberta (*open*) pelo mundo, como quisesse. A primeira escala foi a Espanha, pois eu desejava ver os projetos de reforma agrária desenvolvidos em uma vasta região daquele país pelo governo do General Franco. Pensava eu: "Como assim, um governo de direita promover a reforma agrária?".

De Madri, após visitar essa notável cidade cultural, alugamos um carro e fomos para o interior do país. Acompanhava-nos Waldir Grave Meiner, na época secretário da Coprel. Vi agrovilas nesses projetos e observei que o latifúndio ao ser desapropriado excluía a sede e uma parte da área que ficava com o proprietário. Um jeito de conciliar possíveis interesses, afetivo-sentimentais da família do proprietário com a terra, a moradia.

Percorri extensões enormes de terras totalmente agricultáveis, outras glebas com irrigação e plantações de tomate, milho, lindos pomares de pereiras, parreiras e vinhedos, e encantou-me ver tudo isso que, se não era uma maravilha, fora uma grande solução para resolver o problema da posse da terra, transformando-a produtiva e socialmente habitada.

No meio desses projetos, o que me chamava a atenção era o observar de que nada fora descurado. Vimos projetos de piscicultura, de gado leiteiro, de suinocultura, aliás esta surpreendia-me: a criação de suínos, tipo serrano, soltos pelos campos de "bellota", cuja fruta os alimentava e qualificava sabor característico à carne, que se notava facilmente no sabor dos famosos *jamon*.

Nas agrovilas ou *pueblos* destaque para as artesanias, nas quais se ocupavam os demais familiares, além de enriquecer com eles o turismo espanhol, considerado o mais atraente do mundo.

Seguimos até Badajóz, cidade na divisa com Portugal, e chegamos ao hotel Husa Zurbarán. Adiantei-me ao encontrar na recepção com um alegre "Buenas tardes". "Buenas tardes coisa nenhuma, boa tarde seus

gaúchos de Porto Alegre!" Quem nos recepcionava era brasileiro, gaúcho como nós. Logo nos reconhecera pelo sotaque.

Serviu-nos umas taças de vinho e comemoramos aquele feliz encontro. Ali pernoitamos, para no dia seguinte voltar a Madri por outro caminho.

Pelos caminhos de Maomé! Maktub

Fiquei quinze dias no Oriente Médio, tempo suficiente para conhecer a cultura árabe, seu modo de viver, suas crenças centradas no islamismo para 95% da população e 5% de cristãos; os islamitas dividem-se em sunitas e xiitas, não vivem muito bem entre si; nem os cristãos que se dividem em centenas de correntes.

Em Amã, onde nos hospedamos no apartamento que pertencia a Májida Beituni, irmã de Massud, tivemos a oportunidade de percorrer, além das cidades antiga e histórica, outras cidades e países.

Das curiosidades de Amã, Jordânia, admirei a grande arena de gladiadores construída pelos romanos, um local apenas para visitação turística. Conheci também um colégio administrado por irmãs religiosas italianas, fato que me surpreendeu, pois o educandário católico está no meio quase absoluto de muçulmanos. Perguntei a razão disso e Massud explicou-me que as religiões católica e muçulmana não se distanciavam muito em seus princípios. Muçulmano têm Alá como senhor supremo. Fé em Deus, Alá em árabe, Maomé é o profeta, mas não é Deus. Deus é um só, único e supremo.

Os católicos consideram Jesus seu Deus que, para os muçulmanos, seria apenas um profeta, como Maomé foi, e depois dele, Jesus Cristo. Muçulmanos e católicos, cristãos por extensão, na verdade têm fé em um só Deus. Divergem, no entanto, em princípios doutrinários; judeus têm uma crença em um só Deus e esperam a vinda do Messias. Cristianismo, islamismo e judaísmo são as correntes religiosas que acreditam em Deus. Tudo que eu via e sentia no mundo árabe me chamava atenção, era curioso e interessante.

O Alcorão tem um regulamento social-político-doutrinário que é aplicado ao pé da letra, com rigor nos países de maioria muçulmana. Por ele regra-se a sociedade. Maktub, está escrito.

Assisti alguns fatos que me causaram surpresa, interessantes. Um deles ocorreu na rua, andávamos, eu e Massud, seguindo atrás de três pessoas, duas crianças, e uma adolescente. Certamente eram irmãos. Nisso passa por nós um jovem, emparelha ao lado da menina e a toca com a mão e lhe diz qualquer coisa, deduziu Massud. Teria feito proposta indecorosa, ou coisa assim. Ela gritou alto e repeliu o jovem que a assediara. Num quase repente surgiram policiais e populares, prenderam o rapaz e o levaram à delegacia de polícia.

O pai do jovem, que é menor, é chamado; nesse caso o pai é o responsável. A lei está no Alcorão. As partes discutem e a lei é aplicada, na hora. Pai e filho são sentenciados, vão para a cadeia pagar pela infração. Maktub, está escrito.

No Egito existem os maiores seminários de formação religiosa muçulmana, e participei em Amã de atos religiosos. Um xeque de origem egípcia interessou-se muito em conversar comigo, sendo Massud o intérprete, e outros falavam português, espanhol, italiano, línguas que eu dominava.

Ele fumava, eu não. Durante o Ramadã não se pode fumar, nem ingerir alimentos durante o dia, só à noite, isto é, comer sim, fumar não, nem de dia, nem de noite, nem ingerir bebidas alcoólicas, que, na verdade, são proibidas sempre. Se a lei é cumprida, é outra história. Se pecam, devem pedir perdão a Deus.

O xeque egípcio doutrinava-me sobre o islamismo e rezava para eu ser muçulmano, ir para o céu, o destino dos homens de Alá, Deus.

Na Arábia Saudita está Meca, em Medina, onde foi sepultado Maomé, o fundador do islamismo. Historiando o que vi no Oriente Médio, o que mais senti foi o jejum das 6 às 18 horas. Alimentar-se só depois desse horário durante o Ramadã. Nem assim emagreci, comia-se muito depois, e comida boa.

Caminhando pelas ruas, às vezes surpreendia-me com as pessoas que inopinadamente me acompanhavam, jogavam-se ao chão, ajoe-

lhavam-se com o rosto no solo, de terço na mão, em direção à Meca e rezavam em voz alta, depois erguiam-se devagarzinho, orando sempre, Deus seja louvado. O terço muçulmano tem apenas três dezenas. Trata-se de um costume, a pessoa ilumina-se e reza, Deus seja louvado. Fiz algumas vezes isso, rezei ajoelhando-me no chão cheio de pó, era a força da fé e da inspiração reverenciando Alá, Deus supremo, Senhor dos mundos.

Na terra da tulipa, o encanto das flores

De Madri via aérea, eu e Massud Beituni seguimos para Amsterdã, capital da Holanda, um país pequeno, mas repleto de atrações. Entrecortado por centenas de canais configurava-se uma Veneza. Hospedamo-nos no Hotel Sonesta, de arquitetura antiga. Dali passamos a conhecer o país, visitamos todo seu interior, e o encanto do cultivo das flores da Holanda, a tulipa com primazia.

Impressionavam-me as belas searas de trigo nessa época do ano, julho, algumas delas maduravam já lourejantes. Na agricultura, a cada passo uma surpresa, vastas lavouras de batatas viçosas, cujas melhores variedades de todo o mundo estão na Holanda, umas sendo colhidas, outras ainda verdes e floridas.

O que víamos em termos de agricultura nunca havíamos visto antes. Rentabilidade, a mais alta do mundo.

As do milho, além do viço dos milharais, eram entremeadas a cada 50 metros por outras culturas, todas em faixas e linhas com estacas e anotações identificando variedades e plantio. Alternadamente viam-se searas de milho, trigo, batata-inglesa, flores, alfafa, hortifrutigranjeiros, enfim tudo revelando métodos e técnicas para a produtividade máxima do solo. A rotação de culturas era uma das práticas evidentes, como o cultivo com estufas, coberturas de plástico, climatização automática, processo esse que a Coprel demonstrou aos produtores cooperantes em estufa em sua central administrativa. Foi uma experiência que desper-

tou interesse pelo fato de empregar energia para climatizar o interior da estufa, e produzir o que quiser em qualquer estação do ano.

O gado leiteiro é altamente produtivo.

Na Holanda é tudo superorganizado. Pelo caminho paramos para ver exposições de queijos, pequenas fábricas artesanais, tradições de pai para filhos, curiosas e magníficas, que se prolongam nas estações.

Em Haya visitamos o Parlamento, ponto histórico e célebre pelo discurso proferido ali pelo ilustre brasileiro Rui Barbosa, destacando o direito internacional, fato imorredouro para o Brasil.

O porto de Roterdã, um dos maiores da Europa. Em Muradan uma Holanda em miniatura, em cujo local regorgitavam multidões de turistas, em visitação permanente.

País de terras fertilíssimas, a maior parte delas conquistadas do mar por meio de aterramento, ocupação que colocou seu território abaixo do nível do mar.

A praia de Zanford divide-se em duas: uma para a prática do topless, outra para os nudistas, onde andar pelado nem mais era novidade, mas curiosidade para os turistas do Terceiro Mundo. Lá para eles era algo natural. Algumas holandesas esteticamente fartavam os olhos, outras não. Belezas femininas também de outros países, turistas que aproveitavam para viver momentos nudistas nessa praia. Para mim, muito silencioso só o morrer das ondas do mar na praia cortava o silêncio daquele mundo de pelados. Para nós que ainda não havíamos estado em praia de nudistas, aquela foi uma novidade.

A Holanda é um país para se conhecer devagar, porque tem muita coisa para ver de interessante e útil. Também a Dinamarca e todos os países nórdicos são curiosos.

Namorados adoravam amar nas gôndolas

De Amsterdã à Roma com escala em Zurique. Em Roma nos hospedamos no hotel Fórum Imperiali, um dos mais antigos da ci-

dade eterna, em frente ao Coliseu. Como era mês de julho, fazia muito calor e a temperatura passava dos 40 graus. Conhecemos o Vaticano. Na casa dos Palotinos encontrei-me com o padre Dorvalino Rubim, meu primo que me escreveu e desenhou em um bilhete, o endereço onde nasceram meus avós, Angello Stefanello e Maria Dalcin, o que me facilitou visitá-lo.

Eu e Massud ficamos três dias em Roma, compramos passagem e voamos para Veneza. Do aeroporto, fomos de barco para a San Marcos, e ali perto nos hospedamos no Hotel São Carlos, construção de dois andares, antiga e pouco confortável.

A praça nessa época de férias tem movimento intenso. Turistas aos milhares dia e noite festejam incessantemente. São Marcos quase ensurdece de tanta música e burburinho dos turistas.

Nos canais, experientes gondoleiros conduzem com habilidade as gôndolas, enquanto os namorados cobriam-se com grandes panos pretos e ao balanço das ondas e dos barcos curtiam horas de amor e lazer.

De Veneza comunicava-me pelo telefone com o pessoal da Rádio Ibirubá dizendo-lhes que bem perto dali nasceram meus avós.

Noticiava também alguns boletins de fatos internacionais, como o do congresso sobre reforma agrária, os limites da posse da terra, patrocinado pela FAO-ONU, ocorrido em Roma.

Em Veneza Massud Beituni não deixou meu aniversário passar em brancas nuvens, multando-me com um jantar na praça San Marcos, em 2 de agosto de 1979. O vinho Barollo deleitou nosso paladar.

De Veneza, San Doná de Piave, Ceggia, esta a cidadezinha dos meus avós, uma parada histórica, onde residiram antes de imigrar para o Brasil.

De Ceggia para Camposanpiero, visitamos essa cidade em que, segundo a mãe Antonia, moravam seus pais e avós, que também imigraram.

Procurei alguém com o sobrenome Prevedello e encontrei um engenheiro chamado Giovanni Prevedello, mas outros não existiam ali. Segundo Giovanni, os Prevedello eram numerosos, mas a maioria imigrou para o Brasil e Estados Unidos. Pertenciam à classe média, a agricultura era a atividade principal. Fui a uma lojinha de jóias e comprei umas lem-

brancinhas da cidade de Camposanpiero: uma com formato de cruz, toda de ouro e prata, que dei de presente para minha mãe Antônia, contando-lhe tudo o que vira na terra natal dos ancestrais dela e meus.

De Veneza, o novo destino foi o Oriente Médio, Amã para pisar o solo em que Maomé pisou, além de Cristo desde Belém, Jerusalém.

Maratona pelo continente

No decorrer da VIII Conferência Latino-americana de Eletrificação Rural, realizada de 26 a 30 de novembro de 1979, em Lima, no Peru, lancei a idéia de promover a fundação de uma entidade americana de cooperativas para fortalecer o sistema cooperativado de eletricidade. A idéia vingou entre os participantes da conferência, que debateram a proposição e a aprovaram por unanimidade. O representante da delegação argentina, senhor Bonifácio Cejuela, arrogara-se o direito de assumir a presidência da Comissão, que cuidaria da organização da nova entidade.

Para viabilizar esse desiderato, foi marcada a realização de um grande congresso, em Porto Alegre, cabendo à Fecoergs[4] e às cooperativas brasileiras a mobilização das co-irmãs do continente, para 21 a 24 de outubro de 1980. Em principio dar-se-ia à entidade o nome de Organização Americana das Cooperativas de Eletricidade (OACE), cujos estatutos deveriam estar elaborados pela Comissão Constitutiva até essa data. Mas eu também sugeri a essa conferência que ela estendesse ao sistema cooperativo de energia outras finalidades de ação, o do desenvolvimento agrário e rural, pois eu as antevia necessárias para a solidez das cooperativas com ampliação de suas metas de prestação de serviços ao meio em que atuam, sem se desviar, porém, de sua finalidade mestra. Isso também foi aprovado. O desafio era viajar pela América e contatar as Coope-

4. Federação das Cooperativas de Energia, Telefonia e Desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul.

rativas de Eletrificação para o Congresso, redobrando assim os trabalhos para organizar a contento o evento previsto. Adesões de cooperativas de fora, duas, três haviam confirmado presença, as demais não. O que estaria havendo surpreendia a Fecoergs.

O tempo corria, faltavam cinqüenta dias para o Congresso, fui chamado à Fecoergs, temerosa do insucesso do conclave. Na reunião da diretoria me perguntaram se eu poderia viajar aos países americanos, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, México e outros da América Central, visitando o que me fosse possível para pessoalmente reforçar os convites e mobilizar as delegações.

Colocaram-me na fogueira: "Vá mobilizar as co-irmãs que não se manifestaram."

Além do Brasil, apenas Argentina e Chile haviam confirmado presença ao Congresso em Porto Alegre. Seno Dreyer, após deliberação da diretoria, convocou-me para fazer essa complicada maratona pelos países americanos convidando-os para o conclave. "Você tem jeito para mobilizar nossas co-irmãs", disse-me Dreyer.

Um desafio de última hora para salvar o êxito do evento. Pensei e até cheguei a duvidar: "Será que os convites feitos agora irão motivar as cooperativas, algumas contatadas por correspondências, mas sem contestações, e outras que nem identificadas haviam sido.

Eu faria uma viagem, na verdade, de bandeirante do sistema, com quase nenhum endereço. Eu deveria achá-los, bater na porta dessas cooperativas, se as encontrasse. Deram-me uns minguados dólares que, se não tivesse me prevenido em trocar um pouco mais, não teria como cumprir o roteiro previsto, visitar, identificar e convidar essas co-irmãs a participarem do conclave de Porto Alegre.

Viajaria a dez países, se possível, mais que uma maratona, um desafio com espírito de guerra. Guerreiro eu sempre fora quando desafiado por um causa meritória.

Audiência? Nenhuma fora agendada, eu deveria consegui-las ou chegar às instituições, às cooperativas ou às estatais que desenvolviam a eletricidade no campo de qualquer jeito.

A batalha começava no escuro. Estratégia eu estabeleceria durante a viagem. Saí de Porto Alegre, fui a São Paulo, troquei de avião e voei para Lima. Eram quatro horas da madrugada quando a aeronave aterrissou. Hospedei-me no Sheraton Hotel, no centro da capital peruana. Depois de um bom banho, e de folhear um massudo guia telefônico, anotei os endereços de uma dezena de cooperativas cafeteleiras e agrárias, mas nenhuma de eletrificação, e a elas me dirigi.

Descansar? Não houve tempo. Aparecera a claridade do dia. Vesti-me a rigor, a gravata pelo menos era nova. Do café à rua, estava pronto para o primeiro lance. Pensara em telefonar para os endereços a fim de agendar as entrevistas. Desisti, convite que, se os improvisasse, certamente, de uma forma ou de outra me receberiam. Ensaiara umas palavras e frases de portunhol e me dirigi à primeira entrevista na Federação de Cooperativas Cafeteleiras, cuja sede ficava próxima ao hotel. Inspirei-me, tem de dar certo, e implorei a ajuda de Santo Izidro, padroeiro dos agricultores, e de Santa Rita de Cássia, padroeira da América.

A secretária de recepção quase se assustou com a presença que lhe fiz um tanto de chofre. Procurei explicar-lhe que minha visita era para entregar um convite ao presidente e diretores da Federação. Sorriu e me pediu para entrar. Menina boa! "Ah! Vai dar certo", pensava. Ela me disse que o presidente chegaria logo e iria me receber, comunicação que agradeci.

No tempo de espera e para não dar aimpressão de que estava olhando para ela, tentei fazer-lhe algumas perguntas, descontrair-me e manter um ambiente alegre, além da curiosidade em país estranho e falar com pessoa de outra nacionalidade.

A secretária chamava-se Tomita Huerta Flores, muito linda, olhos de matar, me respondia quando entendia, e para encantá-la e torná-la favorável à visita, eu elogiava sua beleza, dizendo que nem imaginava ver mulheres tão belas no Peru, país que visitava pela primeira vez. Con-

tei-lhe o drama pelo qual estava passando ao percorrer tantos países. Ficara contente com a recepção que me fizera.

Nesse ínterim chega o presidente da Federación Nacional de Cooperativas Agrarias Cafeteleiras del Peru, dr. Enrique Castañeda Párraga. Arrisquei um espanhol de pouco sotaque que serviu para saudá-lo e lhe passar às mãos o convite para o Congresso. Justifiquei-me pelo fato de não ter agendado a visita com antecedência. Ele considerou a iniciativa de grande interesse para o desenvolvimento rural e o Peru, por meio de suas entidades, faria tudo por seu êxito.

Chamou a secretária que me acompanhou até a sala de José Viera Rodrigues, secretário e conselheiro da Federação. Senti logo que estava vencendo. José Viera Rodrigues exercia o mandato de deputado do partido Aprista e se destacava na política do país.

Estranhava ver ali uma mistura de política e cooperativismo. Isso para mim não era plausível; cooperativa não pode se partidarizar. Bem, se eles fazem assim, o que eu tinha com isso? O que me importava mesmo era contar com o apoio logístico para o Congresso. Estava conseguindo.

José Rodriguez mostrava-se animado com a proposição do evento e se prontificou a apresentar-me as filiadas, o que fez. Visitamos ainda pela manhã quatro cooperativas sediadas na capital. Três na periferia de Lima, onde pude observar todo o processo de secagem, limpeza e seleção do café por variedades, tal e qual praticavam no Brasil. Afonso Vilela, gerente-geral da Cooperativa Vila Rica Café, de comercialização e serviços, forneceu-me detalhes de como essa cooperativa executava a eletrificação rural. Diferia de nosso sistema. O dela consistia em consórcio com a Eletroperu – Eletricidad del Peru.

Já soltando-me no portunhol peruano, os contatos tornavam-se mais informativos. Outros institutos similares e vinculados à família campesina foram objeto de visitas. Alguns dirigentes confirmavam presença, outros prometiam confirmar após debate interno com seus conselheiros deliberativos.

Nem todas as cooperativas e associações que contatei empenhavam-se na eletrificação, embora cooperassem com as co-irmãs pelo seu incremento.

Na Eletroperu, fui recebido pelo gerente de planejamento, engenheiro Humberto Egoavil Pucinelli, e chefe de projetos. Respondia pela presidência da entidade estatal. Entusiasmou-se com a idéia e a julgava oportuna para despertar maior empenho das lideranças ao incentivo da luz no meio produtivo do interior.

Eu espalhava convites como nunca fizera na vida. Cumpria missão árdua que, aos poucos, se transformava em uma visita oficial de representante do governo brasileiro, o que eu não era, mas aparentava.

O deputado José Viera Rodriguez telefonava constantemente, creio que para companheiros e lideres políticos e cooperativistas, e convidava-os para um almoço no Clube Campestre, que teria a presença de importante figura brasileira.

"Ah! isso é demais", pensava eu. Também pudera, com todo o esforço verbal que estava fazendo. Visitei o Instituto Peruano de Estudios Cooperativos (IPEC), do qual o presidente era nada mais do que José Viera Rodriguez. A mulher dele, Elva Arévalo de Viera, nos esperava. Já quase duas horas da tarde, normal para eles, me conduziram para o magnífico Clube Campestre, um parque exuberante de flores, vegetações e gramados.

Um bom número de representantes de cooperativas já se encontrava lá. Percebi que a maioria deles pertencia ao partido Aprista de Haya de la Torre. De repente, vejo todos batendo palmas num plá-plá bem ritmado, pois chegava o líder máximo do partido Aprista Alan Perez Garcia, recepcionado como candidato a presidente do Peru.

Minha visita virara festa, comício, porque chegava mais gente, casais, jovens e todos expandindo alegria e batendo palmas. O plá-plá com as mãos significava uma identificação aprista.

Abraçavam Alan Perez Garcia, sorridente, sempre me expressou os sentimentos do Peru. Alan sobressaía-se por sua estatura olímpica e irradiante imagem cativante e simpática. Entre copos de pisco-sauer ocorreram as conversações e já passava das 15 horas quando serviram o almoço. O "rafael", como dizem os caboclos de Baitaca, perto de Capão Doce, me encolhera a barriga depois de tão exaustivas andanças.

Que almoço! Da típica entrada de *cebiche*, peixes assados, uma variedade de frutos do mar sem conta, não morri comendo porque parei em certo momento. "Chega por hoje."

E vieram os discursos. Clamei por Alá, tomara que sejam breves. Apresentaram-me aos presentes e, após o deputado José Viera Rodriguez, tomou a palavra Tomita, para minha surpresa.

Tomita Huerta Flores com um tom de meia voz, nem alta, nem baixa, meiga, cumprimentou Alan e eu com expressões cheias de afetividade. Alan por ser o depositário das esperanças do povo peruano e o representante do governo brasileiro por estar em uma missão redentora dos campesinos. E as palmas ecoavam, eram aplausos de toda sorte. Tomita citou nomes e enalteceu a figura histórica de Haya de la Torre, fundador do partido Aprista. Inteligente, hein!

Alan falou em seu estilo de voz impostada, segura e vibrante e, por pouco, não levou o público ao delírio. Um grande político, elegeu-se duas vezes presidente do Peru e é o atual mandatário do país.

Em poucas palavras articuladas em espanhol que mentalizara, manifestei meu apreço a todos desejando venturas na senda do trabalho e do progresso. E que ali me encontrava quase acidentalmente, impressionava-me com tudo o que vira e vaticinei a vitória de Alan presidente. Para Tomita não disse nada, só pensei, pois ela falara melhor do que todos.

Despedi-me com a promessa de que voltaria muitas vezes ao Peru, e que os levaria na lembrança e no coração.

"Por hoje basta", pensei! Que nada, haviam programado uma noite de "fiestas en Miraflores", bairro de *buenos cabarets,* e em outros locais de alegrias noturnas. O jeito era dormir, o dia se constituíra em uma intensidade de compromissos de toda ordem. Se agüentaria tudo isso, não me passava pela idéia o que teria ainda de sentir nessa noite que se aproximava.

Conduziram-me ao hotel, onde eu descansaria até as 20 horas. Às 21 Tomita veio me buscar e a cálida noite limenha transpirava felicidade. Felicidade pelo êxito da minha missão luminosa. Felicidade maior cuja dimensão nem sei descrever; só sei que foi estonteante. Pormenores descreverei em uma edição futura, se Maomé me permitir.

Bienvenido a El Ecuador, con saludo y sentimiento a la memoria de Gabriel Garcia Moreno

Em seguida me dirigi ao Equador, um pouco sonolento pela noite que passara entre luzes e suspiros em Lima. Peguei o avião depois de meio-dia para Quito, a efervescente capital equatoriana.

As visitas eram muitas, e não podia haver atrasos. À tarde, por volta das 15 horas, o avião aterrissou no aeroporto Mariscal Sucre, dando início a uma nova etapa da maratona pelo continente.

O desembarque ocorreu rapidamente, conferência de passaporte e maleta sem problemas. O destino eu iria decidir: se permaneceria um dia na capital para contatar algumas entidades ou me mandaria logo para Santo Domingo de Los Colorados, cidade a cerca de 250 quilômetros montanhas abaixo, próximo de Pichincha, sede provincial.

Em Santo Domingo encontraria os conselheiros da cooperativa de eletricidade de igual nome do cantão ou município. Com um taxista me informei sobre como fazer para viajar àquela cidade, se de táxi ou de ônibus. Indicou-me que ali próximo havia uma parada de microônibus que faziam transporte coletivo para Santo Domingo. Além de sair mais em conta, tinham motoristas hábeis no volante, disse-me ele.

Entendi a razão do que me dizia, esquivava-se no transporte, assim como seus colegas. Aquela rodovia tinha um percurso deveras perigoso, pois passava por uma grande serra de mata nativa com despenhadeiros imensos que a margeavam até chegar ao vale de Pichincha.

O perigo maior consistia, porém, no petróleo cru que os transportadores, no vai-e-vém, derramavam no leito da rodovia, a partir de locais de poços de extração. Sabe-se que o Equador é auto-suficiente em petróleo, refinando-o para consumo e exportação.

Aventureiros nem sempre podem optar pela melhor forma de viajar. Acomodei-me num dos microônibus que partiriam em seguida com uma lotação de quinze pessoas, a maioria mulheres e crianças.

Entre ziguezagues pelas encostas da serra, o ônibus dançava de quando em vez ao passar por aquelas manchas de petróleo no asfalto. Sustos a todo instante. No ônibus estava um mestiço alto, de bigodão e de ligeireza no *guidon* também, cobreando as montanhas escuras de verdes matas nativas.

Em determinados locais, o motorista parava o ônibus e o pessoal saia, uns para comprar alguma coisa para comer, outros para as necessidades fisiológicas. Isso era o que me surpreendia, não havia banheiros nem privada tipo capunga, as mulheres erguiam aqueles vestidos longos de lã de lhama e vicunha, que elas mesmas teciam, e faziam suas necessidades acocoradas ao lado do ônibus. Encaravam aquilo até com naturalidade, os passageiros quase todos eram índios ou mestiços.

De volta ao ônibus, aí sim, o ar, a respiração que já não era boa, tornava-se ainda pior, aquelas índias exalavam um cheiro quase insuportável. Eles estavam habituados com aquilo, eu não!

Eu tossia para sacar o lenço do bolso e com ele tapar o nariz. Era o jeito. Em Santo Domingo me explicaram que as mulheres vestiam-se com mais de uma peça, uma forma de enfrentarem as variações do clima quente e frio, alternadamente, e isso acontecia em toda a região andina. E sem qualquer meio de higiene, o povo mestiço acostumava-se a viver assim, nem se importava.

Até que enfim começava a noite, quando o ônibus chegou a Santo Domingo de Los Colorados, uma cidade de 50 mil habitantes. Dirigi-me ao hotel que me indicaram, banhei-me apressadamente. Seriam 20 horas e eu queria me anunciar ao pessoal da cooperativa. Consegui telefonar para Victor Piñeiro Jaramillo, que conhecera no Peru, e era conselheiro da Cooperativa de Eletrificación de Santo Domingo.

Ele veio me buscar para jantar e conversar, tendo-se comunicado com os demais companheiros, contatado também o alcaide del Canton, Kleber Paz y Mino Flores, o prefeito da cidade, pessoa amabilíssima, que chegou com outras figuras do meio cooperativo e da municipalidade de Canton.

Uma conversa transbordante de satisfação tomou conta do ambiente, no restaurante em que me recepcionaram. Pessoas amáveis e

simples que me encantaram. Tarcisio Grijalva, conselheiro vice-presidente da cooperativa, crivou-me de indagações sobre a Coprel, sua maneira de administrar e executar as obras civis de engenharia de que tanto ouvira falar.

Em meio à conversação, rolaram os estimulantes piscos, tequila forte, a camaradagem extravasava e me assegurava alento no desempenho, já se prenunciando exitoso, para o congresso de eletricidade. O alcaide Kleber Paz y Mino Flores convidou-me para visitá-lo no dia seguinte na Prefeitura.

O que os líderes da cooperativa me disseram é que após as reuniões iríamos visitar, por fim, a taba dos índios colorados, ponto de atração obrigatória do turismo do município.

O dia encerrava-se com uma noite em que tive tempo para recuperar-me da viagem de dois dias de intensa atividade, exitosa e plena de agradáveis surpresas. Victor Piñeiro e Tarcisio Grijalva vieram cedo para o hotel partilhar do saboroso café matinal que nos serviram, ocasião em que me comunicaram a presença deles ao congresso. Outros conselheiros seriam convidados e, certamente, também manifestariam interesse pelo intercâmbio de conhecimentos e experiências, tudo com o objetivo de estreitar forças e relações intercooperativas.

Na Prefeitura fui mais uma vez recepcionado pelo alcaide Mino Flores. Mostrou-me a sede e os serviços de Canton. Brindou-me com uma pequena obra de arte, um belo escudo do Equador, lavrado em madeira de lei, que guardo em minha sala de trabalho.

Ato contínuo, levaram-me para a sede da cooperativa, e depois à central geradora de energia elétrica, movida a óleo diesel, enorme e bem instalada, cuja produção de combustível era até mesmo para exportação. O custo da energia era consideravelmente baixo. Fornecia energia a cidades vizinhas, além de Santo Domingo.

O prefeito Mino Flores acompanhou-me até a taba dos índios colorados, onde fui recebido cordialmente pelo cacique que se enfeitara todo, ele e seu "staff", índias nativas, todas relativamente belas, dando-me a entender que as feias eles as teriam excluído. Sentado em um estranho trono de madeira, falou em espanhol, que eu entendi, em sua

língua nativa que não compreendi e em um inglês que me parecera um tanto atrapalhado.

O curioso é saber que índios e mestiços falavam três idiomas, o nativo, o espanhol e o inglês. A metade ou até mais da população equatoriana é mestiça, quando não indígena. O que coloca o Equador como um dos países americanos dos mais interessantes turisticamente é o fato de haver, a centenas de quilômetros da costa, a ilha de Galápagos, centro de ecossistema ecológico de fauna e flora fenomenais, em pleno oceano Pacífico.

Antes de me afastar da taba central me fotografaram com o cacique cercado por um turbulento grupo de índias todas tipicamente engalanadas. Tive de dar ao cacique 20 dólares pela honrosa companhia e pelos beijos doidos que as índias me deram, e saí de lá com grandes manchas coloradas. Não esperava por isso!

O fim da viagem em Santo Domingo de Los Colorados foi inesquecível, e, se Tomita estivesse lá, certamente me arranharia todo. Ela que jurara me perseguir até Ibirubá se em breve não a procurasse em Lima novamente, o que eu não prometera, mas quis o destino levar-me outras vezes àquele país dos incas.

Tarcisio Grijalva e Victor Piñeiro, em caminhonete ampla e confortável, me levaram até Quito e lá me fizeram companhia no Instituto Nacional de Eletricidad de Equador. Entreguei convites e passei informações sobre os objetivos do importante encontro.

O Equador, onde estive diversas vezes, é um país de muitos atrativos. Visitei palácios antigos dos quais destaco o que foi sede do governo do ex-presidente Gabriel Garcia Moreno, assassinado ao sair da Igreja Matriz que fica ao lado do histórico Palácio. Ambos, Igreja e Palácio ficam em frente à praça La Mercedes.

De Quito, o meu novo destino era o México, para onde fui de avião, dando prosseguimento ao roteiro pela luz do meio rural latino-americano.

Atrás ficou o desejo de conhecer melhor o Equador. Atraíra-me essa terra pontilhada de vulcões, solos férteis para as culturas de trigo, batata, abacate, auto-suficiente em petróleo, o belo artesanato, nativos falando três línguas. Um país singular, pequeno, mas portentoso de riquezas. Os índios, os nativos e os mestiços mexem com o turismo equatoriano.

A cada um dia ou dois, as cidades do interior, especialmente, promovem *fiestas otovaleñas* ou de outras tribos. Uma maravilha porque, além de desfiles dançantes, ao som típico de instrumentos musicais, a maioria de sopro, exibiam vestuário característico, para abrilhantar a exposição de seus trabalhos artesanais, considerado o mais interessante do mundo.

Assistindo àquela festa, de repente fui arrebatado por uma procissão festiva, tive de tragar um fortíssimo pisco, dançar com eles até o final e comer os exóticos preparados crioulos, além da farinha de sangue de não sei qual bicho, mas que tive de engolir, rebatendo-o com uma golada de pisco, uma versão fortíssima de nossa cachaça, que fez história em Ibirubá nos alambiques de Alfredo Raasch e Arlindo Göcks.

Fico por aqui rememorando esses dois ilustres ibirubenses. Arlindo Göcks era proprietário da área em que se encontra a sede da Coprel.

Con la proteción de la madre de Dio embarquei para o México

Próximo à chegada do avião da Avianca na Cidade do México, eu parecia já estar ouvindo os *mariachis* e as ruidosas mexicanitas. Desembarquei à noite. No aeroporto, um barulho ensurdecedor do povo. Eu, meio tonto, gritava por um táxi; na fila não havia ordem, por isso grudei em um carrão velho e, ao aceno do motorista, fui para o automóvel dele, cujos pedaços da lataria estavam caindo.

Dentro, uma mulherona com não menos de 100 quilos. O motorista me pediu permissão para levá-la. "La chica me hace 'compañía'. "Tudo bien", "Si, si..." Queria seguir para um hotel médio e barato.

Ele me levou ao Hotel Primor, que não era caro e era confortável. Todos os taxistas, em geral, fazem isso, recebendo comissão. E quem não as recebe nos países latinos?

Enquanto rodávamos, informava-o de que dispunha de pouco dinheiro, meus dólares estavam acabando, precisava conseguir um em-

préstimo de emergência, no hotel talvez. Ele respondeu-me que seria possível, mas, se eu necessitasse mesmo, ele intermediaria em casa de câmbio conhecida.

Disse isso para parecer a ele que estava sem dinheiro, não aguçando-lhe a eventual maldade. Pensava no que lera durante o vôo na *Seleções*, em espanhol, que comprara no aeroporto de Lima. Na capital mexicana, com 20 milhões de habitantes, ocorriam quarenta assassinatos por dia. Cidade violenta. Viajar só dava medo. No hotel, felizmente, os medos desapareceram.

Embora se chamasse Primor, não era lá um primor, mas minimamente confortável. O motorista ofereceu-se para futuras corridas. Com cartãozinho de endereço na mão, agradeci-lhe e paguei. A vida no México em festa igualava-se à do Brasil e em pouco começariam *las fiestas patrias*, o correspondente à nossa Semana da Pátria.

Safei-me dessa vez. Imagine só, confrontar-me àquela hora da noite com um taxista, sabe-se lá se credenciado ou não, mal de cara, de bigode retorcido e com *una chica* grandalhona, um monumento carnal, em um carrão velho sem placa.

Fui acomodado em quarto amplo, cama grande, toalete boa, televisão colorida, frigobar, hotel razoável, com diária relativamente baixa. O câmbio mexicano rivalizava-se ao nosso. Eu teria de economizar, senão não completaria a viagem-maratona, louca, seria o termo mais adequado.

O que não me agradou foi saber que na semana seguinte ocorreriam as *fiestas patrias*, e então só haveria dois dias de expediente público. Tomara que eu possa cumprir meu roteiro mexicano, visitando La Comisión Federal de la Eletricidad del México.

Teria sábado e domingo para descansar. Do hotel colocaram-me à disposição carro e motorista confiável para andar e conhecer um pouco o país alegre dos *mariachis* e das belas mexicanas. Visitei a Igreja de La Madre, Nossa Senhora de Guadalupe, escalei como pude aquela pirâmide asteca, patrimônio da humanidade, e viajei para o interior. O motorista orientava-me sobre os pontos turísticos mais importantes, e todos me chamavam a atenção. O México é fantástico. Nas margens dos cami-

nhos, o motorista me explicava como saborear *nutrias* espetadas e assadas, que eram vendidas pelos nativos e moradores de beira de estrada.

Noutros locais, o *barbacoe*, carneiro ou cabrito assado entre um monte de pedras, e picado em pedaços servidos com *el pan nacional, la tortilla*, acompanhado de um composto elaborado com a polpa de cactos, coentro e pimenta cheirosa que se chamava *maguey*.

O motorista deliciava-se com o *barbacoe* mexicano, que aos poucos experimentei e acabei gostando.

Esses dois dias passaram rapidamente. A noite me seduzira, tanto as casas de festas quanto os momentos de esfuziante alegria.

Lembrava-me do que me contavam do México, um país de estremecer corações. Gostei da *Fuente del Segredo*, um restaurante que se dividia em três ambientes em um único salão. Fantástico, porque ali funcionavam três tipos de cozinha mexicana. Três ambientes indicados por cores – branco, verde e vermelho –, atraente. E três conjuntos musicais. Alegria que se esparramava no largo tablado livre para bailar!

Provei a arte da culinária do México em todos esses ambientes. Fiz uma detida degustação de pratos de vários sabores, a cozinha de sentimento estético.

Compreendi porque me ensinaram que a cozinha deve ser uma arte superior. A execução de certas técnicas culinárias é considerada um verdadeiro dom natural. São princípios que constituem a base física da gastronomia, e toda preparação culinária entra sempre em um quadro de diversas técnicas fundamentais: cozimento n'água, fritura, assado, assado na *parrilla*, *estofados*, as *tortillas*, pão nacional do México e frutos do mar, ostras (*ostiones*), polvos, lagostas, robalos, atum. Disso tudo o que importa é a vida e tudo o que se vive nutre. Nutri-me nessa viagem.

Assunto de pouca importância, interessa, de certo modo, para espairecer em dias de folga.

Vale então a divagação, o prazer de degustar o que os senhores astecas legaram aos forasteiros que visitam essa esplendorosa terra de mil e um sabores. E o que dizer das encantadoras gurias mexicanas no acalanto sonoro dos *mariachis*, ou como me dizia uma *muchacha* mestra em gastronomia mexicana: "Nunca é completa a educação de uma jovem se

ela não sabe cozinhar". A modernidade, porém, sepultou o interesse pela arte do forno e fogão, embora quase todos apreciem. Só o homem de engenho sabe comer, porque os que se indigestam e se embebedam não sabem comer nem beber.

Segunda-feira às nove horas rumei para a Comisión Federal de la Eletricidad no México. Lá chegando as moças da recepção me disseram que ali funcionava a administração central; a eletrificação rural situava-se em outra parte da cidade, e me deram o endereço.

Atravessei a rua em frente ao prédio da comissão, maior que nossas praças. Canteiros de flores, gramados, estátuas e monumentos, tudo à vista, e na beira da avenida esperei o ônibus. Despachara o táxi. Embarquei no primeiro, cheio de passageiros, a maioria em pé, pois não havia assento vago. Agarrei-me a um suporte aéreo. Mostrei o endereço que tinha na mão a um dos ajudantes e pedi informação sobre onde eu deveria desembarcar. Vi que o pessoal estava rindo. De quem? De mim, porque pegara o bonde errado, aquele era o coletivo de trabalhadores e entre eles, todos vestidos de roupas de trabalho, eu estava de terno e gravata, teria de desembarcar. Mas um dos trabalhadores me socorreu: "Agora que está no ônibus deixa ele seguir, logo passaremos em frente à Comissão Federal de eletrificação rural".

Explicado o equívoco, logo desembarcaria com um alegre "Muchas gracias ermanos, soy brasileño, gaúcho de los pampas". Aplaudiram-me, porque gostaram do meu jeitão de terno e gravata, um estrangeiro desajeitado que desembaraçadamente desculpou-se do equivoco que dera certo.

Na Comisión Federal de la Eletricidad Rural tive uma recepção espontânea, uma funcionária com um belo traje da empresa logo me anunciou ao engenheiro Jorge Gutierrez Vera, diretor-gerente de distribuição. Cavalheiro, ele me recebeu e se colocou à disposição. Apresentei-lhe os convites e impressos do Congresso e fiz um breve relato sobre as aspirações das lideranças americanas para promover o desenvolvimento campesino através da energia elétrica.

Com promessa de cooperação, despedi-me dele e da moça que me parecia ser a secretária. Encerrei a visita ao México porque, para conta-

tar outras entidades, cooperativas ou estatais, eu teria de ir a Guadalajara, muito distante.

Venezuela era a nova meta. Sofri para conseguir o visto. De avião até Maracaibo e de lá para Caracas, a capital. Do aeroporto para o Hotel Hilton, e mais uma vez o mesmo folhear de guia telefônico para me guiar também nesse país. E me dirigi para o Centro Elétrico Nacional da Venezuela, Cadafe, que se assemelhava à estatal mexicana.

Fui recebido pelo engenheiro Francisco Diaz Fajardo, vice-presidente, a quem fiz o convite especial extensivo a todos da entidade, agradecendo a atenção, a presença e a colaboração. Fajardo disse-me que tomara conhecimento dele pelo jornal *La Nación*, de Buenos Aires, Argentina. Mostrou-se solidário e prometeu que o Cadafe se faria representar. Solicitou à secretária, a engenheira Angelina Lay, que me mostrasse os departamentos, mapas, organogramas e o que a entidade tinha realizado no campo elétrico rural. Angelina me disse que os campesinos eram pobres e o que mais lhes faltava era escolaridade. De fato, o que o motorista me dissera é que Caracas é uma cidade grande e bonita, mas "Nuestro pueblo es mui carente, mui pobre". Depois do Cadafe, recolhi-me ao hotel e à noite decidi sair à procura de um bom restaurante, pois precisava repor energias. Encontrei um perto do hotel, que ficava num porão, era subterrâneo, com varias divisões, salas e refeitórios e bar.

Sentei-me à mesa próxima à cozinha, pois tinha curiosidade em ver como lidavam com panelas e utensílios, com alimentos e o modo de manipulá-los. Uma garçonete graciosamente vestida me apresentou a carta. Primeiro um pisco e água mineral, depois decidiria o que comer. Observava um movimento estranho de pessoas que entravam e saíam de salas ao lado.

Uma negrona corpulenta e cadeiruda me observava da cozinha, chamou-me, fui até a janelinha ouvir o que teria para me dizer. Não entendi seu modo de falar, nem as palavras espanholas e pensei: "Essa mulher não é venezuelana". Ela, porém, saiu da cozinha, sentou-se à mesa onde eu estava e vagarosamente foi me dizendo, melhorando seu espanhol, que eu me achava em local muito perigoso. "Ué, por quê?", perguntei-lhe. Ela me disse que o restaurante era um disfarce para pon-

to de encontro de cubanos foragidos de Fidel Castro, eram revolucionários e eu que me cuidasse.

"Vou tomar o pisco e me mandar." "Não, não, se queres comer peça logo à *chica* o prato, vou prepará-lo." Que venha um filé com ovos, arroz, batata e salada e uma cerveja Budweiser.

O movimento era cada vez mais intenso, pessoas morenas, outras mais escuras, altas e sérias, e algumas mulheres encaminhavam-se às portas que, certamente, davam para as salas de reuniões clandestinas. Comi e bebi com pressa, pois minha presença ali era estranha; "Seria eu um espião de Fidel Castro?". Perigo à vista!

Paguei a refeição, subi os degraus que davam na rua e regressei ao hotel, com passos largos, e olhando para trás para ver se alguém me seguia.

Caracas, capital da Venezuela, apesar de sua grandiosidade, me arrefeceu o ânimo depois do recado tenebroso da cozinheira a quem dei uma gorjeta, com um "Muchas gracias, muchas gracias, querida! Só mesmo o Stefanello loco lhe expressaria carinho louco".

No dia seguinte não decidira para onde ir. Para a Guatemala não precisava, pois me encontraria com representantes de cooperativas que se reuniriam em Bogotá, onde eu também deveria estar, na Organização das Cooperativas Americanas (OCA). Talvez para a Costa Rica. Antes, porém, tentaria comunicar-me com algumas de suas entidades. Telefonei para a Coopesantos R. H. e fui atendido por Elias Calderon Monge, chefe de contabilidade da Cooperativa de Eletrificación Rural de los Santos, San Marcos de Tarrazu, São José, Costa Rica.

Calderon Monge informou-me que dirigentes da Coopersantos estariam na reunião da OCA Luz de Bogotá, Colômbia. Fiz-lhe o convite para o congresso e afirmei que tentaria encontrar os representantes de sua cooperativa naquela capital. Essa informação foi muito valiosa. Costa Rica compareceu com uma boa delegação a Porto Alegre. Um dos membros cooperativistas era primo da esposa do dr. Leodegar Jost, filho de Ibirubá, que fora assessor de Leonel Brizolla no governo estadual e funcionário do Organização dos Estados Americanos (OEA). Leodegar casara-se com uma costa-riquenha, voltando a atuar em Porto Alegre. A delegação costa-riquenha fez bonito no congresso.

Adeus Caracas, os dólares estão se apoucando, estava eu no contado. Cuba, que gostaria de conhecer, não seria desta vez que eu visitaria. Tomei um avião para Bogotá. A semana da pátria no México, *gracias* a *Dios*, me dera tempo para visitar a Venezuela.

Em Bogotá minhas diligências foram favorecidas, e contatei a Cooperativa de Electrificación Rural de los Colômbia (Coosanpra), dirigida por Wilson Bayona Becerra. O gerente-executivo, a diretoria e os conselheiros reuniam-se uma vez por mês, ou quando necessário.

Bayona conduziu-me a muitos locais: no Instituto Colombiano de Energia Eléctrica, do Ministério de Minas y Energia, apresentou-me ao diretor Jaime Lucros Barros, com quem tive proveitosa conversação em relação ao evento na capital gaúcha.

Na sede da Organização Internacional do Trabalho das Nações Unidas (OIT), contatamos o dr. Leon Schujman, o principal especialista dessa instituição em Bogotá. Pessoa culta e conhecedora das verdadeiras questões e projetos de desenvolvimento da América Latina, manifestou interesse pela missão que eu desempenhava. Com Misael Ligarazo Arévalo, superintendente nacional de Cooperativas, eu e o dr. Bayona entregamos os convites para o congresso. Dizia-lhes ser necessário um esforço comum do sistema cooperativo para uma forte integração latino-americana, sem a qual nosso povo do campo continuaria à margem do progresso.

Na OCA deixei convites para serem entregues aos dirigentes de cooperativas que estariam presentes à reunião a ser realizada dali a uma semana. Por conta de compromissos não poderia esperar, e atribuí ao dr. Wilson Bayona, da Coosanpra, o encargo de representar-me nessa reunião de países do Caribe e vizinhos.

Nesse ínterim chegava à OCA Higino Guillamon Reyes, *doctor ingeniero* industrial e de energia de Madri, Espanha, que estava a serviço. Bayona, que já o conhecia, ficou conversando com ele, e destacou a senhorita Lucia Padilha Navas, funcionária do Instituto Colombiano de Energia para me acompanhar. Ele ficaria ali com o doutor Higino e o acompanharia em seus contatos em Bogotá, e nos encontraria no dia seguinte. Lucia, falante, extrovertida, alta, jovem, agradável, suave na conversa, me levaria em seu carrinho para onde eu quisesse ir. Levou-

me ao shopping, moderno, lindo, onde adquiri uns suvenires, e depois fomos a uma loja de discos. Escolhi diversos LPs de músicas nativas e internacionais para a emissora. E eles fizeram sucesso aqui.

Em uma manicure apurei as mãos. Depois, em um café, deliciamo-nos com um lanche regado à capuccino. E não me deixou pagar. "Você vai conhecer onde moro", o que você vai fazer no hotel?, perguntou. À noite quero lhe mostrar nossa vida noturna. Quase estremeci quando ela me disse isso, lembrando o "baila comigo" de Lima. Mas naquele dia não teria mais nada para fazer.

Lúcia, entusiasmada como estava, nem esperou por mim. Levou-me para seu apartamento 502, na carrera 18, nº 92-22, luxuoso, esplêndido, e disse-me que era próprio. "Pôxa!", pensei. Essa guria deve ganhar bem, o luxo ali dizia tudo. E Lúcia não me largou, ficando no meu pé até o embarque para Manaus, onde eu queria comprar uma máquina fotográfica na Zona Franca e lá valeria o cheque que eu portava.

Ajudou-me a contatar outras cooperativas. Da Bolívia, a Cooperativa de Eletrificación de Santa Cruz (CRE). Intermediou-me com seu espanhol mais correto, contatou Guido Entrambanaguas, gerente administrativo. Eu apenas o saudei, confirmando o convite que Lucia lhe fizera. "Acá, habla un brasilenõ, te saludo..."

"Viu como posso lhe ser útil?", disse-me a colombiana. A partir da oficina-escritório da Coosampra, de um lado sala do Bayona advogado, de outro a sala do expediente oficinal da Cooperativa, Lucia me explicava que a Cooperativa delegava a uma instaladora elétrica todos os serviços de distribuição e manutenção mediante comissão e que sua atividade na Coosampra era eventual. Em geral outra jovem trabalhava como secretária.

Não entendi bem como faziam. Sei que o dr. Vilson Bayona Becerra era uma pessoa influente no país, diligente e importante advogado de Bogotá.

Pedi a Lucia para telefonar a Santos Leon López Espinosa, vice-presidente de Eletrificación Rural de Guanascaste de Rio Cañas, Carrilho Guanacaste, Costa Rica, com quem ainda não pudera me comunicar. Lucia conseguiu a ligação, mais um tento em minha viagem de bandeirante atrás de esmeraldas.

Depois poderíamos visitar a Escuela de Administración Cooperativa. "Si quieres, vamos lá?" Quero sim.

Encontramo-nos com o diretor-executivo da Escuela Francisco de P. Jaramillo G., que nos fez uma detalhada exposição do estabelecimento. A Esacoop era uma instituição importante para aperfeiçoamento do cooperativismo. Gostei da visita.

No dia seguinte falaria com o dr Wilson, quando Lucia me mostrou a Catedral do Sal, magnífica, no interior de uma jazida abandonada de sal, belo ponto turístico e de oração. Linda e misteriosa, a igreja com altares para os ofícios religiosos. Na volta me mostrou o que há de mais precioso e brilhante, uma casa de mineração e lapidação de esmeraldas e pedras preciosas. Na lapidação de esmeraldas e de pedras preciosas, encanto para os olhos. Vendiam esmeraldas, esmerado ofício artesanal. Lembrei-me de Soledade e de Ametista do Sul com suas fulgurantes exposições de pedras preciosas e cristais, não tanto como as daqui.

"Lucia, tudo isso?", perguntei-lhe. "Ora", ela me dizia, "vieste para trabalhar e para conhecer nossa terra também".

Depois do almoço típico dos Andes, despedi-me de meus anfitriões, esperando reencontrá-los em breve em Porto Alegre, no congresso da luz campesina.

Lucia presenteou-me com uma pequena, mas bonita esmeralda. Da Coosampra deixou-me no aeroporto de Bogotá de onde regressei, contente pela missão peregrina, senão totalmente exitosa, mas que provocara intensa mobilização continental. O congresso em Porto Alegre alcançara os meios de comunicação. Se dará energia elétrica aos campesinos latinos-americanos.

Idealismo inaudito deu em nada

Lutei como poucos para unir e desenvolver o sistema cooperativado de energia rural latino-americano. Organizou-se a entidade agregadora Organização Americana de Cooperativas (OACE), em assembléia memorável em Porto Alegre, no Hotel Plazza São Rafael, fruto do I Congresso de

Cooperativas de Eletricidade. Reunimos mais de seiscentos delegados, líderes de cooperativas de países da América. Na capital gaúcha foram seladas medidas conjuntas de apoio ao desenvolvimento agrário, que se escuda fortemente na ação das cooperativas de eletricidade brasileiras. E também foi eleita a primeira diretoria da entidade. Prevaleceu, quase por imposição, o nome do argentino Bonifácio Cejuela. Eu temia isso. Desde Lima, desconfiara de suas intenções, achava que ele não queria nada com um bom andamento do sistema cooperativo. Arrogantemente capitalizara tudo para si, promoção pessoal visando, lá adiante, a objetivos políticos internos de seu país. Senti isso e transmiti a meus companheiros do Chile, Equador e Brasil essa preocupação com o Bonifácio Cejuela. Poucos me ouviram, ouviram os do Chile, do Equador e mais alguns líderes.

Bonifácio Cejuela não me mirava com bons olhos desde o início, desde o congresso de Lima. Certamente via em mim alguma ameaça às suas intenções maquiavélicas. Sua desconfiança crescera ainda mais quando de sua chegada ao aeroporto Salgado Filho para o congresso. Embrulhara-se com a alfândega, trazia centenas de brindes, jóias, perfumes, suvenires e vinhos caros para distribuir aos congressistas. A fiscalização alfandegária aprendeu-lhe a bagagem. Cejuela reclamou ao presidente Seno Dreyer da Fecoergs. Era assunto para a Comissão de Recepção que eu presidia.

Desloquei-me imediatamente para o aeroporto. Bonifácio, quase aos gritos, dizia-se injustiçado, e fazia críticas à organização do conclave, aos brasileiros, que não o deixavam entrar com aqueles mimos para presentear damas e autoridades. Diplomaticamente acalmei-o, conversei com os fiscais, e estes argumentaram que o volume de mercadorias parecia simular um contrabando de importados, valor 50 vezes acima do permitido.

Roguei ao Cejuela que se aquietasse, a solução viria mediante conversação, detalhes, entendimento. Os fiscais desconheciam a realização do conclave internacional. Mas o argentino não sabia expressar-se sem humilhar os brasileiros, jactância de superioridade nunca vista. Porque só falava castelhano e achava que os que estavam lá não o entendiam.

Eu estava pelas tampas e irritava-me assistir tal atitude de desrespeito. Felizmente, na tentativa derradeira, consegui que os fiscais adua-

neiros liberassem a enorme bagagem que, para mim, não passava mesmo de puro contrabando. O desgranido não teve um mínimo de consideração comigo, nem sequer me agradeceu pela interferência e as boas-vindas que lhe dei. Tomou conta do Congresso, uma majestade de empáfia e superioridade. Acabou eleito presidente da OACE, e, nessa hora, me arrependi de ter sugerido o dito certame e a fundação da entidade, porque pressentira um triste fim de todo o esforço feito e também porque havia muitos outros nomes que poderiam ter sido propostos para presidente, entre eles um indicado por mim, Victor Piñeiro, membro integrante da delegação da Cooperativa de Santo Domingos de Los Colorados, Pechincha, Equador.

O Bonifácio Cejuela promoveu-se internamente em seu país, era o que ele queria. Acumpliciado com os militares da ditadura argentina conseguiu seu intento, o de ser governador de Córdoba. A OACE foi para o beleléu, nem chegou a funcionar.

Decepção total. Insano argentino cupincha da ditadura. Victor Piñero, da delegação do Equador, informado da inoperância do Cejuela, e fracasso da OACE, telefonou-me lamentando o triste fim de tanto esforço.

A engenheira Tomita Huerta Flores, de Lima, não se conformava com o que Bonifácio Cejuela fizera, aproveitando-se de nosso idealismo para ser governador, e depois nos desprezou.

Disse a meus companheiros que não me enganara com o sujeito. Reanimei-os para a luta, percalços deveriam ser superados. Homens de idealismo e coragem não desanimam.

Ibirubá, município destaque nacional

Em 1963 elegi-me prefeito. Quando empossado, minha primeira preocupação foi mobilizar todas as lideranças do município, da cidade e do interior, com o objetivo de conquistar mais benefícios para a comunidade ibirubense. Em menos de seis meses, conseguira harmonizar todas as correntes políticas. E foi desta união que Ibirubá conquistou o título de primeiro município-modelo do Brasil.

A conquista desse título teve por finalidade organizar e desenvolver as comunidades em uma filosofia de "Quem se ajuda é povo forte". A prática desse programa constituíra-se na intensa participação do povo na solução de problemas.

Na verdade sempre estive voltado ao bem comum e acreditava no potencial das pessoas. É preciso humanizar o trabalho e democratizar as soluções dos problemas. Resumindo: *Uma andorinha só não faz verão, o povo deve unir-se num mesmo objetivo, trabalhar com seriedade para o bem comum, pois "Povo que se ajuda é povo forte".*

Num zás-tráz, a guaiaca cantou no lombo do sujeito

Também não era para menos, encerrava-se a apuração de eleição municipal. Vencedores do pleito, um grupo deles, não tão numeroso, entrou no salão da União Operária local para comemorar. Nada demais, tudo em ordem, apenas para extravasar a euforia, natural naquele momento. Por um lapso de previdência, eu me achava no interior do salão, alheio, todavia, àquela manifestação popular.

Encontrava-me ali com amigos de diversas correntes políticas, corria o chopp que, apesar de bom, nunca me dominara a cabeça.

De repente, intempestivo, aparece um sujeito na minha frente que, aos gritos, me agride com palavras de baixo calão: "Por tua causa perdemos a eleição, tu é isso e aquilo". Ora, logo eu que me distanciara da política partidária, ser desaforado daquele jeito, essa não! Descontroleime, saquei a guaiaca da cintura e a fiz cantar nas costas do sujeito que não esperava certamente pela minha reação. Dei-lhe uns quatro, cinco guaiacaços sob os aplausos do povo ali reunido. Tive sorte de, no bafafá, não me ter caído a bombacha.

Contrafeito pelo fato, o sujeito mandou-se do salão. Eu, particularmente, arrependera-me do que fizera, mas a coisa ficou por isso mesmo. Passaram-se dias até que, em certa ocasião, essa pessoa me procurou e

nos desculpamos mutuamente. Não cito seu nome, quem viu que fale e diga o que quiser.

A guaiaca ganhou fama e guardo-a para usar em certos eventos afetivos e sentimentais de nossa tradição gaúcha. Virou troféu de estimação não por isso, mas porque a ganhei do gaúcho de Bagé, o Adão Médici, irmão do presidente da República Emilio Garrastazu Médici. Adão coordenava o churrasco em homenagem simultaneamente a seu irmão e à exposição agropecuária em Bagé, terra natal do presidente Médici. Chamou-nos, eu e o prefeito de Espumoso, Arthur Ritter de Medeiros: "Me ajudem aqui, está faltando gente para cuidar disso tudo".

Juntamo-nos ao Adão para fazer o que ele nos pedira. "Cuide dessa parte aqui do churrasco para que não queime a carne". Na verdade era para manter vigilante o pessoal postado à frente da churrasqueira que deveria ter cerca de 100 metros de comprimento.

O Médici churrasqueiro era membro influente da Associação Rural de Bagé. Nós havíamos tido audiência com o presidente a quem apresentamos pedidos de interesse de nossas comunidades. Depois do grande almoço popular, seu coordenador, Adão Médici, sentia-se contente, pois tudo correra bem.

Em uma das bancas de artesanato de couro, olhava eu uma bela guaiaca, quando Adão Médici se aproximou e me disse: "Gostaste da guaiaca? Leve-a, é tua, e não te esqueça de Bagé". Eis aí a razão do valor histórico dessa guaiaca que o competente Kappaun, da OK artesanato nativista local, reparou de algum desgaste de uso e que Leonel Rebelatto me fez, há dias lembrar, e, por essa razão, escrevi aqui como registro do passado.

Primo Nicolodi, gringo guasca da coxilha

"E vamos dar uma volteada pelos bairros da cidade", disse-me Primo, saltando no lombilho de outro pingo que trouxera encilhado. "Tens de agradecer os eleitores que te elegeram prefeito de Ibirubá".

A trotesito, saímos de fronte do velho casarão da Prefeitura, a nova ainda não fora construída, e rumamos para a primeira parada, Vila Flo-

resta, onde um grande número de pessoas nos recepcionou. Apeamos da montaria para os abraços de agradecimento. Isso ocorreu em frente à pulperia e ao armazém do compadre João Ribas. Eu fora padrinho de sua filha Eunice.

João Ribas, um dos primeiros gaiteiros do "Chimarrão da Amizade", encantava com o som de sua gaita de oito baixos. O xote "400 perus" ficou na história do programa. Depois desse encontro despedi-me dos eleitores e amigos e retomamos a recorrida pela cidade.

Primo Nicolodi troteava seu cavalo e me falava alegremente: "Tu vais entrar na Prefeitura de cabeça erguida, tem muita coisa por fazer pela nossa terra". Respondi que daria tudo de mim, se não me faltasse apoio. Ibirubá vai saltar abismos, como tantos que saltei na vida. Essa cavalgada era promessa eleitoral que o Primo fizera e eu a estava cumprindo com ele.

Visitamos todos os bairros para finalmente participar da concentração popular no prédio da Prefeitura. Agradeci o apreço e a solidariedade, agradeci às lideranças adversárias, transmitindo-lhes meu respeito e amizade. Falei abertamente o que o Primo Nicolodi me pedira: "De cima de meu cavalo, agradeça ao povo que te elegeu e o convoque para que a luta continue".

Incontestavelmente, Primo Nicolodi foi uma figura lendária e popular de Ibirubá, o gringo-gaúcho de chapéu grande, lenço no pescoço, guaiaca, bota e bombacha, cavalgando sua montaria percorria o caminho de seu rancho à cidade num ritual diário para conversar com os amigos e saber das notícias. Em uma sincera homenagem à memória de Primo Nicolodi, transcrevo aqui esse verso do poeta padre Pedro Luiz Botari, de seu livro o *Gênio do pampa*:

Gringo é guasca da coxilha
já ninguém o colhe e pega
com o freio na macega,
nem lhe passa o maneador.
Flor de Roma ou da Alemanha
Come carne, bebe canha
Bom de queixo no que for.

"Não, não quero que me mires."

Jerasch fica no caminho de Amã para Jerusalém, não distante do mar Morto. Estivemos lá, uma cidade em ruínas, vestígios da arquitetura romana. Tudo ali é curioso, antigo.

Não me dei bem em fotografar uma fileira de colunas romanas, onde teria havido um grande átrio de palácio. Encontravam-se entre as colunas duas pessoas com trajes tipicamente árabes, parecendo religiosos xeques... Uma delas, ao me ver olhando a máquina para fotografar, se atirou contra mim, gritando não sei o quê, e eu corri para não apanhar do sujeito, santo ou não. E graças ao Massud, falando árabe, o sujeito se acalmou. Eu já havia clicado aquela cena, voltei, explicando o equívoco, ajoelhei-me como se reza, e lhe pedi perdão. Fiz de conta que era um bom muçulmano. Minha intenção fora apenas fotografar tantas imagens daquela cidade em ruínas, uma jóia da Antiguidade, Jerasch, no meio da região árida da Jordânia.

O fato me alertou para outros cuidados que deveria ter, cuidados com procedimentos, por exemplo, ao cumprimentar as pessoas. No Brasil o costume de saudar com um beijinho quando se cumprimenta uma mulher, pode ser uma ofensa grave no mundo árabe. Para a mulher dá-se apenas um leve aperto de mão. Melhor ainda, cumprimento sem toque algum, respeitosamente e recatado. Já os homens, abraçam-se e trocam beijos na face. Costumes, tradição.

"Santo Dio!" Apertei os dedos ao fechar a porta

Tempo de Ramadã também é tempo de férias. Ramadã é o jejum muçulmano de trinta dias.

No aeroporto de Amã, na hora do embarque, quase fomos massacrados por uma multidão de trabalhadores egípcios que tentavam embarcar rumo a seu país de origem. Por ser Ramadã, tinham tempo

de folga para regressar a sua casa. Mas não havia ninguém para ordenar as filas, acalmar a ansiedade daquele povo, e o aeroporto virou um pandemônio.

Massud entrou em uma sala ainda vazia, segui-o, mas logo depois a maior parte dos passageiros nos seguiu, deixando-nos imprensados. Foram horas de angústia e sofrimento. Não se ouvia nada, todos falavam ao mesmo tempo e não se entendiam. Eu muito menos. Policiamento, se havia, era pouco e estava assustado com aquele tumulto.

Ninguém obedecia. Pareciam imbecis, bichos do mato, loucos, não conheciam nem respeitavam ordem de fila, de espera, todos com passagens nas mãos gritando pelo embarque.

Paciência, nem pensar. Nunca vi coisa igual. Aviões partiam e chegavam com essa finalidade, transportar os trabalhadores para seu destino. Eles trabalhavam na Jordânia que lhe pagava bem, um salário seis vezes superior, ou mais, ao de seu país de origem. A maioria era do Egito.

O nosso vôo era independente, seguiria para Atenas, Roma, Zurique e outras capitais da Europa. Depois de sete horas no aeroporto, tontos, sem café e almoço, nossa angústia terminou, embarcamos.

Em Atenas, apesar do grande movimento do aeroporto, havia ordem, e rapidamente nos credenciamos na revista oficial de entrada ao país e nos dirigimos ao Hotel Caravele. Ao fechar a porta do táxi apertei os dedos da mão, "Santo Dio!", gritei. A dor fora forte, ao que o motorista saiu falando italiano. Isso me facilitou a comunicação, pois a partir desse pequeno acidente, doído barbaridade, o receio de não entender nem falar grego, tínhamos o motorista para nos servir de intérprete e conduzir. Nós o contratamos. Em italiano eu me comunicava com ele.

Serviu-nos toda a semana em Atenas, Grécia, por causa de meu "Santo Dio" com o qual me identifiquei como "oriundi".

Atenas à noite é espetacular, a iluminação de ruas, avenidas e praças é feérica, magnífica. Viajamos por algumas ilhas, muito encantadoras, Creta e Mikonos, entre outras. Muitas construções milenares estão um tanto danificadas, poderiam ser mais bem conservadas. Atenas e outras cidades, de certo modo, são verdadeiros monumentos de história da Antiguidade.

Nesse período, segunda quinzena de agosto de 1979, além do calor intenso, a movimentação popular de turistas, em especial, é muito grande. As praias estavam lotadas. Aliás, todo o litoral europeu, onde se situam as melhores praias. O verão transfere as praias de toda parte do continente, e as pessoas acorrem às águas do Mediterrâneo.

De automóvel, com o motorista nos guiando, percorremos quase todo o território grego. Massud, que nascera em Jerusalém e aos sete anos viera com seus pais para o Brasil, só nos falava da saudade que tinha dos churrascos e das feijoadas de Ibirubá, e não via a hora de regressar de viagem. Pois bem, no momento em que Massud recordava Ibirubá, terra que lhe concedera cidadania, em uma curva da estrada no interior da Grécia, meio-dia, surge um restaurante. Um cordeiro de barro, ou de concreto, colocado em um pedestal em frente indicava o restaurante.

Paramos nessa curva da estrada litorânea, e o motorista nos disse que aquele restaurante era uma churrascaria. De fato, havia carne de cordeiro sendo assada em uma grande grelha, para depois ser espetada e servida aos clientes.

Cada um de nós com uma garrafa de cerveja gelada na mão, sentamos à mesa e refrescamos a goela com o popular suco de cevada. Nem esperamos pelo garçom, que logo veio com os espetos de carne de cordeiro. "Bom demais!", exclamou meu companheiro. Nem dava para acreditar que naquele lugar, no mundo da Grécia, estávamos saboreando carne ao estilo gaúcho, tenra e gostosa.

Até mesmo a viagem cansativa de 45 dias amenizou-se com aquele churrasco grego. O motorista surpreendeu-se também, nunca comera churrasco assado daquela maneira. Para nós, à maneira de Ibirubá, com uma pequena diferença, espetamos a carne crua, assamos e depois a servimos, mas, em geral, no espeto os gregos, ou o grego dessa churrascaria, planchava a carne na grelha, assava e depois a espetava para servir. Mas a verdade era que a maneira não mudava o gosto da carne.

Outro fato ocorreu em uma feira de artesanato e vestuário típico da Grécia. "Vocês são gaúchos?" Uma mulher nos surpreendeu com essa pergunta. "Vocês são gaúchos? Eu sou de Bagé", disse ela. Acompanhava a filha, de mais ou menos quinze anos, e viajava como nós. Foi uma

surpresa o encontro de gaúchos na Grécia naquele verão. Não me recordo do nome delas, mas o sotaque gaúcho é inconfundível, e elas nos identificaram.

Outra ocorrência estranha, todavia, foi no ato de pagar a conta no hotel. "Vocês não devem nada, as despesas da hospedagem estão pagas", nos respondeu o caixa do Caravale, um dos mais antigos e caros da Grécia. "Quem pagara nossas despesas?" Nem perguntamos. O Massud me olhou e disse: "Está bem, muito obrigado". E nos dirigimos ao motorista que nos esperava, demos uma boa gorjeta ao recepcionista que carregara nossas malas e adeus Grécia.

"Quem pagou a conta do Caravele? O petróleo de Dubai, do Kwait", deduzi, ou hóspedes que não conferiram ou que haviam conversado em árabe com o Massud e quiseram lhe fazer uma gentileza. Massud teve outra dedução: o computador falhou e as nossas despesas, que foram grandes, foram lançadas na conta de algum hóspede magnata do petróleo. Ele nem deu bola para a conta que, para ele, era uma insignificância.

Para nós, sim, foi um presente de Alá, uma semana no paraíso grego. A direção do Caravele não reclamou, a conta está paga, era o que importava. Uma semana na Grécia sem ter outra coisa a fazer a não ser passear. Foi demais.

Mousaka, o prato típico grego, nós saboreamos muitas vezes. Compõe-se de carne moída, berinjela, temperos gregos árabes, queijos, tudo em camadas em uma travessa, assada em forno, uma delícia.

De Atenas, última escala da viagem, voamos pela Olímpia, avião de companhia grega, para Amsterdã, de onde retornamos pela KLM, companhia aérea holandesa. Em Amsterdã, tivemos dificuldade para embarcar. Massud, com cidadania jordaniana-palestina, não tinha ainda a cidadania brasileira. Foi barrado, não queriam dar-lhe autorização de embarque.

A hora do embarque se aproximava e eu me virava em um espanhol sofrível tentando convencer a guarda holandesa a deixá-lo embarcar. Ninguém se entendia por causa da diferença de idioma, até que chegou um guarda que me entendeu e lhe expliquei nossa condição de brasileiros, nada a ver com terroristas do Setembro Negro, organização terrorista árabe muito temida nessa época na europa.

Dramatizei o momento, o grande avião da KLM com as turbinas funcionando, e quase chorando implorei para que autorizassem meu companheiro a embarcar, eu não queria deixá-lo, não o deixaria. Nisso o chefe da Guarda da Polícia, que me entendia um pouco em espanhol, permitiu felizmente o embarque do Massud. Vivemos um drama de muita angústia no aeroporto de Amsterdã.

À meia-noite, o avião aterrissou no aeroporto da ilha de Palma de Mallorca, em pleno oceano. Revisão, abastecimento e troca de pilotos. Uma pausa de uma hora. De Mallorca ao Rio de Janeiro, ao clarear do dia chegamos ao aeroporto carioca. Novo caso na conferência de bagagens. A minha passou sem problemas, a do Massud complicou-se, valores de importados acima do permitido. Mexe daqui, dali, e nada da Polícia Federal da aduana liberar a bagagem dele. Nisso ele faz que cai, e derruba um pacote de mão cheio de isqueiros e presentes que esparramaram pelo chão. Os policiais auxiliam-no para recolhê-los, Massud, incontinente, dava tudo a eles: "Podem ficar com tudo, me liberem a bagagem". O truque deu resultado.

Logo embarcamos em avião da Varig rumo a Porto Alegre, onde já nos esperava um meio de transporte para Ibirubá.

Sínodo Rio-grandense da Igreja Evangélica Luterana do Brasil destacou Ibirubá

Entre 19 e 20 de maio de 1964, o Lar Evangélico sediou o 57º Concílio Sinodal que reuniu as Igrejas Evangélicas de Confissão Luteranas no Brasil. Presidiu-o o pastor Karl Gottschald, presidente do Sínodo Rio-grandense. Prestigiaram o evento representações das igrejas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Um acontecimento de expressiva significação religiosa.

Em nome da comunidade local, o insigne professor Arthur Kanitz proferiu o discurso de abertura com calorosas palavras de boas-vindas a todos os presentes. Nesse ato representei o município e o governador do estado, o engenheiro Ildo Meneghetti, que me endereçara telegrama para que o representasse na ocasião.

Congratulei-me com os altos dignitários do Sínodo Rio-grandense e enalteci o Concílio pelo testemunho de fé cristã, afirmando que Ibirubá saberia gratificar a grande distinção de que estava sendo alvo. Um marco indelével nos anais de sua história.

No velório de Castelo Branco

Morrera em um acidente o ex-presidente da República Humberto de Alencar Castelo Branco. Ele viajava em avião de pequeno porte de Fortaleza para o Ceará, depois de sair da cidade de Quixadá, onde residia a escritora Rachel de Queiroz, sua amiga e admiradora. Fora visitá-la, pois deixara o governo, depois de curto espaço de tempo na Presidência, e Rachel recepcionou-o em seu sítio "Não me Deixes".

Um avião Mirage da FAB, em exercício de vôo, passara próximo ao avião que conduzia Castelo Branco, desestabilizando-o de tal forma que o piloto nada pôde fazer para evitar o efeito do deslocamento do ar causado pelo jato. O impacto da velocidade revoluteou o aviãozinho jogando-o no solo. Ambos os tripulantes morreram.

Divulgou-se que o acidente teria sido causado intencionalmente pelo piloto do jato Mirage, a mando de força oculta, sem nada ter sido apurado a respeito, nem de onde a tal ordem poderia ter partido, nem se verdadeira. Castelo Branco era militar de grande prestígio e, segundo fontes da época, fazia parte de linha militar que não desejaria tempo longo para a revolução de 64. Defendia apenas um governo de transição que restabelecesse a ordem abalada antes e durante a revolução, convocasse eleições gerais e reinstaurasse a normalidade democrática no país. Apesar dos pesares, o Brasil ainda é o melhor país do mundo para se viver.

O presidente do INDA, Eudes de Souza Leão Pinto, era muito relacionado com o ex-presidente da República. Dizia-me que a nação perdera um de seus mais eminentes homens públicos e convidou-me a acompanhá-lo ao aeroporto Santos Dumont para receber o corpo de Castelo Branco, e para lá nos dirigimos.

O avião, procedente de Fortaleza, aterrissou e o esquife foi retirado da aeronave, e um séquito de autoridades civis e militares com muitos populares, entre os quais nós, a pé, fomos até o Clube Militar, não distante dali, na avenida Rio Branco, onde seriam tributadas as derradeiras homenagens ao insigne brasileiro.

Uma multidão incontável desfilou noite e dia no velório, dando as despedidas àquela destacada personalidade.

Valeu-me muito acompanhar o dr. Eudes nesse triste momento, até mesmo nas cerimônias de sepultamento de Castelo Branco no dia seguinte.

Por esse e por tantos outros motivos de solidariedade, o INDA considerava rápido os projetos que lhes enviava, priorizando estudo e aprovação. Devo salientar, como o de maior importância, o da eletrificação rural no valor de um bilhão de cruzeiros, com o qual se pôde iluminar todo o município de Ibirubá, além de podermos dar continuidade a outros projetos.

"Vamos tirar esse gringo da Prefeitura."

Por muito pouco não fui vítima de equívocos de pessoas que se arvoravam defensores da revolução de 64. Nem bem tomara pé de meu mandato como prefeito de Ibirubá, eleito em 1963, e se abateu sobre o país o movimento militar de 31 de março de 1964. "Qual será o futuro da nação", pensava eu, "o que viria de bom ou ruim para o município?" Eu me preocupava com o futuro de minha gestão pública. "Bem agora aconteceu isso", dizia a mim mesmo, arquitetando uma nova estratégia de ação para dali em frente.

Eu estabelecera entendimentos e contatos com autoridades da União, agora apeadas do governo. Unira-me ao prefeito de Cruz Alta, Alberto Plentz, com quem mantinha fortes laços de amizade, e isso tudo agora se tornava inútil. Pior ainda, o prefeito Plentz foi cassado pelo poder central, pois pertencia ao PTB de Jango e Brizola. Sua cassação me parecia injusta, pois se tratava de cidadão correto e servidor.

Sem mais nem menos, a maldade política de certas pessoas, se voltou contra mim. Sei lá quem, de nosso meio, espalhara que meu nome também constava da lista de possível cassação. "Vamos tirar esse gringo da Prefeitura". A troco de quê? Maldade ou despeito, nascera aqui ou viera de Santa Bárbara do Sul? E diziam, esses chefetes mancomunados com outros, que desfechariam um movimento para me afastar da municipalidade. Acusavam-me de nada porque nada devia a quem quer que fosse, fora getulista, conterrâneo de Alberto Pasqualini, amigo de Jango, de Brizola, do que me orgulho, como me orgulho de tantos outros vultos políticos de respeito e admiração, como Walter Jobim, Meneghetti, Tarso Dutra, Raul Pilla, Sinval Guazzelli e outros desse rol de pessoas políticas com quem tive a honra de conviver e aprendi a respeitar.

Ameaçado, o que fazer? Fora advertido de que o primeiro lance maquiavélico seria o de me expulsar da Prefeitura, para que com isso se criasse um caso político e houvesse intervenção no município. Pareceu-me que deveria agir de imediato para contrapor essa eventual agressão ao direito do povo que me elegera. Reuni trabalhadores, gente da cidade e do interior e os arrigementei na Prefeitura.

Por iniciativa própria, na verdade cerca de duzentas, trezentas pessoas postaram guarda no prédio municipal para impedir qualquer ataque. Defenderiam-me a todo custo e assim permaneceram, revesando-se atentos, durante vários dias e noites. Arlindo Schneider, tratorista, e Eduardo Pereira, construtor de pontes, comandavam a guarda do prefeito e da Prefeitura. Armados? Sim, como podiam.

Certa manhã, no exato momento em que saía do jipe para a Prefeitura, esbarra em frente à garagem uma caminhonete militar da qual desembarcou um tenente da guarnição de Cruz Alta e me intimou: "Você é o prefeito de Ibirubá"?. "Sou sim, senhor", respondi. "Você está com-

plicado com o Grupo dos 11, e eu tenho a incumbência de te investigar". O Grupo dos 11 era um movimento de cunho revolucionário ligado a Brizola. Em Alfredo Brenner, o velho Schwab fora denunciado por ser um chefe do Grupo dos 11, inofensivos, apenas atentos ouvintes de Brizola que falava às sextas-feiras pelas emissoras.

Desconfiando do jeito desrespeitoso que me tratava, respondi ao tenente que não devia nada nem tinha a ver com o Grupo dos 11. Era prefeito do município e o convidava para tratar do assunto em meu gabinete. Resmungando, ele achou por bem se dirigir à Prefeitura, onde o recebi. Ele disse que recebera denúncias de que me envolvera com o Grupo dos 11.

Rebati-o energicamente e esperava compreensão e seriedade de sua parte para comigo, que não poderia ser vítima de inverdades. Era prefeito e a principal autoridade do município. Perguntou-me da razão de tanta gente em frente à Prefeitura, se era para me defender ou para trabalhar. Disse-lhe que o povo não estava ali por razão nenhuma, queria apenas falar comigo. Afirmei que ele não me intimidaria com ameaças de prisão, e que eu defenderia na justiça, se necessário, o direito do exercício de meu mandato. O que eu não lhe disse era que o povo estava ali para o que desse e viesse. Eu respeitava o novo governo federal, a revolução, que, sabia, não estava nem iria me tirar da Prefeitura, por isso solicitei que me deixasse em paz, queria trabalhar.

Certamente, em face de minha firmeza e disposição de resistir em favor de meu mandato, despediu-se, não sem antes informar que iria a Espumoso fazer diligências naquele município.

Em seguida, telefonei para o prefeito Arthur Ritter de Medeiros advertindo-o das intenções do citado tenente, que se deslocava com mais quatro militares. Não deu outra, todas as justificativas apresentadas pelo prefeito de Espumoso não foram levadas em conta. Ele foi preso e o levaram para o aquartelamento militar de Santa Maria, uma tremenda injustiça, logo contra o cidadão Arthur Ritter de Medeiros, prefeito da melhor cepa, de integridade cívica gaúcho-brasileira. No entanto, ficou uma semana em Santa Maria acusado de nada, porque nada havia praticado, nem antes, nem depois da revolução de 64.

Que revolução era essa? Pretendia corrigir distorções políticas no país praticando injustiças e arbitrariedades? Não entendi isso até hoje!

Ibirubá eleito município-modelo, o primeiro do país

Uma comissão de alto nível, designada pelos governos do estado e da União, instituiu, mediante criterioso estudo técnico-sociológico, Ibirubá município-modelo, e pioneiro, no país.

Na verdade, um título conquistado por méritos a valores sociais evidentes pelo elevado espírito de integração e solidariedade comunitária. Mais do que um título, Ibirubá consagrava-se para o programa de organização e desenvolvimento de comunidades, que começou a ser implantado com o apoio do INDA. Para a solenidade de concessão do título, mobilizei as lideranças representativas do município, independentemente de credo e ideologia e mobilizei sessenta pessoas para me acompanharem à capital.

Havia muito entusiasmo na comunidade pela conquista do título, que marcaria uma nova era para o município e o Alto Jacuí. Na hora da partida, Flávio Goelzer Lima me ofereceu carona. "Tu e o Teodoro de Abreu vão em meu automóvel, tem mais conforto. Dei o jipe para o Pereirinha transportar outros que desejassem ir."

Flávio era diretor e sócio-proprietário do Cine Teatro Apolo. Politicamente não votara em mim. "Nem por isso", dizia ele, "Ibirubá deve ser prejudicado. Além disso, sou teu amigo e o bem-estar de nossa terra está acima de tudo." Todos comungavam do mesmo espírito de alegria e solidariedade.

Chegara a hora de Ibirubá saltar para o futuro.

No aeroporto Salgado Filho os ibirubenses comoveram o dr. Eudes de Souza Leão Pinto e os assessores que o acompanhavam desde o Rio de Janeiro.

Em uma recepção simples, mas efusiva, saudei o presidente do INDA, dizendo-lhe que ali se encontravam os pró-homens do município, lideranças de todas as classes, homens e mulheres dispostos a cumprir o que o INDA programasse. O dr. Eudes abraçou-nos comovido.

À tarde, no Palácio Piratini, realizou-se a solenidade do anúncio oficial da concessão do título de município-modelo a Ibirubá, e toda a representação ibirubense compareceu e tomou lugar no salão do Palácio. O ato foi presidido pelo governador engenheiro Ildo Meneghetti e pelo dr. Eudes de Souza Leão Pinto, presidente do INDA. Tomaram lugar à mesa do cerimonial todos os secretários de estado, o presidente da Assembléia Legislativa e os deputados. A mim foi reservado lugar ao lado do prefeito de Porto Alegre, Célio Marques Fernandes.

O governador Meneghetti congratulou os ibirubenses e ressaltou a importância do título, porém maior era o significado para o desenvolvimento das comunidades.

"Ele está sendo semeado em solo muito fértil, conheço a gente de Ibirubá, irá corresponder às expectativas do INDA.

"União e vontade são palavras dominantes lá em Ibirubá. Conheço seu prefeito, jovem de muita garra e disposição, que tudo fará para que esse programa alcance seus objetivos."

Já o dr. Eudes disse "estou encantado com Ibirubá que se fez representar desde o aeroporto Salgado Filho pela manhã com a minha chegada, e agora aqui me prestigiam, honram o dr. Ildo Meneghetti e todas as autoridades com sua presença."

"Estou sumamente contente e feliz em poder anunciar que a digníssima comissão de alto nível elegeu Ibirubá município-modelo do Rio Grande do Sul e primeiro município-modelo do país."

Emocionado, dr. Eudes disse ver no povo de Ibirubá uma terra de gente abençoada, onde a unidade reina em todas as comunidades, o espírito de fé renova-se na prevalência da esperança e na verdadeira prática da caridade.

Desejou toda sorte de venturas ao povo de Ibirubá. Estava convencido do êxito do programa, que crescerá e será imitado pelas demais laboriosas comunidades gaúchas.

Em nome da Assembléia Legislativa do estado, falou seu presidente, deputado Fernando Gonçalves, que não só congratulou os ibirubenses, como afirmou acreditar no sucesso do projeto que seria implantado em Ibirubá.

A solenidade foi encerrada com muitos abraços e vibrações dos ibirubenses, sendo intensamente cumprimentados por autoridades e convidados.

Ao despedir-se, o dr. Eudes anunciou que nos dias 7 e 8 de março de 1967 visitaria Ibirubá para confraternizar mais uma vez com o seu povo.

Uma data inesquecível: 17 de abril de 1966

Em 16 de abril de 1966, Ibirubá e mais onze municípios de outros estados haviam sido proclamados municípios-modelos em solene ato presidido pelo ministro da Agricultura, Ney Braga, ao lado de outras autoridades, na grande sala do prédio do próprio Ministério. Nessa ocasião, Ney Braga salientou a importância do trabalho do INDA, órgão vinculado ao Ministério da Agricultura, agora com a participação de comunidades piloto a irradiar novas experiências de integração comunitária e, com isso, desenvolver vida melhor para as populações.

Coube a mim falar em nome dos prefeitos. Enalteci as autoridades, os propósitos do senhor ministro da Agricultura e do presidente do INDA, professor dr. Eudes, que levantara a bandeira de uma nova política de desenvolvimento, com menos paternalismo e mais participação popular. Encerrei a curta manifestação causando boa impressão, porque fui aplaudido, inclusive por meus colegas, que eram advogados, técnicos, pessoas de formação superior, o que não ocorria comigo, modesto gaúcho guasqueado pelo minuano do sul, colono dos peraus de Júlio de Castilhos, para não dizer das coxilhas de Sede Vitória, Cruz Alta e Ibirubá.

Uma data inesquecível, sim! Diria melhor, duas datas inesquecíveis, 16 e 17 de abril de 1966.

O que aconteceu em 17 de abril foi em cumprimento ao programa de audiências com todos os ministros da República, inclusive das Forças Armadas. A administração pública transferia-se morosamente à nova capital, Brasília, inaugurada pelo então presidente Juscelino Kubistcheck. A maioria dos órgãos públicos ainda permanecia no Rio de Janeiro.

Quase no final do expediente, fomos recebidos, o dr. Eudes, eu e os prefeitos, pelo ministro Roberto Campos, no prédio do Ministério da Fazenda. Ele nos recebeu sem rodeios e, de maneira informal, o presidente Eudes nos apresentou, e me pediu para falar ao senhor ministro sobre os objetivos que norteavam aquele programa da escolha de um município em cada estado para irradiar uma nova filosofia de ação comunitária e tentar, dessa maneira, reverter a imagem paternalista que se implantara e dominava o país. E foi o que fiz, até com certa desenvoltura: uma boa exposição do programa, pois já me achava bem por dentro dele. O dr. Eudes ressaltou que eu não só estendia o espírito e a filosofia do programa, como também estava ajudando-o a aperfeiçoá-lo com idéias novas, somando mais conhecimentos adquiridos de minha convivência com as comunidades do interior gaúcho.

Roberto Campos, que parecia estar muito ocupado, ouvia-nos e ao mesmo tempo escrevia, assinava papéis, documentos, ofícios que se amontoavam em sua mesa, cercada por nós naquele momento. Agradeceu a visita e, reforçando o que eu já o ouvira dizer no almoço, no Clube Naval, na Almirante Barroso, naquele mesmo dia: "O Brasil precisa de bons projetos. Com bons projetos podemos obter financiamentos e realizar obras de que o país é carente", repetindo o que falara no Clube aos ex-diplomados da Escola Superior de Guerra, onde havíamos comparecido no dia anterior.

Gravei o que ele dissera para, tão logo voltasse a Ibirubá, descobrir um jeito de elaborar um projeto de eletrificação rural. Na despedida fui mais afoito, e informei-o que estava fazendo um projeto de eletrificação para o campo. Ele se mostrou surpreso, dizendo: "Mas vocês estão tão adiantados assim? Já querem energia na roça também? Nem temos

energia para o nosso desenvolvimento. Bem, faça-o que daremos um jeito de financiar, talvez o INDA os ajude". Uma despedida que, para mim, foi vitoriosa, inesquecível. Por quê? Porque daí partira a feitura de projetos e a razão do nascimento da Coprel.

Artistas? Até hoje não sei se foi o Pereirinha ou se fui eu o gênio da estrada. Ambos, talvez!

O carro oficial da Prefeitura de Ibirubá era um velho jipe, herança que me transferira o prefeito Edmundo Roewer. Aliás, me transferira o jipe, o motorista e o comando do município em 31 de dezembro de 1963. Eu marquei audiência, ainda no início de janeiro de 1964, com o governador Ildo Meneghetti e os secretários de estado com a finalidade de apresentar-me como prefeito, expondo-lhes meus propósitos, não para pedir, mas para oferecer futuros projetos de ação intergovernamental, paralelos à participação socialcomunitária. Parecia-me ser esse o melhor caminho a seguir, qual seja, o de integrar e somar esforços e recursos, o que aprendera a fazer na vida particular e sempre dá certo.

Convoquei o Pereirinha e solicitei a ele uma revisão no jipe para viajar à capital, advertindo-o de que a estrada era brava e eu não queria acampar em seu trajeto, confiando plenamente em suas aptidões de exímio motorista, pois ele tinha fama de tocador de sete instrumentos. Aperto com ele era pensar e, na maior calma do mundo, achar a solução.

Ainda não havia sido aberta a rodovia para o Tio Hugo, portanto íamos pela estrada velha por Espumoso, Soledade, Barros Cassal, Venâncio Aires, Mariante, com a penosa travessia do Taquari de barca.

Chegando em Soledade, o desafio, quem o fez nem sei se fui eu ou se foi o Pereirinha: "Vamos pela estrada da produção?" "É aventura de muito risco, pois ela fora apenas traçada e aberta, rasgada somente, seu

estado é de pedra e solavancos a valer, desvios contínuos", nos alertavam os motoristas experientes que por ela já haviam passado. Bem, o braço forte do volante era o Pereirinha, só assim iríamos conhecer a rodovia projetada por Leonel Brizola, governador anterior a Meneghetti.

O tempo estava propício, pé na estrada, que nem estrada era, e em um constante balanço e solavanco íamos rodando pela badalada rodovia. De repente, o primeiro tropeço, estourou um pneu. De pronto o trocamos pelo estepe e recomeçamos a viagem com pensamento positivo. Daqui para a frente, de certo, a coisa vai melhorar, supliquei para o santo, senhor dos caminhos, o Santo Izidoro, preto velho que viveu no sul da Itália, como me contava o avô Andoim. Ele era o protetor dos agricultores e dos motoristas.

Dali para a frente até Lajeado não havia posto nem borracharia e nem pensar em novo acidente. Era confiar para que tudo corresse bem.

Em São José do Erval, pequeno povoado, hoje município, o jipe pediu gasolina. Com o padre da paróquia conseguimos uns 15 litros que ele nos cedeu de sua reserva, dizendo: "Aqui é o fim do mundo, quem não se previne, sofre".

Pé na estrada e, feia como está, a noite não pode nos pegar, se não o diabo cospe fogo.

"Isso não é estrada", dizia o Pereira, "nem estrada, nem picadão", eu emendava. Não havíamos rodado nem 7, 8 quilômetros pirambeira abaixo e um ruído surdo, pof, pof, pneu de novo. Agora, sim, a porca torce o rabo, o que fazer? Sem estepe, dois pneus furados, a urucubaca nos pegara! Socorro por ali nem pensar.

Esperar por um milagre? Impossível! Tínhamos de fazer alguma coisa para sair dessa. "Vamos encher o pneu de capim, amarrar bem com um arame, acho que dá." Quem disse isso, eu ou o Pereirinha? Mãos à obra, comecei a arrancar capim, macega, rabo de burro e encher os pneus com eles. O Pereirinha com um alicate cortou uns metros de arame da cerca em frente e com ele os pneus foram amarrados e montados novamente.

Depois nos benzemos pedindo a ajuda de Deus. Na boca da noite, em Lajeado, ainda foi possível consertar um dos pneus, mas tive de com-

prar dois novos. Ufa, até que enfim! Nossas mãos sangravam e doíam com os arranhões feitos na operação capim para inchar os pneus.

De Lajeado a Porto Alegre, alguns trechos da rodovia tinham asfalto, mas não eram aquela maravilha. Pelos bigodes de Belzebu, não é que o azar nos pega de novo? Nesse trecho fura outro pneu. "Pereira", exclamei, "vou comprar um violão e tu vai aprender a tocar, para levá-lo em viagens futuras. Por que assim não dá, a gente morre de susto, e, com música, com certeza, a tristeza fica para trás, aparece gente para nos ajudar. Três pneus furados!"

Porto Alegre finalmente nos acolheu à noite, a tempo de descansar para as audiências públicas. A mais importante foi a realizada com o governador Ildo Meneghetti, que ouvira falar bem de Ibirubá e dos municípios vizinhos e de suas lideranças. E para falar e trocar idéias, o governador convidou-me para almoçar no Palácio Piratini, onde residia. Não só aceitei, como fiquei surpreso e emocionado com tão honrosa deferência, logo eu, talvez o mais humilde prefeito do Rio Grande.

Meneghetti tornara-se amigo de Ibirubá, conhecia os prefeitos que me antecederam, Fleck e Roewer, e o padre Chico. Elogiava, igualmente, o prefeito de Carazinho, Ernesto Keller, o ex-prefeito de Não-Me-Toque, Guilherme Augustin, referia-se a lideranças outras que se projetaram na região, Batistela em Tapera, Ritter de Medeiros em Espumoso, Severo Werlang e Beno Eli em Selbach, Schwengber em Colorado.

Ataliba Ferreira da Luz e da paz também

Ataliba Ferreira da Luz morava em Aroeira, que nem povoado era, entre Esquina Gaúcha e Fortaleza dos Valos. Ali ele tinha uma pequena gleba agrícola, quase contígua à do meu compadre Joaquim Nogueira, seu vizinho e amigo de chimarrão na mão para os causos da vida, que conhecera em uma carreirada de cancha reta que se realizava em minha fazendinha no Faxinal, mais tarde alagada pela represa do Passo Real.

Era uma várzea linda, margeada por duas restingas, uma de cada lado. Ali ficava a cancha reta que, em dia de carreiras, enchia-se de gaúchos, colonos e caipiras. Era povo de todo tipo vindo das redondezas.

Ataliba, quando me via, aproximava-se para me cumprimentar e bater um papo. Ouvira falar bem de mim. Ataliba, nego de lei, pedira-me que lhe fizesse um favor, queria legalizar sua terrinha onde morava há muitos anos, e recebera de seus pais com direito de posse e sucessão. Conversa vem, conversa vai, o preto Ataliba confessava-me que estava pertinho dos oitenta anos de idade. "Seu Olavo, olha para meus cabelos, continuam pretinhos e não dizem que vou fazer oitenta anos. Gostaria de legalizar a minha terrinha, antes de viajar para a estância do patrão lá de cima, meus netos, tenho dois, me agradeceriam muito." Garanti-lhe encaminhar o assunto a quem de direito.

"Farei o possível, seu Ataliba." Passaram-se alguns meses, procurei a responsável pelo registro de imóveis de Ibirubá e expliquei que Ataliba Ferreira da Luz não tinha condições de legalizar sua terrinha. Disse-lhe também que o nego tinha uma grande força sobrenatural e ela faria um grande bem se o ajudasse. Ela me perguntou: "Será que este nego velho que te protege muito não poderia me ajudar também?". Disse-lhe: "Irei falar com ele e o farei vir a Ibirubá atendendo a seu pedido".

No dia aprazado, apresentei a ela o nego Ataliba, que também confirmou o que já fazia por mim. "Stefanello é uma pessoa iluminada, recebe transporte que lhe imploro quando ele necessita. Seu espírito e presença nessas horas podem estar em lugares diferentes ao mesmo tempo. Ele tem ajuda sobrenatural."

A responsável pelo cartório, dona Irene Vasconcelos, pediu tudo isso para ela também, pois ela não estava passando um momento feliz na vida. De bota e bombachas, lenço branco no pescoço, Ataliba olhou Irene com olhar sério e perquiridor. Ele disse que, de fato, ela estava vivendo um mau momento. "Seu Olavo certamente já lhe contou, sou um pobre negrinho sem recurso. A minha lavoura produz pouco e eu gostaria que a senhora me ajudasse a conseguir usucapião da minha terrinha em Aroeira", disse ele.

"Vou fazer o possível, e mais, lhe darei uma ajuda", disse Irene. Ataliba olhou para o alto, olhou para mim e olhou para Irene. "A partir de hoje a senhora terá uma vida nova com as bênçãos dos céus. Deus vai lhe proteger."

Deu-lhe uns trocados, bem que merecera, e todos os meses o negrinho Ataliba vinha receber um salário mínimo, o preço que estipulara para afastá-la de todos os eventuais malefícios. Resolveu inclusive a obtenção do usucapião de sua terra em Aroeira.

Irene, de fato, desde aquele dia, animara-se e sua vida passara a ser mais alegre e confiante. Conseguiu o usucapião que Ataliba lhe pedira e ainda lhe deu por longo tempo um dinheirinho todos os meses.

Por isso eu afirmava com fé e altivez: Ataliba era homem de bem, que fazia jus a seu nome, Ataliba Ferreira da Luz, e da paz também.

Doces papos-de-anjo

Esquecê-los? Nunca os esqueci. Trazia-os a humilde servidora municipal Lúcia Câmera. Papos-de-anjo, feitos certamente com muito carinho para o prefeito do município. Nessas ocasiões de breves palavras, Lúcia franqueava para dizer que oferecia os papos-de-anjo não apenas para agradar, ela falava com sinceridade, mas para me estimular a ser a pessoa de sempre, cheia de entusiasmo e amiga de todos. "Continue assim, Ibirubá precisa crescer." Eu recebia isso com emoção. Lúcia era esposa de Ângelo Câmera, contínuo servidor da municipalidade, e ambos souberam cumprir com lealdade suas funções, conquistando o reconhecimento da comunidade.

Meu jamegão libertou Selbach

Selbach lutava denodadamente por sua emancipação. Severo Werlang presidia o movimento emancipatório, unindo a briosa liderança

do progressista distrito pertencente a Tapera. Batalha encardida, Selbach tinha de preencher os requisitos mínimos para se emancipar.

Idas e vindas à Assembléia Legislativa já abatiam o ânimo dos selbachenses, tanta era a burocracia, dados que deveriam ser reunidos ao processo de Selbach para que ela fosse habilitada a se constituir como município. Faltavam poucos dias para o encerramento do prazo da comissão para completar a documentação, quando me comunicaram que havia necessidade de área, um pouco mais, sem a qual o processo de Selbach seria rejeitado. Tudo dependia de mim.

Severo Werlang, de cabelos em pé, em desespero de causa, bate em Ibirubá, me procura, narra o fato. Fato este que me coloca entre a espada e a parede, ao me propor que lhe emprestasse, este era o termo, não cedesse, apenas emprestasse uma área que se desenhava geograficamente até o rio Pulador, limitando-se a uma divisa, área para complementar o território no ato da assinatura do decreto-lei da emancipação, área que seria excluída, no ato da assinatura do decreto-lei da emancipação, propriamente dita.

Severo Werlang ficou comigo quase a noite inteira. Augusto Borges Berthier e Edmundo Roewer, que me assessoravam nessa hora, confiaram a mim e se retiraram, me dizendo: "O que tu fizeres, está feito!". Imploravam Severo Werlang e Beno Ely: "Olavo, confia em mim, esse assunto vai ficar só entre nós, Selbach será município e te ficaremos gratos a vida toda". Nem todos os membros da comissão ficaram sabendo disso.

Eu meditava sobre a questão sob todos os ângulos. Como prefeito comprometido com a comunidade, o que seria de mim se o ato não se consumasse como se desenhava? Então disse que confiava nas propostas da liderança de Selbach, gente de meu coração.

Madrugada chegando e também a hora do galo cantar. Decidi colocar meu jamegão nos documentos que possibilitaram a Selbach emancipar-se. Severo Werlang guardou sigilo do ato que emancipou Selbach, o jamegão que libertou a Princesa do Jacuí para o progresso.

E naquele dêle que dêle, dele não me arrependi. Selbach honrou a palavra de seus pró-homens, e emancipou-se gloriosamente. Merecia.

Levou um tombo e caiu na vala d'água

Contar esse fato, pequeno acidente, que poderia ter sido de maior gravidade, ilustra na verdade o estado das ruas da cidade quando assumi a Prefeitura.

Nelma Baggio, é irmã de Delma, esposa do Willy Kochemborger, distinto oficial do Cartório de Registro Civil de Ibirubá. Grande amigo, Willy é pai do dr. Carlos Alberto Kochemborger, competente odontólogo e professor na Universidade de Passo Fundo.

A Secretaria de Obras Públicas do estado, Corsan apenas em estudo, iniciara ainda na administração anterior, de Roewer, a instalação das redes de encanamento para abastecer de água a cidade.

Havia valas em muitas ruas e foi na Flores da Cunha que Nelma Kochemborger, jovem, solteira, ao atravessar a pé uma das passagens apenas com umas tábuas soltas, resvalou e caiu na vala de onde foi retirada e levada ao hospital, pois ferira uma das pernas até com certa gravidade.

Estou contando esse fato para registrar a vinda do sistema de abastecimento de água à cidade, até pareceu que o acidente a Nelma, eficiente e gentil funcionária do cartório local, abreviou a solução do problema d'água.

Lembram-se os moradores mais antigos do longo e penoso drama para Ibirubá ter água boa e potável nessa fase inicial do abastecimento público. Até aquela época a água continha monóxido ferruginoso, coisa que lhe dava uma cor amarelado-ocre, o que desagradava a população. Sendo a Prefeitura na época co-responsável pelas obras, as reclamações recaíam sobre o prefeito para resolver a qualidade do precioso líquido.

Dirigi-me a Porto Alegre, entrevistei-me com o secretário Valdir Maggi, das Obras Públicas, com o qual então firmei outro convênio que possibilitou a abertura de novo poço artesiano mais profundo. Este ultrapassou a camada basáltica ferruginosa e garantiu água cristalina à população. Demorou, até felizmente, para a cidade ter água em toda a extensão.

Valdir Maggi, como seu sogro, senador Daniel Krieger, simpatizavam com a liderança de Ibirubá e dos municípios da região.

Nos altos da Vila Floresta, um recanto natural destruído

Quando foi loteada a área da Vila Floresta, seus proprietários projetaram, além do Parque Aquático, dividir a parte de cima do loteamento para locais de construção de casas de veraneio. Outra parte se tornaria reserva florestal, preservação necessária às fontes vertentes de água para piscina.

Eu residia ainda no interior. Lembro das belas construções, a maioria de madeira, casinhas simples e bem pintadas com jardins floridos ao redor. As belas árvores, inclusive pinheiros, eram preservados. Encantador passar pelos altos da Floresta, ver e admirar a beleza desse recanto, um pequeno cartão da cidade.

O Parque Aquático constituía-se no mais belo local da região, e nem Cruz Alta, do qual Ibirubá se emancipara, tinha uma piscina igual, cercada por exuberante vegetação nativa. Um pequeno paraíso. Gernot e Olinda Schimidt proprietários da farmácia Schimidt, possuíam na Vila uma casinha muito linda. Estive lá.

E me lembro de Willy Krammes, sócio-proprietário do parque, que por diversas vezes me convidou para visitá-lo e participar de jantares à base de rãs, abundantes na época nas várzeas e nos banhados não poluídos.

O parque aquático possuía infra-estrutura básica, promovia esportes aquáticos, tinha equipes de nadadores de ambos os sexos, que competiam em Carazinho, lá e aqui, hoje pelo que sei, nada de nada.

Cito o conhecido advogado criminalista Deburgo de Deus Vieira, de Cruz Alta, que era assíduo freqüentador, nos fins de semana, do aprazível aquático ibirubense. Ele percorria de automóvel a estrada de terra vermelha e ruim para vir daquela cidade até o partque. "Ibirubá tem piscina, nós não temos", dizia Deburgo, que se tornou cooperante da Coprel e amigo que admirava. Esteve entre os fundadores do Partido Comunista Brasileiro no estado. No exercício profissional, teve atuações brilhantes em júris nos foros da capital e de Cruz Alta.

Defendeu Egon Sommer, acusado da morte de sua mulher Irmengthraud, fato que abalou a cidade. O assassinato configurou-se um crime de lances misteriosos e inexplicáveis, que nem a polícia e a justiça elucidaram. A suspeita recaíra sobre o marido, mas nem provas circunstanciais a comprovaram. Quem matou a professora Irmengthraud Traude Sommer?

Voltando a comentar sobre o recanto natural da Floresta que foi destruído pela ação inconseqüente e omissa de todos, talvez.

Parece estar a caminho outro crime florestal, o do matinho da comunidade que, por pertencer à Igreja, pode dispor dele da maneira que quiser; o meio ambiente, as árvores nativas, os passarinhos, que se danem, que se dane a saúde do povo?! Pequeno pulmão da cidade, não dá para crer no que se fala...

Estariam com ele pagando uma dívida? Pergunto: "Pagou-se a dívida cometendo um crime contra a natureza? Dá para entender?". Tomara que eu esteja equivocado. Os matinhos da cidade de duzentos anos, sei lá, têm a ver com a natureza sim. Choram os matinhos, choram as árvores pelo destino que tiveram. Choram os passarinhos, choram as crianças que logo estarão cobrando de seus pais: "Onde estão as árvores?". Só em fotografia.

Galho de árvore despenca e vitima um grande ibirubense

Fritholdo Braatz e Frederico Meinke desenvolviam a Indústria Ibirubense de Madeira, fabricavam esquadrias, móveis e parquetes. Indústria sólida e conceituada no pulso firme desses dois ibirubenses. Familiarizei-me com eles e a amizade se justificava próxima e estreitas por isso deles vinha recebendo apoio em meu começo de Ibirubá. Ambos me convidavam seguidamente para visitá-los em seu escritório e fábrica. E eu os considerava figuras exponenciais da comunidade.

Lamentei profundamente a morte de Fritholdo por acidente de trabalho em 3 de novembro de 1966. Vitimou-o um galho que se desprendera de cima da árvore, atingindo-lhe em cheio quando dela se afastava.

Inaugurava a primeira motoserra que a firma adquirira, uma fatalidade. Sua esposa Helia Koch Braatz, devotada líder da comunidade evangélica, tem prestado incalculáveis serviços comunitários e religiosos. Ibirubá tem orgulho dela e de sua família. Rudi Braatz, filho, prestigiado e competente administrador de empresas, atua em Brasília, onde tem assessorado a Coprel em seus trâmites de projetos. Paulo e Mariana, o primeiro economista e engenheiro, e ela, professora e esposa de Romeu Kogler que, por muitos anos, atuou como eficiente funcionário da Coprel.

E se vieram...

Deram a largada. Mal e mal dava para ver os corredores sobre os parelheiros, abaixados ao longo dos pescoços dos pingos no up, up, up, ruído dos cascos no chão arenoso da cancha reta, silenciou os carreiristas que ansiosos assistiam pelo desfecho da corrida.

Passaram como um raio os dois pingos, o tordilho ia na frente de luz do malacara que perdeu a corrida. Seguiu-se estrondosa gritaria dos ganhadores, que se aboletaram com o dinheiro jogado nas patas do tordilho, cavalinho bueno barbaridade!

Tomaram conta do quiosque de bebidas, euforia para muito trago e novos desafios de carreirada.

Os perdedores do malacara agruparam-se ao redor de uma carroça que vendia bebidas, fiambres, pão e doces caseiros. O carroceiro da bodeguita improvisada gritava dizendo que a carreira fora lingüiça, o malacara não podia ter perdido a corrida (não faz sentido). Se foi para juntar gente a seu ponto de bebida, tudo bem, mas jogara bastante e perdera, o que lamentava.

O povo perdedor de vereda acorreu ao carroceiro. Este, porém, foi mudando de conversa e acalmando o tempo quente, que parecia estourar com uma peleia feia e foi ficando por isso. Outros parelheiros já se empinavam no partidor da cancha porque logo sairia outra carreira.

Fiz essa sucinta descrição para lembrar a construção da Hípica Ibirubense, cuja cancha reta coube a mim abrir, aterrar alto o terreno no partidor e fazer corte e terraplenagem no trecho da metade para o final, com quatro pistas de canchas.

Com o auxilio do grande trator caterpilar HD 7, que recebera do INDA, em comodato, dirigido pelo competente tratorista Arlindo Schneider, a cancha reta foi concluída, na Hípica Ibirubense, em tempo recorde, e a inauguração foi com festa e muitas carreiras de pencas. Carreiristas de vários pontos do estado e do país compareceram ao ato inaugural. A Hípica alcançou nome e destacou-se entre os amantes do esporte das rédeas. De Vacaria, Lages, Dourados, Carazinho, Júlio de Castilhos vieram carreiristas com parelheiros para desafios e corridas na Hípica de Ibirubá.

A inauguração da Hípica ibirubense aconteceu com todo o povo cercando o partidor da cancha, local do ato conforme registros da época. Abri a breve solenidade como de costume. Convidei Carlos Jacob Simon e Edgar Otto Fleck para cortar a fita simbólica. Cumprimentei a todos com palavras de agradecimento pela cooperação que deram à efetivação da Hípica ibirubense.

Cícero do Amaral Viana conclamou os carreiristas e o povo a manter viva a tradição gaúcha, que tem na corrida de cavalos um de seus esportes preferidos. Disse, por fim, que a decisão do prefeito, construindo a Hípica, já de começo, o consagrava para uma grande administração.

Edgar Otto Fleck, Teodoro de Abreu, Lothário Saft, Adolfo de Souza, José Reinoldo Hentges, Cícero do Amaral Viana, Carlos Jacob Simon, Adalberto Zeilmann, Guilherme Rebelatto, Victor, este de Carazinho, e outros mais que cuidaram da Hípica ibirubense a tornaram centro regional de corridas de cavalo. Velhos tempos, de um passado não muito distante.

Posto de suinocultura projetou Ibirubá no país

Foi o então deputado federal Daniel Faraco que destinou a verba de 3 milhões de reais para a instalação de um posto de suinocultura em Ibirubá, e consignou-a no orçamento da União, a pedido do ex-prefeito Edmundo Roewer e do deputado estadual Romeu Scheibe.

O município, em contrapartida, contribuiria com uma área de 200 hectares para abrigar o importante investimento. A convite de Roewer, vice-prefeito na época, o prefeito era Edgar Otto Fleck, viajei a Porto Alegre, em meados de 1958 para agilizar os trâmites de ordem legal, junto à Delegacia Regional do MA, então dirigida pelo dr. Athos Muniz Vasconcelos. Lembro o quanto nos foi difícil, em curto espaço de tempo, obter a autorização para a referida instituição receber a escritura da área rural, lavrada no cartório de Willy Kochemborger, em Ibirubá.

Corria o tempo e, se esse ato não fosse efetivado naquele exercício, a verba consignada se perderia e o posto não seria instalado. A escritura foi lavrada em 31 de dezembro, no último dia do ano. Lembro-me de que, por falta de ônibus ou outro meio de transporte, não consegui passar o Natal com minha família em Sede Aurora.

O posto foi instalado com numerosas construções de engenharia, recebeu técnicos e um lote selecionado de suínos para aprimorar a genética da suinocultura, o que o fez destacar-se entre os onze postos idênticos existentes no país. Sempre esteve em primeiro lugar. Com reprodutores importados e alta qualificação genética, o posto projetou o município, e animais das melhores raças partiam dele para o incremento da suinocultura nacional.

Uma vitória que ajudei a conquistar. Ela somou para fortalecer o movimento do município-modelo.

Queria, lutei e consegui implantar um serviço social odontológico para as crianças

Constava de meu modesto programa de candidato a prefeito, a conquista de um serviço social odontológico para as crianças nas escolas. Estudara-o sob diversos ângulos, pensei focá-lo na possibilidade de um serviço móvel de assistência dentária. Em viagem ao Rio de Janeiro pleiteei à direção do INDA, entre outras reivindicações, a criação desse serviço.

O assunto foi debatido pelo Conselho Superior da instituição que o aprovou mais ou menos como sugerira: o INDA participaria do convênio com uma Kombi equipada com o gabinete dentário completo, o estado, por meio das Secretarias da Saúde e Educação entraria, a primeira com medicamentos e acessórios e a segunda colocaria à disposição o dentista, e a Prefeitura, por sua vez, complementaria o salário do odontólogo e se encarregaria ainda do motorista da Kombi, do combustível e da manutenção do serviço.

Aprovado o convênio, foi firmado entre as partes e funcionou em sua plenitude em todas as escolas do município. Durou a minha gestão e prosseguiu na do prefeito seguinte. Mas não teve continuidade. Um serviço de alto sentido social, educativo e de saúde que deveria permanecer para sempre. Lamento sua interrupção.

Mathias Jacobs foi o dentista enviado pela Secretaria de Educação. Trabalhou a contento nas comunidades escolares. Tornara-se muito conhecido em todo o interior, acabou candidato, e foi eleito prefeito de Ibirubá. Ércio Lauxem foi o funcionário que se qualificou para o serviço da Kombi.

Fica no ar, no entanto, a pergunta: por que esse serviço social odontológico foi extinto?

Em paralelo a esse e a outros projetos, consegui, além dos empréstimos, um aparelho de raio X para o Hospital Annes Dias, que também

recebeu auxílio, por meio do padre Chico; o grande caterpilar HD7, trator para abrir estradas, caminhão tombadeira, serviço de inseminação artificial para o gado leiteiro, pelo INDA ou através de convênios intergovernamentais.

Pai dos assentados do Passo Real?

Nunca me intitulei "pai dos assentados" do Passo Real, mas foi assim que me batizaram em decorrência natural de minha ação corajosa em defesa dos interesses das famílias, cerca de 2.500, intimadas a abandonarem suas casas, pois residiam às margens dos rios Jacuí, Jacuí Mirim e afluentes, e confluências dos dois rios em Sede Aurora até Salto do Jacuí. A CEEE contratara advogados, engenheiros e peritos para viabilizar as desapropriações.

O método, configurava-se legal, mas injusto, porque os agricultores resistiam, alegando diversas razões, entre elas que o valor das indenizações era baixo, muito aquém do mercado. Outros não se conformavam com o fato de perderem tudo, casas, terras, benfeitorias, até entes queridos sepultados nos cemitérios.

Em Jacuizinho, o cartório civil preparava-se para lavrar as escrituras das terras à CEEE. A quem eles recorreriam nessa hora?

Recorreram a mim, era prefeito e viera desse meio atingido pela desapropriação. O clamor era grande: "Não nos abandones, tu és um dos nossos, a tua terrinha do Faxinal também vai ser alagada. Faça alguma coisa por nós, não queremos ficar na rua, nem ir para longe daqui...".

De imediato tomei a frente do movimento, o pessoal confiava em mim. Convoquei as lideranças dos municípios circunvizinhos, debatemos a questão e a submetemos às autoridades de Porto Alegre e Brasília. Fizeram-nos promessas, mas as soluções de fato e de direito entraram em compasso de espera.

Nem dormir sossegado eu podia, tantos eram os líderes do meio rural que me procuravam, porque o desespero tomara conta das famí-

lias, havia ameaças de que seriam expulsas da área à força. O encaminhamento das desapropriações não estava sendo bem conduzido.

Os "afogados do Passo Real", como os denominei, só aceitariam sair de suas terras pacificamente se a CEEE e os governos lhes dessem outras terras, assentando-os não distante dali e com a mesma infra-estrutura.

Entrevistei-me com os presidentes da República, Castelo Branco, Costa e Silva e Emilio Garrastazu Médici e, mesmo assim, como tardou para vir a solução ideal e necessária, muitas reuniões e audiências foram feitas, sem que o problema fosse resolvido.

Seno Ferst, Francisco Rodrigues de Siqueira, meu compadre, João Batista Pinzon, Amadeu Fronchetti, Edmundo Roewer, padre Chico e outros me acompanharam nessa luta, à frente do movimento.

Lembro da ação mediadora e inteligente dos engenheiros Arnaldo Silva de Vargas e Joaquim de Oliveira Borges a serviço da CEEE, admitindo como acertadas nossas atitudes para humanizar o deslocamento dos "afogados do Passo Real". Arnoldo e Joaquim visitaram-me certo dia e me lembraram que meu trabalho foi muito significativo para a solução desse problema e me intitularam "pai dos assentados".

Chegara a hora da solução justa, e a voz uníssona dos habitantes atingidos felizmente foi ouvida. Todos seriam reassentados nas proximidades da barragem. Itaíba em Ibirubá, divisa com Santa Bárbara do Sul, Boa Vista do Incra, virou município, Colorado do mesmo território, se transformaram nos núcleos dos reassentados. Um pouco mais distante os núcleos de Sagrisa, Arvoredo e Sertão.

Além dos engenheiros Joaquim de Oliveira Borges e Arnaldo Silva de Vargas, nomeei alguns líderes que me apoiaram em Porto Alegre, o dr. Sanchotene Felice, atual prefeito de Uruguaiana, fora delegado do IBRA, o dr. Paulo Brandão Rebelo, delegado do INCRA, os deputados Fernando Gonçalves, Algir Lorenzon, e daqui, a destacada atuação do prefeito Arthur Ritter de Medeiros, do general José Fragomeni, este colocando a tropa militar à disposição, montou uma ponte móvel sobre o rio Ingaí para travessia dos caminhões que transportaram o pessoal e os pertences dos agricultores. Sensibilizado pelo nosso movimento, o Exército teve papel relevante no reassentamento.

Certamente por isso tudo me batizaram "pai dos assentados ou reassentados do Passo Real". Também pudera, em pleno século XX, a solução nem poderia ter sido outra. A nação assistiria milhares de pessoas sendo jogadas ao léu, sem trabalho, sem casa, com pouco dinheiro no bolso. Para onde iriam? Que futuro poderiam oferecer a seus filhos? Não era possível! Engrossariam de vez a legião de sem terras e sem esperanças.

Ver hoje as colônias dos assentados, visitar Boa Vista do Incra, de núcleo dos assentados virou município, demonstra um bom exemplo para a reforma agrária, quando bem conduzida. Nesses núcleos a vida se completa com práticas agrícolas muito próximas daquelas de Primeiro Mundo. É ver para crer.

De jipe fui buscar o bispo

Dom Luiz Victor Sartori, bispo da diocese de Santa Maria, gostava muito de Ibirubá, apreço que manifestava em público. Admirava as comunidades, a união e a concórdia que existiam aqui, o respeito e o bom relacionamento entre os credos religiosos, clima que se estendia à política. A direção da paróquia de Nossa Senhora de Lourdes, programara comemorar os trinta anos de vicariato paroquial do padre Franz Hümmler em Ibirubá, além de seu aniversário.

Por isso dom Victor Sartori me telefonou pedindo que fosse buscá-lo, porque queria estar presente à festa. E a razão de querer que fosse buscá-lo em pessoa era para colocar a conversa em dia, informar-se sobre tudo o que ouvira falar de Ibirubá. "Quero ter a honra de ser transportado por um prefeito, e pelo prefeito de Ibirubá", brincava.

Prontifiquei-me em atendê-lo e na madrugada, véspera do evento, rodava ainda noite pelas ruas de Santa Maria, eu chegara cedo, antes da hora aprazada, à procura de um café para um lanche.

Da casa episcopal, dom Luiz Victor Sartori viajou de jipe até Ibirubá. Devido ao bom papo do bispo, não sentimos nem os solavancos da estrada. E chegamos a Ibirubá empoeirados, mas o padre Chico e o bispo es-

tavam alegres e expansivos. Dom Victor Sartori ao falar à missa no dia alusivo à festa do padre Chico recordou trechos de nossa conversa de viagem. Agradeceu-me por tê-lo conduzido e elogiou os valores comunitários dos ibirubenses, de seus prefeitos, líderes e da bela unidade entre todas as instituições, inclusive as religiosas.

"Ibirubá merece minha admiração", proclamava o bispo, "gente como vocês, gostaríamos de ver em toda parte. Me sinto feliz por poder conviver um pouco aqui", enfatizava.

À noite na casa paroquial padre Chico ofereceu um jantar à base de faisões, de sua própria criação, preparados pela habilidosíssima cozinheira Maria Eckert.

Além de mim compareceram o bispo Sartori, o ex-prefeito Edmundo Roewer e o pastor Gebhard Strebel, da IELCB local. De seu porão, padre Chico serviu vinhos tinto e branco que trouxera há doze anos da Alemanha, da diocese de Essen, sua terra natal. Foi um jantar de confraternização de alto nível por muitas razões, além de pela comemoração festiva do inesquecível anfitrião. Além disso, o bispo tinha padre Chico como uma pessoa de muitos atributos pessoais.

A seu pedido, o padre Franz Hümmler fora à diocese de Essen, e diligenciara a busca de contribuições para a construção do seminário de Santa Maria, arrecadando um montante superior a 300 mil marcos, motivo pelo qual mais se estreitou a amizade e o reconhecimento do bispo e do padre Chico.

Dante de Laitano interroga o Pereirinha: "Como é a vida da gente de Ibirubá? O que tem mais lá, alemão, italiano ou pêlo-duro?"

Fui convidado a uma reunião para examinar a questão do cooperativismo de eletrificação rural que deveria, a partir de Ibirubá, expandir-se pelo país, segundo programa do INDA. A Coprel dava seus primeiros

passos, eu ainda era prefeito, e Pereirinha, no volante do jipe, levou-me a Porto Alegre. Ao meio-dia, o almoço seria servido no restaurante do Palácio do Comércio.

Disse ao Pereirinha: "Tu vais almoçar comigo", e o instruí a sentar-se à mesa a meu lado e prestar atenção à conversa com os demais presentes, porque eu iria apresentá-lo como secretário, pois como motorista não me ficaria bem.

Mas aconteceu de sentar-se bem à frente do Pereirinha o ilustre historiador Dante de Laitano. Fiquei de orelha em pé e não deu outra. Laitano, homem de larga vivência e meu conhecido, olhou o Pereirinha e, lá pelas tantas, o interroga: "Como é a vida da gente de Ibirubá? O que tem mais lá, alemão, italiano ou pêlo-duro?".

O Pereirinha mexeu-se na cadeira, me olhou, eu o cutuquei com o joelho e começou a dizer que as origens eram parelhas, mas havia um pouco mais de alemão.

Entrei na conversa e socorri o Pereira para responder ao Dante Laitano ele perguntou em seguida: se o havia muita criação porco, se o gado leiteiro era desenvolvido, se ainda plantavam mandioca, milho etc.

O que eu temia por um triz não aconteceu, embora a advertência que fiz prevenira o valente Orvalino Ventura da Silva, o Pereirinha, que de motorista virou secretário, e vestira-se a rigor, de terno e gravata.

Por muito pouco Pereirinha não começa a dizer despreocupadamente: "O pessoal lá, os alemão planta bastante mioo, mandioca... os gringos são mais do mioo, do trigo...". Isso Não aconteceu, o Pereirinha até comportou-se a contento naquele importante almoço. Dizia uma palavra e parava.

Estavam presentes Dante Laitano, Paulo Velhinho, dr. Paulo Brandão Rebello, além de empresários, deputados, dirigentes de cooperativas, de federações, um acontecimento marcante para o cooperativismo gaúcho.

Pereirinha nesse tempo de Prefeitura cursara mecânica em São Paulo e prestava serviços à municipalidade como motorista do prefeito Edmundo Roewer, função que continuou a exercer na administração seguinte. Na verdade, Orvalino era funcionário de muita serventia.

Certa feita, o governador Meneghetti me pediu para lhe entregar pessoalmente oficio com diversos projetos, pois queria inteirar-se deles e contribuir, no que tocasse ao estado, para o desenvolvimento do município e da região.

Como não pude cumprir a missão, enviei o Pereirinha, instruindo-o sobre como proceder: "Entre no Palácio Piratini, fale com os assessores e explique que está ali a pedido do prefeito de Ibirubá para entregar pessoalmente ao engeneheiro Ildo Meneghetti, governador do estado, um documento pessoal". Mostre o cartão que o próprio governador me deu. Comunicado de sua presença, Meneghetti em seguida ordenou: "Mande entrar o prefeito ou seu representante". Finamente trajado, Orvalino Ventura da Silva cumprimentou o chefe do estado e passou às suas mãos o documento.

E por falar no Orvalino Ventura da Silva, o Pereirinha, lembro-me que de Pereira não tem nada, pois fora criado por Eduardo Pereira, braço forte na construção de pontes e pontilhões do município, e dona Jurema Born Pereira.

Fernando Ferrari marcou minha breve vida política

Quando da eleição municipal de 1963, comecei a viver uma nova experiência política, que não tivera como vereador de curto mandato.

Não levava fé na política, os políticos desviavam-se facilmente de seus princípios, os partidos serviam a interesses subalternos, pessoais. Com honrosas exceções, a política partidária era daquele jeito, pior do que hoje em dia.

O que poderia fazer para o município avançar social e economicamente? Pensava sobre isso toda hora, e não me conformava em fazer todo dia as mesmas coisas rotineiras de um expediente cheio de formalidades burocráticas.

Comparecer a festas, receber louvações, aplausos a troco de nada. Não me agradava viver sem objetivo, sem um fito, não achava graça, o entusiasmo teria de me contagiar.

Pensava bastante, teria de encontrar uma forma de o município saltar abismos, ouvir pessoas de saber, criar e desenvolver ações de cunho comunitário, promover reuniões de lideranças, debater as questões de toda sorte, pois assim gradualmente iria realizando, as lideranças e o povo eram participativos, o negócio era integrar. O clima social era propício, o povo estava motivado.

Metido nesse ambiente de expectativas, recebo na Prefeitura o jovem jornalista e radialista Adroaldo Streck, que atuava no *Correio do Povo–Rádio Guaíba*. Anunciava-se em missão precursora da visita breve à Ibirubá do candidato a governador Fernando Ferrari, pelo MTR, partido que ele mesmo fundara.

Prometi-lhe, na medida do possível, atender seu apelo. Admirava Ferrari, suas idéias se coadunavam com as de Alberto Paqualini, ambos naturais da mesma região. Fernando Ferrari de São Pedro do Sul, e Alberto Pasqualini de Ivorá. Entre as duas cidades, Santa Maria, ponto maior de referência.

Fernando Ferrari fundamentava sua candidatura nos meios de comunicação. Nas reuniões e comícios arrebatava a assistência, falava com emoção e defendia pontos essenciais da educação, saúde, transporte, questões fundiárias justas, o trabalhador rural, salários compatíveis para melhorar a vida dos operários e uma política séria para as crianças, ponto alto de sua campanha. Das crianças nascia o futuro do país.

Sua presença em Ibirubá, apesar de tudo, revestiu-se de regular número público, discursou e fez gravação na rádio-emissora, sempre brilhante

No Café Frigelan, de Pedro Turra, um grupo de ibirubenses lhe oferecera almoço, ocasião em que conversamos longamente, ouvindo-o com atenção.

Na verdade, deu-me uma aula política, advertia-me sobre certos perigos do exercício da vida pública, sobre as inconstâncias dos partidos e me fez um apelo para pensar no futuro do país, conclamando a mim e a

meus amigos: "Trabalhem bem, votem em quem vocês quiserem, eu não mudarei nunca as minhas idéias, mas aprimorá-las, sim! Estarei sempre ao lado de homens sérios, dos trabalhadores de mãos calejadas, da roça, do campo e da cidade. As crianças são os pupilos de minha campanha".

Não saiu vitorioso. Concorrentes de peso não lhe deram tempo nem espaço para consolidar seu nome: um deles vinha de mala-de-ponche na garupa repleta de feitos, como prefeito de Porto Alegre, e o ex-governador Ildo Meneghetti concorria pela segunda vez. Se eleito, Egídio Michaelsen, homem de muitos méritos, o Rio Grande estaria em boas mãos.

No avião do Kaderli, eu e o Noco voamos a Rio Grande

Sinval Guazzelli, governador do estado, iria inaugurar a subestação da CEEE e as redes de eletrificação rural em Rio Grande. De Ibirubá eu representaria a Fecoergs da qual, na época, era presidente interino. Convidei o prefeito Néri Zeilmann, Noco, para me acompanhar, e iríamos de avião pilotado pelo seu proprietário, Hansruedi Kaderli.

Saímos um dia antes do evento do aeroporto de Ibirubá e nos hospedamos na residência do dr. Ciro Campani, que foi médico do Hospital Annes Dias e casara-se com filha natural de Ibirubá.

Kaderli acompanhou-nos, pois conhecia Campani. Aquela foi uma noite de muita prosa e reminiscências, Campani deixara muitos amigos em Ibirubá.

No dia seguinte nos encontramos com o governador Guazzelli nas inaugurações, sendo a principal a da subestação elétrica da cidade. Guazzelli recebeu-me com a expansividade de sempre, alegre, confiante, via-se que nascera mesmo para político.

Ciro Campani lembrava da casa que construíra em Ibirubá e vendera para sediar a Prefeitura. Edgar Otto Fleck, prefeito, e Henrique Roetger, secretário, efetivaram o negócio do casarão ao lado do prédio atual da

Prefeitura, que serviu para sede dos serviços nas gestões de Fleck, Roewer e na minha, até a inauguração do novo prédio, em 1968.

Após as inaugurações, nos despedimos do governador, e Campani nos levou para almoçar no restaurante Albatroz, perto da casa em cujo interior crescera um eucalipto de 150 anos. Achei aquilo curioso, pois telhado e galhos da árvore não conflitavam um com o outro, mas conversavam.

O almoço foi supimpa. Bobó de camarão, camarão pistola, cinco unidades para cada pessoa. Noco pediu-me para trazer do Rio Grande uma das iguarias do mar de que ele gostava, e da qual eu certamente também iria gostar. *Bochecha de namorado.* Campani facilitou-nos a aquisição. De Rio Grande, cidade marítima, carregamos em caixas de isopor, 15 quilos de bochecha de namorado, peixe do mar muito apreciado. Kaderli decolou do aeroporto do Rio Grande e, à tardinha, aterrissamos em Ibirubá.

Ciro Campani nos recepcionara de modo que me encantou, com a hospitalidade carinhosa de velho amigo. Ele tinha orgulho de seu tempo de Ibirubá.

Dias depois me telefonou, avisando-me que eu deixara cair, no quarto, cerca de mil cruzeiros e que ele não os enviaria, eu é que deveria ir buscá-los pessoalmente. Queria com isso estreitar ainda mais nossas relações, conversar, viver novos momentos de amizade. "Venha novamente a Rio Grande e me traga o Noco, hospedem-se em minha casa", convidava ele, acrescentando: "Agora é fácil para vocês virem aqui, avião e bom piloto você tem, é um instantinho". Na verdade Ibirubá contava com aeroporto, avião e piloto.

Ciro Campani fez história no Rio Grande; comandou o futebol da cidade, honrou a medicina, deixou um pedaço do coração em Ibirubá.

Nem todo descendente de alemão gostava de *Hackepeter*. Eu sempre apreciei

Hackepeter é um curioso prato da culinária alemã, carne bovina de primeira, sem gordura, congelada abaixo de zero grau, processo

que destrói pelo frio as possíveis bactérias existentes na carne. Descongelada e moída, a senhora Avônia Becker Kartz a tempera com gema de ovo, azeite de oliva, salsinha, cebolinha, sal e pimenta. Nada de exagero, e forma uma bola de carne crua, acompanhada de outros temperinhos, como alho e cebola picados, mostarda, alcaparra, molho de pimenta a gosto, cerveja ou vinho. O *Hackepeter* elaborado por Avônia no antigo bar do Bruno reunia apreciadores dessa iguaria de carne crua, cozida pelo congelamento. O Nélio Koch, companheiro de trabalho, sugere esse e tantos outros pratos que enriquecem a cozinha alemã.

Viajantes de Carazinho, Porto Alegre, daqui e de toda parte deliciavam-se com a cozinha alemã que marcou época em Ibirubá. Desde o clássico *Einsbein*, joelho de porco, que defumado é melhor, até o *Rolhmops*, peixe cru enroladinho em cebola e temperos, mantidos em conserva, ou no azeite de oliva, ambos petiscos da era mais alemã de Ibirubá.

Em alegre conversação, carteado de sólo alemão ou brasileiro, ou *Schofkopf*, reuniam-se figuras importantes de Ibirubá antigo, como Teobaldo Becker, Guilherme Sommer, Ricardo Wommer, Pedro Stefanello Sobrinho, meu pai e outros mais para dar boas risadas nas horas de entretenimento, nada de jogo de azar, só alegria

Já o pão de carne, uma bola de carne moída de suíno, criteriosamente temperada, é assada no forno. O de Panambi, elaborado pela cooperativa Cotripal, conserva a qualidade similar ao da Alemanha, dizem. Os de Linha Duas, Ibirubá, oferecidos nos casamentos de antigamente, tinham gosto especial. Acabou-se a tradição. Nem pão de carne, nem *Hackepeter*, nem *Einsbein*. Panambi resistirá até quando?

Cordeiro mamão assado aqui enriqueceu jantar em Brasília

O minístro Luis Fernando Cirne Lima, da Agricultura, a exemplo do governador Walter Peracchi de Barcelos, atendera convite que lhes dirigimos e compareceram a duas grandes inaugurações em Ibirubá:

a do imponente silo da Cesa e à dos projetos de extensão elétrica de Vila Seca e Pulador Norte. Ao meio-dia, no Lar Evangélico, lhes oferecemos o almoço, requintado e inovador.

Ibirubá elevara seu conceito de recepcionar com hospitalidade, sem distinguir o grau, a cor ou o credo dos forasteiros. Sempre soubera fazer isso, acentuadamente desde sua constituição como município-modelo. Conquistara não só este título, mas também simpatia e solidariedade.

Dessa vez proporcionou recepção pomposa aos ilustres visitantes, oferecendo-lhes almoço rico com cordeiro mamão assado.

Justino Guimarães Neto, coordenador do almoço-churrasco, conseguira carne de cerca de 150 cordeiros mamão, cada um com 8 quilos, em média, já limpo, do Castilhense, uma especialidade gastronômica rara na época.

Peracchi gostara da carne, mas duvidava de sua origem: "Essa é carne de vitela, não de cordeiro". Brigadiano, não conhecia lá tão bem o meio rural, a pecuária, as técnicas e os segredos criatórios e culinários. Mas o ministro Cirne Lima, agrônomo e agropecuarista, conhecedor do campo, de imediato interveio na conversa e esclareceu o governador: "É carne de cordeiro mamão, experimento-a pela primeira vez, e é muito boa, saborosa".

Nesse ambiente, alegre e descontraído, todos elogiaram tio Justino, do jornal *Alto Jacuí*, mestre no primoroso preparo do cordeiro mamão assado.

O ministro, que logo após o almoço voltaria a Brasília, pediu-me se poderia levar um daqueles cordeiros assados, para surpreender Miriam, sua esposa, com um jantar diferente naquele dia que era seu aniversário.

Como sobraram alguns, nós os acondicionamos e lhe entregamos no aeroporto de Ibirubá na hora do embarque. Com alegria desmedida, o ministro gaúcho viajou e enriqueceu o jantar de aniversário de Miriam com o cordeiro assado aqui em Ibirubá. Depois disso, toda vez que me encontrava, Cirne Lima assuntava o brinde do cordeirinho mamão, a festa, a hospitalidade da gente ibirubense.

De seu Ministério agilizou numerosos projetos da Coprel, sempre defendendo a eletrificação cooperativada.

O CTG Rancho dos Tropeiros engrandeceu a maior festa do município

Vinculado à tradição rio-grandense desde guri em Sede Vitória, Cândido Gomes da Silva me entusiasmava sobre a épica histórica gaúcha e animava amigos e líderes com a idéia da fundação de um centro de tradições gaúchas. Colocaríamos o município, recém-emancipado de Cruz Alta, entre os CTGs gaúchos que vinham sendo criados.

Não me recordo bem da data, mas lembro-me de que, em meados de 1956, marcou-se a reunião, realizada num domingo à tarde, no Hotel Fredrich, de Ari e Ivone Fredrich. Com a presença dos interessados, fundou-se o CTG, batizado, desde logo, com o nome de CTG Rancho dos Tropeiros. A maioria dos presentes, eu levara de ônibus, cerca de trinta gaúchos, uns de bombacha, outros de vestuário comum de gente do interior.

Estatutos e regulamentos foram deixados a cargo da patronagem eleita: Otaviano Gomes, Nereu Schimidt, Acelino Tavares, Teodoro de Abreu, Edgar Otto Fleck, Edmundo Roewer, Flávio Goelzer Lima e Rubens, de cujo sobrenome não me lembro, entre a tantos outros tradicionalistas, entre os quais eu me integrava.

O CTG tivera um começo um tanto lento para se firmar mas, aos poucos, sentava a chilena no parelheiro Ibirubá, empinava a tradição para o Rio Grande. Foi um ato simples, mas expressivo de cultura e folclore.

Devagarinho, vencia os primeiros obstáculos. O CTG cresceu, reuniu associados das etnias ibirubenses – lusa, alemã, italiana e algumas mais de outras origens –, todos gaúchos ibirubenses.

Contribuí como pude pelo seu crescimento, e a Rádio Ibirubá sempre lhe deu apoio, valorizando seus eventos. Na fundação do CTG, a Rádio Ibirubá estava começando a se constituir para entrar no ar em 1959.

Ressalto que, na patronagem de Augusto Borges Berthier, o CTG iniciou a contrução de sua sede própria na Vila Planalto. Com a saída de

Berthier de Ibirubá, onde exercia a Secretaria do Município, para exercer a função de promotor público, a obra foi paralisada e o CTG entrou em dificuldade financeira.

Quando assumi a Prefeitura, os moradores de Vila Planalto me solicitavam um colégio. Vendo a obra do CTG sem perpectivas imediatas de prosseguir, sugeri uma troca: construiria uma sede provisória para o CTG, e adaptaria e concluiria aquela obra para a escola.

A proposta foi aceita. Resolvi, com este acordo, dois problemas: o do local para a escola e a sede do CTG, embora provisória.

Com a delegacia da SEC, sediada em Cruz Alta, da qual era titular, Marina Glashester, transferi a escola para o estado, que recebeu o nome de Edison Quintana, homenagem justa a esse ilustre professor e jornalista. E para o CTG construí a sede provisória no matinho da igreja, que o padre Chico, Franz Hümmler, cedera. Por iniciativa da patronagem a nova sede foi batizada de Rancho do Chicão.

No CTG pude promover, com o apoio de todos, a grande festa de instalação do município-modelo, que reuniu nesse dia milhares de pessoas, vindas de todas as partes, inclusive de municípios vizinhos, evento que o local, e até a cidade, ficaram pequenos para acolher, com desfiles de tratores, cavalaria de 120 gaúchos, carros alegóricos. Os irmãos Trein, sob o comando do coronel Ervino Trein, comandaram o churrasco, com o abate de 27 novilhos, boa parte doada para o evento e, mesmo assim, insuficiente, pois o preço do churrasco não passava de 1 cruzeiro o quilo.

O CTG Rancho dos Tropeiros brilhou no desfile, para grandiosa recepção ao dr. Eudes de Souza Pinto, presidente do INDA, que outorgou o título de município-modelo a Ibirubá, tranformando-o em palco nacional para demonstrações inovadoras de desenvolvimento intergovernamental-comunitário.

Cavalarianos todos pilchados, tendo à frente Sedeniz Ferreira e sua filha Carla, trajados de vaqueiros nordestinos, homenageavam dessa maneira Eudes, natural de Pernambuco. O vestuário foi adquirido em Recife. Filmes e fotos documentaram os principais atos do evento, que encheu de justo ufanismo todo o Alto Jacuí.

"Me chamem o gaúcho, está na hora do churrasco."

O gaúcho era eu. Quem me chamava era Gilberto Freyre, o sociólogo, que proferira conferência para os prefeitos dos municípios-modelos, na Universidade Rural de Recife. Ele iria homenagear os congressistas com um churrasco ao estilo nordestino, em sua casa, na histórica Casa Amarela, como era conhecida. Incontinente, coloquei-me à sua disposição. Avivei as brasas já acesas no local, uma grande grelha churrasqueira sobre a qual colocava-se a carne.

Um monte de carne toda cortada em prancha, um pouco maior que bife, provinha de fraldinha, coxão-mole, alcatra, picanha, mas costela não havia. Segundo Freyre, costela é costume gaúcho, não consta do hábito nordestino. Começamos a faina de assar carne na grelha e garfo em punho para virá-la constantemente. Gilberto me dava as dicas: "Assim que estiver bem assada, passe-a para o lado sobre outra grelha sem brasa embaixo". Muitas pessoas se movimentavam arrumando as mesas sob frondosas mangueiras. Tudo era feito ao ar livre.

Outro gaúcho aproximou-se e entrou logo na singular tarefa de churrasqueiro. Eu já o conhecia, era o jornalista Ivo Alexandre Compagnoni, que escrevia o editorial–rodapé do jornal *A Nação*, de Porto Alegre, periódico do qual eu fora correspondente em Sede Aurora.

Campagnoni tomou-me o garfo e me substituiu na churrasqueira que esfumaçava o cheiro da gordura nas brasas.

Deveriam comparecer mais de duas centenas de pessoas, além dos doze prefeitos, o prefeito de Recife, Humberto Lucena, e Paulo Pessoa Guerra, que sucedera Miguel Arraes no governo de Pernambuco. Este fora cassado pela revolução de 31 de março de 1964 e exilara-se na Argélia.

O pessoal para o jantar-churrasco estava chegando. Gilberto Freyre desdobrava-se para recepcionar a todos com a fidalguia que lhe era característica. Certa hora puxou-me de lado e disse: "Magnífico! Podes ficar por aqui, como gaúcho-nordestino. Aprovei teu jeito". "Como não", respondi-lhe, "se Ibirubá não me prendesse. Estou maravilhado!" "Ma-

ravilhado tu vais ficar agora", vou te apresentar a professora Marilac, secretária da Educação de Minas Gerais, que se aproximava. É escritora também. Uma bela mulher!

De fato, encantei-me com Marilac, jovem e bonita, que sorria espontaneamente. As mulheres que a acompanhavam acrescentaram mais beleza àquela noite de confraternização. Junto chegavam o governador Paulo Pessoa Guerra e o professor Eudes de Souza Leão Pinto, ambos com suas senhoras.

Surpreendia-me o fato de o pessoal, assim que chegava, dirigir-se ao anfitrião e a mim, mas Freyre logo me esclareceu: "Fique aqui do meu lado, tu és o personagem destaque dos municípios brasileiros. Me orgulho em tê-lo aqui".

Todos tomaram assento nas mesas, amplas e fartas de tantos quitutes nordestinos. Convidado pelo governador tomei lugar a seu lado. O churrasco era distribuído em cada prato acompanhado de molho vinagrete. Era o tempero para a carne, danado de bom!

Ao findar o churrasco, três pessoas falaram: o governador, o professor Eudes, presidente do INDA, e o escritor Gilberto Freyre. Paulo Pessoa Guerra enalteceu os municípios, seus prefeitos e a política desenvolventista que seria posta em prática nessas comunidades. E me presenteou com aperos de montaria, um jogo completo, dizendo: "Ao prefeito do Rio Grande do Sul ofereço os aperos de montaria que lhe servirão para as tropeadas pelo pampa gaúcho. Para nós a serventia é relativa, pernambucano anda a pé, gaúcho anda a cavalo".

Eudes agradeceu em nome do INDA e Gilberto Freyre mais uma vez me surpreendeu.

"Esse moço, eu sei, ele representa e tem em seus ombros a missão de mostrar para o Brasil como se organiza e se desenvolvem as comunidades. Delas, segundo o patriótico trabalho de Eudes e do INDA, virão as forças para renovar o verdadeiro espírito de união e fraternidade campesina da nação brasileira." Manifestações que repercutiram naquele Nordeste sofrido do país. Eu admirava o sociólogo Gilberto Freyre e depois desse encontro passei a admirá-lo ainda mais. Li todos os seus livros, sublimando *Casa-Grande & Senzala*.

Assinei ata da pedra fundamental do Templo Luterano

Não fazia muito que me elegera prefeito. A comunidade evangélica luterana, da qual era pastor o inesquecível Walter Hesse, promovia festa de lançamento da pedra fundamental da nova igreja. Tratava-se de empreendimento de certo porte para a sociedade que não tinha tantos fiéis; a construção dependia de muitas contribuições que, não raro, contavam com o apoio dos co-irmãos de outros credos locais.

A convite do pastor Hesse assinei a ata depositada na pedra fundamental. Assinei-a representando o município, e o governador Ildo Meneghetti me enviara telegrama delegando esse ato, histórico para a vida religiosa luterana de Ibirubá. A propósito, cada vez que passo em frente a esse templo, não só recordo aquele momento, como reflito sobre a importância da fé cristã em nossa vida, a fé em Deus, o quanto de proteção podemos ter quando exclamamos, "Deus seja louvado".

Recordo com emoção pessoas singulares e amigas, distintas, como o pastor Walter Hesse, o professor Nelson Güths, José Victor Thomé, para citar apenas alguns, referindo-me aos da Igreja Luterana e ao evento da pedra fundamental.

"Pra saúde do dotô e de vânceis todos."

Num vapt-vupt empinou o copão de pinga Pitu numa golada só. "Oigalê nordestino bueno!",exclamei ao pegar o copo de volta vazio da silva. O fato em si servia apenas para ilustrar minha visita e participação em atos inaugurais em Surubim, Pernambuco, município-modelo daquele estado. Tais atos ocorreram por ocasião do congresso dos municípios-modelo em Recife, em que estrelava Ibirubá, cuja eleição o promovera nacionalmente. Compareci ao evento de Surubim a convite do dr. Eudes e do prefeito Barbosa.

Naquela ocasião iriam ser inaugurados novos prédios da Prefeitura e de uma feira de artesanato e de produtos do interior, além de melhorias urbanas. Iniciaram as solenidades... o calor era insuportável. Da sacada do novo prédio municipal discursavam as autoridades. Uma multidão cercava o local. Devagarzinho afastei-me da sacada, desci e misturei-me com o povaréu. Tirei o casaco, afrouxei a gravata e caminhei à procura de um boteco. Entrei no primeiro, lotado de sertanejos. Foi quando um deles adiantou-se pedindo para o pessoal dar lugar para minha passagem: "Deixem o dotô entrar". O sujeito era alto, camisa atada nas pontas, barriga à mostra, sorriso amarelo de poucos dentes e peixeira (faca) na cintura. Entrei pensando no que iria tomar. Puxa, a diferença de pele dava para estranhar. Eles de pele morena e eu de pele branca. Contribuía o vestuário também.

No balcão chegara cumprimentando todo mundo. A caboclada silenciosa, até aquele momento, animara-se com minha presença. Foi nesse ínterim que me veio a idéia de fazer uma média com aquele povo. Mandei encher um copo liso da famosa Pitu, a rainha das cachaças nordestinas, e a dei para o caboclão que pedira abre alas para eu passar. Achei que o diabo do sertanejo pegaria o copo e dividiria a cana com os demais, ou tentaria dividi-la. Que nada, circulou o copo falando em bom tom: "Pra saúde do dotô e de vânceis todos", e jogou a pinga goela abaixo, numa golada só. Diacho, o costume de bicar trago de canha lá no sul não vigorava aqui no Nordeste. Aqui quem primeiro chega leva. Devolveu-me o copo vazio com mesura de missão cumprida. Bem, as coisas não podem ficar assim.

Comprei meia dúzia de garrafas de Pitu, chamei um baixinho mal de roupa e de esperança, e pedi a ele que servisse cachaça de copito em copito para que todos ali pudessem pelo menos molhar a goela. Despedi-me tomando um traguito inaugural da segunda etapa, que me servira para espantar o calor. Aquele povo ria e conversava animadamente, também pudera. Esquivei-me do local, mas o grandalhão do copo da Pitu inicial seguiu-me, oferecendo-se para qualquer tarefa, e dizia que era um cabra da peste bom para o que desse e viesse. Pensei comigo:

"Esse cabra é pistoleiro". Disse-lhe que voltaria ia procurá-lo naquele mesmo local, e me mandei para as inaugurações.

De volta ao Recife contei o que me ocorrera e Eudes, natural daquele estado, confirmou o que eu suspeitara. Ressalvou, todavia, que havia poucos pistoleiros que matavam por encomenda e mediante pagamento. Bem, eu nunca tivera inimigo, só poderia ser vítima por inveja. Mesmo assim, gostava do nordestino, e não poderia julgá-lo apenas por uma simples suspeita. Povo sofrido da mesma pátria, irmãos brasileiros temperados pelo mesmo ideal de civismo e brasilidade.

Com palmadinha nas costas as princesas da noite dedaram o Pereirinha e as safadezas que os outros fizeram

Por falar nas bravuras do Pereirinha, conto e ele confirma, ganhava um dinheiro extra dirigindo à noite o táxi da senhora Selma Kloh, cujo marido adoecera e ficara sem motorista, quando era liberado pelo prefeito Roewer. Pereirinha substituiu-o. Eu estava em uma loja de discos, em Carazinho, não havia CD laser, vendo e adquirindo uns LPS de músicas para a emissora. De repente sinto umas palmadinhas no ombro, e duas elegantes moçoilas me interpelam: "Oi você, Olavo Stefanello da Rádio Ibirubá, lá em casa só ouvimos tua emissora, e o Pereirinha como vai?".

E desataram a contar, não sem antes elogiarem o Pereirinha, que é muito bom. Acontecia de pessoas importantes de Ibirubá se utilizarem de cartões de outros, médicos, advogados ou empresários daqui, para bebericarem com as mulheres do meretrício, zona no linguajar daquele tempo, e mandarem debitar em seu nome as despesas de farra e fuzarca, pois não eram conhecidos das "meninas". Mas os cartões enganavam bem as "cafetonas", que compreendiam mal e mal o nome dos prepostos.

O Pereirinha fazia-se de bobinho da corte, não os dedava, dava uns sorrisos de leve, e a história virava outras corridas de táxi, para cobrar os malandros ibirubenses que engabelavam as "belas princesas da noite" carazinhense, quando conseguiam ver a cara deles. O Pereirinha confirma!

Queremos provar a boa comida alemã de Ibirubá

Com a eleição de Ibirubá como primeiro município-modelo do país, a terra aqui virara palco de atenções nacionais.

O programa previra uma série de projetos para organizar e desenvolver comunidades, que começara com a eletrificação rural, à qual, como prefeito, dera prioridade, além da educação, saúde e estradas.

O INDA passara a enviar técnicos à Ibirubá para somar esforços na elaboração de projetos, partindo de levantamentos socioeconômicos e topográficos, entre outros. Era Ibirubá se transformando em campo experimental para fortalecer o espírito comunitário, que, somando-se ao serviço público, daria passos largos ao desenvolvimento ideal e coletivo.

Uma das primeiras delegações a chegar ao município com essa finalidade vinha do Rio, de Pernambuco e de Brasília, composta por técnicos de diversas áreas, agrônomos, veterinários, engenheiros, economistas e professores.

Para hospedar todo esse pessoal, mais um quebra-cabeça que se resolveu com o apoio da comunidade, que pôs as dependências de suas casas à disposição, além de hospitais; na época Ibirubá não vivia uma bom momento de hotelaria.

Para alimentar essa equipe, não faltou a colaboração que a cidade sempre dava. Queriam provar a culinária alemã. A senhora Avônia Becker Karst aceitara o desafio de prepará-la, com aquela disposição que a tornou uma pessoa muito querida e de grande presença social. Entre os pratos, Avônia escolhera *Einsbein*, *Kassler*, *Spaetzler als pailiard* e *Würst*,

acompanhados de chucrute, pão de milho, batatas e chopp, delícias da culinária alemã. Um almoço e tanto, apesar do calor excessivo, que até os nordestinos estranharam, e pediram a tarde para descansar. Gostaram muito da comida de dona Avônia, que, por sinal, também é especialista em comida italiana, austríaca, caipira e regional.

Na boca da noite desse dia, marcou-se a reunião nos fundos da loja Thomé, Fleck e Cia. Com a presença dos técnicos do INDA e das lideranças do município, houve o momento em que foram tratados assuntos referentes à progressão dos trabalhos entre a instituição federal, o estado e o município. *A priori*, definiu-se a elaboração de um ante-projeto, que se resumia a levantamentos socioeconômicos e de campo para a implantação da eletrificação rural.

Após a reunião, e em ambiente de muita descontração e alegria, realizou-se o churrasco, sob o comando de Ricardo Wommer, que foi muito elogiado pela carne gorda e tenra que ofereceu, outra surpresa para os visitantes. Ibirubá não poderia fazer feio!

Carlos Santos, um emérito homem público

Conheci o deputado Carlos Santos, o primeiro negro a integrar a Assembléia Legislativa do estado, da qual foi presidente, em um vôo da Varig de Brasília a Porto Alegre. Sentara a meu lado e me observava folheando um livro – *Desenvolvimento e pan-americanismo* –, de autoria de Juscelino Kubitscheck. Ele olhava o livro, interessou-se por ele e pediu-me para vê-lo. Identificou-se dizendo que era admirador do ex-presidente da República fundador de Brasília.

Leu o escrito da orelha, anotou algumas referências, e aí me veio à idéia presentear o livro ao deputado. Subscritei uma curta dedicatória e dei-o ao ilustre companheiro de viagem, dizendo-lhe que adquiriria outro para mim. Surpreso, agradeceu-me o presente, deu-me um abraço e

se colocou à minha disposição. Estabelecemos, assim, uma amizade que me foi muito proveitosa.

Carlos da Silva Santos ocupou o governo do estado diversas vezes, substituindo o engenheiro Ildo Meneghetti. Embora adversários políticos, eram amigos e confiavam um no outro. Exerceu com brilho o jornalismo, foi deputado classista, emérito homem público de lucidez inconteste.

Paulo Brossard de Souza Pinto, ministro do STF, em registro feito pelo historiador Alberto André, presidente da ARI: "Carlos Santos deixou um grande patrimônio a inventariar: o patrimônio imaterial de sua honradez".

"Me dê um poncho, estou precisando, o inverno está aí. Eu posso te ajudar!"

Não revelo seu nome, nem interessa divulgá-lo. Dizendo-se assessor da presidência da CESA, chegara a Ibirubá para observar o que já fora feito em Espumoso, a melhor localização para essa empresa estatal construir um silo de armazenagem de cereais. Como prefeito do município oferecera a doação do terreno e a sondagem de solo. Minha proposta, antecipadamente referendada pela Câmara de Vereadores, da qual era presidente o vereador Teodoro de Abreu, interessara à diretoria da CESA.

Em princípio, caberia ao setor técnico de engenharia a escolha da área. Por razões técnicas, a firma Tecnosolo, do Rio, fez a sondagem do solo nas proximidades do cemitério Evangélico. Feitas as perfurações, a base granítica com basalto ultrapassou a previsão técnica de profundidade e, se ali fosse construído o silo, os custos seriam bem elevados.

Em busca de outro local, a pesquisa de solo convergiu para uma área loteada, sem habitações, onde se encontra hoje o silo, uma grande obra. Sugeri à CESA que a Prefeitura faria as sondagens de solo para testar a base basáltica, cavando uns seis, sete poços, o que foi realizado. Con-

voquei os "posseiros", práticos em abrir poços. Com relativa rapidez os poços foram abertos e o mais profundo precisou chegar a 9 metros para encontrar a base basáltica, outros não chegaram nem a 7, 8 metros. Os perfurados no terreno anterior se aprofundavam a mais de 34 metros para encontrar solo pétreo.

Testada a firmeza do solo, embora o local estrategicamente não fosse o melhor, ele foi aprovado. Em seguida viria o mais difícil, a compra da área composta de 440 terrenos em vias de serem colocados à venda. O loteamento pertencia ao vereador Oswaldo Krames, amigo, mas adversário político. E as alternativas eram duas: desapropriação da área por interesse público, que não queria fazer, ou aquisição, através de uma negociação habilidosa, que não me parecia nada fácil.

Entrevistei-me com Oswaldo Krames, apresentando-lhe todos os detalhes do projeto da CESA[5], e me justifiquei nos limites financeiros da Prefeitura. Mas ele me pediu um valor bem acima das possibilidades do município.

Pensava comigo, "O que fazer?". Se desapropriasse, segundo me diziam, o preço de mercado ficariam bem abaixo do proposto.

Oswaldo Krames era vereador e ferrenho crítico político. Se desapropriasse o local, estaria ganhando um inimigo, que não me amedrontava, mas que eu não queria. Eu fora eleito prefeito sem inimigos, e gostaria de fazer uma administração com o apoio e a participação de todos. Queria correr em cancha plana de planície.

Passaram-se alguns dias e a compra do local para o silo não me saía da cabeça, até que me dirigi ao presidente da CESA, o coronel Ildefonso Albuquerque, e lhe expus a questão. Ele me disse: "Traga-me aqui o vereador Krames, vamos conversar!". Regressei esperançoso pela conquista do silo para Ibirubá.

Fui à casa de Oswaldo e lhe propus irmos à capital falar com Albuquerque. Este concordou e na madrugada do dia seguinte fomos de jipe para Porto Alegre. Oswaldo muniu-se dos avios de chimarrão, matea-

5. Companhia Estadual de Silos e Armazéns.

mos e conversamos muito durante o longo e difícil caminho para chegar à capital do estado.

Na direção da CESA, o presidente Ildefonso Albuquerque nos recebeu com a camaradagem própria do gaúcho. Conversa daqui, dali, ambos, o cel. Ildefonso e o vereador Krames, se identificaram, pertenciam ao mesmo partido, a UDN, o que fez brilhar uma solução para a compra do terreno. Oswaldo reduziu o valor da área, pouco, mas o suficiente para a Prefeitura e a CESA acertarem uma definição financeira.

O importante na transação foi a CESA ter ajudado na aquisição do terreno, o que, a princípio, caberia só a Prefeitura. Um bom negócio para todos, e quem mesmo ganhou com ele foi a comunidade de Ibirubá que teve o silo.

O assessor da presidência da CESA cobrou-me, em seguida, pelo poncho que me solicitara: "Cadê meu poncho?". Saquei dinheiro do bolso e comprei-lhe o poncho, azul por fora e vermelho por dentro, belíssimo. "Sabe Stefanello, esse silo estava balançando para sair entre Espumoso e Ibirubá". Ah! Sim, graças ao poncho? Acho que não. Julgo que o encontro de Oswaldo Krames com o presidente da CESA foi o fator decisivo para a localização. Estratégia, nesses casos, é que vale e, quando se está preparado, as dificuldades desaparecem.

O silo da CESA foi exigido pela construtora Girardello que vencera a concorrência e sua inauguração ocorreu com a presença do ministro Cirne Lima, do governador Walter Perracchi de Barcelos, de autoridades e deputados. Nesse dia inaugurou-se a eletrificação de mais um projeto, o de Vila Seca e Pulador Norte.

A festa foi grande, Ibirubá dava passos largos rumo ao futuro de exemplo de união e trabalho.

Ibirubá repercutindo na América Latina

Revendo fatos e ocorrências há quarenta anos é oportuno trazer à luz o projeto de conservação de solos implantado em Quinze de Novembro, então distrito de Ibirubá.

O Alto Jacuí o estampou na edição de 25 de novembro de 1977. Por que relembrar esse projeto? Que significação ele poderia ter hoje?

Os movimentos em defesa do meio ambiente que se intensificam e se propagam nesta parte do estado podem muito bem dar respostas a essas eventuais indagações. Justificam-se porque os resultados das campanhas, apesar de todo o empenho da época, ficaram muito aquém das expectativas. Se bem analisarmos, agravaram-se os problemas ambientais.

Por isso é oportuno trazer à baila o assunto, na esperança de que se reformem e se ampliem iniciativas e medidas de conservação dos solos, das águas, da vida e da saúde.

Naqueles anos da década de 1960, o município de Ibirubá mais uma vez se transformara em laboratório de experiências rurais, tão marcadamente postas em prática desde sua elevação a município piloto, em meados de 1965, e depois a município-modelo em 1967. Desta vez, é bom frisar, uniram-se vários organismos de assistência, pesquisa e instituições públicas e privadas para implantar o projeto de conservação do solos em Ibirubá, dentro do Programa Nacional para o setor, que se desenvolveu com êxito.

A Embrapa, o Centro Nacional de Pesquisas do Trigo de Passo Fundo e a Secretaria de Agricultura do estado, seção de Ibirubá com o engenheiro Delvino Nolla, o coordenaram e o desenvolveram.

No Congresso de Conservação de Solos da América, em Lima, Peru, Werner Wünsche, da Embrapa Trigo, apresentou detalhes do projeto considerado pioneiro por suas inovações, o que despertou grande interesse entre todos os especialistas em solos, inclusive de altas autoridades do setor.

Werner Wünsche realçou, na oportunidade, que o Projeto de Ibirubá, em segunda fase, seria dimensionado e abrangeria aspectos de proteção à bacia hidrográfica e de acumulação do Passo Real.

Prestigiado pelo apoio e participação de organismos internacionais, o projeto alcançou repercussão em toda a América Latina. Ibirubá tornara-se foco de projetos. Uns experimentais, outros que se concretizaram com dimensões regionais. Dr. Werner, técnico especialista em solos da Embrapa, sediada em Passo Fundo, acompanhou até Ibirubá, os reno-

mados técnicos da organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO), engenheiros agrônomos Walter Hugler e Jorge S. Molina que prestavam serviços ao Projeto de solo de Ibirubá. Isso ele revelou à reportagem do *O Alto Jacuí*.

Ainda em Lima, o técnico de solos da Embrapa ouviu de várias delegações de técnicos o máximo interesse em visitar Ibirubá para verem *in loco* o desenvolvimento do projeto de conservação de solos. Chile, Argentina, Equador e Costa Rica manifestaram interesse pelo projeto de Ibirubá.

Do Chile viria o primeiro grupo de especialistas de solo que se preocupava com problemas idênticos na área de solos agricultáveis e sujeitos à erosão e ao assoreamento de rios e barragens.

Este, em síntese, é um fato a mais para a importância do meio ambiente, que na época se centralizou em Quinze de Novembro, cujo lançamento contou com a presença do dr. Norman Borlang, Prêmio Nobel da Paz.

No caso específico da barragem do Passo Real, a ausência da própria empresa geradora de energia, a CEEE nada fez ao longo de tanto tempo para manter os 100 metros de segurança das margens florestadas, gramadas ou protegidas da erosão e do assoreamento do lago.

Meneghetti surpreende no Festival do Milho-verde

Todos os anos realiza-se, na esquina Dona Etelvina, hoje Egônio Wayhs, o típico Festival do Milho-verde, patrocinado pela Sociedade de Cantores Concórdia, em que se sobressaia, na época, por sua relevância, o programa dos casais Egônio Wayhs e Romilda Saft Wayhs, Affonso Schwantes e Helmuth Kalkmann, entre tantos outros membros da entidade, sempre incansáveis nesse evento. Até um casal suíço participava dele. O salão ficava repleto, além dos sócios, de muitos outros, todos na maior alegria, característica do interior.

Nesse dia, como em tantos outros, eu estava presente, mas para esse festival fora convidado como prefeito. O festival teve início com solenidade presidida por Affonso Schwantes. Além de toques simbólicos de estandarte entre as sociedades visitantes, foram entoados cantos em línguas alemã e portuguesa e à noite houve baile.

O almoço constava de lambarizada, chouriço, salsicha *bock* criola, *Eisbein*, Chucrut, torresmo frito, cucas, pães *brodt* e milho-verde, cozido e assado, à vontade. Tudo acompanhado do tradicional chopp, sem o qual festa nenhuma fica alegre. Que festa de arromba! Nem bem encerrara o almoço, chamaram-me ao telefone, instalado na casa comercial de Egônio Wayhs. Deveria ir rápido a Selbach, pois o governador Ildo Meneghetti queria falar comigo, mas eu não devia dizer para ninguém. Dei uma desculpa qualquer ao Egônio e corri a Selbach.

Na Princesa do Jacuí, Meneghetti viera inaugurar obra pública, a convite de suas lideranças. No caminho fiquei pensando o que o governador queria comigo. Entre cumprimentos, falou-me que desejava visitar a festa do milho-verde e, ato contínuo, dizendo que estava com pressa, entrou em meu carro e pediu para seu motorista e seus dois oficiais de segurança o seguirem.

Rodovias pedregosas e empoeiradas, as de jurisdição do estado e dos municípios, asfaltadas havia poucas, nem os solavancos do carro impediram o governador de pegar no sono, dormindo até chegarmos ao local da festa. Acordei-o e, atendendo ao que me pedira antes, estacionei discretamente um pouco afastados, ao lado da casa comercial. "Vocês ficam por aí, quero comparecer sozinho à festa", baixou a aba do chapéu e misturou-se ao pessoal que cercava o grande balcão e pediu um chopp. Milho e torresmo lhe ofereceram.

E com o belo copo de chopp na mão, puxou conversa descontraidamente com as pessoas, fazendo-lhes perguntas sobre os motivos da festa, cujo nome era bonito, Festival do Milho-verde, bem ligado à produção agrícola. Perguntava-lhes do que mais precisavam, pois entendia que estradas, escolas e melhores preços para os produtos agrícolas seriam os pontos mais necessários para quem trabalha a terra, o que ele bem conhecia, pois começara a vida também na roça, lá em Canela.

Embora sem se destacar no meio do povo, nem assim conseguiu disfarçar a importância de sua presença.

Egônio Wayhs e Affonso Schwantes logo me disseram. "Esse aí não é o Meneghetti? Parece ele, é a cara dele. É ele Stefanello? Você está nos pregando uma boa." E sem maiores rodeios, então, disse-lhes que o efeito surpresa do governador chegar sem ser reconhecido, sem aparato, ele já o conseguira.

Meneghetti, na verdade, comparecia ao Festival atendendo a convite que lhe fizera a Sociedade de Cantores, mediante carta.

A partir daquele momento o reboliço foi grande, com os dirigentes e promotores da festa cumprimentando efusivamente a ilustre autoridade. Que surpresa para aquela gente modesta da roça! O governador em seu meio, como qualquer pessoa. Esse era o estilo, o jeitão com o qual se identificava Ildo Meneghetti em suas viagens e visitas pelo interior do estado. Um dos mais destacados plíticos estaduais. Jeitão de colono que não fazia feio.

Subi no coreto dos cantores e o apresentei aos presentes. Um estrondo de aplausos e vivas a Meneghetti. E, sem abusar das palavras, o governador manifestou seu contentamento em estar participando da festa. Achou-a muito bonita e ouvira dos presentes o que mais a colônia necessitava. E ele, como governador, faria todo o possível para atender às principais reivindicações.

Desejando felicidades, agradeceu o carinho com que o receberam e, abanando o chapéu, despediu-se do Festival do Milho-verde. A festa de que mais gostou na vida, afirmou.

Duas vezes governador do estado, prefeito de Porto Alegre, Meneghetti ganhou o apelido de o "Governador das Pontes", as principais pontes foram construídas em suas administrações.

A vez da cabra, vaquinha de pobre

Em 2 de agosto de 1980 participei da fundação da Associação de Capricultores do Rio Grande do Sul (Caprisul), realizada no Centro de

Treinamentos Tecnoagrícolas de Viamão. Mano José, secretário da Prefeitura de Porto Alegre, Adriano Bonaspetti, professor universitário e um bom número de interessados em desenvolver a capricultura assinaram o livro de presença.

Coube a mim representar a entidade no Alto Jacuí, fato que me motivou para uma pequena criação de cabras com a finalidade de propagar melhor genética entre os cooperantes interessados.

O professor Adriano Bonaspetti foi eleito presidente, divulgou a Caprisul, importou reprodutores de boa linhagem, um deles da raça anglonubiana, procedente do Canadá, que adquiri para o meu criatório, sem fins lucrativos, hobby e incentivo à capricultura, que chegou a 120 cabras. Adriano Bonaspetti foi eleito deputado italiano, pelos votos dos eleitores com cidadania italiana no Brasil.

Em Tapera, Jacqueline Alexius desenvolveu granja da raça Boer, uma das melhores do país. Essa raça apresenta excelência na carne, muito apreciada. Sabe-se que a cabra é chamada "a vaquinha do pobre", porque produz carne e leite a baixo custo. O leite é o alimento preferencial de crianças e idosos por ser de fácil digestão, nutritivo e saudável, e serve também para a fabricação de queijos refinados que alcançam alto preço.

Coelho na mesa, gato no colo do Pereirinha

Interessava-me por questões do meio rural, talvez por ter vivido a quadra de minha juventude no interior. Interessava-me pela difusão de criatórios de animais de pequeno porte, objetivando motivar os pequenos agricultores e operários de bairros a dedicarem parte de seus afazeres a criar, para consumo próprio, aves, coelhos, cabras ou outras espécies, tudo com o fim de aumentar a renda familiar. O que vou escrever agora, diz respeito à cunicultura, criação de coelho.

Fui motivado por notícia divulgada pelos jornais da capital. Maria Palowa, de origem tcheca, conseguira contrabandear alguns casais de coelhos de qualidade ainda inexistente no estado. Pessoa de formação universitária, culta e médica-veterinária, estava iniciando em Ipanema, Porto Alegre, uma criação de coelhos de várias raças, e seu interesse evidentemente era comercial. Para nós constituía-se contribuição ao desenvolvimento genético da cunicultura, ainda incipiente na região e no estado.

Na alfândega, a Polícia Federal apreendeu os coelhos em Uruguaiana, e a corajosa criadora clamou às autoridades que a deixassem entrar com os animaizinhos, tão bonitos e queridos. Nada feito, pior ainda: prenderam-na também, pois, apesar de ter bom destino e finalidade, tratava-se de contrabando.

Nesse meio-tempo, pessoas influentes de Porto Alegre, inclusive da Secretaria da Agricultura, dirigiram-se ao governo do estado e às autoridades do setor animal do Ministério da Agricultura, solicitando intercessão em favor da destemida cunicultora tcheca.

Mediante pagamento de taxa de importação e de exames sanitários, os coelhos e sua proprietária foram liberados. Quem lucrou com isso foi à cunicultura gaúcha. Como já disse, motivado procurei a imigrante tcheca em Ipanema.

Pereirinha nas rédeas do cabritinho da estrada, o jipe, me levou até a casa de Maria Palowa com gaiolas por todos os lados, com coelhos de muitas espécies sob as sombras de belo pomar.

Em terreno amplo, a mulher de certa estatura, bonita e desenvolta, arrevesada no português, nos mostrava com entusiasmo a realização de seu sonho, morar em Porto Alegre e começar aqui uma vida nova criando coelhos, em cuja atividade ficaria famosa.

Estava muito contente conosco, pois éramos os primeiros a prestigiá-la; além de técnicos e amigos, poucos a conheciam.

Adquiri alguns casais de coelhos, gaiolas e incentivei a cunicultura promovendo a fundação da Associação dos Cunicultores do Alto Jacuí. E convidei-a para visitar Ibirubá, em data próxima, que deveria coincidir com uma exposição agropecuária, industrial e comercial.

Feito o negócio dos coelhos, nos convidou para almoçar e experimentar a carne de coelho para ver como é boa.

A fome já viera, o negócio era esperar. Não demorou e uma grande mesa ao ar livre, num varandão, estava sendo posta. Carne de coelho à milanesa, alface e pão à moda de seu país de origem, a Tchecoslováquia. "Que carne gostosa", dizia o Pereirinha que, nessas ocasiões, não refugava nada. E ali estávamos nós, devorando sei lá quantos coelhos e atentos ao que nos dizia a linda contrabandista.

Nisso, o Pereirinha arregala os olhos e me olha. Um baita gato angorá pulara em seu colo, e suplicava: "Tu é o Pereira, tu é gente boa, me dê um pedacinho de carne, não come tudo, deixe um pouco pra mim!". O Pereirinha avançou o peito na mesa, torceu-se todo, balançou os joelhos e o gatão saiu rosnando com a falta de carinho dele.

"Ah! Esses gatos me incomodam", disse a tcheca, feliz da vida com nossa visita, a visita do prefeito de Ibirubá, município-modelo do Brasil.

Retornamos a Ibirubá bem alegres e o Pereirinha mais que desconfiado: "Será que não comemos carne de gato? Dizem que gato castrado tem carne boa!". "Acho que você tem razão, a tcheca não iria matar uns coelhos para dar de comer a uns caipiras de Ibirubá."

A tcheca compareceu à Exposição Agropecuária, Industrial e Comercial de Ibirubá, realizada no Lar Evangélico e arredores, ao lado do secretário da Agricultura, Adolfo Fetter, que representou o governador.

Margareth Simon, um singular testemunho de lealdade

Margareth, filha do ex-prefeito Isidoro Gregório Simon, exercia a correspondência e agência da Rádio Ibirubá na cidade de Tapera. Leal e expedita, não só auxiliava seu pai, como representava a emissora naquele florescente município. Certo dia Margareth precisa falar comigo. Procurei-a para atender a seu pedido e ela me contou que eu es-

tava sendo traído por pessoas ma-intencionadas, em quem eu depositava confiança, cujos nomes não revelo, e ouvira falar mal de mim. "Olavo cresceu muito; primeiro precisamos liquidá-lo politicamente e, depois, levá-lo a alguma humilhação pública", diziam.

Acreditar nas pessoas? Eu sempre acreditei e acredito! Ora essa, como poderia não acreditar em quem trabalhava comigo? Nem poderia imaginar o contrário!

No caso do complô que me denunciara a Margareth, pensei e muito, "Que barbaridade". Eu poderia perder, mas quem perderia mais seriam as comunidades que me apoiavam irrestritamente, porque confiavam em mim e no trabalho que me fora delegado. "Quanta inveja neste mundo, Deus", pensei.

Tentaram me delustrar, mas não conseguiram, graças a esse ato de lealdade sem paralelo da jovem taperense, que desde o amanhecer da vida aprendera por si e com seus pais as virtudes que valorizam e destacam a pessoa.

Encontro surpresa com Juscelino

Egônio Wayhs, comerciante em Esquina Dona Etelvina, me pedira inúmeras vezes para viajar comigo a Brasília para conhecer como funcionavam os principais serviços públicos do país.

Conhecer o ex-presidente da República, Juscelino Kubitscheck, era o grande desejo dele. Falava-se que Juscelino voltaria a ser candidato, ele fora cassado, mas já se encontrava com seus direitos políticos novamente em vigor.

O nosso itinerário começaria pelo Rio de Janeiro, depois iríamos a Brasília. Mantido o contato no departamento federal, ainda não transferido para Brasília, gestionava ali a liberação para importar um computador IBM para a Coprel. Cumprido isso, fui mostrar um pouco da beleza e da história do Rio de Janeiro, subindo, pelo bondinho, o Pão de Açucar, de onde se divisa a mais bela imagem da cidade maravilhosa. Visitamos

o Catetinho, o antigo palácio da Presidência da República, e outros locais históricos da velha capital.

Depois fomos ao aeroporto, o destino agora era Brasília. No deslocamento interno entramos em ônibus que nos levaria até o avião Transbrasil.

Ambos sentamos em um dos bancos, nisso outro passageiro, um tanto apressado, chega e senta a nosso lado. Egônio disse-me baixinho: "Esse parece o Juscelino?". E eu lhe respondi: "É ele mesmo, o Juscelino que tanto querias conhecer".

Levantei e cumprimentei o ex-presidente, expressando-lhe meus sentimentos, amizade e admiração, dizendo que seu nome já corria pelas ruas e pelos corações do povo brasileiro, porque o povo o queria novamente na Presidência da República. Apresentei meu companheiro, que queria muito conhecê-lo e estava fazendo a viagem com essa finalidade.

Egônio e o ex-presidente abraçaram-se. Juscelino que soltara a pasta e os papéis no banco, sorridente, conversou conosco, tudo rapidamente, pois não havia tempo.

O Brasil precisava dele, e seu nome seria imbatível como candidato a presidente, dissemos-lhe. Deu-nos um símbolo da futura campanha, um tratorzinho (*pin)*, e nos disse que, se candidato e eleito, faria um governo voltado prioritariamente ao desenvolvimento da agricultura, o novo avanço de que o Brasil precisava. Juscelino viajou no mesmo avião a Brasília. Egônio Wayhs conseguira conhecer o grande presidente que construiu Brasília, rasgou rodovias de norte a sul do país, incrementou a indústria nacional e dimensionou o desenvolvimento, em cinco anos que valeram por cinqüenta.

Em Brasília, Egônio acompanhou-me a vários Ministérios e a instituições públicas. Estivemos no Palácio do Planalto, na Câmara dos Deputados, no Senado Federal e em locais interessantes da capital, entre eles a torre de televisão, de onde deslumbrava-se a vista quase total de Brasília, um vistaço resplandecente ao anoitecer.

Encontramo-nos com deputados gaúchos de partidos diversos, sendo que um deles, Antônio Bresolin, nos levou para jantar em uma churrascaria à margem do grande lago.

O deputado Fernando Gonçalves prestou-nos assessoria durante nossa visita à capital. Pedro Germano era deputado e nos recepcionava no aeroporto, era servidor e amigo. No Grupo Executivo de Eletrificação Rural (GEER), no INCRA, no Departamento Nacional de Aguás e Energia (DNAE), este organismo ligado ao Ministério de Minas e Energia, que apreciava em primeira mão os projetos de eletrificação rural, gestionava os processos da Coprel.

Viagem exaustiva, compensada pelo auspicíoso encontro com o ex-presidente Juscelino Kubitscheck. Tristes ficamos por ter ele morrido logo depois, em acidente rodoviário, cuja causa deixou dúvidas. Se Juscelino não tivesse desaparecido, o Brasil seria outro, seria o maior celeiro de alimentos do mundo. Rico, trabalho para todos e não haveria sem-terras peregrinando pelos corredores.

"Um dia desses estarei por lá para rever os amigos."

Assim se despedia Siegbert Saft dos eventuais encontros que mantivera com ele em Porto Alegre. Quem era Siegbert Saft? Travei relações com Saft no tempo em que ele exercia o mandato de deputado estadual. Homem culto e expansivo, entrara na vida política atraído pelo ideal da social-democracia cristã, aqui no sul difundida pelo Partido Democrata Cristão (PDC), de esquerda não extremada.

Por essa agremiação elegera-se deputado e prefeito de São Leopoldo. Na época, Nelson Marchesan, que foi presidente da Câmara dos Deputados, em Brasília e, em 30 de julho de 1981, inaugurou a Sede Social da Ascoprel, comungava dos mesmos ideais políticos de Saft, Sanseverino, Gay da Fonseca, Puggina, Furtado e outros mais, que partilharam da expansão do PDC no sul.

Irmão de Lothário Saft, farmacêutico local e da distinta Romilda Saft Wayhs, esposa do inesquecível Egônio Wayhs.

Arthur e Clara Saft eram seus pais, residiam em Quinze de Novembro. Arthur fora professor e subprefeito do distrito, território cruzaltense. Dona Clara consagrou-se aos múltiplos exercícios da vida de Quinze de Novembro, em especial como diligente enfermeira parteira.

Siegbert, nos eventuais lapsos de trabalho, abalava-se para a romântica Quinze de Novembro, não apenas motivado pela natural afetividade ao circulo de relações. Espraiava-se às águas puras do Jacuí para o recuperador exercício esportivo da pesca, seu lazer predileto.

E como eram bons aqueles tempos em que as águas cristalinas viviam em paz com os peixes. "Gosto muito da terrinha de Quinze de Novembro. Lá viro sonhador da natureza, rejuvenesço", dizia-me Siegbert Saft.

Como prefeito de São Leopoldo, em 22 de junho de 1962 sancionou a lei que instituiu o Brasão Municipal, o simbolismo representativo que enriquece o monumento do Imigrante daquele município.

Instituiu em seu mandato a condecoração honorífica "O Pioneiro" e diligenciou administração marcante em São Leopoldo.

Apreciei a *Marcha do Imigrante*, letra de Danilo Silva e música de Ary Georg, bonita expressão que reproduzo. Exemplifico uma idéia para os municípios que não possuem ainda seu hino oficial.

Louro imigrante, só a natureza te viu chegar pra trabalhar aqui.
E o gigante vale, com certeza se engalanou para esperar por ti.
Penso, que a brisa acariciou faceira
Teu peito aberto ao sol do meu país
E a passarada te saudou fagueira,
Cantou, por certo, pra te ver feliz
Com teu braço forte
Lutando com a morte
Mostrando coragem
Mostrando valor
De pele tostada
Na mão de uma enxada
Plantaste mensagens
De paz e amor

Não teve flores nunca o teu caminho
E nem teu céu foi sempre todo azul
Mas foi sincero, sempre, o teu carinho.
Com a terra virgem dos rincões do sul
Da pátria antiga restou saudade
Um novo mundo viu costumes teus
No coração que não poupou bondade
Na fronte erguida a se inspirar em Deus.

Uma lição de vida: nunca se é inútil para o trabalho

Quem nos deu essa admirável lição de vida foi o quinzenovembrino Gustavo Adolfo Goelzer. Soubera que desenvolvia uma atividade artesanal em couro. Ele sofrera um acidente de caminhão e aos 36 anos ficara paralítico. O que me impressionou sobremodo foi vê-lo trabalhando com artesanato de couro trançando laços, cordas, rédeas, relhos e outros artefatos que fazia com destreza e perfeição. Eu costumava passar bom tempo conversando com ele, momentos em que me contava passagens de sua vida. Nunca desanimava com o que lhe havia ocorrido.

Disse-me que ele e sua mulher Helma Carolina Sweigart, descendentes alemães, uniram-se em 19 de maio de 1928, em Santa Cruz, de onde imigraram para esta região, acima da serra.

A viagem, feita de carroça, puxada a cavalos, demorou mais de oito dias. Tiveram de enfrentar matas e rios, trilhas e estradas de terra muito ruins, até chegar ao Travessão Pulador, hoje pertencente a Quinze de Novembro. Nesse local instalaram-se como dava. A luta, então, apenas começaria, construir uma casa, galpão, encerra, desmatar e fazer roças para os cultivos de subsistência.

De início era tudo o que podiam fazer para criar os filhos, uma luta árdua para um colono principiante.

Até um certo dia, 27 de julho de 1941, que aconteceu o trágico acidente com o velho caminhão em que Gustavo quebrou a coluna vertebral. Em conseqüência dessa lesão irreversível, que lhe atingiu a medula, teve de ir para uma cadeira de rodas. Tinha na ocasião seis filhos, todos menores, e um em gestação. Devido ao acidente, permaneceu 95 dias internado no hospital Santa Lúcia, em Cruz Alta.

Homem de muita coragem, conta seu sobrinho e cooperante conselheiro da Coprel, Lusindo Daniel Goelzer, Gustavo não desanimava; mesmo paralítico voltou a trabalhar, instalando então uma pequena indústria de artefatos de couro.

Dona Helma continuou com as atividades pesadas na lavoura e domésticas. Contava com a ajuda de uma empregada que se chamava Maria Poll. O senhor Anoldo Seibert auxiliava na lavragem das terras para plantar.

Gustavo Adolfo permaneceu 36 anos na cadeira de rodas, e apesar de todo esse infortúnio, deu uma grande lição de vida, vencendo com persistência o sofrimento e demonstrando que nunca se é inútil para o trabalho.

A viúva, uma heroína da colônia, cuidou do marido e de seus seis filhos vivos: Selmira, Anildo, Guinther, Telmo, Ilanda, Ingo e Ivo, *in memoriam*.

Vivendo em tempo muito difícil, o casal Gustavo e Helma deixou um extraordinário exemplo de vida. Gustavo viveu 72 anos, Helma, 96.

Paula Schneider Paloschi, exemplo de mulher lutadora

Quem teve o privilégio de conhecê-la, como a conheci, testemunha seu elevado valor comunitário, seu espírito desprendido e sua constante ação pelo bem e pelo progresso do município.

Paula nasceu em Dois Irmãos, em 14 de dezembro de 1914, e foi criada em São Leopoldo. Em 1936 veio morar em Ibirubá. Casou-se com

João Paloschi e teve seis filhos. Na comunidade local foi muito ativa nos clubes de mães, bem como na comunidade evangélica. Nas festas natalinas, Paula representava a imagem do Papai Noel, papel que desempenhou por muitos anos e com brilho.

Era a alegria das crianças. Com ela desenvolvi cursos de marceneiros, e para isso adquiri um conjunto completo de marcenaria e carpintaria. Outros cursos de aprendizagem foram instituídos e oferecidos aos jovens em busca de trabalho. A Legião Brasileira de Assistência (LBA), na época dirigida por Ivone Kronhardt, ajudou-a nessas tarefas de desenvolvimento socioeducativo.

Tenho bem na memória o contínuo interesse de Paula Paloschi. Muitas vezes levei-a de Ibirubá a Charlau, São Leopoldo, onde residiam irmã e parentes. O caminho era por Montenegro, trajeto que percorria para ir a Porto Alegre.

Albino Kuhn, o Canhoto, também colaborava nos cursos ministrados por Paula, mulher corajosa e trabalhadora. Paula Schneider Paloschi escreveu uma bela página de vida, inclusive com notável participação em diversos mandatos de prefeitos, ora dando cursos de aprendizagem, ora operando em causas sociais do município. Salientou-se em meu mandato pelo apoio que lhe dei e pelos bons serviços que prestou à juventude carente.

Faleceu em 13 de novembro de 1991, mas seu exemplo de mulher solidária permanece indelével na historia de Ibirubá.

Na Conferência de Quito a Coprel mostrou o valor das cooperativas

A mais concorrida Conferência Latino-americana de Eletrificação Rural realizou-se em Quito, Equador, de 26 a 30 de setembro de 1977, com cerca de setecentos congressistas e representações de quase todos os paises da América.

Do Rio Grande do Sul, precisamente de Ibirubá, Alto Jacuí, compareci eu e Valdir Grave Meiner, presidente e secretário da Coprel. Com antecedência, via correio, enviamos uma edição especial do *Alto Jacuí* com matérias, fotos, ilustrações e uma resenha de nossas atividades no campo da luz. Havíamos endereçado ao local da conferência, a Assembléia Legislativa equatoriana. Para decepção nossa, os dois pacotes de material ficaram retidos na alfândega.

Vencidas as barreiras e de posse dos jornais que, por sinal, realçaram a conferência, os distribuímos ao pessoal do evento, modesta contribuição para aprofundar o intercâmbio inter-americano sobre temas de energização campesina, atrasadíssimo na maioria dos países.

Alto Jacuí, Planalto, Rio Grande do Sul, Brasil colocavam-se bem à frente nesse processo de abrir caminhos para o desenvolvimento. Em princípio justificava-se o conclave.

Lamentei não ter editado o jornal em língua espanhola, a tiragem especial do *Alto Jacuí* em português pareceu-me não ter atraído atenção nem interesse dos congressistas. Diferentemente da Conferência Latino-americana realizada em Belo Horizonte, de 23 a 29 de maio de 1971, as empresas estatais de certo modo investiram alto no evento. Além das questões básicas, os debates e as proposições foram tratados por cooperativistas e técnicos de reconhecida competência e conhecimento da validade do sistema cooperativo.

Evidenciaram o exemplo da Coprel, sua estrutura técnico-administrativa, com destaque para a mobilização da família rural. Apresentaram-nos como modelo de cooperativa que, por si, foi encontrando e desenvolvendo formas para eletrificar ora as propriedades coloniais, ora as das regiões pastoris, naturalmente com sistemas diferenciados, mas cooperativos.

Nas áreas de campanha a energia ofereceu alternativas, intensificou a consorciação da pecuária com a mecanização da agricultura. Não raro as glebas maiores se subdividiram, introduziram novas tecnologias, a irrigação ganhou força com a energia e estendeu-se não só às culturas de soja, milho, trigo, feijão, canola, mas às pastagens mais seletivas e protéicas para diversas criações. Com isso, o natural aumento da produtividade.

Em Belo Horizonte, a Coprel foi destaque. E sublimou-se com a exposição de cinqüenta quadros com fotos preto-e-branco ampliadas das principais atividades. Uma exposição que ainda hoje faria sucesso, chamaria atenção, fotos emolduradas em quadros de alumínio com sustentação independente para expô-las, ocupando um grande salão e se constituindo na atração visual do evento. Fora transportada pela rodoviária em uma Ford 4 mil, na qual também viajei acompanhando o motorista Valdemar, do INDA-Porto Alegre. A conferência teve um pouco de tudo. Coordenada pelas estatais, esbanjou festas, jantares olímpicos e até escolas de samba do Rio de Janeiro foram apresentadas. Mostrou bem como se canta no Hino Nacional a grandeza pela própria natureza.

Visitas à nova capital da República, Brasília, com transporte aéreo para quem quisesse conhecê-la. Brasil galante, a Conferência Latino-americana de Belo Horizonte não será superada por nenhuma outra, embora tenha havido muito pouco de prático e muita confraternização.

Participaram do evento, compondo a delegação gaúcha, o dr. Paulo Brandão Rebelo, delegado regional do INDA, que facilitou minha presença, e a exposição da Coprel e do sistema cooperativo, o engenheiro Odyr Heitor Thiesen, diretor da CEEE, e o engenheiro Ruben Noé Wilke, técnico do INDA e natural de Quinze de Novembro e Cruz Alta.

"Como se joga solo? Quatrilho, sei".

Dom Cláudio Colling, bispo da diocese de Passo Fundo, certo dia telefonou-me: "Stefanello, vou aí, eu e o Tranqüilo Grazziotin, para jogar umas cartas e conversar contigo sobre a eletrificação rural".

Concordei e os recebi em Ibirubá. O encontro foi em minha casa, onde Pedro, meu pai, preparava-se para cartear e fazer um churrasquito a seu modo, que ninguém superava. Era um mestre.

"O que vamos jogar?", disse espontaneamente o bispo, com aquele seu jeito bonachão. "Solo não sei jogar. Quatrilho, sei".

O pai, todavia, não se conformava em não jogar solo. "Solo é carteado mais matemático e divertido", explicava ele. "Vou ensinar vocês a jogar", e todos cercamos a mesa circular próxima a área da churrasqueira, dando início ao jogo de solo, que não durou muito tempo, passando depois para o quatrilho. Daí, sim, a descontração tomou conta e todos jogavam, com um garrafão de bom vinho do lado, que servi moderadamente.

Da churrasqueira ouvia-se o crepitar da lenha de angico e camboatã no fogo. Logo viraria brasas. Atento, meu pai aguardava o momento de colocar a carne sob o braseiro, o que aconteceu a seguir.

Interrompido o jogo, que para mim nada mais fora do que um disfarce do bispo e de seu companheiro para tratar da eletrificação também para o meio rural de sua diocese, que abrangia vários municípios, me propuseram a entrega da cooperativa de Passo Fundo, que estava passando por dificuldades. O bispo reconhecia "que a tarefa seria difícil, mas a Coprel sob teu comando já descobriu o jeito de vencer".

Tranqüilo, acrescentou que ele e o ex-prefeito de Marau, Severino De Toni, que presidia a Cooperativa, e as lideranças me emprestariam todo o apoio necessário e que eu não deveria temer quaisquer dificuldades. Ele já falara sobre a incorporação com o delegado regional do INDA, Paulo Brandão Rebelo, e este concordara plenamente.

Havia concordância, inclusive de Brasília, para que a Coprel assumisse a cooperativa de Passo Fundo, pois já dispunha de equipe administrativa, técnica e operacional capaz de tocar a eletrificação para frente, o grande desejo do INDA, das autoridades e dos organismos de crédito. De fato, se a eletrificação cooperativada não desse certo, a frustração seria enorme e seus benefícios demorariam muito tempo para chegar ao meio rural.

"Conte conosco, estamos contigo para a Coprel dar certo e poder atender seus altos objetivos", exclamou o bispo.

Na verdade, era mais um desafio para a Coprel, pois aumentava sua jurisdição e suas responsabilidades, desafiando-se a si mesma na responsabilidade principal, a de servir de exemplo para o país e fortalecer a importância da eletrificação rural cooperativada.

Pronto o churrasco, Pedro chamou os visitantes e começou servindo aquela picanha, primeiro a dom Cláudio e depois aos demais. Um churrasquito quase histórico para a eletrificação do grande Passo Fundo.

Marcamos as reuniões entre as duas cooperativas, necessárias ao ato de incorporação. Uma delas realizou-se no Círculo Operário de Passo Fundo e a outra em Ibirubá, selando definitivamente a união das cooperativas em uma só, isto é, na Coprel.

Dom Cláudio foi arcebispo de Porto Alegre e Tranqüilo Grazziotin dirigiu com habilidade as empresas de seu grupo. Ambos já faleceram. Lembro com emoção tantos encontros e conversações que tive com essas destacadas personalidades e grandes colaboradores da Coprel.

E dava certo! Na prática, o constante lidar com pessoas me ensinara certas regras para escolher os melhores

A Coprel dava os primeiros passos. Escolher os trabalhadores para compor as turmas de construção das redes elétricas não era uma tarefa fácil. Sem especialista em Recurso Humanos, o jeito era pôr em prática certos conhecimentos adquiridos com meu pai e com os peões que ele empregava nas lidas da roça. Quais eram? Mande um e outro fazerem determinada tarefa, buscar um objeto, perto ou mais longe, observe atentamente o seu caminhar, o jeito de se comunicar, ler, falar e responder às perguntas que lhes eram feitas, até mesmo as de ordem comportamental.

Se a pessoa era expedita e preenchia esses requisitos citados, logo era submetida a treinamento. Tais regras, na verdade, até os índios as usavam, no instante de conceder a filha em casamento.

No início, contávamos com dez eletricistas práticos que a Coprel enviou, através da CEEE, ao Centro de Aperfeiçoamento de Eletricitê du France (Cetaf), em Viamão. Estes, com auxílio de eletrotécnicos da CEEE,

aperfeiçoavam os trabalhadores, "capatazes e os demais arigós", como seriam conhecidos.

Organizavam-se turmas de doze "arigós", coprelianos mais tarde, sendo um deles o cozinheiro do acampamento. No começo pagava-se uma diária em dinheiro, o que não deu certo, pois alguns deles esbaldavam o dinheiro, além da alimentação, não levando nada para a mulher e os filhos, quando os tinham. Constrangia-me chamar a atenção, atender ao choro de suas mulheres que ficavam sem alimentos em casa.

Nélio Koch, o primeiro eletrotécnico contratado como coordenador do pessoal de obras, auxiliado pelos capatazes, cita aqui, o Nelson Soares, um dos coprelianos pioneiros.

Eles sabiam que o sistema de diária não correspondia, o jeito foi mudar. E mudou-se. As turmas recebiam rancho completo, e o resultado apareceu em seguida, mais bem alimentadas as turmas passaram a render mais, testemunham Nélio, Nelson e outros da Coprel.

Nos locais de trabalho mais distantes, as turmas retornavam a cada quinze dias para se reabastecer de material e alimentação, quando estes não eram transportados nos locais de trabalho.

O pagamento do salário de todos os funcionários era quinzenal e sem atraso, prática de rigor e pontualidade que perdura até hoje.

Edmundo Roewer em sua última jornada

Edmundo Roewer foi um herói ibirubense. Dava tudo de si para servir o povo, era um abnegado membro da sociedade. Não media sacrifícios para participar de reuniões, em noites de inverno e, a qualquer hora, franqueava seus préstimos e cooperação. Queria ver o município, pelo qual tanto lutara antes e depois de sua emancipação, progredir. Foi vereador em Cruz Alta, vice-prefeito na administração de Edgar Otto Fleck, o primeiro prefeito de Ibirubá.

Consagrou-se como prefeito, exercendo o segundo mandato municipal, vinculado ao PSD, elegendo-se com grande votação popular. Man-

tinha com diplomacia relações com todos os líderes de outros partidos. Leonel Brizola, que era governador e liderava o PTB, admirava Roewer e lhe atribuía atenção especial.

A propósito, o prefeito Edmundo Roewer solicitara apoio do governador para a aquisição de uma patrola. O município tinha cerca de 2 mil quilômetros de estradas e um incontável número de pontes e pontilhões para serem mantidos em condições de trafegabilidade.

Brizola atendeu-o imediatamente, mandando uma patrola para Ibirubá. O gesto do governador em auxílio à administração Roewer manifestara-se também no atendimento a outros pleitos que lhe foram formulados, como os da extensão da energia elétrica da CEEE à cidade, que se ressentia, em face da deficiência da empresa local, Força e Luz Pinheirinho, na época fornecedora da eletricidade.

Lembro-me muito bem desse fato, ocorrido logo após a minha vinda a Ibirubá para instalar a Rádio Ibirubá. O relevante foi Leonel Brizola, por intermédio de seu secretário de Energia e Obras Públicas, João Caruso, ter determinado a extensão da energia a esta cidade antes de atender a pedidos idênticos dos municípios vizinhos, cujos prefeitos pertenciam a seu partido, o PTB.

Dera primazia a prefeito de partido adversário. Brizola era um hábil estrategista político, interessava-lhe atrair Roewer para seu lado, homem de prestigio na região.

Em outros textos, registro outras passagens vivenciadas por Edmundo Roewer, amigo de todas as horas, que me acompanhou em numerosas instâncias sociais e desenvolvimentistas do Alto Jacuí.

Com Roewer, liderei a fundação da Coprel, o ato mais corajoso e progressista que efetuamos. O da eletrificação rural, pioneiro no país nessa modalidade de fornecer energia de modo abrangente para uma ou mais regiões agropastoris, além de vilas e centros urbanos maiores. Estes, graças à energia da Coprel, conquistaram sua condição de florescentes municípios.

Estou inserindo isso neste texto documental para realçar a pessoa de excelsas virtudes que era Edmundo Roewer, o presidente da Coprel

que substituí, após ter exercido a gerência da entidade em sua fase inicial, desbravando o que era considerado praticamente impossível.

Sagrisa, Arvoredo, estava recebendo a energia da Coprel e a comunidade, constituída de famílias reassentadas do Passo Real, queria inaugurá-la com uma festinha. Dirigi-me àquele reassentamento na tarde prevista. Edmundo Roewer fazia questão de acompanhar-me, apesar de seu estado de saúde um tanto precário. Recomendei que se resguardasse, pois sabia da gravidade de sua doença, e o ir e vir até o local da inauguração demandava uns duzentos e tantos quilômetros com regresso à noite, e meu carro era um velho jipe.

Próximo a Carazinho, meu companheiro passava a mão constantemente na cabeça. Notei que ele não se sentia bem, queixou-se de forte dor. O que fazer àquela altura do caminho, pois procurar um médico ele não quis. Parei o jipe no restaurante e posto do Baixinho, dei-lhe um copo de leite e um comprimido de Melhoral que me pedira. Descansamos cerca de 20 minutos e retomamos o caminho até o destino. O movimento do pessoal que nos recepcionou alentou o astral de Roewer, que agüentou bem o tempo de inauguração da rede elétrica e do engenho de serrar madeira.

Seguiu-se um jantar de churrasco. Roewer serviu-se de pouca coisa, comeu devagar e preferiu mais um copo de leite e analgésicos. Preocupado com a saúde do presidente, deveria encurtar a presença na festinha, e anunciei a palavra de Edmundo Roewer, que fez breves referências àquela comunidade, agradeceu o empenho dos coprelianos na execução da obra e me passou a palavra.

Desculpe-me pela pressa, prometi voltar em breve e elogiei os braços fortes daquele assentamento ombreando com a Coprel o progresso que acabavam de conquistar.

O retorno, apesar da noite e dos corcoveios do jipe em uma estrada de terra e buracos, foi até normal. Roewer suspirou aliviado ao chegar em casa. Eu temia por sua saúde, abalada pela enfermidade. Vinha tratando-se com médico em Porto Alegre e estivera hospitalizado no São Francisco, mas quis a vontade superior levá-lo de nosso convívio.

Aquela fora a última jornada copreliana de Edmundo Roewer, um dos maiores valores humanos de Ibirubá e Alto Jacuí.

Otto Willy Knorr engenheiro e amigo

Tive sorte. Debatia-me para contratar um engenheiro. A Coprel precisava legalizar numerosos projetos de eletrificação para apresentá-los ao GEER em Brasília. Pois na hora agá, andando por Panambi, decidi visitar a empresa distribuidora de energia daquela cidade. E lá encontrei um de seus sócios, o engenheiro Otto Willy Knorr, a quem falei do empenho da Coprel na eletrificação, inclusive no município de Panambi, que necessitava de um engenheiro da área elétrica.

Otto Willy prontificou-se ao cargo mais para responder pela parte técnica de engenharia e, eventualmente, supervisionaria execução dos projetos que se multiplicariam pela região. Estabelecemos uma forte amizade extraprofissional, que me levou a conhecer seu pai, Guilherme Knorr, um dos patriarcas da família e fundador da distribuidora de energia e da usina geradora. Este convalescia da amputação de uma perna, era cidadão conceituado da sociedade panambiense. Visitei-o algumas vezes, lembro bem, Guilherme apreciava um bom papo.

Otto, seu filho, estava transferindo a administração da Knorr Eletricidade a seu irmão, que se dedicava à atividade agropecuária, mecanizando lavouras de trigo e soja. Por alguns anos foi o engenheiro responsável da Coprel. Um grande amigo.

Revolução tecnológica: a agricultura começa pela eletrificação do campo

A batalha da eletricidade para os produtores começava por Ibirubá, Alto Jacuí e Planalto. Em 14 de janeiro de 1968, convoquei as lideranças e as famílias rurais e fundamos a Coprel. O ato repercutiu no país,

ele deveria, a partir daqui, exemplificar um modelo ideal para desencadear definitivamente o processo da eletrificação dos campos. A comunidade unir-se-ia e tomaria para si os encargos de estender os benefícios da energia a seus membros. E foi o que fizemos, com determinação e coragem, mobilizando as lideranças e dando vida à cooperativa. Procurei o deputado Fernando Gonçalves, que recebera expressiva votação nessa região, e lhe sugeri que propusesse à Assembléia Legislativa a realização de um seminário para debater e projetar a eletrificação rural.

A sugestão foi aprovada por unanimidade pelo Legislativo gaúcho, e o 1º Simpósio de Eletrificação do Estado realizou-se em meados de outubro de 1971, no Palácio Farroupilha. Participaram, além dos integrantes da Casa do Povo, autoridades estaduais e federais, técnicos e engenheiros da área, prefeitos e lideranças do meio agropecuário. Obteve êxito, ressaltou a eletrificação e deu força, apoio e aplausos às cooperativas de eletricidade.

Na qualidade de painelista de uma das sessões, defendi um plano diretor de abrangências por regiões do estado. Expus que a cooperativa teria êxito se consolidasse sua atuação em uma área identificada por culturas e criatórios, e muito mais pelo interesse dos agricultores. A área de abrangência deveria integrar os municípios, se possível, de uma região. Assim se garantiria maior solidez, a exemplo do americano que, por meio de cooperativas, eletrificou o meio rural. Detalhei numerosos aspectos de atuação da Coprel, já exitosa, embora tivesse apenas três anos de atividade.

Fui muito questionado por deputados e outros presentes ansiosos por ouvir esclarecimentos sobre o funcionamento de uma cooperativa de eletrificação, assunto novo no cenário político, e explanei o momentoso tema da importância do sistema da eletrificação cooperativada. Ele se sustentaria e se desenvolveria com a participação comunitária. Caberia aos governos, por meio de organismos de créditos, oferecer-lhes financiamento, apoio e incentivo. E justifiquei dizendo que "a energia elétrica" no dizer do campeão da democracia Franklin Delano Roosevelt, "é algo mais que uma necessidade. Ela é o verdadeiro sangue de uma nova nação, sangue que deve correr sempre abundante-

mente e sem interrupção, se quiser a energia, o vigor e o bem-estar de um povo".

A Coprel aliada às co-irmãs cumpriu esse objetivo e assegurou, cooperativadamente, a revolução tecnológica da agricultura.

Deram as mãos e progrediram

Luiz Fogliato presidia a Cotrijuí quando o conheci no largo São Francisco, no Rio de Janeiro. Nesse local ficava a sede do INDA. Eu fora convocado pela presidência dessa entidade para tratar do desenvolvimento do município de Ibirubá. Por intermédio de seu presidente, a entidade pleiteava um empréstimo de vulto junto ao Banco do Brasil, e há dez dias não havia solução. Sugeri a ele dirigir-se ao INDA, pois ali, eu, como prefeito, poderia influir em favor de seu financiamento. Do contato com o presidente Eudes, do INDA, Luiz Fogliato encontrou a solução para tocar em frente o projeto de crescimento da Cotrijuí, uma das maiores cooperativas de produtores da época. Estreitei relações com essa cooperativa, embora a Coprel não atuasse naquela região.

Passa o tempo, termina meu mandato de prefeito e tenho de assumir a gerência da Coprel, e a eletrificação rural não avançava. Mais uma vez estava diante do desafio da luz que me colocava no campo de batalha.

Obtivera o empréstimo para a execução dos projetos, a Coprel devia, por meio de seus cooperantes, completar os 20% de contribuição própria inicial. Essa era uma condição contratual do financiamento pelo prazo de dez anos para amortizar, com carência de dois anos a juros de 8% ao ano. Uma parcela de cooperantes retraíra-se e não efetuara o depósito dos 20% devidos, e eu batia-me para conseguir um empréstimo de emergência no valor de 3,5 milhões de cruzeiros para validar o empréstimo do INDA previsto inicialmente para a eletrificação.

Vou pedir socorro a Cotrijuí para obter esse empréstimo de 24 horas, lembrei-me, "e depositaria em um dia e o devolveria no outro", tempo necessário para validar todo o empréstimo e dar início ao paga-

mento dos compromissos, concorrências de compras de materiais e despesas com pessoal de obras. Conversei com o seu presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, que substituíra Luiz Fogliato na Cotrijuí. Simplesmente confiou-me o dinheiro, que depositei no mesmo dia na conta vinculada ao empréstimo do INDA na agência do Banco de Ibirubá. Devolvi-o no dia seguinte. Valeu o empréstimo de caixa por 24 horas. A Coprel tocou seus projetos para a frente. Ambas as cooperativas deram as mãos mais uma vez e progrediram.

A luz nos pampas, uma glória latino-americana

Euclides Pereira da Silva, cooperante de Vista Alegre, em 30 de outubro de 2004, escreveu-nos uma carta em que relembrava fatos, reuniões, desfiles típicos da terra pampeana, festas que marcaram época nessa alegre Vista Alegre, de Colorado. Relembrava as mobilizações dos vistalegrenses para conseguir os benefícios da luz, desde 1972, quando ainda no exercício da vereança. Euclides convidara-me porque, segundo ele, Olavo é amigo que fazia acontecer o que prometia. A reunião da luz, aqui em Vista Alegre, relembrava o cooperante Euclides, e foi um evento histórico para a comunidade. Todos os presentes firmaram contrato com a Coprel e logo foi iniciada a construção das redes que conduziram os benefícios da energia sob o espoucar de foguetes e a vibração popular. Que festa! Quanta felicidade, falava alto Euclides Pereira, rememorando aqueles momentos de glória pampeana, passagens de sua vida devotada às causas do bem comum.

E também evidenciava a brilhante atuação que partilhara com o deputado Cícero do Amaral Viana em Colorado, Ibirubá e no Alto Jacuí. "Testemunho com orgulho esse passado de conquistas para a nossa comunidade", relatava Euclides, agradecendo o apoio que lhe dediquei, a lembrança que deu a seus munícipes no mandato de vereador, sentido social e guerreiro para muitas conquistas.

Era uma luta sem quartel

Algumas comunidades resistiam a participar de imediato, o que prejudicava a obtenção dos 20% que cabia à participação dos agricultores associados. Quantas noites sem dormir para achar a solução desse e de tantos outros problemas que se antepunham a um trabalho novo, pioneiro e que se tornava abrangente, sem excluir ninguém do meio rural. Quantas vezes pensava para encontrar a melhor saída. E encontrava-as, graças a Deus.

Reunia-me com os capatazes, tendo à frente Nélio Koch, e poderia aqui citar e apontar a direção de um grande número deles, da diretoria, do professor Etelvino Ristow, do primeiro-secretário da Coprel, Enio Kussler, do segundo-secretário, Waldir Meiner, Oswaldo Welzel que exerceu diversas funções na Coprel, entre as quais a de secretário, dos capatazes Nelson Soares da Silva, Bruno Grave e Olívio Kempf Lamb. Onde for necessário vamos distribuir cargas de postes em pontos estratégicos, vilarejos, sedes, linhas e escolas, e com isso vamos motivar o pessoal a aderir ao compromisso de que precisávamos para liberar recursos, com os quais iríamos construir as redes.

Mesmo assim, em certas comunidades desgostosas com políticos e com algumas lideranças que lhes haviam prometido mundos e fundos sem nada cumprir, nosso trabalho de arregimentação tornava-se difícil. Não desanimamos nunca. Para frente sempre.

Eles marcaram o início administrativo da Coprel

Logo após ter sido fundada em 14 de janeiro de 1968 foi realizada a primeira reunião do Conselho de Administração, entre tantas que ocorreram provisoriamente em uma sala térrea do prédio da Rádio Ibirubá. Participaram os conselheiros eleitos Olavo Stefanello, Emílio Hel-

ler, João Arno Kerkhoff, Alberto Pranke, Edmundo Roewer, Arnaldo José Bonzanini e Enio Kussler. A todos esses conselheiros a homenagem de gratidão e lembrança da Coprel, particularmente aos que partiram, extensiva a todos os dirigentes e conselheiros que prestaram e prestam sua ajuda à cooperativa.

Associação Gaúcha de Preservadores de Madeira (AGPM)

Discutia-se muito, na fase inicial, da eletrificação rural à qual dos dois sistemas de posteamento das redes se daria preferência, se ao de madeira ou ao de concreto. O primeiro ganhava força, era o preferido pela CEEE, e seus técnicos justificavam o cultivo de florestas de eucaliptos como um produto renovável e prático. Na verdade, a CEEE cultivava eucaliptos e defendia o emprego de postes de madeira que eram extraídos em São Jerônimo, Triunfo, onde mantinha uma Usina de Tratamento.

Os engenheiros e técnicos da CEEE, que eventualmente assessoravam a Coprel, recomendavam o uso de postes de eucaliptos, abundantes na região. E foi o que fizemos. E também o transporte pelo interior de lavouras ou campos tornava-se mais fácil que o do poste de concreto.

Reunimo-nos em Porto Alegre, na CEEE, à convite desta, com a presença de empresas de extração e tratamento de postes. A reunião, no ato presidida pelo engenheiro João Pífero e secretariada pelo dr. Cláudio Ferreira, debateu o interesse dos madeireiros de eucaliptos em fundar a Associação Gaúcha de Preservadores de Madeira.

Posta em votação, a proposição foi aprovada por unanimidade. A AGPM foi criada e sua diretoria, constituída com mandato de dois anos. Presidente, Olavo Stefanello; secretário, dr. Cláudio Ferreira; tesoureiro, engenheiro João Pífero. Cláudio Ferreira foi designado também assessor jurídico e o engenheiro Odyr Heitor Thiesen, assistente técnico.

Foram apresentados dados técnicos, práticos e econômicos para fazer a preservação de postes, a exemplo dos Estados Unidos que, em suas

empresas, cooperativas de eletrificação em especial, adotaram largamente a madeira para as redes elétricas.

A associação dinamizou o setor, propagou o plantio de eucaliptos e estimulou a preservação de madeiras mediante processos tecnológicos que garantiam sua maior durabilidade.

Nessa ocasião Cláudio Ferreira surpreendeu-me ao dizer que prestara assessoria à ex-presidente da argentina Isabelita Perón. Deposta de seu breve governo, Isabelita mudou-se para Madri, Cláudio voltara ou fugira de volta para o Rio Grande do Sul. Quando o conheci prestava serviços à CEEE e, curiosamente, era casado com uma natural de Cruz Alta, e atuava como secretário da AGPM, da qual eu era presidente.

Tá na hora do golinho...

Daniel Krieger, senador da República, prestigiava-me nas inaugurações do novo prédio da municipalidade e da rede de eletrificação rural para a Várzea, passando pela granja de suíno e gado leiteiro de Balduíno Gabi. Um festão. Em meio à solenidade que ocorria em frente à Prefeitura, o senador, que estava a meu lado, mostrou-me a garrafinha de uísque vazia. "Stefanello, tá na hora do golinho, te agradeço demais, encha-a para mim." Eu me prevenira, tinha um litro de uísque quinze anos guardado em minha sala. Corri até lá, pertinho do local em que me encontrava. Fui seguido por Daniel Krieger, discretamente. Dei-lhe o frasquinho cheio do bendito líquido, e uma parte ele sorveu ali mesmo, falando-me que a bebida lhe serenava o espírito e lhe dava ânimo para festa tão bonita e, razão maior, porque logo teria de discursar, seguindo o protocolo.

Proferiu uma estupenda peça oratória, tocante e arrebatadora. Daniel Krieger magnetizara o público que, independentemente de tendências partidárias, lhe devotava apreço.

Inaugurada a nova sede municipal, que contou com a presença do governador Walter Perachi Barcellos, de Jerônimo Dixhuit Rosado Maia,

presidente do INCRA, e do desembargador Osvaldo Proença, entre tantas outras autoridades, cerca de cinqüenta prefeitos já apoiavam Ibirubá, na esperança, que se concretizou, de o trem da eletrificação rural passar também por seus territórios.

Tenho de registrar para a história que foi a partir de eventos marcantes como esse que se expandiu a luz, a energia, ou melhor, uniram-se lideranças políticas e comunitárias para eletrificar o interior. Políticos sérios e patriotas que souberam impulsionar empreendimentos da envergadura dos lançados pela Coprel nessa parte do Rio Grande.

Ajudei ministro nordestino a ser governador

Conhecera o dr. José Francisco de Moura Cavalcanti em Brasília, no ato de sua posse na presidência do INCRA-MA, em cujo cargo foi investido pelo ministro Cirne Lima, da Agricultura, também gaúcho, além de por outro técnico e político de Pernambuco.

Não foi dessa vez, mas em outra que o chefe do INCRA me convidou para viajar à Transamazônica que passara a ser a gigantesca obra do governo Médici. Foi quando visitou Porto Alegre para conhecer o INCRA do estado e debater seus projetos em desenvolvimento no Estado.

Paulo Rebelo, delegado da instituição, avisara-me da chegada do presidente do INCRA e, sem esperar, no dia combinado, estava eu em Porto Alegre. E todo esse interesse por mim se explica e vou registrar esse fato porque ele entremeia outros e quase todos se referindo à eletrificação rural que se expandia desde a terra das pitangueiras. Era um tempo que me exigia um esforço desmedido todo dia, toda hora. E contatar técnicos e autoridades aqui no estado e muito mais em Brasília não era missão fácil.

Diligentemente desdobrava-me como um desvairado, com audiências previamente marcadas, batia na porta das instituições e formulava os pedidos para as causas do desenvolvimento rural, apresentava sugestões que eram discutidas e, não raro, aprovados em minha presença.

Nesses momentos me enchia de entusiasmo e o problema da eletrificação já não se apresentava para mim como uma guerra invencível. As conquistas enfileiravam-se como contas de rosário. Os momentos de angústia revelavam-se glórias incessantes, compatilhadas com mais de 1.500 companheiros de trabalho, a grande maioria no afã de erguer redes e alegrar as famílias da terra.

Aparentemente parecia simples, mas não era. Descanso, de vez em quando. Se o suor vertia, os resultados também vertiam e eram compensadores. A satisfação do dever cumprido brilhava nos olhos de todos os coprelianos. O próprio agricultor, a princípio arredio e desconfiado de tanto ser enganado, proclamava nosso trabalho e se incorporava a ele sem nenhuma hesitação. As barreiras foram transpostas. Agora era continuar a luta que parecia não ter fim, e creio que não terá, porque a vida é luta sem quartel, que não pára nem com a morte. Exagero? Poderia ser, mas não é. A Coprel transfigurava-se e brilhava como diamante no escuro para ser hoje o que é, o competente agente do desenvolvimento regional.

Tornara-me força de vanguarda do sistema cooperativo que se batia pela eletrificação. Proclamavam publicamente que o sucesso do programa estava em nossas mãos. Era responsabilidade às pampas. Para aqueles que patrocinavam, somaria pontos, para nós, mais um desafio, uma batalha com o desconhecido, que se consagrava com a eletrificação.

Por coincidência, ao tomar o elevador do prédio da Previdência e Seguros Gerais, no centro de Porto Alegre, encontro o presidente Moura Cavalcanti, do INCRA, seguindo para o mesmo local, a Delegacia dessa entidade. Viera um dia antes de Brasília. Abençôo esse momento. Subimos conversando, ele falando sobre o projeto de colonização das margens da Transamazônica e me indagando se seria possível transferir colonos para aquelas bandas da nação. "Não conheço aquelas terras, nem tenho idéia de como eles se comportariam, mas creio que é possível, basta fazer um bom trabalho de mobilização entre os agricultores, os mais jovens principalmente...", disse-lhe, e me prontifiquei a colaborar, se fosse o caso. Ele me convidou: "Irás comigo conhecer a Tran-

samazônica, tão logo eu possa iniciar a colonização, quem sabe, com colonos de Ibirubá, do Sul...". Agradeci o convite e renovei a vontade de colaborar. Afinal me facultaria conhecer a Amazônia, embora meu desejo mesmo fosse ser solidário, para alargar o caminho dos financiamentos à luz.

Na sala de trabalho, o dr. Paulo nos recebeu, surpreendendo-se com a minha chegada simultânea à do presidente do órgão de desenvolvimento e reforma agrária que agregara em si o INDA e o IBRA e se transformara em INCRA.

De pronto, as conversas giraram sobre o andamento da eletrificação. Prometi elaborar mais projetos que iriam abranger aproximadamente uns vinte municípios. Ele me assegurou recursos que poderiam advir do BID para o governo repassar às cooperativas que se formavam pelo país, nos moldes da Coprel. Em seguida, o assunto dominante foi a colonização da Transamazônica, assentamento que vinha sendo coordenado pelo INCRA. Na hora temia que com isso a eletrificação e projetos afins para o homem do interior pudessem ficar em segundo plano. Não disse nada e nem poderia discordar do presidente da instituição que nos apoiava. O assentamento amazônico começaria, a partir de Altamira, uma pequena cidade às margens do Xingu, em plena floresta, a 600 quilômetros de Serra Pelada, a 800 quilômetros de Belém por via aérea ou a três dias de barco por hidrovia.

E não deu outra, me encarregaram de arregimentar colonos na região do Alto Jacuí, o que fiz até com certa facilidade. Havia um sem-número de agricultores sem-terra, sobretudo jovens que foram em seguida inscritos e relacionados para o transporte de avião, de Porto Alegre a Belém, e de lá de barco até Altamira. Na primeira expedição, misturaram-se colonos de Ibirubá, Espumoso, Três Passos, Tenente Portela e, a seguir, decorrido um mês mais ou menos, outra turma foi mobilizada para uma aventura sem paralelo, povoar as margens da Transamazônica.

Como se não bastasse o trabalho de tocar adiante a eletrificação, ainda me eram acrescidas mais tarefas. Uma constância de labuta que me exigia esforço desmedido todo dia, toda hora. Contatar técnicos e autoridades de todos os escalões da República não eram missões fáceis.

Revestiam-se de muito matutar e coragem. Assim era a minha vida, diligentemente me desdobrava como um desvairado.

Mas, certo dia, o ministro Luiz Fernando Cirne Lima, da Agricultura, que andava às turras com o ministro Delfin Netto, da Fazenda, que confiscara a soja e praticara outras medidas contra os interesses da classe produtora, remete uma carta ao presidente, renuncia e o cargo fica vago. Garrastazu Médici, incontinente, nomeia o presidente do INCRA para o Ministério da Agricultura, o qual habilmente se cerca de assessores do Sul e até de Ibirubá e Cruz Alta, o agrônomo Rubens Noé Wilke e o dr. Raul Annes de Primio, como que assume a diretoria do INCRA.

Com as mudanças no governo, pensava eu, não deverá mudar o rumo da política desenvolvimentista em que estávamos empenhados. E nada mudou.

Em data que não posso precisar agora, recebo aviso para ir a Brasília e integrar um grupo que seguiria para Altamira. Foram convidados também o engenheiro Frederico Dürr, Celso Maia Tagliari e padre Chico, que não pôde ir. Do Sul seguiram o delegado do INCRA, dr. Paulo Brandão Rebelo, e mais alguns técnicos.

Nossa missão era observar tudo o que estava sendo promovido naquela região e emitir relatório crítico ao programa de assentamento, embora meus companheiros entendessem a viagem como um estímulo à gauchada que se transferira para tão remotas terras, o que não deixava de ser. De Belém seguimos de jato da própria entidade para Altamira. O dr. Paulo ficara em Belém, atingido pelos efeitos desastrosos do prato típico do Pará, "pato no tucupi", que é forte para quem não está habituado à diversidade alimentar desse Brasil de muitos costumes. Fora jantar com o superintendente da SUDAM, que era gaúcho, e o prato lhe congestionou as tripas. Chegou também a Altamira, depois de mais alguns dias, com o ministro Moura Cavalcanti. Nesse ínterim, ficamos conhecendo a área, a cidade, a estrada e a frente em que acamparam os colonos que vinham de toda parte do país. Do Nordeste em maior número.

Contatamos os gaúchos que se achavam um tanto assustados não com a floresta que viam por todos os lados, mas com o clima, a distância, o isolamento...

O INCRA, no entanto, vinha se empenhando para concluir as agrovilas e demarcar as terras para cada família ou agricultor no montante de 100 hectares cada uma. Poderiam ser desmatados 55% da área e 45% ficariam para a reserva florestal, em uma primeira instância convencionada com o então IBDF, atual Ibama.

Convidei meus companheiros de Ibirubá, Dürr e Celso Tagliari, para comprarmos juntos um boi gordo para um churrasco aos colonos do sul, gente toda conhecida nossa e para, na mesma ocasião, recepcionar o ministro e demais integrantes da comitiva.

Em um armazém de esquina em Altamira vira um monte de garrafões de vinho Sangue de Boi, da Aurora aqui do sul, que o bodegueiro disse já estar lá há uns três anos. Dificilmente vendia o vinho e me propôs vender cada garrafão por 4 cruzeiros. Ofereci-lhe 3, e acertamos por 3,50. Eram uns catorze garrafões. Paguei e com Dürr e Celso Maia fomos comprar a carne, que também paguei. Ficaram de pagar a parte que lhes cabia por ocasião do regresso, mas não me pagaram até hoje...

No local onde se encontravam os gaúchos fizemos o churrasco que esteve pra lá de bom, regado a vinho de Caxias, um Sangue de Boi que se conservava no canto escuro de um armazém de Altamira.

De Altamira, o ministro seguiu de helicóptero até o churrasco, pousou na larga estrada de terra, a Transamazônica, em frente ao local do acampamento em que nos encontrávamos. A festa teve trova, música e cantoria, além de vinho e churrasco.

Transfigurava-se o Rio Grande naquele piquete de gaúchos que encantara o ministro. A própria alma do sul expandia-se por aqueles fundões desconhecidos. Da aventura à bravura eram gaúchos pioneiros de uma ocupação territorial declarada necessária e urgente.

Ao ministro da Agricultura, antes de regressar para relatar-lhe, após a viagem, o que eu vira e tinha para sugerir a fim de aperfeiçoar o programa de assentamento de colonos.

Antes de mais nada disse a ele que, em princípio, o plano tinha pontos positivos, mas duvidava de sua eficiência e enumerei uma série de medidas que me pareciam indispensáveis, como uma seleção do pessoal para os assentamentos mais acurada. Eles precisavam ter mais

conhecimento e, antes de serem deslocados para as glebas previstas, deveriam ser submetidos a uma adequação prévia, sobretudo psicológica, sobre o que eles encontrariam longe de seus ambientes e costumes sulinos.

Pelo que sei, o ministro providenciou algo nesse sentido. O projeto em si soube que não deu certo. Previram mal os técnicos, não afeitos a programas dessa natureza. A prática, o conhecimento da vida nortista e sertaneja não foram levados em conta. Aprendi que não se transfere gente de baixa instrução de um local para outro totalmente diferente do de sua querência. Algumas famílias venceram e ficaram por lá. A maioria debandou. Meu compadre Boanérgio Paixão venceu. Ganhou no segundo ano 2.500 hectares do INCRA que, somados aos de seus filhos, recebidos por ocasião do assentamento, totalizou 3.500 hectares. Sei ainda que ele instalou um posto de gasolina, colocou uma linha de ônibus e me tem enviado recados de que é gaúcho-nortista que prometera vencer naquela parte do Brasil continental. Ele venceu e está lá apesar do abandono em que se encontra a Transamazônica, o que impede desenvolvimento maior.

Deixemos a colonização do INCRA, uma história que poderia encher muitas páginas. O ronda da Coprel João Ramos tem muito para contar. Ele fora com a leva de gaúchos, mas abandonou Altamira.

Em data imprecisa, o ministro José Francisco de Moura Cavalcanti me chamou novamente em Brasília para me revelar que tinha o propósito de ser governador de seu estado. Contou com detalhes como se processaria a escolha do futuro governador, a exemplo dos demais estados: três nomes seriam indicados ao presidente da República e este então escolheria um deles, após consultar o Conselho Nacional de Segurança

Pediu-me reserva sobre o assunto e, mais importante, que o ajudasse a ser escolhido. Queria conversar com um casal de minha região, o dr. Dante Westphalen, casado com uma filha do marechal Osvaldo Cordeiro de Farias, comandante do IV Exército, sediado em Recife. De antemão sabia que aquela alta autoridade militar em um regime de meia ou quase ditadura teria muita influência na hora da indicação do futuro governador de Pernambuco.

Por estranho que pareça, em um primeiro momento surpreendi-me com tanta confiança a assunto de tamanha significação política.

Remexi meu pobre núcleo cerebral e lhe sugeri uma idéia que, por certo, atenderia ao que ele desejava: ter um motivo forte para ir a Cruz Alta e encontrar-se com a família em questão.

Faríamos uma inauguração de redes elétricas em Panambi, uma no interior e outra na cidade, do ramal tronco que conduziria energia a todas as casas já eletrificadas. Daria uma força danada para levar luz a mais de duas mil famílias e marcaríamos a visita. De Panambi iria a Ibirubá e na Prefeitura assinaria contratos de empréstimos a outras co-irmãs, justificando a visita do ministro e com repercussão na imprensa, pois o fato deveria repercutir também em Brasília. Claro que isso tudo teria estímulo de empréstimos, e haveria contrapartida, eu, que não estava batendo prego sem estopa, comprometi-me a coordenar o jantar dele com o casal Westphalen.

As inaugurações aconteceram com grande brilhantismo.

Moura Cavalcanti, no dia aprazado, desembarca no aeroporto de Ijuí e de lá segue de automóvel para o interior de Panambi, onde registrou-se a primeira inauguração, na Linha Assis Brasil. Durante aquele ato desaba um toró d'água que dificulta a saída dos carros e alguns atolam. Na cidade aglomerava-se uma grande multidão para recepcionar o ministro, uma recepção extraordinária. Inaugurou-se na subestação o ramal de base para as redes de eletrificação. No salão do Colégio Evangélico, foi-lhe prestada uma homenagem seguida de churrasco. Falou o prefeito Orlando Schneider, entre outros, cabendo ao ministro agradecer a recepção e todos aqueles atos de reconhecimento. Falou bastante da Coprel, de mim, me elogiou demais, mas me advertiu: "Esse comandante da eletrificação deve ser mais ousado, deve ter mais ousadia para apresentar projetos maiores que daremos um jeito de financiar", e por aí me desafiou novamente.

Não me fiz de rogado, elaborei projetos que já na primeira etapa atingiram cerca de quase trinta municípios. A Coprel ampliara sua jurisdição e não poderia perder tempo. "É agora ou nunca", pensava.

De Panambi, o ministro, como estava programado, seguiu para Ibirubá, assinou contrato de novos financiamentos na Prefeitura e de lá foi para Cruz Alta onde se hospedou. E à noite, então, foi recepcionado pelo casal Dante Westphalen com um jantar, em que o tom das conversas foi a solicitação do apoio dele para sua escolha para governador. Uma intercessão junto ao marechal Cordeiro de Farias entre as lideranças políticas, numa primeira instância, e a derradeira com o presidente Ernesto Geisel. José Francisco de Moura Cavalcanti acabou sendo o nome indicado e referendado, posteriormente, pela Assembléia Legislativa de seu estado, Pernambuco.

Agradeceu-me o esforço que eu fizera para facilitar aquele encontro sigiloso e convidou-me para visitar seu estado, o que fiz tendo sido recebido em sua casa e no palácio, onde já estivera, e participado de almoço com o ex-governador Paulo Pessoa Guerra, que assumira o governo do estado com o exílio do governador titular da época, Miguel Arraes. Guerra era vice-governador de Arraes e admirador do Rio Grande do Sul, que não faltava às exposições agropecuárias de Menino Deus.

Na história da eletrificação o nome de José Moura Cavalcanti ficou gravado. Ele mereceu e me orgulho de fazer este registro, embora misturado às coisas da política. Mas a política é isso mesmo. Neste caso foi uma boa política, uma política boa para a Coprel, os cooperantes e as lideranças municipais, e os prefeitos, que prestigiavam constantemente a entidade.

Norte-americanos não imaginavam encontrar cooperativa do porte da Coprel

Em meados de 1981 visitaram a Coprel o dr. John Taylor, administrador, e o engenheiro dr. John Leavit, especialistas norte-americanos a serviço da Confederação de Cooperativas de Eletrificação Rural dos Estados Unidos (NRCA). E ficaram surpresos com o que viram, a exis-

tência de uma sociedade cooperativa se multiplicando em atividades, construindo micro-hidrelétricas, gerando energia em um crescimento ascendente, aprimorando técnicas e serviços.

Desse oportuno encontro, a NRCA abriu as portas para o intercâmbio técnico-científico com a Coprel. John Taylor era fundador de numerosas cooperativas, tendo contribuído para a organização da cooperativa de Santo Domingos, de Los Colorados, da cidade de igual nome, na província de Pechincha, Equador, que conheci em 1980, em missão oficial da Fecoergs. Tem 50 mil cooperantes, a maioria residentes na cidade.

Sempre há uma legião para pedir, para reclamar e até mesmo para protestar, e poucos são os que têm para dar

Em 16 de julho de 1981, inauguraram-se três projetos de eletrificação: Serra dos Engenhos, Depósito e Campo Comprido, no município de Espumoso. A festividade realizou-se em Campo Comprido, documenta a imprensa, com a ligação da luz, churrasco e manifestações públicas.

O prefeito Odil Hass pronunciou-se e eu agradeci o apoio sempre espontâneo e decisivo das lideranças e dos cooperantes.

Mas o discurso que sacudiu aquele ato progressista, no entanto, foi o do renomado advogado e ex-prefeito Getúlio Soares Chaves, cooperante da Coprel: "Quando vinha da cidade de Espumoso para essa localidade pensando, eu imaginava: 'é quase inacreditável que um município com 1.500 quilômetros quadrados esteja, a esta altura, quase integralmente cortado por linhas elétricas'.

"Então pensei, 'quem foi, a quem se devem essas realizações?' E diante desse raciocínio, eu me permito felicitar o prefeito e as lideranças, o povo, pois do esforço e da dedicação vejo o município todo iluminado, o nosso Espumoso está de parabéns porque se revigora com a eletricidade no meio rural."

Referindo-se ao relevante trabalho da Coprel, e de seu presidente, o dr. Getúlio Soares Chaves, com palavras repassadas de entusiasmo, proclamou: "Nós sabemos que, em se tratando de reivindicações coletivas, sempre há uma legião muito grande para pedir, para reclamar e até mesmo às vezes para protestar, e poucos são os que têm para dar. Talvez Espumoso tivesse pedido muito, tivesse reclamado bastante, para que esta eletrificação rural se transformasse na realidade que hoje comemoramos. E muitos pediram, e pediam e só um podia dar, único de forma simbólica. E essa figura se encontra entre nós, para honra e satisfação nossa.

"Refiro-me, senhores e senhoras, a essa figura extraordinária de autêntico e verdadeiro líder empresarial, este homem singular que já traz na sua bagagem de serviço a condição de político e ex-prefeito de Ibirubá.

"Este homem que ultrapassou os limites de nossa região, para se confirmar como grande administrador que é esta figura incomparável de Olavo Stefanello.

"Por isso, meu velho e querido amigo Olavo Stefanello, poderá ser esta uma homenagem simples, mas sendo simples ela se completa porque brota das profundezas da alma.

"Tenha certeza, meu caro Olavo, de que os habitantes de Depósito, enre os quais eu me enfilero, de Campo Comprido e da Serra dos Engenhos, e neste momento, ainda que não falem, mas em cada olhar, em cada aperto de mão significa uma imensa gratidão pelo teu serviço, pela tua dedicação e da tua gente valorosa da Coprel, pelo nosso município."

Ao finalizar Getúlio Soares Chaves fez um apelo veemente: "Eu quero ainda te dizer Olavo, neste instante, que lá conversando nesta mesa, tu dizias para nós, que já quase te sentias nesta fase da vida, e de um trabalho, que está culminando com os benefícios da eletricidade a toda uma vastíssima região, com o dever cumprido, e que estarias com vontade de ir pedindo permissão para ir saindo.

"Amigo Olavo, nós te contraditamos dizendo que esta região e o povo esperam muito de ti, que tens muito para dar. Teu talento e tua capacidade permitem que tenhamos em ti nossas esperanças. Porque homens de tua visão, fibra e coragem são raros.

"Que Deus te conserve nessa disposição incomum, que te conserve nesse desejo firme de servir a tua comunidade, a nossa comunidade, e também, e principalmente, ao nosso Rio Grande do Sul. Espumoso reconhecido te abraça. Eu te abraço com votos de imorredoura amizade."

Este pronunciamento foi registrado pelos meios de comunicação do Alto Jacuí.

Tupanciretã em quatro tempos

A gloriosa terra da mãe de Deus, Tupanciretã, entrara firme na execução de projetos para eletrificar o interior, querências, estâncias, fazendas, granjas, colônias, a Coprel havia incluído todo o território, a luz, por etapas, chegaria a cada ponto habitado ou de trabalho, proporcionando irrigação, armazenamento, agroindústrias.

Havia entusiasmo, havia cooperação no seio do povo de Tupanciretã. Flávio Viana Bopp, ex-juiz pretor de Ibirubá, é cooperante proprietário rural, convivera comigo, coordenou o inicio da eletrificação em São Xavier, que prosseguiu para outras áreas do município.

Flávio transmitia credibilidade ao trabalho da Coprel. Agropecuarista, descendia de família tradicional, de cujas raízes a corrente Bopp tem um grande homem público, o embaixador Raul Bopp, que ocupou muitas embaixadas brasileiras. Abro um parêntese para dizer que Raul Bopp, como escritor, escreveu *Cobra Norato*, livro que li e admirei. Comandou também uma expedição pelo rio Amazonas, tendo partido do Equador, passando pelo Peru até chegar ao Brasil. Uma viagem de coragem, aventuras e peripécias pelo Amazonas, rio de 6 mil quilômetros pela selva até jogar suas águas no mar, formar a pororoca e borrar uma mancha escura de mar adentro que é vista perto da Inglaterra.

Tupanciretã de história. Trago à memória João Mariano Gomes vereador, por mais de vinte anos, que me procurou na Coprel porque queria estender a luz à gente do campo, a menos protegida pela sorte. Entrosara comigo reuniões pelo interior. João Mariano Gomes era um

cidadão de posições firmes, dava à política sentido social sério, contava com apoio popular, pertencia ao PDT.

Certa feita compareci à reunião de lideranças na qual acertamos mobilizar o povo de Jari, hoje município de Linha Santana. Um de seus colegas de legislativo, na hora de ir às reuniões, colocou seu carro à disposição e me fez entrar e partir para Jari. João Mariano queria reunir, nesse dia, a comunidade que representava. Dumoncel, seu colega, atinou rapidamente, e me convidou para seguir em seu carro; imprevidente, na hora nem ficara sabendo para qual dos lugares iríamos, para a região eleitoral dele, e deu-se o equívoco. Na verdade, esperei longo tempo em Jari, e nada de vir o restante do pessoal. O vereador Gomes tinha um Corcel amarelo, se não me falha a memória, e nada de aparecer.

Um equívoco de que fui vítima. Amizade e consideração que pregava de João Gomes me fez lamentar a ocorrência. Não poderia estar em reuniões simultâneas, faltara-me previdência para evitar esse contratempo.

Ô gente, que barbaridade! Feitos os contatos em Jari, a volta foi sob poeira intensa. Na cidade, no centro, em frente a um bar, parei, e todos pararam para esperar os que se dirigiram a Santana com João Gomes, desolados pela minha ausência.

Um bom número de pessoas concentrara-se nesse local. Preocupava-me em desfazer o desacerto entre os dois brizolistas. Esclarecer o que acontecera: para mim o vereador Gomes, de certo modo, estava com a razão. Nem errado estava seu colega Eduardo Dumoncel, que se tranformou em prestimoso cooperante da Coprel.

Tarde, o sol mergulhava em sangue entre as nuvens no horizonte, quando chegou o Gomes, fulo da cara, vermelho de pó. Saiu do Corcelzinho e dirigiu-se alvoroçado para onde estávamos. Dirigiu-se direto para seu colega de bancada e de partido: "O que tu me fizeste, não se faz pra ninguém, me lograste, eu havia acertado reunião primeiro em Santana, e para outro dia em Jari. Tu é vereador de rico, eu sou vereador de pobre. Te passo fogo", e fez menção de sacar o revólver, que carregava, estava armado.

A ação rápida dos apartadores, entre os quais eu, apelando para o bom senso de ambos. Assisti muita encrenca, mas aquela briga, em nome da eletrificação, nunca assistira nem imaginara que pudesse ocorrer.

Discussão forte e agressiva, só não teve desenlace de conseqüências funestas porque o deixa disso foi imediato, contribuindo para serenar os ânimos o gerente do Banrisul, Simonetti, que saltou com um pacotinho de biscoito e passou a distribuí-los aos presentes apelando por concórdia. A atitude de Simonetti me parecera hilariante, mas contribuiu para desarmar os mais exaltados.

Serenado o ambiente, convidei todos os contentores, em particular, vamos conversar ali no café-bar, vamos nos entender.

Compreendi tudo. Eduardo Dumoncel, assim como João Gomes, cada um queria puxar as brasas para seu assado, coisa natural para político que tinha compromisso com seus eleitores, natural e elogiável.

Prometi a eles que a Coprel faria das tripas coração, eletrificaria todos os rincões de Tupanciretã, e eletrificou mesmo.

À margem, acrescento que o vereador João Mariano Gomes me procurava não só para gestionar a luz, mas também porque gostava de tratar outros assuntos sobre temas de Tupanciretã. Vinha seguidamente a Ibirubá. Instrui-o como proceder. Sei de muitos incentivos que lhe oferecera. Era homem que se devotava à causa pública, e os pobres depositavam confiança em seu trabalho!

Miguel Chiapetta Cardozo, ainda como vice-prefeito do Capitão Eduardo Bonumá, depois prefeito Miguel, combativo vereador, todos participaram, ao lado das lideranças de inúmeros setores da sociedade, da exitosa extensão da energia elétrica.

Era bonito de se ver

O tamanho da empreitada para romper a escuridão em mais de 50 mil propriedades, a fórmula do sucesso eu teria de descobrir. E graças a Deus descobri: as comunidades, os agricultores, as lideranças, os companheiros de trabalho, nós descobrimos. E daí para a frente pegou

fogo no eito, as dificuldades se apequenaram, o entusiasmo tomou conta, todos vibravam com os soldados da Coprel, era um grito de guerra que ecoava pela colônia, pela campanha, o idealismo superava tudo.

A descrença no sistema cooperativo não haveria de nos amedrontar. O nosso seria pioneiro. Fora desafiado a ser pioneiro, modelo eficiente. E foi. Havia proposta de cooperativa que se alicerçava fortemente no espírito comunitário, na ação já vitoriosa de suas lideranças que, em uns e em outros encargos, já haviam provado competência e credibilidade.

As comunidades, por isso, passaram a acreditar nas cooperativas, em seus dirigentes, no que ela promovia. Em um relance temos de dizer que a mobilização das comunidades nos fez não nos importarmos com feriados, domingos e descansos. Não se perdia um momento, a meta era eletrificar para desenvolver. Era mostrar que daria certo, que deu certo. E a batalha se estabelecera com força total, na maioria dos municípios.

O regimento copreliano, os trabalhadores da construção de redes se multiplicavam, se aperfeiçoavam para as mais diferentes tarefas. Engalfinhavam-se valentemente nessas frentes de trabalho. Era a batalha da eletrificação. Era bonito de se ver. Era fato novo, inédito, muito grande.

Todos davam apoio porque queriam vencer, porque a vitória seria de todos, a vitória traduzia o bem-estar social, o desenvolvimento. O milagre da união, o milagre da participação comunitária resultava na chegada de energia à casa das famílias rurais, a seus locais de trabalho, à irrigação, às máquinas, aos motores, aos tambos de leite.

Eram momentos de muita alegria, de muita emoção, a conquista da luz, a conquista da energia elétrica, a ferramenta que lhes faltava para começar uma vida nova. E a Coprel, com tais resultados, com milhares de ligações elétricas, levava o nome do sistema cooperativo a todas as instâncias públicas. Enaltecia, engrandecia-o como sistema econômico e social ideal e mais dinâmico, solidário e justo para organizar e desenvolver comunidades.

Em 1922, Willy Reichenbach, Theodoro Fredrich e João Thiesen uniram-se para tentar uma experiência que deu certo por algum tempo, ligando um gerador elétrico na roda d'água do engenho de João Thiesen. A energia gerada passou a servir, naquela época, às famílias do po-

voado. Chamava-se Empresa Elétrica General Osório, que, em 1949, em face do crescimento de Ibirubá, foi fortalecida pela fundação da empresa Força e Luz Pinheirinho Ltda., que construiu a usina na cascata do rio Pinheirinho, garantindo energia para a cidade.

Conto isso e acrescento que por volta de 1960 Ibirubá teve os serviços de energia elétrica transferidos à CEEE, ficando a antiga usina do Pinheirinho abandonada. Seus equipamentos de maior valia foram vendidos pelos sócios remanescentes da empresa Força e Luz Pinheirinho.

Recordo-me bem de que foi na administração do prefeito Edmundo Roewer que se efetivou a encampação dos serviços de eletricidade de Ibirubá pela CEEE, período em que se tornou necessário ter mais energia para o desenvolvimento. Roewer, naquela época, constituiu uma Comissão Municipal da Eletrificação Rural. Deu-se então empenho com convênio com a Prefeitura, a CEEE e a comunidade para estender a energia para Pulador, Egônio Wayhs e Quinze de Novembro. Na segunda etapa para Alfredo Brenner e Santo Antônio do Bom Retiro. Presidi essa comissão quando nem bem havia chegado a me organizar em Ibirubá, quando instalei a Rádio Ibirubá.

Tive a missão e o mérito de fomentar a idéia de unir pessoas interessadas em colocar luz em suas casas, na verdade reativando a antiga Usina Força e Luz Pinheirinho. "Nascia o anseio pela luz, nascia a Coprel." De início apenas um pirilampo, um foco de luz. Era o começo de uma extraordinária caminhada, que se fortalecia dia após dia, com o apoio das lideranças do Alto Jacuí e Planalto Médio. Pensando bem, reflito que foi a vitória do valor comunitário.

"Toma aí essa cabeça de porco assada. É presente de aniversário que te oferecemos."

"O igalê presente macanudo, tchê!" Vocês são geniais, respondi no mesmo tom a Sedeniz Ferreira, porta-voz do grupo de gaúchos

que me surpreendia no dia de contar tempo, 2 de agosto de 1981, me aparece no Rancho Redondo, à beira do capão nativo da Coprel.

Sedeniz Ferreira era assim, buenacho de jeitão alegre, coração aberto, amigaço de todos. Era dado a brique e a corretor de imóveis, mas seu forte mesmo era bater com os costados em selar amizades ao som de gaita e violão, temperando-as com abraços e tragos pelas pulperias.

Quando instalava a emissora, Sedeniz sobressaia-se como tradicionalista de vanguarda, declamava poesias com emoção e arte, o público gostava e o aplaudia. "Chimarrão da Amizade", "Buenas Vivente", "Repontando a Tradição", programas de história da Rádio Ibirubá, sempre com suas destacadas apresentações. Ao longo do tempo, outros intérpretes musicais marcaram época pelas ondas sonoras da Ibirubá: Nininha, o compadre João Ribas, Kerkhoff, os irmãos Lagemann, Antoninho Américo com seu xote chorado, os irmãos Grave, Sand, conjuntos que se formaram a partir da Rádio Ibirubá. Dos trovadores, Heraclides de Lima Gomes, o grande, se não o maior trovador do Rio Grande, de forte argumentação cultural.

Um passado musical inesquecível. Sedeniz e sua filha Carla por ocasião da visita do dr. Eudes, presidente do INDA, foram vestidos de nordestino (eu trouxera de Recife um autêntico traje de couro) para homenagear o ilustre visitante natural de Pernambuco. Cavalgaram ponteando o desfile de uma tropilha de mais de cem cavaleiros, estes sim pilchados de gaúchos e prendas. Encantaram o público e, sobremodo, os visitantes.

Figuras como Sedeniz merecem ser lembradas porque, sem serem políticos, muito fizeram por sua terra e por sua gente. Fizeram mais, comprovo isso, porque testemunhei. E fizeram com desprendimento.

Que pessoal bom esse da Coprel

Do BID, um de seus diretores, que posteriormente foi eleito presidente – dr. Natalino Salvatore Liberatore – de Washington, esteve

duas vezes na Coprel, acompanhava seu desempenho, observava atentamente seus passos, suas realizações. Emprestava-lhe apoio, entusiasmava-se com sua mobilidade, com suas obras. Em seus relatórios dizia que a cooperativa estava no caminho certo, elaborando projetos bem fundamentados, com dados socioeconômicos e técnicos indiscutíveis, corretos. E executava-os com rapidez e pontualidade, antecipava-se até aos financiamentos que lhe eram concedidos. Ele dizia: "Que pessoal bom esse da Coprel. É assim que se faz eletrificação, é assim que se faz progresso".

Seus relatórios nos habilitavam a receber mais empréstimos. Financiamentos que ao longo dos anos, somados aos demais, concedidos pela rede bancária, com destaque para os do Banco do Brasil, tornaram a cooperativa a maior investidora no meio rural. Empréstimos de muitos milhões amortizados pontualmente nas datas de vencimento. Há muito tempo. Uma única árvore não faz uma floresta. Cooperativamente somos uma floresta, somos uma imensa multidão, que se orgulha de ser Coprel.

A gritaria foi grande, a fumaceira, maior!

De repente uma confusão dos diabos, quando estoura a gritaria do pessoal, o churrasco caiu no fogo! Parei de falar, explicava o andamento da eletrificação. Parei de vez. Era gaúcho se queimando. Churrasqueiros espantavam o calor, o Eliseu num zást-tráz alcançava espetos chamuscados, a carne era imediatamente limpa ou lavada ao redor daquela churrasqueira típica das festanças de Espumoso. A indiada apilchada quase toda, de rostos avermelhados pelo fogo, entreverava-se para ajeitar novamente o churrasco.

Caíra o churrasco no brasedo. A vara verde que sustentava os espetos dobrara-se com o calor e caíra nas brasas do buraco, da vala. Que reboliço foi a reunião de agricultores e criadores na estância de Eliseu Camargo. Acontecia ali para inscrever as famílias rurais remanescentes de projeto anterior e para comemorar a inauguração das ligações de centenas de propriedades.

Tudo acontecendo em clima de festa. Eliseu Camargo, gaúcho de quatro costados, bueno e lampeiro, doara uma vaca gorda e dois carneiros para o almoço, no interior próximo de Campos Borges, e queimara-se para salvar o churrasco, e, embora auxiliado pelo pessoal, além dos churrasqueiros, portava-se que nem um touro xucro. Gritava, gesticulava, comandava o churrasqueado que, por fim, dera para todos saciarem a fome. Perdera uma parte do churrasco, e mandou matar mais carneiros para compensar.

Limpavam as carnes de fiapos de grama e esterco, oigalê trabalho de campanha, trocavam-se os espetos.

Passara o susto, susto porque ninguém queria ficar sem saborear um churrasco daqueles, um luxo de carne, que voltou às brasas em vara nova, mais segura, para terminar de assar.

"Seu Olavo que trapalhada, minha gente!", exclamava Eliseu Camargo. "Entretidos em ouvir os discursos, não viram a fumaça da vara do churrasco", me falava todo descabelado, chamuscado pela fumaça e calor.

"Que nada, seu Eliseu, gaúcho guapo como você não tem brasa nem fogo que atrapalhem. O susto já passou, vamos tomar chopp com os prefeitos aí, o senhor é índio de valor. E viva o Eliseu Camargo! E viva o pessoal associado, homens e mulheres", e todos os presentes, deram um viva a Campos Borges, a Espumoso e à Coprel!

Recomeçaram os discursos bem ao estilo campeiro, uns da grossura de sapopema, outros até flamantes. Falavam o Arthur Ritter de Medeiros, natural de Ibirubá e duas vezes prefeito de Espumoso, o ex-prefeito Getúlio Soares Chaves, o ex-prefeito Edgar Becker, sem citar todos, mas lembrando o primeiro prefeito João Guilherme Rotta que lutava intrepidamente pela energia rural e ligara-se muito à Coprel.

Declamações e trovas ao som alegre de gaitas e violão. Era uma alegria só nunca vista. Depois daquela correria toda para tirar o churrasco do fogo, tudo por fim ocorreu esplendidamente, carne boa e chopp para todos.

Eliseu me chamou e me deu um trago de cana dizendo: "Nós vamos esperar pra depois, mas os borregos estou assando na calma, e é na calma que a carne deles vai ficar gostosa".

Rindo na prosa, disse-lhe que tudo aquilo que aconteceu era cena para ilustrar filme semelhante à revolução farrapa. Na verdade, fazíamos isso para iluminar os campos pampa afora e estender a luz à estância da querência de Eliseu Camargo. Esteio de coronilha que não se verga nunca.

Era sábado e nada mais importava naquele dia, a não ser passá-lo ali, em companhia da família do cooperante de valor, saboreando um churrasco de borrego, tendo por acompanhamento canto, chopp, conversação, música, trova e amizade, muita amizade.

"Chegou a luz!", por Ruben Kessler da Silva

"Hoje foi o grande dia muito almejado e há muito esperado. Às 7h30 chegou o Marno para, em nome da Cooperativa Regional de Eletrificação Rural Alto Jacuí Ltda., a Coprel, ligar a rede de luz e força ao último mutuário extremo da rede do plano de eletrificação, executado em quase toda a área rural de Tupanciretã.

"Confesso: senti um arrepio ao ligar a primeira lâmpada em um poste situado no pátio interno. Meu primeiro gesto foi abraçar Marno e enviar, por seu intermédio, um grande abraço ao Olavo Stefanello que guinda a Coprel à liderança de nossas cooperativas de eletrificação rural. No momento veio aquela gratidão a Ibirubá e a lembrança de nomes que se projetam de lá, com escala pela Prefeitura municipal, como Frederico Gunnar Dür e Edgar Irio Simm, gesto esse que nos invade rápida, célere, eletricamente.

"Gostaria de ver, agora, a Odila neste São João Mirin, com a casa toda iluminada! Como estaria satisfeita! Mas o próximo *debut* da neta a segura em Ijuí.

"Foi um passo gigantesco, mas com meu temperamento, não explodi de contentamento e satisfação. Senti aquele arrepio e, mental-

mente, dei um "Salve o dia 27 de agosto de 1976"; que, se os dias de inverno da vida continuarem de mais acentuada solidão, ao menos poderei ter nas noites, ainda felizmente quietas, muita claridade ao simples toque no comutador.

"E que dizer dos velhos lampiões Aladdim? Coitados. Estavam esfalfados e já não se encontrava em parte alguma qualquer peça que estragava. Toca a reformar, limpar os geradores entupidos no detergente, sem nenhum resultado. E o cata-vento tão amigo, tão elegante, altaneiro, sempre alegre lá no alto anunciando que aqui havia vida. De todos os pequenos incômodos cotidianos é o que vai deixar mais saudades. O liquinho, com sua luz vacilante, sempre foi um proscrito.

"Lá estão enfileiradas em cima da mesa as lâmpadas de luz a bateria, coitadas, anos a fio sem uma queima, sem tomar conhecimento dos vendavais. Será lembrada sua luz tão branquinha apesar dos modestos 15 e 25 wolts.

"E o rabicho de bateria da televisão já exausto: só ligava escorado com um peso. E quando faltava carga na bateria era a chuliada para assistir as novelas, desligando os barulhentos comerciais. A pequenina Philco vai ceder lugar a televisão em cores.

"Quantos velhos hábitos vão mudar! Quanto vai ficar simplificado o problema da iluminação e da força! O velho motor a óleo, emperrado nos dia de geada, vai ceder lugar a motores elétricos, tão eficientes, mas sem a personalidade do velho motor a diesel.

"Momento tão esperado, tão ansiosamente esperado e, agora que chega, povoa a mente da gente de todos os fantasminhas que nos acompanharam por tanto tempo. Sim. É o progresso representado em mais um setor, companheiro do trator que revolve o verde de campinas seculares.

"Vale a pena o progresso? Vale, sim. Mas a poesia da vida do campo, a tão repetida paz bucólica dos campos, está desaparecendo depressa. Qual é a meta de nossa vida?

"Progresso material ou satisfação pessoal? Vou esperar essa resposta dos filhos e dos netos quando voltarem a nos visitar. Vamos sentir os próximos serões, onde, felizmente, nunca se fala em células de caderne-

tas de poupança, país (sic) que vai lá para frente, danos da propaganda querendo nos bitolar a todos.

"Perdoa, Stefanello. Lá vai nosso abraço. Fizeste muito tu e o teu pessoal, aquela rapaziada que se portou tão bem e deixa tantas saudades.

"A vida aqui vai melhorar muito. A idade, essa danada, não tem jeito, não."

São João Mirim, 27 de agosto de 1976
Ruben Kessler da Silva

Ruben Kessler da Silva foi prefeito de Ijuí, cooperante em São João Mirim, pai de Ruben Ilgenfritz da Silva, ex-presidente da Cotrijuí, e Clóvis Ilgenfritz da Silva, deputado federal.

Esporão no bandoneon, a mulher no violão, música e alegria na eletrificação

Alberto Borhz, o popular Esporão, marcou época não só como produtor rural. Tinha lavoura em Pinheirinho, foi vereador municipal pelo PSD. Muito diligente e prestimoso a toda hora. Ele e sua esposa Hilde, uma dupla dona da alegria. Por qualquer razão, os instrumentos musicais lhes caíam às mãos, corria o chopp e a festa começava. Isso eu comprovo desde que vim morar em Ibirubá. Por ocasião da Rádio, prefeito, e, principalmente, na dura fase de mobilização das comunidades para estender a energia elétrica.

"Esporão tem reunião hoje, preciso de ti com bandoneon e tudo." "Vou, como não", respondia-me o Esporão. "No que posso te servir, conte comigo."

'Esporão, escute aqui: tua presença vai descontrair o pessoal, tu muito bem sabe, que com música o chopp desce pulando igual a água em cachoeira, os colonos vão se inscrever no projeto da luz, sem muito

rodeio." Dito e feito, Alberto e Hilde Borhz barulhavam nossas reuniões, expandiam alegria e convidavam o povo: "Vamos todos progredir que o progresso mora aqui". Deixaram saudades.

De arigós a coprelianos formamos um exército vencedor

Arigó era o nome que no início se dava ao trabalhador de rede da Coprel. Era nome que vinha da CEEE. Copreliano afirmou-se com o tempo como uma denominação mais elevada. Vamos aos arigós que chegavam em 1977 a 1980. Eram cerca de 1.700 trabalhadores, um regimento de homens intensamente empenhados em construír e manter redes elétricas em 25 municípios simultaneamente. Era a batalha de eletrificação rural sem paralelo no país. Inédito na história. Chegaram a construir cerca de 2.200 quilômetros em apenas um ano.

Os coprelianos recebiam treinamento na própria Coprel, em sua central administrativa, onde já havia espaço e instrumentos adequados, recebiam instruções técnicas e maneiras de tratar e se comportar junto às famílias associadas. O comportamento deles no meio rural teria de ser exemplar. E foi. Os coprelianos sabiam lidar com os colonos, comportavam-se à altura de uma empresa que representava e agregava a própria família rural, razão toda de nosso trabalho. Questões de passagem de redes pelas propriedades eram habilmente resolvidas e demarcadas pelos próprios coprelianos, pelos capatazes. Raramente a direção precisava acionar um de seus funcionários mais qualificados para contornar um conflito de passagem da rede, porque os vizinhos não se davam. Lembro-me de que resolvi pessoalmente casos dessa natureza em Tupanciretã, Iburubá, Panambi e Passo Fundo, que foram poucos, em face da extensão territorial e do volume de trabalho da Coprel.

O consenso nascia entre os próprios cooperantes, na eventualidade de uma desavença. Ninguém queria ficar sem luz. Os coprelianos, em suas turmas, seguiam as instruções que lhes transmitiam na sede quan-

do retornavam das frentes de trabalho ou em seus acampamentos situados em galpões, garagens ou salões de sociedades, nos quais eu comparecia para conversar com o pessoal e inteirar-me de eventuais problemas. Não raro almoçava com eles. Cada turma dispunha de um cozinheiro e muitos deles preparavam refeições de causar inveja a mestres de restaurantes; não se tratava de manjares finos, mas de comida completa e boa. Disputavam entre si os cozinheiros que se qualificavam. Nessas ocasiões incutia-lhes entusiasmo no trabalho, na relevância da eletrificação que saía de suas mãos.

Pelos bons resultados dos coprelianos na execução dos projetos, no cumprimento das metas previstas, me convencia do velho ditado: "Se houver um general forte, não haverá soldados fracos".

Os coprelianos sempre foram assim, soldados-heróis de uma guerra que vencemos, a guerra da eletrificação rural que abrangeu uma grande parte da geografia do estado. Por campos, vales, coxilhas e montanhas de 71 municípios. Por excelência, méritos, muitos méritos aos valentes coprelianos de ontem, hoje e sempre, que não deixaram jamais cair a bandeira da Coprel.

Vá em frente Ibirubá, guarda bem a natureza onde canta o sabiá

Eberhard Sydow, pastor da IECLB, e Ingeborg Sydow, sua esposa, fizeram a letra e, assim explica, o Hino à Ibirubá: o pedaço do Rio Grande lembra o antigo monumento na praça General Osório, com o mapa representando o município de Ibirubá.

Pitangueira – árvore símbolo do município.

Trabalhando na lavoura – é a base da economia.

Distribuindo força e luz – faz alusão à eletrificação rural.

Engenhando na indústria – lembra as indústrias em crescimento.

Guarda a natureza – recorda os matinhos das comunidades, a necessidade de reflorestar e cuidar de fontes e rios.

Com teu povo unido e forte – é uma alusão ao título de município-modelo e do cooperativismo.

Sempre a brotar – lembra a pitangueira sempre brotando, a vida de fé de seu povo.

A letra do hino à Ibirubá:

Um pedaço do Rio Grande
Em meu coração está,
Onde brota a pitangueira,
Minha terra Ibirubá.
Trabalhando nas lavouras,
Distribuindo força e luz,
Engenhando na indústria,
Minha Ibirubá produz.
Ibirubá, Ibirubá, Ibirubá,
Sempre a brotar.
Guarda bem a natureza,
O teu pão ela te dá.
Com teu povo unido e forte,
Vá em frente Ibirubá.
Deus proteja esse meu pago,
Onde canta o sabiá,
Paz e amor a ti desejo,
Brota sempre Ibirubá.

O hino tem uma letra expressiva, linda melodia, não sei se não a mudaram. Se me fosse permitido acrescentar, acrescentaria mais esses versos:

Temos já de melhorar:
Esta norma ninguém muda,
Povo forte é que se ajuda!
E unidos vamos triunfar.

Por guerreiros sempre estive cercado

Um cantinho para os guerreiros. No quartel, o cozinheiro do restaurante dos oficiais chamava-se Guerreiro, meu colega de farda.

Ao envolver-me com a fundação da Rádio-emissora, destaque para os irmãos Guerreiros, acordeonistas e cantores de muito brilho. Ari e Armândio, valores do tradicionalismo gaúcho, escreveram uma bela página de saudosas lembranças do Ibirubá que fica, mas que não se apaga.

Outro Guerreiro acompanha o destino da gente, o Ancelmo Guerreiro, guapo no rude linguajar gaudério, não testaveia nem se enrodilha nas campereadas do Chimarrão da Amizade, como muito bem declama o Arão Escobar atirando o laço de 14 braças com pulso firme, no grito da tradição.

Pensando bem, guerreiros são os destemidos coprelianos de todos os tempos.

Guerreiras que não se acanham nem refugam paradas, são todas as gurias coprelianas. Gurias guerreiras encilham as montarias, tomam a dianteira no galope do dia-a-dia tinindo as chilenas no lajedo da história da Coprel.

Obrigado, Pedro Portela!

Devia encontrar-me com o presidente da CEEE em Porto Alegre. Mas a audiência prevista fora desmarcada, quando já me achava na capital. O general Bastide Schneider, presidente, me esperaria em Salto do Jacuí, de onde a empresa estatal tocava as obras da barragem do Passo Real.

Eu me debatia com as ligações elétricas de redes construídas pela Coprel, a gerência da companhia resistia às liberações de energização. Um drama de angústia para mim e para milhares de famílias à espera da luz.

Como se diz na campanha, dei de rédea da capital e rumei para o Salto. Não era motorista de grandes habilidades, mas me defendia, ousa-

va na coragem e confiança nos braços, até que na entrada de Soledade minha autoconfiança me traiu. Havia ali um trecho da rodovia barrenta e lisa pela chuva que caía. Derrapei a caminhonete, dei meia volta e a emborquei de frente no valo lateral da estrada. Bati com o peito no volante e perdi os sentidos com o impacto do choque. Por graça do patrão maior atrás de mim chegava Pedro Portela, prefeito de Fontoura Xavier. Ele e seu motorista tiraram-me da cabine e lentamente despertei do repentino desmaio. Levaram-me ao hospital da cidade. Submetido a exame e medicado nas escoriações, nada graves, queria retomar a viagem. "Não vai dar", dissera-me a enfermeira.

Pedro Portela ajudou-me ainda a solicitar providências para retirar o veículo da estrada e transportá-lo para uma oficina.

No dia seguinte, já tudo em ordem, retomei o caminho até Salto do Jacuí. Entrevistei-me com o presidente da CEEE ao meio-dia, e ele me garantiu telefonar aos gerentes ordenando as ligações elétricas requeridas pela Coprel. Em seguida convidou-me para almoçar. A CEEE tinha, e tem, uma infra-estrutura completa em Salto do Jacuí, desde hotel, restaurante, moradia para seus funcionários, aeroporto, tudo em apoio à grande usina do Passo Real, que alagou cerca de 30 mil hectares de área, deslocando mais de 2.500 famílias, a maioria reassentadas em Boa vista do Incra, hoje município, Colorado, Itaíba, Sertão e Sagrisa Alvoredo.

O general Schneider, engenheiro militar, em todas as instâncias do exercício CEEE–Coprel que lhe pedia, me delegou atenção e deferimento especiais. Por fim, neste registro, realço por excelência o prefeito Pedro Portela, um grande gaúcho de nossa têmpera, forte como coronilha e guamirim, para lá de buenaço.

Obrigado, Pedro Portela!

Nascia o anseio pela luz, nascia a Coprel

Em 1899, ocorreu a fundação da Colônia de General Osório e com o deslocamento de imigrantes, principalmente alemães e italianos, a

colônia cresceu rapidamente. Surge, então, o anseio da energia elétrica em Ibirubá. Em 1922, Willy Reichenbach, com a ajuda financeira de Theodoro Fredrich, fez uma experiência e instalou no Arroio Pulador o primeiro gerador elétrico na roda d'água do engenho de João Thiesen. Daí em diante a eletrificação e a geração de energia elétrica foram sendo aperfeiçoadas no povoado.

Dessa forma surgiu a Empresa de Energia Elétrica General Osório, dos irmãos Alberto, Augusto e Ernesto Braatz. Em 1925, receberam uma máquina a vapor da Alemanha, que passou a movimentar um gerador que atendeu os moradores por diversos anos.

Em 1949, devido ao crescimento do município, foi criada a empresa Força e Luz Pinheirinho Ltda., que construiu a Usina do Pinheirinho, no rio Pinheirinho. A usina utilizava duas turbinas hidráulicas, fornecendo uma potência em torno de 380 kW. Por volta de 1958, Ibirubá recebe sua primeira linha de energia elétrica em 44.000 Volts. Em 1960, o município teve os serviços de energia elétrica transferidos à CEEE, levando a usina ao abandono.

Foi na administração do prefeito Edmundo Roewer que se deu a encampação dos serviços de eletricidade de Ibirubá pela CEEE, período em que se tornou necessário ter mais força elétrica para o desenvolvimento do município. Roewer constituiu, naquela época, uma Comissão Municipal da Eletrificação Rural que se empenhou, mediante convênio com a Prefeitura, a CEEE e a comunidade, em estender energia à Linha Pulador, Egônio Wayhs, Quinze de Novembro e também para Alfredo Brenner e Santo Antônio do Bom Retiro. A comissão foi presidida por mim, pouco após sair do interior para residir em Ibirubá, com a finalidade de instalar a Rádio Ibirubá. A comissão teve por excelência o mérito de fomentar a idéia de unir pessoas interessadas em eletrificar o interior, surgindo a Coprel, que reativou a usina.

Nascia o anseio pela luz, nascia a Coprel. Inicialmente um pirilampo, um foco de luz. Era o início de uma extraordinária caminhada, que se fortalecia com o apoio e o incentivo das comunidades e das regiões do Alto Jacuí e Planalto Médio. Foi a vitória do valor comunitário.

Virei estátua de barro vermelho

Íamos para a inauguração alusiva à chegada da luz ao povoado de Arroio Angico, no município de Tapera. No volante Antônio Mesquita Galvão, gerente da Caixa Econômica Federal de Ibirubá.

A estrada, por causa da chuva, era um barro só. No repecho, já próximo ao local da festa, nem a habilidade do motorista tornou mais fácil continuar e vencer aquela subida.

Como soe acontecer nessa hora, ficou no volante o motorista e os demais foram empurrar o veículo. Coloquei-me bem atrás, fazia força, os pneus patinavam. De repente, o carro arranca de sopetão e joga uma carga imensa de barro que me enlameou todo. Virei uma estátua de barro vermelho.

O veículo safou-se de repecho barrento e liso. A coisa agora era comigo, que fazer? Isso não constava do programa, comparecer à missa, à festa de inauguração daquele jeito. Não pensei duas vezes: decidi ir à casa de Elio Störlinck que ficava próximo dali. Talvez ele tivesse uma roupa que me servisse. A hilariedade do fato, do espanto ao humor.

Experimentei duas peças, mas não me serviram. O Élio mandou buscar roupa nos vizinhos até que uma delas se ajustara mais ou menos a meu corpo. Chegara a hora da missa, o ato da inauguração, vamos todos para o local. Participei assim daquela festividade, um tanto retraído e sob os olhares constantes de meus companheiros.

O padre enalteceu a chegada da luz, o fez também o prefeito.

João Maximiliano Batistella, o grande batalhador da eletrificação rural. Um churrasco no bom estilo colonial gaúcho coroou aquela festa da luz em Arroio Grande.

Fiquei eu na remembrança da história da estátua de barro vermelho.

"Essa não! Você tá querendo pôr luz no rabo dos bois?"

"Esses fazendeiros não vão consumir energia suficiente para compensar o elevado investimento feito para eletrificar suas propriedades. Não sei como a Coprel pensa obter retorno dessas obras da eletrificação nos campos de Tupanciretã, Júlio de Castilhos, Cruz Alta, Passo Fundo?"

Foi mais ou menos dessa maneira que o general João Bastide Schneider, presidente da CEEE, me falou ao examinar o programa de eletrificação rural da cooperativa. Engenheiro militar do Exército, tinha uma visão técnica da eletricidade no meio rural. Segundo ele, se não houvesse retorno financeiro, o empreendimento seria oneroso, deficitário, injustificável, portanto. E advertia-me sobre isso seguidamente. "Stefanello, você é muito arrojado, examine melhor esse negócio da luz pelas campanhas pastoris." "Não veja nela", dizia-me o presidente da CEEE, "bom investimento, a Coprel vai se dar mal e você também." Na verdade, naquele tempo nenhum economista técnico me dava razão. Duvidava da Coprel e até a ironizava.

Eu, no entanto, lhe respondia com certa ousadia, justificava-me, pulando por cima da ironia dele, vinha do trabalho agreste e pesado da terra e vislumbrava uma mudança na economia da campanha com a chegada da eletricidade em seus pontos de produção.

"Caro general Schneider", lhe falava francamente, "a energia, é o braço estendido do homem do campo, vai mudar seus métodos de atividades, vai transformar aquela velha geografia de pastagens primitivas em pastagens melhoradas, paralelamente à consorciação da pecuária com agricultura de tecnologia de ponta." Não significavam tais mudanças abandonar de todo o sistema nativo dos campos.

Talvez com melhorias de calagem e adubação dos campos já estivessem os fazendeiros melhorando a produtividade pastoril.

Ele me fizera advertências sobre as quais refleti muito, sem, todavia, parar com as construções de linhas de redes nesses municípios de

campanha. Recuar e não atender com luz os campos? Olhava para a frente, nada me faria arrefecer o ânimo, abraçara a causa de eletrificação e a tocaria adiante.

Acreditava em uma virada no processo da agropecuária, os campos dariam lugar à modernização, viria, como veio, com a mecanização, e o primitivo modificou-se, ficou novo e produtivo, e com a energia melhorou tudo, aumentou a produtividade agropecuária.

Fazendas e mais fazendas virando modernas agropecuárias, grandes extensões de campos se subdividindo em áreas menores, todas rentáveis, graças às inovações e à presença da luz da Coprel. Conseqüentemente, a irrigação nas lavouras e um sem-número de aparelhos eletromecânicos funcionando nas granjas, fortalecendo o meio rural.

Tudo conduziu para o maior consumo de energia, embora se prenunciasse que as mudanças ainda continuariam surgindo nos campos acima da serra, à mercê do agente do desenvolvimento que se chama Coprel.

Vida nova, a clorofila que vem de Sete Capões

Um exemplo a ser seguido. E já o é, em certos lugares, a natureza cercando locais de trabalho. Sete capões cercam a sede administrativa da Coprel Cooperativa de Energia. Dois são de mata nativa que está sendo preservada. Um é constituído de espécies florestais variadas com prevalescência de louro, cedro, angico, canela, cabriúva, açoita-cavalo, camboatã, guajuvira, essências todas nativas do meio ambiente regional.

Outro caponete é de araucária brasiliensis, pinheiro nativo. Mudas de boa cepa foram plantadas em 1979. Ajudaram-me, além de coprelianos, os conselheiros Hilário Adiers e Etelvino Ristow, e José do Saco, o jardineiro.

Começaram a produzir pinhões já aos quinze anos de idade.

Boa demonstração para quem quiser cultivar o nosso pinheiro nativo. Ele não perde para outras espécies de árvores. Dará, ademais, pinhões e madeira.

Nessa área de 10 hectares da Coprel foram plantados eucaliptos para quebra-vento, outro de espécies mistas, como pinus iliotis, este não recomendável, e o sétimo de árvores frutíferas, entre as quais nogueira pecã, caqui, cítricas, castanheira européia, que se adapta muito bem aqui, e que a maioria desconhece. Tem fruta tipo pinhão com gosto misto de pinhão e batata-doce.

A nogueira-pecã é uma boa alternativa de renda. Produz nozes em menos de quatro, cinco anos de cultivo.

Em frente à minha casa plantei alguns pés de nogueira-pecã que me dera o cooperante João Grazziotin. Um deles chegou a produzir, em uma florada, 120 quilos de nozes.

Escrevo isso para incentivar as crianças e as professoras de Volta Gaúcha e Quinze de Novembro, que se constituíram em Guardiães da Natureza, com apoio das lideranças do município. Lá está nascendo um forte espírito florestal, ambiental e muito mais.

Serão bravos defensores da fauna e da flora. Lutarão pela água pura, semearão flores e árvores entre as lavouras de cereais, em campos, potreiros, criações, casas, escolas e igrejas.

Vida nova; no campo parece estarmos já ouvindo o grito de ordem dos Guardiães da Natureza, as crianças.

Ovo de touro na brasa

O Elpídio Napoleão Bañolas, agropecuarista, médico e veterinário em Júlio de Castilhos, era o que eu sabia desse meu conterrâneo. Veio à Coprel para me oferecer mato de eucaliptos, antigo e próprio para extrair postes. Negociamos a proposta que o Elpídio me fez, preço, prazo de pagamento e retirada dos postes.

Designei Nelson Spengler, que comandava a turma de extração, para ver e avaliar melhor a floresta e se as árvores realmente atendiam

às necessidades de posteamento. Feito isso, Nelson me informou que a mata era de boa qualidade, que eu poderia fechar a compra. Do mato, retiramos centenas de postes.

Elpídio ficou muito contente, comparecia seguidamente à Coprel para receber o pagamento dos postes que iam sendo retirados. O fato curioso aconteceu em certa data, quando ele veio a Ibirubá trazendo em um saco vários quilos de bago de touro, acrescidos de costela e picanha de novilho, para um churrasquito no galpão redondo da Coprel.

E ele mesmo faria o churrasco. Para isso, chegara cedo e alguns coprelianos o ajudaram no preparo do churrasco, um primoroso churrasco. Houve até uma variação típica da campanha: ovo de touro na brasa e até a milanesa, que refletia a culinária pampiana ainda que um tanto bárbara e curiosa.

Elpídio Napoleão Bañolas, médico, dizia francamente aos coprelianos que aquele delicioso manjar de ovo de touro na brasa lhes iria servir muito para revigorar suas forças para os braços, para as idéias e até mesmo para o amor. Ele deveria ter oitenta anos de idade. Foi um grande amigo da Coprel, colaborou e facilitou o fornecimento dos postes, inclusive os pagamentos.

Onze reuniões, todas num dia só! Sem tempo para o almoço!

Nem dá para acreditar, mas aconteceu. Não-Me-Toque queria eletrificar-se. Seu prefeito Rui Augustin me convidou para visitá-lo.

"Temos muito que conversar, venha a meu gabinete." Fui, o assunto era o que fazer para a Coprel, que alteava a cabeça na região, acelerar a execução dos projetos da luz. Não-Me-Toque queria progredir. Garanti ao jovem prefeito todo meu empenho, se ele me desse uma quarteada no começo. pois dependeria de reuniões, de adesões das famílias, uma pequena ajuda para o transporte da equipe de levantamento topográfico e financiamentos eu conseguiria.

Marcamos as reuniões. Augustin desejava mobilizar todo mundo de uma vez. Era sábado, compareci cedinho a Não-Me-Toque para realizar onze reuniões durante aquele dia. Nas reuniões os cooperantes se habilitariam ao financiamento que abriria as portas à energia em suas propriedades.

Três pessoas na equipe da Coprel, munida de máquina de escrever e notas promissórias, conforme estabecia o BID. Eu, o prefeito Augustin e o secretário Luiz Becker faríamos o primeiro embate, coordenando as reuniões.

Corria tudo bem e assim correu até a última reunião.

Dia quente, o suor enxugava-se com a manga da camisa, a pressa não nos dava outra alternativa. Saímos de Colônia Saudades, terra de fatos históricos, e nos demos conta de que, ao marcar o roteiro, excluímos o tempo para almoçar. Luiz Becker, que substituiu Augustin na Prefeitura, reclamou: "Onde vamos almoçar?". Já havia atraso de meia hora nas reuniões.

Nem falar em tempo para almoço. O jeito foi passar por um dos bodegões no caminho, onde achamos salame e pão velho. Segundo Nelson Soares, copreliano, teria sido em Colônia São Pedro. Eu e o prefeito seguimos na frente, sem tempo a perder. Devoramos o salame e o pão, misturando conversa com os agricultores. Tomamos água para acomodar o alimento seco. Becker desistiu de prosseguir, não por lhe faltar o almoço, mas por causa de outro compromisso. O pessoal da Coprel, que eu sei, comera salame, pão e bebera cerveja e outras bebidas frias de fundo de poço, onde eram colocadas garrafas em saco de aniagem, a geladeira do interior sem energia.

Rui Augustin descendia de família tradicional do município. Guilherme Augustin, seu progenitor, salvo equívoco, foi o primeiro prefeito de Não-Me-Toque. Rui estava contente com o resultado das reuniões.

Lá pela noite realizamos a última reunião, a undécima do roteiro que concluímos às 21 horas, em Invernadinha. Estava prestes a começar o baile da sociedade de Invernadinha. No salão o povo só aguardava o soar da música para dançar.

Nós, que bailamos o dia todo, o que mais queríamos era saciar a fome e tomar umas cervejas. Chopp foi o que nos serviram, além de bifes, arroz, ovos, lingüiça fervida. Fizemos um baita jantar. Gostaria de me lembrar de todos que participaram dessa maratona pela luz em Não-Me-Toque.

"Aprendi com os índios: Carne podre? Brasa nela!"

Muita gente trabalhou na Coprel quando se começou a construir as redes. Ênio Gaspar Müller foi um deles. Trouxe o Ênio para trabalhar nessa importante missão que era iluminar as colônias. Já o conhecia de longa data, pois servira comigo no Exército. Soldado antes, soldado depois, os soldados do regimento da Coprel.

De conversa em conversa me rememorou histórias pitorescas de acampamentos, um deles de vinte dias, para as redes serem construídas. Ênio Müller contou que era cozinheiro de uma dessas equipes, era ele quem preparava as refeições e lembrou de um fato curioso, e até interessante: "Num fim de semana, faltou energia na cidade e a carne no açougue azedou. Quando cheguei ao acampamento, vi que a carne estava com um cheiro forte. Todas as outras equipes jogaram a carne fora porque não sabiam o que fazer. Carne podre é pra cachorro! Mas eu tive uma idéia, aprendi com os índios. Peguei a carne, desossei e coloquei em um panelão com água; quando ela quis ferver, coloquei um punhado de brasa viva e joguei na panela. Ficou uma carne boa e pudemos comê-la durante toda a semana".

Ênio me dizia que, além de cozinheiro, deixava as noites dos acampamentos mais alegres. Com o violão nos braços e contando com a ajuda do então colega Bruno Grave, que tocava gaita, animavam as noites dos soldados de capacete branco, pois assim eram conhecidos por onde passavam. Eu contava causos noite a dentro. Entretinha os colegas com histórias, mas a música era do que eles mais gostavam.

"A Coprel foi mais que um local de simples trabalho, foi uma escola de experiência, de conhecimento de vida."

Desafiaram-me, desafio que aceitei

Na mesma época em que surgia a Coprel, muitas outras cooperativas de eletrificação tentavam desenvolver-se e expandir-se, porém algumas não conseguiam sair do papel. Foi o caso da cooperativa de Passo Fundo.

As lideranças que a fundaram, sentindo que a Coprel arrojava-se na obtenção de financiamentos e executava projetos em mais de vinte municípios, passaram a insistir para que a Coprel incorporasse aquela co-irmã e todos os municípios daquela região. Depois de intensas conversações entre os dirigentes da Coprel e lideranças como Dom Cláudio Colling, Tranquilo Grazziotim, Auxílio Rebech, os prefeitos José Santim, Severino de Toni, Sérgio Francisco Turra e João Maria, definiu-se a fusão das cooperativas. E a Coprel lançou-se a mais esse desafio.

Quando os lampiões se apagaram

Tudo começou com um pedido da comunidade de Santa Terezinha feito por João Maria Cardoso. Haveria uma festa religiosa dali a uma semana e gostariam de ter ligada a luz na igreja e no salão para esse dia. As ligações de suas propriedades poderiam ser feitas posteriormente. Caberia à Coprel construír uma extensão de rede de 3 quilômetros. Decidi na hora que a rede seria construída e a comunidade teria luz já na véspera da festa. Tratava-se de uma comunidade muito unida e operosa, pobre é verdade, que ficara muito agradecida pela minha decisão. Continuamente João Cardoso me interpelava sobre em que dia eu poderia comparecer na localidade para receber uma homenagem. Insistiram

tanto até que certo dia convoquei o pessoal que trabalhava em Passo Fundo para receber essa homenagem que não era só para mim, mas para todos.

Noite escura. Todos os moradores caminhando em procissão com velinhas e lampiõezinhos acesos, seguindo até o salão da capela Santa Terezinha. Apagaram-se, então, essas luzinhas e acenderam-se as lâmpadas pela energia da Coprel. Uma salva de palmas soou com saudações efusivas à direção e aos funcionários da Coprel.

Na ocasião, João Maria Cardoso, saudando o homenageado, manifestou o agradecimento dos moradores de Santa Terezinha, Bom Recreio e arredores, recebidos por mim, pelo gerente do posto de serviço de Passo Fundo, Jair Melo, pelo gerente de energia, Osvaldo Mendes, Luiz de Jesus e pelo presidente Jânio Vital Stefanello, da Coprel.

Estava marcada uma nova fase de desenvolvimento e vida melhor para centenas de famílias.

João Maria Cardoso prestando essa homenagem à Coprel, demonstrou como era viver sem luz, ou à luz de velinha na comunidade de Santa Teresinha, antes da chegada da eletricidade.

Jesus! Chorei de emoção. Era demais. Houve discursos. João Maria falou primeiro, contou como a chegada dos benefícios da luz aconteceu, de tantas localidades ligadas, de alguns detalhes não me recordava e eles eram relembrados nesses momentos. Falaram muitas pessoas. Cantaram tantas outras. Meu agradecimento foi entremeado de emoção e alegria. A festinha foi encerrada com um jantar típico preparado pelos membros da comunidade. Um exemplo de comunidade de gente muito boa, aquela de Passo Fundo.

Como são bons os caranguejos dos manguezais de Ajuruteua

Hesíodo Andrade, jornalista e publicitário, convidou-me para o jantar de aniversário de sua agência de publicidade, que ele e

Airton Rocha dirigiam, era 1983. Teve lugar no Country Clube em Porto Alegre. Comparecemos eu e meus companheiros de trabalho, foi um jantar magnífico.

Eu havia me antecipado: "Não deixem de vir, quero fazer uma surpresa". Nem imaginava a novidade da ceia. A curiosidade aumentou, "o que haveria de incomum", me perguntava.

Não atinava, porém, com pratos à base de caranguejos, e caranguejos catados nos manguezais de Ajuruteua, os melhores do país, dizem os gourmets. Catados ou caçados nos manguezais, foram despachados no mesmo dia, pela Varig, de Belém a Porto Alegre.

Iguaria que qualificou o ágape, que poucos tinham provado, mas todos, no entanto, elogiaram os pratos à base de caranguejos. Sopa de carne de caranguejo e ervilha, patinhas à milanesa, carne de caranguejo com geléia de açaí ou de cupuaçu, manga, bacuri, bolinhos de caranguejo, variedades de preparos tantos.

Indistintamente aprecio-os, prefiro as sopas de caranguejos, e o caranguejo no toque, delícias da culinária bragantina.

Hesíodo Andrade participava assiduamente comigo das habituais reuniões da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), na sede da Agência, ou em Ibirubá, para desenvolver campanhas publicitárias para a Coprel.

A propósito dos caranguejos, conto ter, em uma de minhas viagens a Bragança Ajuruteua, desencadeado forte e rigorosa campanha em defesa dos manguezais, hábitat natural dos caranguejos. Utilizei-me do jornal da cidade *O Bragantino*, e no III Congresso de Jornalistas do Pará, de 14 a 16 de julho de 1998, em Belém, no Palácio Antônio Lemos, apresentei proposição em defesa dos manguezais, no que fui apoiado pela assembléia do Congresso e principalmente por um grupo de jovens da Faculdade de Comunicação, justificando-a porque só em Ajuruteua, bela praia selvagem, os caranguejos davam sustento a mais de mil famílias de catadores dessa espécie de crustáceo.

Sei que a Universidade Federal do Pará desenvolveu trabalho de estudo e pesquisa com universitários da Alemanha visando a oferecer

projeto de proteção ambiental aos manguezais de Ajuruteua, uma riqueza da natureza paraense.

Participamos, eu e o Felipe, meu neto, de almoço no restaurante Viene Quá, cujos pratos eram de carne de caranguejo, o principal a gostosa sopa de caranguejo com ervilha; quem mais a preferia eram os universitários alemães da equipe que atuava nos manguezais integrados com a Universidade Federal do Pará (UFP).

As noites mornas de Ajuruteua, Bragança, praia e cidade, deixaram prazerosas horas de alegre vivência, amores à vista, coisas boas da vida, afirmava o Felipe. Bragança sofria com a saída de jovens do sexo masculino que iam para outras cidades, principalmente para Belém, a capital, em busca de trabalho ou para estudar. As moças lamentavam essa situação. Por isso, Felipe, bonito, bem apessoado e com a cor diferente da maioria das meninas, era perseguido e eu quase perdi o companheiro.

ARI orgulha imprensa brasileira

A ARI orgulha a imprensa brasileira em seus setenta anos de profícua existência.

Fundada em 19 de dezembro de 1935 por um grupo de bravos jornalistas, escritores, articulistas e interessados, foi presidida primeiro pelo escritor patrício Érico Veríssimo, o qual tive o privilégio de entrevistar na Rádio Ibirubá e no semanário *Alto Jacuí*.

Com objetivos de assistência social e cultural, bem como a defesa das liberdades públicas, de imprensa, de informação e de expressão, a ARI notabilizou-se ao reunir os profissionais e assegurar-lhes tranqüilidade no exercício constante de sua atividade nos órgãos de comunicação.

Como muito bem tem destacado o saudoso jornalista Alberto André, no livro *50 anos de imprensa*, ágil e firme tem sido sempre a ação da ARI, quando evidentes arbitrariedades feriam princípios da liberdade de imprensa e dos direitos humanos e democráticos.

Testemunho isso e relembro momentos de saudável convívio social na sede da ARI, em especial nas gestões de Alberto André e Antonio

Firmo Gonzalez, valores do jornalismo brasileiro, ambos de inesquecível memória.

Orgulham-nos todos os jornalistas gaúchos que têm honrado a profissão, defendendo princípios tão caros a nós, como a liberdade de imprensa, a defesa da informação, da ética e da isenção, fazendo que o jornalismo que se pratica no estado seja um exemplo para todo o país.

Sendo assim, tentarei retomar esse hábito de colocar a ARI mais perto do coração. É o que prometo para o nosso prezado presidente Ercy Thorma e aos companheiros, com votos de muito êxito na gestão e também ao futuro da ARI.

Com a eletrificação até a geografia mudou

Com a eletrificação até a geografia do município em pouco tempo era outra. Marau prosperou em todos os sentidos, da cidade ao interior, desenvolveu-se intensamente, graças ao impulso que lhe deu a Coprel, a partir da década de 1970. "Ah! Se não fosse a Coprel o atraso aqui ainda seria grande. Quando a luz chegou foi uma alegria só", exclamavam as famílias cooperantes que começavam uma vida. E dizem mais. Dizem que hoje quase não se nota a diferença de viver na cidade ou no interior. "Aqui até é melhor. Bendita Coprel!" Em 1973 houve a festa de inauguração de uma pequena subestação em Vila Borges, Marau, subestação da CEEE e Coprel para energizar as primeiras redes de eletrificação.

Essa subestação foi logo transferida para outro local do município. Compareceram autoridades de Brasília, Porto Alegre e da região. Da área federal, o presidente do Banco do Brasil, Nestor Jost, o diretor, Dimar Gigante, e gerentes do Banco do Brasil de Passo Fundo e Marau. Também esteve presente o presidente do INCRA, que representava o ministro de Energia e de Agricultura. Do estado compareceram o secretário de Energia e o presidente da CEEE. Prestigiado pelas lideranças e população

marauense, aquele ato marcou o início da eletrificação na região da grande Passo Fundo.

Daquele momento em diante a Coprel pôde assegurar-se do apoio público, manifestado pelas autoridades presentes. "Os governos e as representações de instituições desejam ver essa cooperativa cumprindo suas finalidades no relevante papel de eletrificar para desenvolver. O interesse é de todos e todos estão de mãos dadas com a Coprel que nos dá aqui em Marau o melhor testemunho de sua eficiência. Ninguém pode desmerecer um trabalho de cunho comunitário como o da Coprel". Palavras proferidas pelo presidente da CEEE da época, que concluiu: "Stefanello, pode confiar! Não tenha medo do futuro, o que vocês estão fazendo é o que o poder público não pode fazer. Vocês estão colocando o progresso na frente".

Etelvino Ristow, o grande companheiro

Registra a história da Coprel ter tido Etelvino Ristow, falecido em 1989, quando era secretário da cooperativa, um de seus grandes soldados desde sua fundação. Ele foi agricultor em Linha Duas, professor municipal de Ibirubá, vice-presidente e secretário da Coprel.

O vínculo de Etelvino Ristow comigo se estabeleceu quando eu ainda era prefeito. Na época discutia-se muito a necessidade da eletrificação, pois provinhamos do meio rural. Eu lutava para estender a luz ao interior e passei a contar com o apoio de Edmundo Roewer, de Etelvino Ristow e de tantos outros cooperantes sócios-fundadores, cujos nomes estão gravados no monumento em homenagem a todos eles.

Etelvino Ristow viveu a Coprel nos difíceis momentos em que poucos acreditavam em seu sucesso.

Por que esse gostinho no churrasco?

Meto sal grosso com loro e raiz de lótus!

Veado Pardo é um pequeno povoado, não distante de Marau. Grande é sua comunidade por seu espírito de união. Ali vivem famílias que dão as mãos para resolver suas dificuldades, à falta de benefícios que lhe facilitem a vida e o trabalho. São aspectos que se refletem e chamam os poderes públicos a ajudá-los a conquistar, e por esse caminho andam juntos somando forças, a comunidade e o poder público.

Veado Pardo estende um belo exemplo dessa integração. Com isso, as soluções acontecem em menos espaço de tempo, como ocorreu com a chegada da luz, resultado de uma união entre Coprel, Prefeitura de Marau e comunidade.

Nesse dia houve inaugurações de energia elétrica, de um posto de telefonia, um de inseminação artificial para incentivar as criações leiteiras, além do salão comunitário e do campo de esportes. Um fato inusitado de festa e alegria. Confraternização que se expandiu no pronunciamento do prefeito José João Santim, o Maneco.

Nesse ato festivo e consagrador, o Executivo e o Legislativo concederam o título de *Cidadão Marauense* a mim, e ao então presidente da Coprel, Jânio Vital Stefanello. Contou com a presença de Auxílio Rebech, na época vice-presidente da Coprel, de prefeitos e líderes que prestigiaram esse evento de Veado Pado, que culminou com um gostoso churrasco oferecido pela comunidade.

No decorrer do churrasco, senti, ao saborear a carne, um gostinho exótico do tempero agradável, que me levou a perguntar ao coordenador da festa, seu Antunes, o que ele fizera para a carne ter aquele sabor especial. Disse-me que se tratava de uma mistura que nem segredo era, metia sal grosso com raiz de lótus e louro na carne. E me disse mais, o lótus eu produzo aqui, em banhados de minha propriedade, vendo-os aos orientais, chineses e japoneses, em Passo Fundo.

Enquanto saboreava o churrasco, matutava: "Como são tantas as fontes alternativas de renda para quem se dedica a trabalhar a terra, em

cultivos diversos como este do lótus, criações, artesanatos, centenas de atividades lucrativas e sem a necessidade de violentar a natureza; que o digam as abelhas que produzem o mel".

Gostaria de plantar uma pitangueira na Coprel

Pitangueira é a árvore-símbolo de Ibirubá. O governador Synval Guazzelli, antes e durante a governança do estado, mantinha fortes laços com as lideranças do Alto Jacuí, em particular Ibirubá. Edgar Otto Fleck convidado pelo prefeito e por mim viria inaugurar o novo centro administrativo da Coprel, em 9 de outubro de 1976. Um grande evento.

Manifestara o desejo de plantar um pé de pitangueira para homenagear o município e a Coprel que se agigantava no processo de redimir as colônias com força e luz. Prometi-lhe incluir no programa o plantio de um pé de pitangueira. Plantaria mais, plantaria um pé de primavera, a *Bougainvillea spectabilis*.

Ao lado do prédio da sede, foram cavadas duas covas e nelas o governador plantou as mudas sob aplausos de grande público. O ato destaque realizou-se na entrada da nova central, onde Guazzelli descerrou a placa alusiva à inauguração com o prefeito-mirim Augusto Delmar Stefanello e os meninos vereadores que compunham a Câmara de vereadores. O poder público pretendeu, com isso, me homenagear.

Pontilhado de breves atos, inauguraram-se melhoramentos na usina de preservação de madeira e na fábrica de postes.

Descerraram-se quadros com fotos do ex-presidente Edmundo Roewer e do ex-secretário Ênio Kussler, na sala de reuniões. Foi uma homenagem póstuma a esses dois cooperantes da linha de frente da Coprel. Coordenou esse ato Jânio Vital Stefanello.

Benedito Miranda, diretor do INCRA, representou o ministro Alisson Paulinelli, da Agricultura. Walter Jobim Filho, secretário de Energia do

estado, prestigiou o evento. A juíza de direito da comarca de Ibirubá, dra. Berenice Dias de Oliveira, hoje desembargadora ilustre do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul, prefeitos e cooperantes marcaram o ato com sua presença. Os que usaram da palavra nesse ato enalteceram o espírito empreendedor e corajoso dos homens da Coprel. O mais inflamado foi o discurso do governador Sinval Guazzelli.

Com tiro de espingarda!

Em meados de 1976 planejava-se uma reunião em Veado Pardo, Marau, com o objetivo de aferir o nível de contentamento dos cooperantes com a energia. A mim coubera apresentar, em linhas gerais, a marcha da execução das obras. Ao Nélio Koch tocara responder sobre assuntos técnicos. De repente, no meio do bate-papo aberto e descontraído, dois agricultores fizeram todo mundo rir.

Contaram que a luz deles estava fraca, nem banho quente dava para tomar, e o jeito, até que viesse uma solução, fora o de apelar para a espingarda. Quem primeiro detonasse o tiro corria logo para debaixo do chuveiro. Eles moravam um pouco distante um do outro, as casas eram separadas por uma colina, não tinham outra forma rápida de se comunicar e o transformador, de acordo com o projeto, fora instalado entre as duas propriedades.

O tiro de espingarda não mais se ouvira tão logo a Coprel reforçou a carga, trocando o transformador. Aliás, essa é uma medida costumeira em seu sistema de distribuição. Os cooperantes progridem, suas atividades aumentam e, conseqüentemente, precisam de mais energia para modernizá-las. Houve muito riso naquela reunião. O relato teve o mérito de mostrar a importância da eletricidade quando nos habituamos com ela.

A história do tiro de espingarda que anunciava a luz fraca e definia a prioridade no banho foi muito comentada, correu os fundões de Marau.

Del tiempo del silencio al tiempo de la esperanza

Quando prefeito, e mais, por causa do alagamento da barragem de Sede Aurora, que obrigou à retirada das famílias atingidas para outras terras, para Itaíba principalmente, decidi elaborar um projeto de urbanização da sede, onde se ergueu uma bela igreja da paróquia Nossa Senhora da Saúde. Uma bonita gruta de pedras semipreciosas e beleza natural que se formava com o vasto lago e as ilhas em uma vista de tasca bela.

O ante-projeto previu uma série de atrações turísticas e de lazer. Não consegui, porém, realizá-lo. Coube ao prefeito Néri Zeilmann, o Noco, levar adiante aquela idéia com o nome de Nova Aurora. Fez ali construir um belo parque, com restaurantes, trapiches e ancoradouros para barcos, arborização, caminhos. Organizou no local um camping, cuja inauguração contou com a presença do secretário de Turismo do estado, dr. Mário Ramos, que também fora prefeito de Caxias do Sul. Surgiram os balneários do Refúgio, Beco do Sol e Pôr-do-Sol, entre outros, todos próximos a Sede Aurora. No local havia também a previsão de serem construídos pousada e hotel de veraneio.

O camping e o parque ganharam outras melhorias com a emancipação de Quinze de Novembro. Dessas melhorias destaca-se a estrada de calçamento da sede do município até Sede Aurora.

Deixem comigo, farei as reuniões e lhes darei o financiamento

Quem diria ou poderia imaginar que, entre os gerentes do Banco do Brasil, alguém fizesse o que fez Manoel Dulford. Estendíamos as redes de luz pelo interior de Marau, procurando, em uma segunda investida, facilitar o crédito do Banco do Brasil aos agricultores cooperantes que não se haviam habilitado, por desorientação, aos oferecidos

primeiro e oriundos do BID-GEER. Os projetos abrangiam todo o município. Em meu contato com o gerente Manoel, este se dispôs a nos acompanhar às reuniões, o que nos facilitaria, pois era o próprio gerente do BB, não só oferecendo o dinheiro, como orientando a população sobre a importância da energia em seu local de lazer e de trabalho.

"Deixem comigo, farei as reuniões e lhes darei os financiamentos", disse-me o gerente de Marau. Basta que o Nélio Koch me forneça os detalhes técnicos de carga, as necessidades de energia de que cada família precisa ou quer. Só assim a Coprel ganha tempo para acelerar seu trabalho a outras áreas rurais de sua jurisdição, asseverava Manoel Dulford, um apaixonado pela eletrificação rural, cujo trabalho contou com o decidido e constante apoio do prefeito José Santim, de Sérgio Francisco Turra, que também foi prefeito, deputado e ministro da Agricultura. E que haviam eleito a luz na colônia como uma de suas principais metas.

Santim, Turra, a liderança unânime de Marau, integrou-se ao movimento da luz, cuja realidade resplandece no brilho de suas casas. Brilha o trabalho, o exemplo da Coprel, brilha o exemplo de Manoel Dulford. Por ele e por todos, Marau é uma das estrelas vivas da constelação de municípios da luz ccoperativada.

Plantou postes, plantou sorrisos de felicidade

Em Rincão Santa Luzia, no interior de Tupanciretã, dia 18 de janeiro de 1992, o prefeito Miguel Chiapetta Cardoso, após a inauguração de mais uma etapa da eletrificação rural, me homenageou com uma placa de prata alusiva a dezessete anos de relevantes serviços prestados à Terra da Mãe de Deus. Ressaltou o trabalho como inédito: "Stefanello é um herói da eletrificação rural em Tupanciretã, ele plantou postes, plantou sorrisos de felicidade na gente do campo, ele acreditou nesta terra de Tupanciretã, nos anseios de sua comunidade que a Coprel incorporou, tomando para si sua obra gigantesca de plantar o progresso por meio da energia elétrica".

Agradeci a homenagem programando que seria de muito proveito para o país se governos viessem ver de perto como se trabalha, se administra e se constrói desenvolvimento na Terra da Mãe de Deus. Enalteci Miguel Chiapetta Cardoso e seu vice, Caubi Marcial da Nóbrega, sua equipe de servidores que, com os coprelianos, do mais humilde funcionário ao dinâmico presidente Jânio Vital Stefanello revolucionam o progresso desta parte do Rio Grande, transformando-a na verdadeira locomotiva que corre pelos campos afora semeando novos benefícios. Locomotiva que corre e, por onde passa, passa o progresso, passa a Coprel, passa a Prefeitura, passam prefeitos sendo aplaudidos pelo que já fizeram e pelo muito que ainda farão por essa terra abençoada da Mãe de Deus. Nessa locomotiva somos todos passageiros. Prefeito, continue timoneando este brioso município, que o passeio será lindo. A campina está florida e quem plantou postes, plantará mais sorrisos!

Um dos últimos rincões que estava à espera da luz, chegou nesse dia. Fiquei mais uma vez imensamente contente vendo aquele modesto trabalho, modestíssimo, iniciado em Ibirubá quando nele poucos acreditavam. Ele cresceu, ampliou-se para chegar até os mais distantes rincões, como este de Santa Luzia.

Ao meio-dia vi e participei de um churrasco que há muito não via, em uma grande fogueira de brasas e, ao redor, uma centena de espetos, grandes espetos com cordeiros esquartejados assando bem na regra campeira... Nada mais do que os novos associados vestidos à gaúcha dedicando-se para que o churrasco coroasse a inauguração da luz, marcasse mais aquele projeto, conquista e vitória de todos os trabalhadores.

Caso inédito: a eletrificação estava pronta no interior e a cidade ainda estava às escuras

Entre muitas histórias, um fato inusitado ocorreu no município de David Canabarro: a energia elétrica chegou primeiro ao interior e

depois à cidade. Quem explica melhor é o ex-prefeito Antônio Seganfredo: "Era prefeito e me batia desde o início do mandato para que a família rural tivesse uma vida melhor. Um dia, seu Olavo conversou comigo e propôs a eletrificação rural. No princípio, havia muitas dúvidas, eu mesmo nem acreditei tanto. Mas combinei com ele que poderia visitar as 22 comunidades. Marcamos reuniões para explicar e pedir adesão dos agricultores, a maioria não acreditava.

"Conseguimos a primeira comunidade: São José do Capingüi. Os projetos começaram então a ser executados, eram redes para todos os lados e, aos poucos, todas as comunidades foram acreditando e aceitando o programa da Coprel. Embora eu não acreditasse que pudesse vir energia para esses rincões, porque na região há muitos morros. O pessoal da Coprel cortava mato e abria picadas e seu Olavo acompanhava tudo e trazia seu filho Jânio.

"Confesso que foi difícil barbaridade fazer nosso agricultor acreditar que a luz fosse iluminar as casas e tornar a vida melhor. Quando eles começaram a ver, daí todo mundo queria a eletrificação rural que hoje, graças à Coprel, com nosso apoio e a liderança de David Canabarro, está iluminada.

"E com a relevância do fato que a eletrificação rural chegou primeiro que a eletrificação da cidade, um fato, aliás, muito comentado na época. A Coprel estava com a eletrificação pronta no interior, dependia apenas da eletricidade que a cidade ainda não possuia. O Olavo bem sabe disso, pois participou dessa luta, que foram de muitas audiências com o então governador Euclides Triches, tudo porque a CEEE mudara os padrões dos materiais elétricos e não queria mais utilizá-los. Finalmente venceu o bom senso, o governador fez que a CEEE construísse a referida linha de alta-tensão com os materiais no depósito em Porto Alegre, que, embora estivesse fora dos padrões, eram bons e aproveitáveis. Triches exclamara para o prefeito de David: 'Ora essa, país como o nosso que tem milhares de famílias sem luz, não pode se dar o luxo de não aproveitar esse material'. Prevaleceu o bom senso, a luz chegou até nossa cidade, na época uma cidadezinha".

Luz campo afora

Houve festa na fazenda da família Pagliolli e Jobim com a chegada da energia elétrica em Rincão do Ivaí, interior de Cruz Alta.

Cabia à Coprel eletrificar as propriedades rurais, e esta as eletrificou, sendo sua sede um casarão histórico construído há mais de um século pelo engenheiro Salvador França, que até nome de rua ganhou em Porto Alegre.

Walter Jobim Filho, na época secretário de Minas, Energia e Comunicação do estado, no ato da inauguração da rede ressaltou o trabalho social desenvolvimentista da Coprel. O ex-ministro da Saúde e fundador do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, doutor Elizeu Pagliolli, emocionou-se ao falar, lembrando fatos ocorridos por aquelas querências onde vivia-se sem os benefícios da luz.

O que estava ocorrendo parecia um milagre, o milagre da luz. Muitos dos presentes falaram na ocasião, entre eles o deputado Jarbas Lima, representando o governador; o diretor da CEEE, dr. José (Juca) Alvarez; o líder rural Fernando Vieira Machado; o jornalista Prudêncio Rocha; o presidente da Fecoergs, Seno Dreher; o prefeito de Cruz Alta, Carlos Pompílio Schmidt; o juiz de Direito de Cruz Alta, dr. Almerindo Furtado, nosso cooperante, e eu, presidente da Coprel. Pagliolli e Jobim recepcionaram os presentes com um churrasco, graças à euforia do efeito da luz.

Colonos que deixaram rastros de prosperidade

Em Linha Duas, Ibirubá, Albino Fredrich tem sua propriedade, a Agropecuária Frederich, que não é uma grande empresa mas um empreendimento bem organizado.

Ele cultiva, cria e produz quase tudo, um modelo de agricultura familiar, cercado por seus parentes, Valdemar e Brunhilde Fredrich, Renato e Cleonice e Betina Fredrich.

Albino contou alguns fatos de sua vida. Nasceu em Santa Cruz do Sul, em 28 de novembro de 1908. Tinha um ano quando seus pais migraram para Ibirubá. "Tenho muita história para te contar", me dizia Albino, que ficara viúvo de Blondina Frederich. Hábil em seu velho bandoneon, lembrava músicas e fatos do passado.

Entre uma cuia e outra de chimarrão, Albino, em sua singular simplicidade, me transportava a imagem daqueles velhos tempos, relatava os acontecidos com a revolução de 1923. "Sabes, eram maragatos e chimangos que se baleavam por causa da política, uma vez eu vi esse pessoal em piquetes brigando em Ibirubá. Um deles tomou um tiro na cabeça e morreu. Eu tinha quinze anos, meti o pé e me escondi atrás de um toco." A verdade é que Ibirubá nascera entre tocos de roçado de mata.

Parou o chimarrão e veio o vinho. Vinho de parreiral próprio e produzido pela família. Uma delícia de vinho acrescido de pão e rapadura de fabricação própria.

Depois de alegres momentos com Albino Fredrich e família, despedimo-nos guardando na memória essa admirável figura, sempre alegre e sorrindo feliz.

Nesta Linha Fredrich, Linha Duas é a outra, onde residia Henrique Fredrich, de saudosa memória; Walter Fredrich, que organizou em sua propriedade um atraente parque com área de lazer, piscina e piscicultura. Centrará em sua propriedade as inovações pioneiras da utilização da energia elétrica. Pela Coprel, vezes incontáveis, levei delegações técnicas para ver e comprovar o que se estava fazendo no campo de eletrificação rural. Walter ajudou-me sempre nas numerosas empreitadas de toda ordem, em especial às voltadas à eletrificação. Aliás, toda a família Fredrich, uma e outra, me comove só em lembrá-las. Cito o veterano ibirubense Etwin Schweig, sempre presente nestes encontros familiares com seu bandoneon. Conversamos bastante sobre a história de Ibirubá, no aniversário de Albino Frederich, no dia 28 de novembro de 2007, que completou 99 anos. Etwin, por sua vez, tem 92 anos e a história dele contarei na próxima edição.

Com muito trabalho, os sonhos se concretizaram

Muitos homens ajudaram a iluminar caminhos e João Maximiliano Batistella foi um deles. Em um encontro em junho de 2007, lembrou das primeiras reuniões que realizei em Vila Raspa e São João, no município de Tapera: "Era tudo difícil, mas a gente acreditava que iria dar certo".

Conta ele que, quando foi prefeito de Tapera, por três vezes, chegava todos os dias às 5 da manhã na Prefeitura para ir arrumando as coisas. "Com muito trabalho, os sonhos se concretizam."

João Maximiliano Batistella foi um líder comunitário que, além de prefeito, foi vereador por doze anos, e fundador de várias entidades. Ele recebeu em 2000, de minhas mãos, o Troféu Imprensa do Ano, promovido pelo Sistema EPU de Comunicação.

Aproveitei o trem da Coprel

No dia 18 de outubro de 2006 tive um encontro com José João Santin, o Maneco, em seu escritório de advocacia, com o conselheiro da Coprel e ex-prefeito de Gentil, Luiz Pressi. Maneco nos surpreendeu com sua habitual disposição. Um homem empreendedor que marcou presença na política social e comunitária em seu município.

"Um dia meu pai, Querino Santin, foi até a Parefeitura e me pediu: 'Filho, coloque luz na casa dos colonos para que eles possam trabalhar mais e melhor'. Assim, para eletrificar Marau, aproveitei o trem da Coprel, quando conheci Olavo Stefanello em 1975, e começamos a dar os primeiros passos para a eletrificação rural em nosso município", nos contou Maneco.

Ele lembra ainda que buscou junto ao do governo federal uma verba a fundo perdido para beneficiar 1.300 famílias. A Coprel elaborou o

projeto e 20% do investimento deveriam ser dos agricultores. Mas eles não tinham como pagar. Então Maneco, que era prefeito, solicitou ao governador da época 10% do valor. Desse modo os produtores reembolsaram essa quantia à Prefeitura com sua própria produção, como ovos, galinhas e verduras.

Com a energia, surgiu em Marau a bacia leiteira e a melhoria genética, bem como suíno e avicultura. Tudo que nascia, em virtude da eletrificação rural, era insumo para o desenvolvimento. "Sou copreliano, sou sócio e tenho orgulho da Coprel."

"Desde guri estive ligado à energia elétrica."

Foi com essa afirmação que Lothário Almiro Tiemann, 71 anos, cooperante do município de Quinze de Novembro, travou uma animada conversa em um breve encontro de chimarrão. Na verdade, o bravo Lothário foi um dos maiores entusiastas precursores da eletrificação rural. Comprovei isso pelo seu dedonado empenho no começo das atividades da Coprel. Homem simples do meio colonial que se interessava pela força e luz.

Dizia ele que eu o presenteara com revistas e publicações, e foi por meio delas que ele fez cursos de eletricidade e rádio por correspondência. Em 1968, enfatiza Tiemann, foi credenciado pela Coprel para fazer instalações internas na casa dos agricultores.

Destacava ainda ele: "Também comecei a vender equipamentos e aparelhos elétricos, e lembro que na década de 70 fui campeão em vendas no estado das geladeiras Cônsul, no Alto Jacuí, especialmente Ibirubá e Quinze de Novembro".

Outro fato curioso, entre tantos: "Quando colocávamos lâmpadas de 15 W os agricultores ficavam impressionados, pois estavam acostumados com a luz de lampião, achavam a iluminação que vinha da lâm-

pada muito forte. Mas o maior benefício da energia no meio rural foi mesmo a instalação de bombas d'água e de motores elétricos para a diversificação das atividades, e torná-las mais fáceis", diz Lothário Tiemann, um dos grandes heróis da eletrificação.

Lothário foi vereador de Ibirubá de 1972 a 1982. Foi o primeiro prefeito de Quinze de Novembro e líder emancipacionista. Tem uma bela história de vida porque soube dosar a política para o bem da comunidade.

Um exemplo. Um grande exemplo.

"Ande depressa, faça novos projetos, porque sem eles não há dinheiro."

A cada nova ligação, a alegria contagiava a todos. Não apenas os moradores do campo que recebiam a energia elétrica, mas os trabalhadores que lá viam o suor de seu rosto transformar-se em lágrimas de satisfação. Esse sentimento era compartilhado por todos os coprelianos. No município de Panambi não foi diferente.

O município festeja a luz na inauguração de 2.327 ligações rurais, a partir de Linha Assis Brasil, ato presidido pelo ministro da Agricultura, Francisco de Moura Cavalcanti. Segundo o prefeito Orlando Schneider, foi o primeiro ministro a visitar o município. O ministro Cavalcanti, que depois foi governador de Pernambuco, no discurso, entusiasmado com as lideranças e os panambienses, agradeceu a hospitalidade, afirmando ao prefeito Schneider que o município seria todo eletrificado, porque ele acreditava na diligente ação da Coprel. E lançou um desafio. "Disse ao Stefanello, ainda em Brasília, e renovo aqui: 'Ande depressa, faça novos projetos, porque sem eles não há dinheiro. Ande depressa que pressa também tem a família do campo por uma vida melhor com a energia!'"

Os agricultores resistiam...

Em Panambi encontrei dificuldades em cada canto do município para inscrever os agricultores na cooperativa a fim de habilitá-los para a conquista da eletrificação. Não compareciam às reuniões, e dos presentes boa parte não se decidia a participar logo do projeto que necessitava do compromisso do cooperado, mediante assinatura de promissória no valor correspondente à cota-parte de cada um, por rateio do custo global do projeto, para haver a liberação da verba.

Fiquei sabendo, depois, que numerosos agricultores não ingressavam na cooperativa sem antes conversar com sua mulher, explicando-lhes o processo todo, conforme ouviram nesses encontros. Isso me assustava até porque tinha um prazo curto para mobilizar o interior, condicionando-o ao projeto, sem o qual não haveria a indispensável liberação dos recursos. Em certas áreas havia desconfiança, além de informações ou boatos negativos divulgados por políticos adversários do prefeito que, para eles, parecia capitalizar os efeitos da eletrificação rural.

Eu pensava nisso. Passava noites sem dormir tentando descobrir a melhor estratégia para enfrentar o problema que tolhia o andar mais rápido do programa. Decidi bater de porta em porta, um trabalho enorme, um mutirão, diria melhor, visitar cerca de mil e tantas famílias, com exceção de algumas que já haviam-se inscrito.

Por indicação do pastor e de Nilo Gäertner, dois jovens que sabiam falar bem o alemão, uma moça e um rapaz foram comigo e nos embrenhamos nas colônias de Panambi. Foi um mutirão duro, difícil, mas confortador, porque conseguímos a adesão da maioria. E não me faltava coragem. Passava o dia todo visitando as famílias e assegurando-lhes tratar-se de programa que daria resultados em seguida. Tratava-se de coisa séria, se não eu não estaria alí.

Mandava descarregar caminhões de postes pelo interior do município e noticiava que já estava sendo iniciada a construção da rede, e que ela seria exectuada mais rapidamente se os agricultores aderissem à Coprel. Também dava entrevistas às emissoras, auxiliado pela liderança do município.

E as resistências iam gradualmente cedendo, para nossa alegria, minha e de meus jovens companheiros, incansáveis nas visitas de contato e adesões, que resultavam em jantares, não raro, que nos eram oferecidos. Momentos oportunos para fermentar o interesse pela causa. Por que se falava para todo o canto que, sem fermento, não se faz pão.

Eu dizia para os jovens que me serviam de intérpretes, quando necessário, que o prefeito Orlando Schneider foi um grande batalhador pela energia, os ex-prefeitos Arno Gothard, Miguel Schimidt Prym e Rudi Francke, este no início não se mostrava muito favorável ao trabalho da Coprel. Entendi de imediato o que lhe preocupava como líder político de oposição na época. Conversei com ele e as dúvidas foram dirimidas. Francke incorporou a causa da eletrificação como os vereadores, tendo à frente Fernando Dose. Nomearia ainda o engenheiro eletricista Otto Willy Knorr, que por alguns anos garantiu o aval técnico aos projetos. O Nilo Gäertner, um soldado cooperante e incansável conselheiro da cooperativa, um velho que não envelhece, como diziam os jovens panambienses, que, por sinal, fora líder do movimento jovem evangélico.

O prefeito Orlando Schneider conta que, ao ser levantada a questão da energização no interior, como vereador da Câmara Municipal, lembrou a seus pares que em Ibirubá a eletrificação estava ganhando corpo e se alastrava muito bem. Falou que ele conhecia Olavo Sstefanello de Sede Aurora, onde era comerciante e lhe comprava linhaça, conhecido, portanto, de muitos anos. Descreveu a minha trajetória de colono na tribuna legislativa, a de comerciante e a de agricultor novamente para instalar a Rádio Ibirubá, vereador, prefeito e todo aquele rol de realizações que se difundiam. Propôs uma comissão para ir a Ibirubá para falar comigo e foi o que fizeram, já com o apoio do prefeito Arno Gothard. A comissão chegou em uma tarde, e eu me encontrava em uma reunião na Automecânica Ibirubá – Amisa, da qual era acionista e membro da diretoria. Naquele mesmo local os recebi. Reuni a diretoria e formalizamos o ingresso de Panambi à jurisdição da Coprel. Naquela reunião os convidei para participar do churrasco de confraternização dos sócios e funcionários que a Amisa estava realizando.

Estendemos a eletrificação, assim os municípios iam aos poucos se incorporando à cooperativa: Condor, Pejuçara, Cruz Alta, Tupanciretã, Júlio de Castilhos e Planalto a fora.

Em Panambi, no início, outros empecilhos surgiam, mas sem maiores conseqüências. Antigamente jovens de Ibirubá estudavam no Colégio Evangélico daquela cidade, e mantinham uma rivalidade com os jovens de lá por motivos mesquinhos, quero crer, sendo o principal o bairrismo. Soube dessa rivalidade pelo ibirubense Ernesto Meinke, um dos jovens estudantes da época.

Mas para isso não me faltaram os laços de amizade que me ligavam a Panambi e a me considerar panambiense também, pondo alto todo o idealismo de que se revestia a causa copreliana. Justificava-me conclamando as lideranças e as comunidades a se unirem porque tudo o que estava sendo empreendido valeria para a prosperidade do município, a trepidante cidade das máquinas.

A Sofia Loren da Coprel

Lodívia Bratz, bela garota, conquistara o título de Rainha do Alto Jacuí em concurso promovido pela jornalista Maria Helena Stefanello.

De rara beleza e simpatia, Lodívia tinha traços e expressões semelhantes aos de Sofia Loren, atriz italiana do cinema internacional. Lodívia passou logo à Rainha da Coprel, em promoção seguinte também feita por Maria Helena.

Sofia Loren foi o apelido que lhe dei, por intuição momentânea, Lodívia, menina simples, loira, extrovertida, sorriso contagiante, incorporou-se ao grupo de funcionárias da Coprel, mais diretamente com a área de comunicação de Maria Helena. Teve participação ativa em todos os atos, festas, inaugurações. Fazia bonito e se destacava com as demais gurias do meio copreliano, nem sempre funcionárias; seus pais, sim, eram funcionários da Coprel.

Singularmente, Lodívia Bratz, como rainha, e Berenice do Carmo Stefanello, princesa, representaram a Coprel em Taquari entregando ao presidente Costa e Silva um dossiê de reivindicações do sistema da eletrificação cooperativa. Esse ato realizou-se no início da estrada de acesso a Taquari, de cujo ponto a Coprel iniciou um trecho de rede elétrica, para a recém-fundada Cooperativa de Eletrificação Rural de Taquari.

A Coprel apadrinhou a criação dessa cooperativa de Taquari, ato que prometera ao presidente Costa e Silva em audiência mantida no Rio de Janeiro, quando ainda ministro do Exército.

Nessa ocasião a presença do presidente Costa e Silva em sua terra natal, Taquari, foi engrandecida pela apresentação de um grupo de setenta coprelianos, todos uniformizados e com capacetes brancos que os distinguiam. Tudo para causar boa impressão ao presidente tributando-lhe uma homenagem em nome das cooperativas de eletrificação rural que se formavam no sul do país.

Lodivia Bratz, a Sofia Loren, e Berenice do Carmo foram muito cumprimentadas pelo presidente Costa e Silva e distinta comitiva, e deram brilho àquela solenidade.

Naquele ano a energia foi presente de aniversário

"Ajudei seu Olavo a fazer reuniões com o pessoal do interior, pois explicava o programa da Coprel em alemão. É que muitos agricultores entendiam melhor se lhes falassem na língua materna, não que eles não entendessem nossa língua", explica Nilo Gäertner. "Eu cedi o galpão para acampamento do pessoal da Coprel. O que me deu bastante alegria, foi no dia do meu aniversário, 13 de dezembro, sabe, me fizeram uma surpresa, ligaram a luz pra mim nesse dia. Ah! Sim, fiz um churrasco para comemorar a chegada da luz e o meu aniversário com o pes-

soal da Coprel. Aquela festinha a gente não esquece. Vejam só, o financiamento da energia tinha prestações para pagar em dez anos, mas a gente pagava a cada meio ano."

Nilo Gäertner foi líder entre a juventude. Ele e a esposa Gertrudes souberam unir as famílias para conseguir benefícios e fizeram de Morengaba uma das mais belas comunidades de Panambi. Ele sempre reforçou a participação de sua esposa para o sonho de ter luz. "A Gertrudes começou a participar das reuniões desde o início, incentivando as pessoas a colocar a luz."

Na época, havia muita dúvida: "Será que a eletrificação rural que está sendo proposta vai dar certo?" Com isso, aumentava o trabalho da Coprel, que precisava da adesão dos agricultores para liberar os financiamentos previstos e executar a construção das redes.

Nilo e Gertrudes lembram com emoção: "Com seu Olavo à frente, reunimos jovens, inclusive da cidade, para visitar aqueles que não haviam comparecido às reuniões de adesão e prestar-lhes todas as informações sobre a seriedade do programa e seus benefícios".

Foi uma maratona de visitas por alguns dias. Era até divertido, graças à facilidade e alegria com que os jovens se comunicavam. Todo esse trabalho deu resultado. A grande maioria aderiu de pronto ao projeto e, aqueles que não se habilitaram a esse financiamento do BID, mais tarde serviram-se de empréstimos do Banco do Brasil.

Tirando geada dos trigais

Revirava uma caixa cheia de fotos, cartões e bilhetes. Nisso pego um deles, escrito à mão, que Daniela enviara de aniversário. Relendo-o, pensei, está lindo, a Daniela me recordava de historinhas que eu contava para ela, trazendo ao tempo presente o marcante de minha infância e a de meus irmãos; enfrentando o frio, passávamos a corda para tirar o orvalho que enregelava os cachos de trigo, nos meses de agosto, setem-

bro e outubro, perigo das geadas extemporâneas, trabalho que se realizava bem antes de o sol aparecer. Trabalho pra lá de brabo.

Essas historinhas a Daniela as transmitia em seu programa "Clube da Criança". Criança também era ela com seus nove, dez anos de idade. "O Clube da Criança" tinha boa audiência.

Eis o cartãozinho:

"A gente se acostuma a medir a vida em dias, meses, anos... mas será que é mesmo o tempo que mede a nossa vida? Você, Olavo, tem a resposta. E ela é simples, curta.

"A vida é contada pelo número de sorrisos, abraços, amores e paixões.

"Continue, meu pai, a curtir a vida, aproveitar todos os minutos, se deliciando com ela, porque muitos vivem sem conseguir aproveitar as pequenas felicidades que estão diante de nossos olhos disfarçadas. Para você, que não é espectador, é ator, não é passageiro, é piloto, não é paisagem, é pássaro, a vida é muito mais intensa e emocionante.

"Hoje, me lembro muito bem da tua infância, do Olavo menino que, com os irmãos passavam a corda na lavoura de trigo para tirar o gelo, a geada da planta no inverno, e assim evitar a queima das espigas com o sol, no alvorecer. E com altivez, determinação e garra, este menino é o personagem principal de uma grande história, por ti escrita e vivida.

"Obrigada, por você mesmo ser intenso, forte, inquieto, mas ao mesmo tempo sensível.

"Obrigada, por nos permitir desfrutar da tua companhia, de partilhar do teu conhecimento e cultura, da tua alegria e disposição, pelo teu apoio e força sempre.

"Obrigada por fazermos parte do teu convívio e pela amizade e carinho de grande amigo, pai, vô".

Dani, Musta, Yasmim e Valentina.
Ibirubá, 2 de agosto de 2005

Rosas para muitos espinhos

Sim, primeiro vieram as rosas, depois as samambaias para formar um verde jardim suspenso. Que maravilha!

Maravilha mesmo foi da chegada da energia. E com energia menos espinhos! A história da Coprel em Passo Fundo e região se confunde com a história do cooperante Adão de Oliveira Pimentel, e fui reencontrá-lo no local chamado *Roselândia*, no belo Parque Clube Passo Fundo.

Com 87 anos de idade, Adão Oliveira Pimentel lembra o início de tudo: deixou Espumoso, mais precisamente a localidade de Campo Comprido, em 1971. Foi morar em Passo Fundo à procura de tratamento de saúde, segundo ele, pois naquela época o recurso era morar perto de médicos e hospitais. Coincidentemente, acabou comprando alguns hectares de terra e então resolveu dedicar-se ao cultivo de rosas, por acidente, como faz questão de frisar: "Por acidente como muitas coisas, não tinha saúde, precisava de tratamento e de trabalho para me sustentar".

O cooperante Adão Oliveira Pimentel não tinha casa, mas armou uma barraca sob as árvores e começou o serviço, não demorou para construir um galpão para morar. Em 1973 ouviu os anúncios de reuniões para se associar à Coprel. "Eu estava certo de que a rede saía, pois conhecia a Coprel e Espumoso e porque conhecia Olavo."

Pimentel associou-se e, passados alguns meses, já com o poço artesiano de 90 metros, recebeu a eletrificação. "Meu maior problema era a água, e nisso aí entrou a luz, agora temos água, se faltasse luz, não a teríamos."

"A Coprel me arrumou a vida, a gente aprendeu que quem quer água tem de morar perto de alagado, e isso não é verdade, pois tendo-se luz, tira-se água. Ninguém tinha horta, mas poderia com plena condição. A roseira é bem mais delicada que a verdura. Depois que eletrifiquei a chácara, parei de me incomodar."

Pimentel e sua sobrinha Normélia de Oliveira Pimentel cultivavam, em mais de 3 hectares, 100 mil roseiras. A comercialização era feita em 23 casas de flores da cidade. "A idéia de produzir rosas lindas e sadias não foi fácil e a eletrificação, para pulverização semanal, foi mui-

to importante. Pude instalar uma câmara frigorífica para conservar as rosas e poder assim vendê-las nas datas especiais, quando a demanda é maior. Na época isso era uma novidade. De fato a luz me deu uma grande mão, adotei outras técnicas e, como me dizia Olavo: 'Não é só japonês que faz milagre com um pequeno pedaço de terra, o exemplo está aqui com seu Adão'. Além de comercializar os botões, a Roselândia produzia mudas das mais diversas variedades, e muitas provindas dos mais distantes pontos do mundo." Padre Chico de Ibirubá era um dos tantos que o ajudava.

Normélia, a sobrinha, apesar da idade, tomara a iniciativa de cursar a faculdade de Direito.

Fala-se em Roselândia ser o paraíso das águas termais, projeto em estudo. É local aprazível de diversão, esporte, saúde e laser.

"Quem diria Tapejara, ver-te aqui."

José Maria Vigo da Silveira e Aldino Lângaro eram de Tapejara. Lângaro começou a nos dar apoio quando lá chegamos. Expondo-lhe o nosso programa, que ele não só aceitou, como deu força para lançá-lo, logo conquistamos toda a comunidade. E foi o que fizemos. Lângaro levou-me para visitar o ex-prefeito, Severino Dalzotto, que ele sucedera. Dalzoto não só apoiou a iniciativa como ampliou o caminho para a eletrificação rural.

A primeira reunião foi realizada no salão da comunidade, um acontecimento de grande significação, que repercutiu em todo o município, inclusive nos municípios vizinhos. Salão lotado por intensa convocação do prefeito, já naquela hora auxiliado por Alceu Basso, um ardoroso líder da Silvaira que se alinhou ao nosso trabalho, figura bem conhecida e estimada, não só em Tapejara, mas em todo o estado.

Programei as reuniões, umas cinco ou seis por dia. De cara algumas marcavam uma boa presença e, o principal, a adesão aos projetos previstos para a área da Coprel. E as reuniões logo eram sucedidas por cargas

de postes e material elétrico ao longo das linhas, projetos já definidos para a construção das redes. Fazia-se isso para motivar o ingresso das famílias dos agricultores no projeto e na Coprel.

As turmas de trabalho acampavam nos pontos estratégicos, ora em galpões cedidos por agricultores, ora em salões de festa, e as redes, depois de abertas as picadas, erguiam-se em todas as direções de Tapejara, e não era pouca a expectativa das famílias rurais para a chegada da luz que lhes parecia antes tão distante e tão difícil.

Lembro-me e devo fazer registro das palavras de José Maria, um prefeito de grande popularidade. "Olavo, quem diria, Tapejara ver-te aqui fazendo o que tu estás fazendo, eletrificando o nosso interior, e de maneira fácil para todos, que Deus te ajude, o que estás fazendo é uma reação positiva, comunitária. Tapejara te quer como amigo, como filho. Abençoada Coprel!"

José Maria morava um pouco longe da cidade, no campo, e era pequeno agropecuarista, homem de lei, político simples, honesto e trabalhador. Foi duas vezes prefeito de Tapejara, seria três se quisesse.

Com pulso firme, a luz chegou a São Silvestre

Depoimento de Elso Scariot, Tapejara:

"Na década de 70, Olavo Stefanello e o prefeito José Maria Vigo da Silveira reuniram aproximadamente oitocentos produtores no Centro Comunitário da Paróquia, onde definiram que a partir daquele dia fariam um roteiro de reuniões nas comunidades para divulgar as propostas de energizar o interior através da Coprel.

"Em seguida começaram os roteiros de reuniões no interior. Uma das localidades a receber a visita da comissão foi São Silvestre. Stefanello expôs a proposta: um financiamento a longo prazo, ao qual apenas seis produtores aderiram. Acreditaram na proposta e assinaram a aquisição

da energia os cooperantes: Ângelo Argenta e Ambrozio Zanata; Pedro Scariot Severino, João Scariot, José Poletto e Pacidio Favretto. A face ainda era de expectativa.

"A maioria das pessoas não acreditava que a cooperativa daria certo, pois tinha sofrido desilusões anteriores com cooperativas de outros setores. Concluído o roteiro de reuniões, a Coprel destacou uma, duas e mais equipes de construção, com as quais desencadeou o início da eletrificação em Tapejara e Ibiaçá. Em 1974 foram ligadas as primeiras casas no interior. A partir disso a proposta da cooperativa, com o pulso firme de Olavo, ganhava credibilidade e a Coprel se transformava em uma das peças mais importantes para o desenvolvimento da região."

Uma proeza da Coprel, levar luz até onde a onça vai beber água

Em Charrua, na época distrito de Tapejara, situava-se a reserva indígena caigangue, em área de 3.500 hectares de mata, trechos agredidos por invasores brancos, outros transformados em roçados. A coordenação local de assistência às famílias dos índios, a Funai, solicitara-me incluir aquela sede indígena no projeto de eletrificação. Nós a incluímos no programa e a luz finalmente chegou ao alojamento indígena, à escola, ao centro e a algumas casas na sede.

O acontecimento ganhou notícia. O jornal da Coprel registrou com fatos que ocorreram na construção das redes naquela região.

A turma de coprelianos aliada a uma turma de trabalhadores de obras da Prefeitura de Tapejara esbarrou com uma grande onça, em uma fonte d'água. Bulicio na redondeza. A onça ou as onças refugiadas na floresta dos índios vinham devorando terneiros, cordeiros e porcos dos agricultores. A ordem era não matar as onças. Mas o pessoal da municipalidade juntou-se aos colonos e a coitada da onça foi assassinada por tiros de espingarda de grosso calibre.

Os coprelianos, se não houver outra versão, apenas assistiram à morte da onça, na fonte d´agua por onde passou a rede de luz da Coprel, e tiraram foto com a ela.

Contam melhor este fato os coprelianos que trabalharam nessa época em Charrua. Perguntava-me: "Por que matá-la, se os índios conviviam bem com ela?".

La vida de mi padre es una leyenda

Na expressividade do texto, Grace Ane e Olavo Michael cumprimentaram-me no aniversário de 2.8.2006, o que fazem todos os anos. Filhos, como todos, amo-os e quero bem. Homenagem simples e carinhosa escrita em espanhol:

> *"Querido Padre, 'La vida es como una leyenda: no importa que sea larga, sino que esté bien narrada'" Sêneca."*
> *En este dia tan especial reiteramos todo nuestro aprecio, amor y cariño hacia ti e hacia tu vida, que merece ser narrada y conocida.*

Sêneca nasceu em Córdoba, na Espanha, no ano 4 a.C. Sua obra literária e filosófica é tida como modelo do pensamento estóico, vale a pena conhecê-lo, recomenda a Grace, que doutourou-se em Sociologia da Comunicação na Universidad Complutense de Madrid, Espanha. Leciona na Universidade Federal de Goiânia.

Pisei no rastro de Debret

Quem ouvisse falar de Morro do Forno, nem de longe poderia imaginar as dimensões de seu encanto e história.

Situa-se a 40 quilômetros de Torres (RS) e a 10 de Morrinhos do Sul, município a que pertence. Ao pé da grande montanha, um pouco isolada

da serra do Mar, fica o povoado e a igreja, um quadrilátero de casas, comércio, praça, estádio de esportes e frondosas figueiras. Nas encostas, os bananais cercando casas esparsas das famílias da colônia.

O curioso era que o povo, de certa forma, desconhecia a história do Morro do Forno. Quem primeiro o galgou foi um grupo de soldados, tendo a frente o famoso pintor francês Jean Baptiste Debret, na época, desenhista contratado pelo Serviço Geográfico do Exército Brasileiro. Teria ocorrido, segundo historiadores, por ocasião da visita de Dom Pedro I ao Forte de Torres, corporação militar sediada ali.

Subiu até o topo do Morro e lá colocou seus instrumentos topográficos com os quais efetuou mapeamento do amplo cenário que se divisava, entre a serra e o mar.

Viveu quinze anos no Brasil, e escreveu *Viagem pitoresca e histórica do Brasil,* no qual registrou sua profunda relação pessoal e emocional com o país.

Na Prefeitura de Torres vê-se quadros desses registros e desenhos de Debret.

Palmilhei seu rastro para conhecer Morro do Forno, o caminho percorrido pelo ilustre pintor e arquiteto e admirar os aspectos naturais dessa região. Morro do Forno, beleza e mistério.

Levaram-me até lá as gurias Solenir, Eliane e Noêmia, que me prestavam serviço doméstico em Torres e Itapeva. Em Itapeva eu construí a Itaoca, casa de pedra em tupi-garani, em torno de quase 1 hectare de terra, com lago e outras atividades de lazer. Mais tarde, pela distância entre o trabalho e a praia de Torres, acabei me desfazendo da Itaoca.

Imaginava quão agreste e selvagem era aquela área de pura floresta desde a praia até o pé da serra do Mar. Falando do Morro do Forno, na época nem a Rodovia 101 existia.

Debret e seu grupo atingiram o Morro do Forno abrindo picada, mata adentro, e enfrentando animais selvagens. Habitantes, além de poucos caboclos, índios acampavam próximos à praia e nos locais de pedras, nos quais se reproduziam mariscos, mexilhões e peixes de praia de que se alimentavam.

As gurias insistiam comigo para visitar a terra de residência de seus pais, na encosta do Morro do Forno. Esse dia aconteceu. Para alcançar as duas moradias de seus pais, eram primas entre si, fazia-se uma aventura de caminhada morro acima. Antes se passava por uma pinguela sobre arroio de muita pedra e água.

Carregando um saco com carne às costas, Solenir, ao pisar fora da pinguela, já na margem, resvala em uma pedra e cai n'água. Jair, seu irmão, que vinha em nossa ajuda, jogou-se n'água atrás da carne. Pegou-a rindo à toda pela proeza que praticara. Riram todos por terem visto a bela Solenir dar um mergulho e deixado à mostra carne e mais carne. Tudo motivo para riso na subida do morro do Forno.

Alegria maior consumou-se na chegada e no encontro com os familiares de Juvina Raupp e Bento Bitencourt, pais de Solenir.

Encantara-me com a simplicidade e o carinho que me dispensavam. Mostraram-me o bananal, vacas de leite e lavouras de aipim para a panela e mandioca para produzir farinha e polvilho. Colhemos até palmito no mato.

Galgamos um trecho maior do morro, mas não chegamos ao topo, uma bravura que eles fizeram e o Debret também, mas que eu não fiz. Prometi fazê-lo.

O churrasco ficara previsto para o dia seguinte. O almoço, dona Juvina e as filhas o prepararam para eu experimentar o prato típico do Morro do Forno. Constava de carne de porco frita, aipim cozido, feijão de cinco espécies – cultivado naquele local e plantadas as variedades simultaneamente –, mais arroz, banana e batata-doce assadas, verduras, uma cozinha simples, mas muito gostosa. Dona Juvina ainda se desculpava e dizia: "Da próxima vez, vou preparar farofa de pinhão e carne seca, e tu vai gostar!".

A noite chegava. Um silêncio dominava o ambiente, que só era cortado pelo esganiçar distante de cães e o canto de aracuãs na mata.

Ofereceram-me cama para dormir. Agradeci, queria dormir enrolado no poncho pala, de lã, que levara comigo, e sentado no canto da sala. A casa era pequena.

As gurias fizeram o mesmo que eu fiz, envolveram-se em toalhas de banho e lençóis sentaram recostadas na parede à espera do sono que não veio, nem poderia vir. O estado de graça e felicidade em que viviam não lhes dera espaço.

De manhã, dona Juvina serviu-nos um café saboroso, aromático, de fabricação própria. Morro do Forno produz café e café com roscas de polvilho e mel serrano, uma delícia campestre.

Ao meio-dia, então, ocorreu o churrasco precedido de gostosas caipirinhas de cana e limão próprias. Os irmãos Bitencourt tinham um pequeno alambique. O churrasco esteve ótimo com a boa carne de costela e picanha do açougue Torrense. Nem o banho no rio com o tombo da Solenir lhe diminuiu o sabor, o bom gosto.

Voltei muitas vezes a Morro do Forno no rastro do pintor Debret, cujas obras de arte de maior expressão estão nos museus de Viena, na Áustria, e Paris, na França, sua terra natal.

As gurias Solenir e Eliane auxiliaram minha irmã Estela a cuidar da mãe Antônia, em Ibirubá, nos seus últimos anos de vida. Devo citar também a Laura, a Fabiana e a Cíntia.

Da Noêmia fui padrinho de casamento, casou com Ivan Boff, um jovem trabalhador, natural de outro lado da encosta daquele morro.

Lembro que fui padrinho de batismo e crisma de muitas crianças e jovens de Morro do Forno. Fotografei centenas delas, pois não havia fotógrafos por aquelas bandas.

Junto à CEEE consegui a extensão elétrica a sete famílias da encosta do Morro, entre as quais, as Raupp Bitencourt, a pedido das gurias e de seus pais. Por tudo isso guardo a mais rica lembrança de Morro do Forno, um recanto tão bom como o céu. Creio que sim! Morro do Forno é beleza e mistério. Para confirmar é só ir vê-lo.

Colona pensa...

Caminhava eu no interior e, de repente, paro em frente a uma casinha de madeira e vejo uma colona tirando a palha de uma

espiga de milho para quebrar no pilão a ração dos pintos e, cheguei para perguntar: "Se a luz vier pra cá, a vida melhora?". Ela respondeu-me: "Bem, se vier a luz pra nóis a vida aqui na roça decerto vai miorá e este pilão vai para o fundo do galpão". "Temos de ajudar a Coprel! E assim, com um pouco de cada um, fica barato para instalar a luz em casa." "Isso mesmo", dizia dona Alvina: "e de grão em grão a galinha enche o papo".

Muitas são as donas de casa que pensaram como essa colona, na esperança da luz. Graças à cooperação de todos, a Coprel pôde levar energia elétrica para 71 municípios e tornar mais confortável a vida no campo e mais produtivo o trabalho do agricultor.

Colônia Saudades ficaria sem luz? De jeito nenhum!

Dezembro de 1971, véspera de Natal. A comunidade Colônia Saudades, de Não-Me-Toque, esperava a realização de uma promessa. Um presente para as festas de fim de ano: energia elétrica.

A Coprel chegava ao interior com suas redes, era a maratona da eletrificação, fortemente apoiada pelas famílias rurais, por lideranças e prefeitos com financiamentos de pai para filho por vários organismos de crédito, entre os quais o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

A rede prevista para a Colônia Saudades, após trabalho de sol a sol, foi concluída em tempo recorde por nossos trabalhadores, na epóca conhecidos como *soldados de capacete branco*. Bastava a concessionária CEEE, que nos fornecia energia, autorizar sua ligação no ponto fixado. Mas essa autorização não vinha. Passavam-se os dias, cada vez mais angustiantes para nós e para a comunidade. Na verdade, a gerência de Passo Fundo não só burocratizava como criava uma série de empecilhos contra a eletrificação cooperativada. E a Coprel foi a primeira vítima que não se conformava com essa situação.

Era véspera de Natal e nada da referida autorização, que dependia em última instância da direção da CEEE de Porto Alegre. Que fazer então? Examinamos a questão sob todos os ângulos, e a estratégia foi ligar a energia para a Colônia Saudades por nossa conta e risco.

Nem bem nosso pessoal de rede, sob a coordenação técnica de Nélio Koch, e da chefia de equipe de Nelson Soares, havia procedido à ligação e uma turma de *arigós* da CEEE, que nos vigiava espertamente, foi ao local e não só desligou, como levou a chave de ligação. Colônia Saudades ficaria sem luz? Passaria o Natal sem energia? De jeito nenhum!

Concentramos um número maior de nosso pessoal no local, conseguimos outra chave e a luz foi religada para alegria e festa dos moradores de Colônia Saudades. Como medida de precaução, montamos acampamento e guarda no local para impedir uma possível nova investida da turma da CEEE, que, pressentindo nossa disposição, de briga se necessário, para defender o interesse maior dessa comunidade, apenas circulou, algumas vezes, por perto.

Colônia Saudades passou o Natal com luz e nossa equipe, que manteve guarda no local, ali também comemorou, embora com sacrifício, mais que uma conquista, o respeito ao desenvolvimento do seu trabalho.

No dia seguinte, 26 de dezembro, encontrei o presidente da CEEE, general Bastide Schneider, contei-lhe o fato, ele ficou surpreso com a ocorrência da falta de bom senso da gerência da CEEE de Passo Fundo e, em seu nome e no da empresa, pediu-nos desculpas.

Sócios-fundadores relembram

Fizemos parte de uma geração que viveu para assistir à virada do milênio. Uma passagem cheia de transformações, mudanças culturais e avanços tecnológicos. As pessoas que acompanham desde o início a criação e a evolução da Coprel relembram essa trajetória de mudanças contínuas.

Em 14 de janeiro de 1968, a Coprel iniciou suas atividades no município de Ibirubá, nascendo da necessidade de levar energia elétrica para o meio rural. Arnaldo José Bonzanini, da localidade de Santo Antônio do Umbu, foi um dos primeiros associados, tendo sua matrícula de nº 14. Ele relembra o início da cooperativa, quando fez a instalação da energia elétrica em sua propriedade, em 31 de março de 1968. Emocionado, ele recorda-se de uma história de trabalho árduo e de muita luta. Foram muitos anos buscando apoio e recursos financeiros para levar desenvolvimento ao campo.

"Me sinto feliz e realizado por ter modestamente contribuído, dentro de minhas possibilidades, para o engrandecimetno da Coprel, que ajudei a fundar em 14 de janeiro de 1968", conta o cooperante Arnaldo José Bonzanini.

Otto Arthur Saueressig, cooperante de matrícula nº 12, teve sua energia ligada em 24 de julho de 1969, em Esquina São José, Ibirubá. Mesmo com problemas de saúde, ele me relatou que se sente orgulhoso em ter participado dos primeiros trabalhos da Coprel e feliz em, hoje, ver a coopetariva crescendo cada vez mais.

Arnaldo José Bonzanini e Otto Arthur Saueressig fizeram parte da primeira diretoria da Coprel como conselheiros e, continuaram, por muitos anos, participando das decisões da cooperativa.

Cruzaltinha da lingüiça picada a faca

Um singular leilão de novilhos mobiliza todos os anos os agropecuaristas de Cruzaltinha, que ficou mais alegre e campeira com a luz da Coprel que eletrificou toda essa região.

Além do leilão, seus organizadores oferecem um típico churrasco de lingüiça de carne cortada à faca, assada e servida enrodilhada em espeto de madeira. Uma raridade da saborosa culinária do rincão de Cruzaltinha. Um jeito todo peculiar e típico de comemorar eventos dessa

natureza, um leilão de novilhos à beira de belo capão de mato, às margens da BR 285.

Foi em um desses rodeios de Cruzaltinha que intensifiquei conversação sobre a expansão da energia elétrica. Conversações que frutificaram na execução de projetos de extensões de luz a toda aquela rica campanha agropastoril.

Para mim, e certamente para todos, festa de muita euforia campeira, méritos ao então prefeito Anacleto de Ciríaco e a outras lideranças. Compartilhar de encontros como esses reacendem uma chama da mais autêntica convivência dos pampas, verdadeira tradição gaúcha.

Elvira Sand Becker, a copreliana que pegava em qualquer ponta

Elvira Sand Becker ficou viúva ainda jovem e enfrentou toda sorte de dificuldades, em Linha 6, onde residia. Era colona e praticava uma agricultura que, para aquele tempo, chamava a atenção dos demais agricultores. Com seus filhos menores na roça, de sol a sol, plantava, criava vacas de leite, suínos, aves, fazia queijos, salames, uma trabalhadora exemplar, que todos os anos em seu aniversário reunia amigos e vizinhos em casa para uma festa com churrasco, cucas e muita música. Dito isso, me lembro como conheci essa dedicada colaboradora da Coprel, eleita várias vezes conselheira.

Elvira comprara um carro usado e ao dirigi-lo, na rua General Osório, ele encrencou parando no meio da rua de muito movimento, a principal artéria da cidade de Ibirubá. Presenciei o fato da janela do prédio da Rádio. Elvira saltou do auto, deitou-se embaixo dele para ver o que havia acontecido. O impasse foi logo resolvido por um mecânico que por ali passava. Ela era assim, dedicada e não refugava qualquer tipo de trabalho. Uma operosa mulher, sempre à frente das boas causas da comunidade.

Agricultor determinado que venceu com as mãos na terra

Se existe um agricultor determinado a vencer no trabalho produtivo da terra, este homem chama-se Elio Stärlick. Ele mostrou a todos como se empreende com sucesso e, desse empreendimento, nasceu há cinqüenta anos a Grandespe, Granja São Pedro.

Ele queria e conseguiu ser um competente produtor de sementes. Teve muitas dificuldades, mas venceu todas elas com persistência, estudo e pesquisa, aliados à eficiente cooperação de seus filhos e funcionários, tornando a Grandespe um orgulho do agronegócio gaúcho.

Elio Stärlick começou na agricultura mecanizada em 29 de junho de 1956, motivo pelo qual a denominação Granja São Pedro, e, desde o início, sua grande meta foi a busca de tecnologia para o aumento da produtividade.

A Grandespe desenvolve agricultura, pecuária, destilaria de cachaça, produção e comércio de sementes de soja, trigo, milho, aveia e triticale, no Alto Jacuí. A região possui ótimas condições de clima e solo para a produção de sementes.

Na bóia campeira coprelianos se destacavam

É costume dos coprelianos festejar a Semana Farroupilha com reuniões, cantos, músicas, declamações e charlas campeiras no Rancho Copreliano.

Coroavam essas reuniões com a saborosa culinária criola na qual muitos coprelianos desafiavam-se para ver quem tinha mais habilidades e gosto apurado no preparo do boião de panelas, forno e fogão ou em trempe de fogo de chão, corrente com gancho de pendurar as panelas.

Não faltava o churrasco, o carreteiro, o feijão ou a feijoada de campanha, que os coprelianos se habilitavam a elaborar com técnica e capricho, nos acampamentos, quando empenhados nas construções de redes, onde permaneciam as turmas por quinze dias ou o tempo da execução do projeto.

Muitos eram os destorcidos nas panelas com o boião, como o Pereirinha, o Nelson Soares, o Marno Wayhs, o Antônio Edison Paloschi, o Júlio Cezar Mendes, filho do Nestor Mendes, velho guarda da Prefeitura. Ah! É grande, a lista.

A Coprel é uma glória
Latino-americana
Luzindo na história
Da terra pampeana.

Lá no céu nasceu mais uma estrela

No dia 30 de setembro de 2000 Maria Helena Stefanello nos deixou. Uma trajetória breve, porém intensa. Por onde andou iluminou e encheu de vida as muitas pessoas que encontrou em seu caminho.

Na Coprel, Maria Helena ousou, criou e inventou uma fórmula de sucesso. Nas imensidões dos campos e lavouras de toda a região, buscava mostrar os exemplos de sucesso de homens e mulheres que surgiam com a tão sonhada energia elétrica.

Responsável por muitos anos pela área de comunicação da cooperativa, com alma feminina e sensibilidade, expressou como ninguém os desejos e os anseios de uma gente humilde, sofrida e que aos poucos, com o advento da luz, conhecia um novo mundo e enchia de esperança a vida.

Envolvida com ações ambientais, Maria Helena destinava atenção especial aos assuntos da natureza e sua preservação.

Mas, como um cometa, partiu. Fica para nós o exemplo de garra, profissionalismo, dedicação ao jornalismo e, principalmente, o poder e a determinação da mulher.

Nascida em 8 de maio de 1944, em Sede Vitória, Fortaleza dos Valos, está sepultada em Ibirubá. Teve dois filhos, Giovana e Rosalino Júnior. Este formou-se em Designer e trabalha em Curitiba. Giovana é médica em Florianópolis. Casada com o médico Juliano Thiesen, tem um filho que se chama Bernardo.

"Vivo a Coprel todo dia, vivo sua luta, bonita e vitoriosa."

Expressava-se assim o ex-presidente da Coprel Auxílio Rebechi, que morava em Passo Fundo, tendo nele exercido lá numerosas atividades. Foi um dos vereadores mais votados da Câmara Municipal, presidiu o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, notabilizou-se no Grito da Terra em Porto Alegre contra o confisco da soja decretado pelo governo federal.

Teve participação ativa em favor da eletrificação rural, desde a incorporação da co-irmã passofundense pela Coprel. Na época, a Coprel se auto-afirmava e se conceituava no mundo financeiro, inclusive internacional, pois vinha obtendo créditos para a execução de seus projetos.

Uma semana antes de falecer, Auxílio Rebechi, em sua casa, convalescia de enfermidade que o perseguia há longo tempo. Convidara-me para almoço italiano, uma das habilidades de Olívia, sua esposa.

Com a franqueza que lhe era própria, falava que a razão maior de sua vida era a Coprel. E acrescentava: "Feliz o Brasil se um dia pudesse contar com serviços eficientes como os da Coprel. Mobilidade, eficiência, solidariedade foram pontos altos e nunca faltaram a seus funcionários".

Quis Deus, não se passara nem uma semana desse meu encontro com Rebechi, nos entristecer com sua morte, em 21 de maio de 2005, sábado, em Passo Fundo.

Pouco antes de sua morte, Auxílio Rebechi fez alguns pedidos à família: o de ser sepultado na capela Santo Antão; vestir a camisa com o emblema da Coprel, sem gravata e que familiares e amigos entoassem a música de Teixeirinha, "Querência Amada", no derradeiro momento do sepultamento.

Comoveu todos que foram despedir-se do velho companheiro.

O prefeito Airton Dipp e o bispo diocesano de Passo Fundo, presentes ao funeral, lamentaram seu desaparecimento.

Antes de sua morte, Rebechi entregou-me uma carta, reproduzida a seguir. Nela ele resume a história de sua vida.

"Nasci no dia 29 de janeiro de 1932, no município de Guaporé, na linha Anita Garibaldi, hoje município de Vila Maria, Sou o 16º filho de Atílio Rebechi e Cecília Montanari Rebechi, o casal teve dezessete filhos, família numerosa de pequenos produtores rurais.

"Em 17 de abril de 1943 a família Rebechi seguiu rumo a Passo Fundo, á procura de terras, a fim de melhorar suas condições de vida, vindo a se estabelecer na localidade de Jaboticabal, hoje conhecida como Santo Antão, e onde passou a ser conhecida como os irmãos Rebechi, como eram chamados os quatro irmãos: João, Andréa, Alcides e Auxílio.

"A numerosa família, com a atividade agrícola, trouxe o cultivo das parreiras e a produção do vinho, em seu porão eles recebiam seus amigos com muita alegria. Os quatro irmãos permaneceram na comunidade até o fim de seus dias.

"Casei com Olívia Pértile em 7 de maio de 1953, e constituímos nossa família. Tivemos três filhas: Maristela Rebechi, Salete Aparecida Rebechi e Otília Lorete Rebechi (esta já falecida em virtude de um raio, em 1º de dezembro de 1974. A família ainda carrega consigo uma perda muito grande.). O casal amenizou o sofrimento com a chegada dos netos: Nataniela, Nataniel e Matheus que trouxeram novamente a alegria para nossa família.

"Em maio de 1970 fui eleito secretário do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Passo Fundo, o então presidente era o sr. Arlindo Lorenzoni, e para o mesmo cargo fui reeleito por duas vezes.

"Em 1972 fui considerado o melhor produtor de tomate do estado do Rio Grande do Sul, e disso me lembro como se fosse hoje, cada tomate chegava a pesar 1,9 quilo, ficando na história.

"Em 1977 fui eleito presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Passo Fundo, e exerci com orgulho este cargo por sete mandatos consecutivos.

"Em 1987 fui convidado a participar do Conselho Fiscal da Coprel no município de Ibirubá, cujo presidente era Olavo Stefanelllo. E em 1988 fui convidado a participar do Conselho Administrativo da Coprel. Em 1989 meu nome foi escolhido para ser vice-presidente dessa entidade, onde exerci dois mandatos.

"De 1989 a 1992, exerci o mandato de vereador de Passo Fundo, tendo expressiva votação, tanto no interior quanto na cidade, uma legislatura com 1.191 votos.

"De 1998 a 2001, exerci o mandato de vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Passo Fundo, a então presidente era a saudosa Classi Maffi, hoje falecida.

"Em 2001 por motivo de doença deixei o cargo de vice-presidente para exercer o cargo de secretário por mais quatro anos.

"Em 4 de março de 2005 deixei o cargo com muito orgulho, por ter dedicado à comunidade meu trabalho com muita honestidade. Afastei-me do cargo, mas não da Coprel, que foi a razão maior da minha vida. A Coprel significa exemplo de cooperativismo, direi isso até o fim da minha vida, como cooperante e amigo dessa grande família."

O massacre do Fundão é uma história feita de ódio, coberta de sangue, crivada de balas e mortes. É a história dos "monges barbudos."

Encurralados em uma mangueira de gado os chefes do movimento foram mortos a tiros em Jacuizinho. Foram assassinados covarde-

mente por soldados da Brigada Militar. Um massacre hediondo em pleno século XX!

Há setenta anos o Fundão agreste do município de Soledade, divisa com o de Sobradinho, foi palco de um bárbaro massacre de "monges barbudos" e muitos de seus seguidores. Outros presos e judiados que nem animais selvagens. Era um movimento místico de vida que reunia mais de 10 mil seguidores do líder profeta João Maria, que teria aparecido a Deca França. Este fundara, então, a nova religião apelidada de "monges barbudos", auxiliado por Tacio Fiúza, outro missionário pregador da nova fé evangélica de Jesus.

Em meados de 1981 nas atividades de levar a boa nova da luz elétrica pelo interior de Espumoso–Soledade, precedida de reuniões, esbarrei em casas de membros remanescentes do massacre dos "monges barbudos" que me despertou curiosidade, tendo solicitado à jornalista Maria Helena, minha irmã, que me fizesse pesquisas sobre essa história para inseri-la no jornal *Alto Jacuí* e no *Diário Serrano* de Cruz Alta, o que ela fez e complementa este relato-registro. Entrementes participava eu da Feira do Livro de Porto Alegre, que se realiza periodicamente na Praça da Alfândega, quando deparei com um pequeno livreto *O massacre no Fundão*. Era a história de que eu ouvira falar por alguns remanescentes, vivendo ainda amedrontados nessa região para a qual a Coprel estava empenhada em levar luz e progresso para tirá-los do atraso a que foram sepultados.

Quem eram os "monges barbudos"? Que mal eles fizeram para serem tão brutalmente perseguidos e massacrados por forças policiais militares?

Na verdade, eles pregavam uma nova doutrina, cuja filosofia, um tanto cabocla, era viver com sobriedade, proteger a natureza e os animais, rezar e propagar a boa nova de que Jesus viria novamente à terra para castigar os pecadores e abençoar os seguidores e crentes do profeta João Maria, que teria aparecido a Deca França, outro missionário-pregador, e lhe pedido para fundar a nova fé dos "monges barbudos", denominação esta que certamente lhe deram outras pessoas, comerciantes

ou lideres religiosos de outras crenças, inclusive a católica, segundo versões, contestada, no entanto, pelos padres de Soledade.

Os monges espantaram-se com as notícias espalhadas ou que saíam daquele meio bruto e quase inacessível, um sertão de capinzais, matas e de poucas roças, só cortado por estradas que, eram trilhos de difícil passagem.

Na época, os "monges barbudos" peregrinavam pelo interior de Soledade, Espumoso, Sobradinho, Arroio do Tigre, Júlio de Castilhos, fundões desses municípios, onde o progresso não chegara. A população, bastante rarefeita, vivia abandonada e à mercê de uma comunidade própria para se autodefender. O medo e os boatos certamente infundados que se propagavam fizeram que a polícia, lideres de outras crenças e comerciantes da cidade de Soledade e de distritos de Jacuizinho, Tunas e Lagoão, em especial, os atacassem e desbaratassem seus centros comunitários e de pregações. Foram ataques violentos que não pouparam sequer as indefesas crianças dessas pobres famílias dos monges.

Os "monges barbudos" foram acusados de ser comunistas. Eles estão pregando um sistema de vida comunitária, uma boataria que pegou no meio social, político e religioso de Soledade, repercutindo na capital do estado. De comunistas e vagabundos eram chamados, porque mais rezavam do que trabalhavam. Daí o desfecho, a perseguição, o massacre que praticamente dizimou o movimento dos "monges barbudos". Testemunhas ainda estão vivas e contam com medo, raiva e tristeza o hediondo episódio que ensangüentou as terras dos fundões do Alto Jacuí. Talvez mais uma dessas coisas equivocadas da história, como a das matanças dos Muckers de Jacobina e a de Canudos de Antônio Conselheiro. Movimentos de cunho místico-religioso que têm explicações sociológicas, distintas uma da outra, que se assemelham por suas origens em um meio deserto, insulado de tudo, onde o homem se casa com a natureza, e com os olhos postos na altura, seu primeiro amparo é a fé religiosa. Já dissera Euclides da Cunha em *Os sertões*, "as matanças não se justificavam com a crueldade posta em prática. Se bandidos uns,

nada comprovado, criminosos outros, que nem respeitaram inocentes para a chacina do fundão".

Desde quando é crime defender a natureza, ter uma fé e viver em comunidade?

I. A filosofia da estranha doutrina

"Lá no céu Jesus disse que antes do ano 2000, quando as figueiras florescessem ele voltaria à terra". E soltou aqui o servo São João Maria que passou a procurar gente capaz de abrir o caminho para a descida de Jesus. Eles ensinaram que se devia respeitar a natureza, o sol, a chuva, os rios, as fontes, as matas, o fogo, a terra, a vida... Ensinaram a rezar, diziam que o jogo era uma tentação, que não se devia jogar. Ensinaram que se devia respeitar o mandamento que diz para não matar. Ensinaram a usar ervas contra toda a epidemia, por mais desconhecida que fosse. Toda erva era sagrada, a salsa, a cabriúva, o cedro, o angico vermelho, a caroba, a ervilha do santo monge do campo e até a erva do chimarrão, ervas tantas e todas benditas".

Foi assim que iniciamos a pesquisa, parte em publicações da imprensa da época e parte do pequeno livro dos repórteres André Pereira e Carlos Alberto Wagner. A pesquisa de campo no Fundão, palco da cruel carnificina humana, foi feita pela jornalista Maria Helena Stefanello, que entrevistou sobreviventes e adeptos da religião do profeta João Maria, que se fundamentava bastante na adoração a Santa Catarina. Reportagem sobre o fato foi publicado no *Alto Jacuí*, jornal de Ibirubá, e no *Diário Serrano* de Cruz Alta.

II. A história dos barbudos que também eram cabeludos

A história dos barbudos ocorreu lá por 1933, talvez até bem antes. Depois eles foram massacrados pela polícia militar nos fundões de Soledade. Os sobreviventes, que adentraram pelas grotas e lugares de difícil

acesso, relatam que foi uma história de medo, ódio, muito triste, coberta de sangue, crivada de mortes, perseguições e torturas. E o medo se reflete até hoje entre os remasnescentes.

O fato ocorreu há setenta anos e alguns remanescentes, como dissemos, estão vivos e residindo nessa região, alguns sócios da Coprel e que se desenvolvem sem agredir os princípios da fé dos ensinamentos dos "monges barbudos" de proteger o meio ambiente e conviver com a natureza, com a fé em Jesus.

O grupo de seguidores inicialmente era de 2 mil pessoas, número que deve ter atingido mais de dez mil membros, a maioria permanecendo silenciosa depois do massacre. Foram acusados de comunistas fanáticos. O Fundão, palco das matanças, fica entre Sobradinho e Soledade, entre Jacuizinho, Tunas e Lagoão, regiões bastante desertas, afastadas do comércio, o isolamento imperava em quase todas elas. Um fato semelhante aos Muckers, se considerados os aspectos religiosos e sectários que o envolveram.

III. Como registrava a imprensa

O *Correio do Povo*, o *Diário de Notícias*, ambos de Porto Alegre, e o *Paladino Serrano*, de Soledade, deram várias versões, algumas corretas, outras duvidosas, quando retrataram o que contavam as partes oficiais, de certo modo, contrárias aos "monges barbudos" e messiânicos de uma crença que, se fosse transportada para o tempo de hoje, certamente seria mais forte do que muitas outras que se conflitam por aí. Temos hoje no Brasil cerca de duzentas religiões ou mais. A dos barbudos não deixaria de ser interessante por seus princípios.

Trecho, por exemplo, do jornal soledadense *Paladino Serrano*:

> Os barbudos, que também eram cabeludos, deixaram de plantar e colher, respeitando as ordens de seus chefes, 3 ou 4. (depoimentos de remanescentes negam isso, diziam que não era bem assim). Eles esperavam e até acreditavam firmemente que o pão cairia do céu, tal como

foi dito ao povo de Israel. E viviam de um lado para outro, visitando os compadres e levando consigo a bandeira do Divino Espírito Santo, ornamentada com fitas de múltiplas cores, sob o canto e acompanhamento musical.

IV. Linda moça encarnava Santa Catarina

Malvina da Rosa, filha de José Crispim da Rosa que, com Deca França e Tacio Fiúza formavam a cúpula dirigente, relataram que os chefes eram respeitados como deuses, representantes de Jesus, e as santas eram encarnadas em lindas moças. Ou linda moça encarnara o espírito de Santa Catarina. No dizer do coronel Wandenkolk, o militar que viera de Santa Maria para desbaratar definitivamente o movimento, Santa Catarina era uma linda moça, esbelta, morena, de menos de vinte anos, que ocupava lugar de destaque no altar das capelas, quando dos ofícios religiosos que se mesclavam com atos cristãos católicos e evangélicos. Por falar em capelas, a de Jacuizinho foi queimada pelos soldados que se aproveitaram dessas ocasiões de rezas para prender os fiéis da religião.

Conta ainda o referido coronel que "a bela morena tida como Santa Catarina, foi feita prisioneira, era bonita demais". As outras não tiveram a mesma sorte, encontrando a morte violenta no confronto derradeiro com as forças da ordem.

O pessoal estava indefeso, sem armas, as armas eram rosários e crucifixos. Que lei transgrediram, a lei de uma crença que, por estranha que fosse, não pregava desordem. A pregação era defender a terra, a vida, a comunidade.

Outro depoimento, este de José Zorzi, que participou das primeiras escaramuças, e recorda-se das casas pobres dos aderentes ao movimento, dos oratórios sujos e imundos em que os barbudos faziam suas preces.

Do *Correio do Povo*, de seu correspondente de Soledade, edição de 5 de maio de 1938: "Vai para vários anos que, neste município no sexto distrito, começou a se formar um movimento religioso de adoração a

Santa Catarina. Aumentava grandemente o número de fiéis que se reuniam, em determinados dias, para suas orações e práticas religiosas, como nuances de fanatismo e dizem: o caráter de falsas prédicas religiosas. Estes agrupamentos começaram a alarmar os outros habitantes da região, tendo há poucos meses sido preso alguns que se julgavam cabeças desse movimento. Como nada foi apurado contra eles, foram soltos. Com este fato, mais se avolumou a crença nos crédulos e a veracidade de suas crenças religiosas".

Outras versões e fatos que até hoje não foram devidamente esclarecidos corriam pelo estado e foram veiculados pela imprensa. Uma delas dizia que os "monges barbudos" deixavam crescer a barba quando perseguidos pela polícia militar que se formara para desbaratá-los como se fossem um bando de revolucionários. Mas nada disso ficou comprovado, como também a assertiva de que eles reagiam com troca de fogo e mortes. Desmentiam essa versão de resistência contra os soldados da brigada. "Defendiam-se, sim, fugindo ou resguardando-se nos matos ou nas casas, procurando salvar as crianças, as mulheres, que nos ataques nem eram respeitadas."

Teria a polícia medo dos "monges barbudos" dos quais eles diziam muita coisa de violações e ameaças, boatarias não comprovadas?

Como narram os repórteres André Pereira e Carlos Alberto Wagner no *Massacre do Fundão*: "É natural que a história seja quase sempre a historia do vencedor". É por isso que mesmo episódios importantes protagonizados por comunidades ilhadas no interior, marginalizadas das benesses do desenvolvido, caboclas ou de outras origens e etnias, no interior do estado e do país, foram esquecidas ou quase esquecidas. Emigrações que buscaram sobrevivência avançando por regiões não habitadas, quando então ocorrem fenômenos sociais como esse dos "monges barbudos". Expelidos do antigo latifúndio da pecuária extensiva ou de colônias imigratórias.

Seriam as legiões de famílias, umas caboclas, outras de descendência mista, que se retiravam para regiões distantes dos centros urbanos e dos transportes – exatamente pelo baixo valor das terras nesses afastados rincões. Buscavam ali, sem uma instituição qualquer que as agrupassem,

uma forma de se organizar, em guetos que as abrigasse, constituíam quase naturalmente uma espécie de ectogenia em que transcendia uma certa necessidade social de auto-afirmação, diríamos até um campo propício ao desenvolvimento de uma crença, nada mais que uma extensão daquilo que aprenderam em tempos mais remotos, em geral de fundo religioso cristão-evangélico, do qual desenvolviam um forte messianismo, gerando desconfiança e provocando repressões sangrentas, como essa dos "monges barbudos".

Uma história, um fato verídico para ser mais bem avaliado. Se o movimento dos "monges barbudos" teve certa semelhança com outros movimentos com objetivos religiosos, diferia do criado por Antônio Conselheiro de Canudos, que se armava e lutara por um ideal que, além de religioso, poderia e certamente teve de fundo político.

Ou a revolta do Muckers, dizimados abruptamente por defenderem, e assim registrou a história, um modo de vida e trabalho, uma nova crença religiosa, porque também na época ficaram à margem de qualquer amparo e assistência. Eram famílias ao léu, que buscavam se organizar e encontrar um meio de melhorar a comunidade. Ali nasceria o que nasceu, uma pregação evangélica dando continuidade às origens, cortadas pelo isolamento.

Com a pregação de uma nova ordem social que espantou as autoridades na região e que só se fizeram presentes, não para redirecionar a estrutura social anterior, mas para combatê-las e dizimá-las enquanto elas, como último recurso, refugiavam-se nos grotões, ali com algumas armas de pouco efeito, e morreram crivados de balas com um simbolismo messiânico e derradeiro nas mãos, o crucifixo.

V. A vida de Deca França, o líder do movimento

André Ferreira França, o Deca, viera do interior de Cachoeira do Sul, lá pelo ano de 1894, estabelecendo-se com a família no lugar chamado Campestre. Em 1935 apareceu na casa de Deca um andarilho de longas barbas e cabelos brancos de nome João Maria, que lhe teria ensi-

nado o uso de ervas, a respeitar a natureza criada por Deus, a trabalhar a terra sem agredi-la e produzir apenas o necessário para o sustento familiar. Pregava a fé em Deus, o evangelho de Jesus, que voltaria à terra nos fins dos tempos, e previra o ano 2000 para salvar os devotos e fiéis de sua crença e para castigar os maus e infiéis.

Deca havia sido escolhido para essa missão divina. "Ele recebia naquele momento a força divina para pregar a mensagem da nova fé que lhe impunha na cabeça com as duas mãos João Maria. Deca relutara em aceitar a incumbência do profeta que se dizia ser João Maria e fundar a nova religião. A casa de Deca França, a partir daquele momento, com a divulgação da boa nova que se rastilhou como fogo em pólvora pelos rincões a fora, virou igreja, de tanta gente que ia lá ouvir meu pai", conta sua filha Jovelina. "Ele era um homem calmo, muito caseiro, mas sabia ser alegre, e me levava a bailes e festas que aconteciam por ali. Ele estava sempre vestido de branco e azul. Nunca se vestia de preto", continua Jovelina.

Assim formou-se a nova corrente de fé, a nova seita para outros, cujo fanatismo, segundo pessoas temerosas, apavorara habitantes que não viam com bons olhos aquele movimento. Conseqüentemente, após o transcurso de certo tempo, ele crescia tanto que não era mais desconhecido, ganhara força popular em toda aquela vasta região. Construíram várias capelas nas quais veneravam e adoravam Santa Catarina. Em cerimônias de maior vulto e significação, Santa Catarina aparecia ao vivo encarnada em uma esbelta moça morena, ao lado de Deca França, no altar da igreja, que, por sua vez, encarnava o Santo João Maria.

E assim continuava a história, a boa nova, a nova religião que, para os de credos diferentes, se constituiria na grave ameaça. Na cidade de Soledade, a Igreja católica, o vigário-pároco, as autoridades, os líderes, se movimentavam para achar um jeito de reprimir a crença evangélica do Deca França, abençoada pelo profeta Santo João Maria.

Hoje há versões de ter sido ele um padre católico missionário que virara andarilho messiânico. Uma versão muito forte, não desmentida.

De Soledade uma comitiva desloca-se a Porto Alegre para pedir providências públicas contra o movimento. Era interventor do estado,

Cordeiro de Farias, que, ao tomar conhecimento do fato transmitido pelos lideres de Soledade, com fortes indícios de ele encobrir um movimento comunista, determinou missões especiais de repressão.

Desencadearam-se episódios sangrentos na região, motivados por essas suspeitas todas, queremos crer sem dúvida alguma, sem a indispensável investigação, sem Deca e seus seguidores terem o direito de se defenderem. Foi um corolário de equívocos e mais equívocos que banhou de sangue inocente, de crianças e mulheres mortas sem dó nem piedade, nessas paragens quase abandonadas tão próximas de Ibirubá e integrantes da nossa região.

VI. Tácio Fiúza à frente do povo: nossa fé é Jesus, nossa fé é Santa Catarina!

Foi em abril de 1938, Tácio marcha à frente do povo, uma multidão que entoava hinos e cantos. Tácio clamava com sua voz forte: "Todos os santos são muitos bons, todos os santos nos ajudam, de minha fé em Jesus, de minha fé em Santa Catarina, que é virgem e poderosa".

E mais de 2 mil pessoas repetem em coro. De todos os lados, como que por encanto, juntava-se povo e mais povo à procissão que tinha de vencer um percurso íngreme, de cerca de 70 quilômetros. Havia, segundo versões, por onde o povo passava à beira da estrada, duas alternativas: ou trancava-se em casa, ou acompanhava-se o cortejo, seguindo rumo a Bela Vista, lugar onde havia uma grande capela, a principal.

Vinham fiéis de todas as bandas. Era um formigueiro pelos trilhos, carreiros, estradinhas poeirentas, das Tunas, do Despraiado, do Mormaço, do Campestre, do Sítio, de Campos Borges, do Jacuizinho, dos grotões do Jacuí. Vinham a pé carregando os filhos pequenos, os rosários e os santos, as imagens de Santa Catarina, de Santa Teresinha, de crucifixos grandes de madeira, uns toscos, outros já bem trabalhados pelos monges. Cantavam e rezavam. Uma coisa impressionante. Há quem diga que na manhã do dia 14 eram 5 mil pessoas, outros juram que eram

mais; que, ao chegarem à Capela de Bela Vista, acamparam como podiam, por aquelas proximidades. A igrejinha ficara pequena para abrigar os mais devotos, os chefes, os principais.

Contam as testemunhas que ainda vivem, segundo levantamento de Maria Helena Stefanello, que foi por volta das 8 horas do dia 14 de abril, o dia previsto para o início das cerimônias da grande romaria religiosa, na Capela da Bela Vista, que se deu o hediondo massacre. O comando da polícia civil militar disfarçara soldados na região para saber de todos os passos dos monges e de seus seguidores, e prepararam um grande ataque nesse numeroso encontro de fiéis de Bela Vista. O ataque começou com um cerrado tiroteio de revólveres e mosquetões. As pessoas que rodeavam a igreja correram contra os três fios de arame farpado que limitava a área.

VII. Panos ficaram drapejando ao vento... Uma imagem dolorosa!

Um espetáculo horrível... um massacre, uma sangueira de corpos estraçalhados pelos soldados que se atocaiaram para atacar na hora precisa das preces, das cerimônias. E ali deixaram tantos vestígios que horas mais tarde, cruzando pelo lugar o advogado Evaristo Teixeira do Amaral Filho, vindo de Sobradinho, contou doze corpos baleados e mais crianças que ficaram penduradas no arame da cerca, com as roupas rasgadas drapejando. Uma imagem dolorosa. Na tentativa da fuga, as balas atingiram e mataram muitas pessoas.

Há setenta, quase oitenta anos depois, comenta-se ali na região que houve grande número de mortos. Uma gritaria precedida de morte, mulheres com crianças aos gritos agarradas em seus braços, tombando pelos capins, crivadas de balas pelos mosquetões dos soldados enfurecidos pelo comando, insensato e criminoso, do coronel Wandenkolk, segundo registro da imprensa. Por não ter sido um ato que se justificasse, fora sim, uma ação de pura selvageria policial-militar, uma mancha negra na história do Rio Grande do Sul, que sempre viu nesta corporação uma

força militar de brios e fiel a seus princípios de honradez e bravura. Bravura que não se faz com sangue de gente inocente e indefesa.

"Eu vi da minha casa, eles se enfiando no mato carregando uma enormidade de feridos e mortos, tinha mulher e criança no meio, uma coisa bárbara, inacreditável, que durou o dia todo", conta Evaristo.

Deca França, o líder do movimento dos "monges barbudos", foi preso em agosto daquele ano e submetido a toda sorte de torturas e imediatamente morto. Não estava presente em abril na igreja por ocasião do massacre em Bela Vista, porque, perseguido pelos soldados, era obrigado a viver na clandestinidade. Ele andava de um lado para outro animando o pessoal da religião, dizendo que Jesus viria salvar a todos e que não esmorecessem na fé. E foi então, sobre seu substituto Tácio Fiuza, que caíram todos os ódios no dia do ataque.

VIII. Pegaram o Tácio Fiúza pelo cavanhaque e o arrastaram para fora da igreja a socos e pontapés...

Continua a narração do reboliço, do ataque aos "monges barbudos" e seguidores em Bela Vista, nos cafundós sem Deus, os apavorados varando a cerca e ganhando o mato. Tácio Fiuza retirou o pano que cobria a imagem de Santa Catarina, padroeira da capela e da religião do Santo João Maria, e setenciou: "A minha santa ganha luz para assistir esta chacina, minha Santa Catarina abençoe este povo que morre por ti". Que mortandade!

Oscar Telles avança, pegou-o pelo cavanhaque e o arrastou para fora da igreja sob uma saraivada de socos, pontapés e palavrões. Os tiros que o atingiram duas vezes na barriga provocaram mais tarde sua morte. Jogado no chão, no meio do capinzal, parecia morto, respirava lentamente e por vezes tentava levantar-se para fugir em direção ao mato onde estavam os que puderam fugir do assassinato. Morria já na boca da noite, socorrido que fora por companheiros escondidos pelas matas e capoeirões circunvizinhos.

Era a noite de sofrimento de milhares de pessoas feridas, uma noite de crianças feridas, em um clamor quase silencioso, só entrecortado por uivos de guarás, graxains, caburés campineiros, corujões, urutaus do mato que soltavam seus gritos agourentos. Lamentos tristes, vozes que ecoavam distantes.

Nesse momento em que auxiliava Maria Helena a reescrever e alinhar sucintamente esse episódio, evoquei o amigo poeta de nossa terra Rubem Dario Soares: "os urutaus em lamentos pelas grimpas ressequidas parecem almas perdidas... chorando na voz do vento".

IX. Bela Vista, abril de 1938

A história continua, ainda pelos repórteres da terra dos cristais, pormenores que foram buscados na região, palco do triste acontecimento. Quando Tácio Fiuza teve seu corpo baleado, foi levado por seus companheiros até a casa de Guilherme Ritter, perto de Bela Vista, ainda na noite de 14 de abril, pois os monges acreditavam que tinham passado pela pior provação. Ele morrera, mas seu corpo precisava ser guardado. Mas sabiam que estavam sendo perseguidos e, por precaução, decidiram transportar o corpo de Tácio para o Rincão dos Barnabés, em Jacuizinho, a uma distância de 50 quilômetros pelo meio do mato à noite.

No dia 15, ainda de madrugada, Tácio foi dado como morto por seus perseguidores e foi colocado em um caixão de pinho feito com tábuas brutas costaneiras.

O filho de Tácio, Arator Fiúza, que nos falou em novembro de 1981, quando estava com 54 anos, se recorda de ter visto seu pai naquele caixão, sobre uma espécie de padiola, sendo carregado por seus parentes. E também assistiu dos adultos, que decidiram velar o cadáver na casa de Alípio Costa, que ficava pertinho do cemitério. Durante todo o dia 15 Arator viu gente chegando ao velório de tudo que é lado. No entardecer havia mais de mil pessoas ali, a maioria ainda apavorada com o acontecido.

No cemitério de Jacuizinho descansa o corpo de Tácio Fiúza e de muitos de seus familiares que residiam e ainda residem por essa região.

Maria Helena e eu somos testemunhas, pelas entrevistas feitas com Veco Fiúza, cooperante matrícula nº 4.499, que com a idade de oito a dez anos, encontrava-se entre a multidão atacada pelo furor da polícia. Conta do que se lembra: "Arranhei-me todo, aos gritos, chorando cruzei a cerca e agarrei o mato, um capão, escondi-me, passei longo tempo nessa condição, passei fome. As outras crinças não tiveram a mesma sorte que eu, muitas ficaram penduradas na cerca".

X. Gente que veio do inferno, gente sem coração

Idarsina da Costa está viva ou estava e carregava fama de ser a Santa Teresinha. Tinha na época da entrevista 78 anos e estava internada no Asilo de Soledade. Morava numa casinha à beira da estrada entre Jacuizinho e Tunas. Chamava-na de Santa Teresinha dos Monges. "Nem que me tirem o couro", respondera aos perseguidores que a forçaram a renegar a religião. Dizia-se da religião católica, legítima e anunciada por João Maria e pregada por Deca e Tácio. Dona Idarsina chamava Deca França de santo. Dizia que ele é santo por que derramou seu sangue por Jesus. São Tácio, São Deca. Maria Helena Stefanello entrevistou Idarsina duas vezes, curiosa por saber mais detalhes do massacre do Fundão, para ouvir o outro lado da história, e ela nos contava sempre que foram injustiçados e perseguidos como se fossem bichos. "Jesus vai castigar toda essa gente bandida e sem coração, gente que veio do inferno", afirmava Idarsina da Costa, revoltada.

Deca, André Ferreira França, usava cabelos compridos e barba pela barriga, dizia ela. "Porque cortar os cabelos se é a natureza que os faz crescer, se o Cristo e os apóstolos usavam cabelos longos?" Deca aos cinqüenta anos, quando morreu, tinha os fios de cabelo e da barba brancos, branquinhos. Envelhecera ainda novo. "Dele não ficou nem um retratinho ou lembrança para a gente venerar", afirma Idarsina, contando ainda: "Quando ele morreu o manietaram feito porco. Amarraram as mãos,

os pés e depois passaram uma vara nas cordas da atadura e o carregaram como um animal selvagem até Goiabal, onde o deixaram pendurado daquele jeito para o povo ver. Os perseguidores, soldados da polícia civil e uns mandaletes mal encarados, se cercavam do coitado do Deca, foram lá também olhar e se vangloriar, chamando-o de comunista, de vagabundo e nomes de arrepiar o cabelo, uma injustiça. Ficou um dia inteiro assim, coitado, com guarda em volta, apodrecendo na vista dos odientos".

E continua: "Depois veio até um oficial, de certo um coronel, olhar o Deca para comprovar que ele estava mesmo morto. Então enterraram sem documento algum. Contam até que cortaram a cabeça dele antes de enterrar com medo de que o povo fiel fosse lá roubar o corpo, ou que Santo ressuscitasse. Jesus!", exclamava Idarsina, nesse seu relato triste e doloroso.

E Idarsina passou as mãos nos olhos e falou baixinho: "Não arreparem, eu choro de raiva, essa gente de Satanás não merece perdão. Jesus é grande, talvez os perdoe. Não sei não, acho que o inferno foi feito para eles".

Sinhá Jove, Jovelina Ferreira França, filha de Deca, concedeu-nos a entrevista na data da primeira entrevista que Maria Helena fez com Idarsina Costa, e estava com 67 anos de idade. "Ela nunca renegou o passado e diz que a religião de seu pai só aconselhava o bem, não se devia fazer o mal sequer contra um bichinho."

Acha sinhá Jove que os que não seguiam a religião do pai, não entendiam porque os monges não trabalhavam aos sábados. Para ela até hoje o sábado é dia sagrado. "O sábado é o sétimo dia e Deus nos mandou guardar o sábado. Os homens inventaram muita coisa ruim, os homens que queriam que Deus fizesse o que eles queriam. Por isso eram pecadores", continuava sinhá Jove, chamando-os de vagabundos e comunistas. Mas isto aconteceu por causa dos bodegueiros que tinham medo de fracassar nos negócios, já que eles exploravam os agricultores na troca de mercadorias. "Eles até pensavam que a gente não ia plantar mais e eles não iam arrancar a produção do povo. A gente trocava por produtos que não tinha na roça, como açúcar, sal, roupa. Então eles falavam mal, chamavam a polícia que perseguia a gente."

XI. O militarismo poderia ser uma desgraça para a liberdade do povo

Izalina Gonçalves da Costa, com 57 anos de idade em 1981, quando entrevistada também por Maria Helena, no Rincão dos Barnabés: "As perseguições não acabaram com a religião do profeta João Maria, a crença continua viva em nossos corações. Somos muita gente por aqui, fiéis dessa crença abençoada. O nosso tempo já passou, mas hoje estamos vendo que se cumpriram os ensinamentos e as previsões do Deca e do Tácio. Eles diziam que um dia o militarismo havia de tomar conta do país, uma desgraça mais para a liberdade do povo e que o ar, a água, a terra que não se respeita mais, acabariam envenenados. E vejam, está tudo se cumprindo. Nós não praticamos nenhum mal, não somos contra os mandamentos de Deus, e assim somos até hoje, gente de bem".

XII. "Vamos conferir se a santinha é virgem."

Andrezza Golçalves era uma moça bonita em 1938. Na época tinha vinte anos e conta que era virgem e muito religiosa. Viúva de Alfredo Reis, tem um filho que mora em Santa Maria, e vivia sozinha no Despraiado, onde foi entrevistada.

Andrezza, a Santa Catarina dos "monges barbudos", estava envelhecida quando Maria Helena a encontrou e conta com toda a franqueza que: "Em 1938 chorei de vergonha e raiva quando minha casa foi invadida pelos soldados para me prenderem porque eu era mulher santa, e meu pai Alípio e meus irmãos foram jogados para fora de casa aos socos e ponta pés". Até coronhaços de fuzil deram pelo corpo da gente. Na sala só ficou o cabo que comandava aquele piquete. O cabo me pegou pelo cabelo e me arrastou para dentro do quarto", conta a Andrezza, quase tremendo de raiva só em se lembrar. "...e rindo o cabo me disse: 'Vamos conferir se a santinha é virgem?'". Andrezza continua: "Eu gritava como uma louca, me debatia, mas o cabo era forte, rasgou minha roupa e me

botou no chão dizendo como um endemoniado: 'Deve ser bom comer uma santinha virgem!'".

Andrezza guarda bem a data: *13 de julho de 1938*. "Foi nesse dia que perdi a honra", deixando escapar um choro sufocado. Essa mulher, muito bonita na época, tida pelos "monges barbudos" como Santa Catarina, era presença obrigatória nas principais cerimônias da religião. "Santa e virgem", ela conta. Guardou por mais de quarenta anos seu segredo: o estupro a que foi submetida por um cabo da brigada que a mando do superior comandava um piquete de perseguição aos "monges barbudos."

XIII. "Abençôo toda a comida, de chimarrão pra riba."

Pedro Raimundo, de Tunas, tem orgulho dos santos e não tem dúvidas: Deca França foi santificado. E justifica: "Ele era um colono analfabeto, que de repente deu para profetizar, pregar coisas boas que levantou toda a costa do Lagoão. E só falava coisa boa, falava de uma nova fé que lhe fora transmitida pelo profeta Santo João Maria. Só podia ser a palavra divina, a palavra de Deus saindo de sua boca".

Ele lembra os ensinamentos de Deca. "Chegaria um tempo de grande miséria. Era preciso rezar muito, não fazer o mal, não pecar, socorrer os pobres, nossos irmãos em Jesus. Devia-se respeitar a natureza criada por Deus e por isso nunca esbanjar contra o sol, contra a terra, o céu, a água. ABENÇÔO TODA A COMIDA, DO CHIMARRÃO PRA RIBA."

E Pedro Raimundo insistia que os monges eram pacíficos, eram filhos de Deus, que foram injustiçados por gente invejosa, mal intencionada, "até padre mandava perseguir os monges. Eles todos certamente foram envolvidos numa trama de inverdades, que só o tempo vem se encarregando de esclarecer, uma baita injustiça contra a nossa crença", afirma Pedro Raimundo, que acrescentava ser "Deca um santo que só ensinava o bem e recomendava a seus adeptos não retribuir as agressões. E assim a gente correu e sempre foi perseguido. Deca aconselhava sempre a gente a plantar de tudo o que fosse de comer porque viria uma

grande carestia, uma grande fome no mundo e aí, até raiz de batata, almeirão selvagem, brotos e folhas iam ser valorizadas".

Pedro Raimundo é seguidor dos ensinamentos dos "monges barbudos" e diz: "A seita não é seita, é mais uma religião de muita fé e verdades que o profeta João Maria transmitiu a Deca França. Essa religião não acabou e não acabará, ela está sendo transferida a muita gente que a pratica no silêncio, com medo de sofrer o que sofrereu o povo da fé em 1938".

Outro membro não identificado, que sofreu as torturas daqueles dias, remoendo sua dor dizia: "Tristeza grava, moço. Finca na memória da gente como marca de gado, feita a ferro quente, vermelho das brasas".

O ex-prefeito de Soledade, em 1938, Olmiro Ferreira Porto, que cheguei a conhecer, na esquina em frente à praça da cidade, achava que o governo equivocou-se ao considerar os religiosos bandoleiros. "Eu nada pude fazer, advertira apenas, mas ninguém me acreditava". Olmiro Ferreira Porto, nessa ocasião, me relatava tantos outros fatos vinculados aos "monges barbudos". "Um grande equivoco, um equivoco histórico mostraram as pesquisas feitas por nós, em que os 'monges barbudos' foram vítimas de um dos maiores equívocos da história rio-grandense e com requintes de barbárie nunca vistos. A pesquisa continua. Muitos ainda serão ouvidos. Que imagens cruéis, desenhadas a sangue, como tantas protagonizadas nestes rincões agrestes".

Quando o Veco Fiúza me narrava detalhes dos massacres contra pessoas indefesas e inocentes, crentes apenas, homens de fé e defensores da natureza, confesso, me caíam as lágrimas. "Numa mangueira em Jacuizinho fizeram os 'monges se ajoelhar', e lhes descarregaram uma saraivada de balas, seus corpos tombaram em meio à bosta de gado."

Foi assim que estudei e pesquisei, com minha irmã Maria Helena. Ouvi depoimentos que registro, como o dos "monges barbudos". Bem que isso mereceria um estudo mais aprofundado e um belo tema para um filme ou uma novela. O Teixeirinha – Victor Mateus Teixeirinha – havia programado fazer um filme sobre os "monges barbudos" no qual

incluiria a luta pela eletrificação nesta região, desejo esse testemunhado por Ricardo Hoepper, ex-locutor da Rádio Ibirubá, e que por diversas vezes integrara a equipe de Teixeirinha nos filmes que ele realizou. Faleceu sem fazê-lo.

O próprio Teixerinha nos dizia: "Onde há luz, há educação, desenvolvimento. Isso mesmo, vamos fazer este filme". O destino, no entanto, tolheu esse desejo do Teixeirinha, e nosso. Que pena! Talvez outros o façam.

Guardem o que eu vejo, como é belo!

Traduzia emoção o quase apelo que a jornalista canadense Gabriela Bontorin exclamou ao desembarcar do ônibus em Vila Cruz, Nova Palma, no dia 25 de fevereiro de 2004. Acompanhando um grupo de vinte pessoas, todos descendentes italianos de uns do Canadá e outros de Veneza, após visitarem várias regiões de imigrações italianas, aportaram a Vila Cruz, a última das localidades do roteiro do grupo no Brasil. *La picolina Vila Cruz*, jóia da Quarta Colônia da Imigração Italiana.

Encantaram-se com as famílias de descendentes, que conversavam e reviviam os costumes, as tradições da cultura italiana, mesmo com alguma influência brasileira, natural, e até necessária.

Gabriela interpretava os sentimentos do grupo visitante, a maioria com formação universitária. "Estamos visitando um pedacinho da verdadeira Itália, porque é aqui que ela existe, o que já não vemos, nem mesmo na Itália. Não deixem o progresso destruir o encanto e a originalidade de *la pulitissíma* Vila Cruz, que já foi Linha Sete. "Pulitíssima", diziam eles, porque era limpa, limpinha.

"Era isso o que mais queríamos ver, um pouco de nossa Itália antiga, que vemos aqui. Aqui respiramos o ar puro das montanhas e tudo está sendo conservado. Um antigo que nunca fica velho. Desde muitas cidades e povoados construídos por imigrantes italianos, nenhum deles

mostrou-se tão italiano como essa de Vila Cruz e, por extensão, as demais vilas e cidades da Quarta Colônia da Imigração italiana".

"As pessoas daqui se não falam bem a língua vêneta-italiana falam o vêneto-*brasilian*, conservam as raízes culturais, vivem como se vivessem há mais de século passado. Os imigrantes daqui vieram em 1887. O progresso não apagou as tradições."

Extasiavam-se com o que viam e sentiam nessa convivência sumamente inefável de dois dias com as famílias de Vila Cruz, quase todas ligadas à terra e à vida rústica do meio rural, natural na maior parte de seu território.

Sentiram-se em um pequeno paraíso, dizia-me a jornalista canadense. "Aqui o espírito das pessoas transmite calor humano, sinceridade que não sentimos em outros lugares que visitamos. Isso é uma raridade nesse mundo de pouca fé e de muitas malquerenças."

Alegremente visitaram a Igreja, a alta cruz erguida no topo do monte, o belo memorial Stefanello, todo de pedra encimado por um belo estandarte de bronze com as bandeiras do Brasil e da Itália entrelaçadas, símbolo das famílias dos quatro irmãos Stefanello, que imigraram em 1887 de Ceggia, Veneza, para o Brasil, Vila Cruz, Nova Palma.

Visitaram construções mais antigas e típicas em estilo colonial, e por fim foram homenageados com um jantar à *veneziana*, muita festa no salão da comunidade. Houve canto e dança. Vila Cruz cultiva o canto, e tem um dos corais destacados na região. Dirigem-no Nelson Dellamea e Marlete Pesamosca, entre outros.

Não quiseram se hospedar em hotel ou pousadas, queriam e pernoitaram na casa das famílias próximas da vila; e por uma razão muitas simples: conhecer melhor e sentir como vivem os descendentes daqui, acordar na manhã da roça ouvindo a orquestra matinal dos animais, o canto dos pássaros, as aves silvestres e domésticas, o berro dos terneiros, o mugido das vacas, o soar do amanhecer no alto das montanhas, onde a natureza ainda existe e tem vida.

Guardem isso que eu vejo, como é bela essa imagem. Eu a guardarei na remembrança, por que essa imagem tem história.

O cantor dos Sete Povos não morreu

Nas lonjuras do mundo sem fim, perdia-se o som da gaita do Mano Lima que a requebrava na carícia de suas mãos. E nesse vai-e-vém do fole do velho instrumento, Mano Lima abria o peito e soltava os autênticos versos da querência missioneira, cantava. "O cantor dos Sete Povos não morreu". Homenageava o cantor dos pagos, Cenair Maicá, o cantor dos Sete Povos não morreu...

Traduzia todos os sentimentos que saíam d'alma, viravam lágrimas, a emoção do Canto dos Livres era grande, era ver, ouvia-se em cada nota maviosa, quais pétalas de flores esfuziando ao assobio do vento. Doces momentos da vida, recordados ao falar de Cenair Maicá, Mano Lima, Nininha, Teixeirinha e Irmãos Bertussi. Cenair Maicá, como Mano Lima, Noé Guarani, Jaime Caetano Braun e Pedro Luiz encantaram minha memória, arrancharam no rodeio lá de casa, moram comigo na minha lembrança.

De jovem desconhecido, Cenair lutava pela existência como vendedor de máquinas de escrever da Solett. Foi assim que o conheci; jovem procurou-me em meu local de trabalho, na Rádio Ibirubá. Apresentou-se humildemente. Oferecia-me o que representava. Adquiri duas, três máquinas de escrever. Travamos relações, apreciei seu modo, a maneira de se comunicar; em 1959 e anos seguintes, Cenair Maicá atuou na região como representante comercial.

Aos domingos pela manhã, depois da missa, entrava no ar o "Chimarrão da Amizade". Eu o apresentava em meu estilo franco, alegre, livre, sem enleios. Sei lá em que domingo, mas sei que logo iniciado o programa no "Rancho do Chicão", eis que entra no salão o Cenair Maicá, abraçado em sua gaita. De vereda, anunciei-o no microfone e a platéia aplaudiu-o, embora ainda não o conhecesse.

Foi uma mão na roda ao "Chimarrão" daquele dia, pois haviam chegado poucos músicos, a dupla Primavera tendo à frente Ilse Kooper, João Ribas e outros

Cenair Maicá descendia de família pobre, logo tivera de virar-se sozinho para sobreviver. Vida danada, que não lhe dava ganho suficien-

te para estudar; a música, porém, abria-lhe a possibilidade da vida artística de feições correntina, gaúcha, missioneira...

Como, onde e em que ponta iria se meter? "Sim, se você gosta de música campeira, missioneira, muito mais, pegue esse caminho e vá em frente", eu lhe disse. De quando em vez, apresentava-se na Rádio Ibirubá, misturava-se com a Nininha, sanfoneira que se consagrou aqui e no sul do país. De vida gaudéria, não se esbaldava, vivia e curtia a liberdade pelos CTGS, salões de festas e sociedades. Aumentava assim seu ganha pão.

Certa feita, levei-o a Espumoso, para auxiliar-me no programa "Chimarrão da Amizade", que apresentei no Clube União daquela cidade. Cenair tocava, cantava e o povo vibrava. Foi um dos mais espetaculares "Chimarrão da Amizade" que apresentei. Cenair Maicá, o cantor dos Sete Povos, pegava estrada, corria mundo, voz e gaita suas companheiras de chão em chão, libertando amores, falando da natureza, da liberdade, das flores.

Passava o tempo, ouvia suas músicas, as rádios rodavam, o *Canto dos Livres* ponteava suas gravações. Encontrei novamente o cantor dos Sete Povos na praia de Capão da Canoa, apresentava-se no Rancho Alegretense, cantava à noite para o público daquele restaurante típico fronteiriço, comida de panela, outras bóias do Alegrete, além de quibebe com charque, costela e lombo de cordeiro com aipim.

Dormia nos pelegos, arreames estirados pelo chão, uma rotina que ele e seus companheiros todas as noites enchiam a praia de doces melodias, alegres, e tristes algumas vezes.

Quem canta refresca a alma
Cantar adoça o viver
Assim eu vivo cantando
Pra aliviar meu padecer
Quisera um dia cantar com o povo
Um canto simples de amor e verdade
Que não falasse em misérias nem guerras
Nem precisasse clamar liberdade.

Dessas ricas e saudosas noites do Recanto Alegretense não vi mais Cenair, mal que o perseguia, acabou por enviá-lo ao rodeio dos cantores dos pampas lá do céu.

Santo Ângelo elevou um memorial com um busto a Cenair Maicá, no pórtico da Prefeitura, obra inaugurada pelo governador Olívio Dutra, seu amigo.

Cenair Maicá, mais uma estrela lá no céu.

Índio bueno, vivente!

Sebastião Severo de Farias, nascido em 4 de outubro de 1927, criou-se em Rincão Seco, terra agreste de campo e mato. Desde menino, entre a escola e o trabalho duro de lavoura e criações diversas, Sebastião foi conhecendo as lidas que lhe amadureceram a vida, nada fácil para a gente do interior. Cresceu com espírito de hombridade e de respeito, baseado nos ensinamentos de seus pais, Otaciano de Farias e Maria Antônia Severo de Farias. Sentou praça no VI Regimento de Artilharia de Cruz Alta, em cuja corporação militar eu também prestei o serviço militar.

Sempre presente aos movimentos em defesa do meio agrícola, desenvolveu e participou de muitas lutas visando à vida melhor às famílias dos pequenos agricultores, trabalhadores rurais e sem terra com vocação nas atividades agrícolas.

Por doze anos presidiu o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibirubá, isto é, de 1980 a 1992.

Na Coprel distinguiu-se no exercício de auxiliar na área de comunicação, relacionava-se com facilidade com os cooperantes, em cujo meio tivera sempre a melhor convivência. Participou do Conselho de Administração. De vida copreliana, Sebastião ou Bastião marcou uma trajetória de eficiência e seriedade. É casado com Constância Andrade de Farias, tem oito filhos, e um deles, Paulo Farias, exerce função de relevância na Coprel.

Lembrando Norman Borlaug nasce o movimento dos Guardiões da Natureza

Dia 17 de outubro, os Guardiões da Natureza fizeram demonstrações e mostraram-me a trilha ecológica e a cascatinha, já uma de suas atividades, pertinho de Sede Aurora, 15 de Novembro. Vestindo pela primeira vez a fardinha verde com um belo emblema, que os identifica, me surpreenderam, como a todos que ali compareceram para prestigiar esse pequenino exército de crianças em plena ação em defesa da ecologia, sob o diligente comando de Estefani Franken e professoras, os Guardiões da Natureza foram muito aplaudidos, a TV RBS, os filmou, assim como a imprensa registrou este singelo evento, expressivo, sobretudo pelo seu significado.

Gerhard Pranke, secretária da Educação, representou o prefeito do município, além de Argeu Dal Castel, presidente da Escola Nossa Senhora de Lourdes de Volta Gaúcha, cujos alunos formam o exército Guardiões da Natureza.

Lembrei-me do grande defensor do meio ambiente, dr. Norman Borlaug, Prêmio Nobel da Paz de 1970, que, neste município de Quinze de Novembro, plantara a semente que deu origem ao movimento das crianças de Volta Gaúcha, de tão caras lembranças.

Norman Borlaug, nesse dia 16 de novembro de 1975, ao lançar o projeto "Operação Guarda-chuva", falou em Quinze de Novembro que seu maior sonho não fora ser agraciado, como foi, com o Prêmio Nobel da Paz, mas, sim, o de ver brotar a semente de um grande movimento em defesa do solo, e ressaltou: "O solo é a maior riqueza da nação, cuidar dele é obrigação de todos". Um fato que deve orgulhar Quinze de Novembro, e a todos do Alto Jacuí, porque, nesse mesmo ato estiveram presentes os drs. Walter Hungler e Jorge Molina, da FAO e dr. Carlos Roquero, da unesco. Tecnicamente coordenava a operação Guarda-chuva, a Embrapa de Passo Fundo e a Secretaria da Agricultura do Estado.

A solenidade campestre do dia 17 de outubro de 2007, uma data para não ser esquecida. Começa a frutificar a idéia para um novo proje-

to, o dos Guardiões da Natureza, que queira Deus consiga motivar a consciência do povo para o grave problema do meio ambiente.

Ninguém vive sem orgulho de suas raízes

No dia 27 de fevereiro de 2005, na Sessão Solene do Legislativo, proferi pronunciamento na homenagem prestada aos ex-prefeitos e ex-vereadores:

Prezadíssimos ouvintes, relutei para falar neste ato de extrema significação histórica, outros bem que poderiam fazê-lo com mais propriedade e conhecimento em nome dos ex-vereadores que ainda partilham da convivência ibirubense.

Coube a mim, pois, agradecer esta homenagem que a nós é tributada pelo presidente e legislativo de nossa terra. E a fazemos de coração, recorrendo à nossa geografia sentimental para vivificar o verdadeiro espírito que nos une e nos identifica em volta do mesmo ideal de justiça, de fé, de trabalho e das mais excelsas aspirações; nós ex-vereadores, ex-prefeitos, ex-vice-prefeitos e que hoje, na condição de simples soldados, atuando na planície, damos a contribuição que nos é possível para que Ibirubá tenha o merecido reconhecimento das gerações futuras.

Identificados na remembrança de tantas vitórias ou tocados pelo fervor de esperanças, empreendemos daqui mais uma recorrida pela geografia de nossos sentimentos para reafirmar que os homens e mulheres, quando se reúnem em torno do simbolismo de certas datas, se agigantam e engrandecem a terra em que vivem e trabalham. Daqui muita história e valores podem ser reverenciados e precisam ser inseridos, escritos e proclamados à posteridade.

Ibirubá, Quinze de Novembro, Alfredo Brenner, Bom Retiro, Sede Aurora e outros mais fazem parte da mesma história.

A que hoje comemoramos – a do Cinqüentenário de Ibirubá município –, consagra o supremo esforço da criatura humana para sobreviver e dignificar-se graças aos frutos do trabalho e da eficiência. Todavia, nes-

ta recorrida afetiva e sentimental não podemos esquecer outra trajetória que foi a de Ibirubá distrito, o Ibirubá colonial que na data de 20 de fevereiro de 1949 comemorou seu cinqüentenário de fundação e colonização e que foi festivamente celebrada no antigo Hotel Fredrich, onde mais de seiscentas pessoas lotaram o local para homenagear os fundadores e os primeiros colonos. Constou de um programa festivo sendo aberto pelo coro de trambonistas sob a batuta do pastor Karl Seibell, introduzidos solenemente no recinto da comemoração os convidados de honra, os fundadores e os primeiros colonos de Ibirubá.

Entre outros citamos a viúva Joana Krammes, Ernest Wilm, David Nicolodi, Paulo Ciprandi, Roberto Adiers, Mathias Kloh, Karl Boness e suas senhoras. Citamos os principais pioneiros, pois vieram outros que não estavam presentes.

Discursou o dr. Frederico Braun, que fez um belo retrospecto histórico da fundação e colonização de Ibirubá. Mostrou slides e fotos antigas.

Emoção maior foi o encerramento. Braun pediu que os presentes se levantassem e fizessem um minuto de silêncio, em sinal de homenagem aos pioneiros já falecidos.

Estou mencionando esses registros, publicados no *Correio Serrano* de Ijuí, em português e alemão, na reportagem publicada na edição, logo após a festa em 30 de março de 1949, e que me foi cedida por um dos descendentes da família Diniz Dias.

Continuando, os alunos da Escola Visconde de Porto Seguro, sob a direção do professor Arthur Kanitz, o grande mestre, ofereceram aos pioneiros um belíssimo buquê de flores, além de declamações e votos de felicidades.

Houve muita emoção, a solenidade era por demais tocante...

No final do evento, falou Ernesto Wilm, um dos fundadores, que em nome dos homenageados estendeu um abraço a todas as famílias de Ibirubá, do Ibirubá Colonial, do Ibirubá do futuro.

Colonizaram esta terra, creio que todos sabem, Diniz Dias e Serafim Fagundes, através da empresa colonizadora fundada em 1898.

De quem eram as terras? Eram do governo do estado e de poucos particulares. Quanto custaram? Duzentos contos de réis por toda área

que incluía Quinze de Novembro e Alfredo Brenner. Na primavera de 1899 chegaram os primeiros colonos, alemães e descendentes, depois vieram italianos e descendentes, outros, inclusive alemães chamados Brummer, que se diziam ser soldados combatentes na Guerra do Paraguai, atesta Ribeiro Spandemberg. Havia descendentes lusos e indígenas, como Sebastião Bento, Domisciano Trindade, Antônio e Vicente Cantador, Bernardino, Laurindo Torto, e Lau, que só tinha um olho.

Ernest Wilm encerrou seu discurso sob os aplausos da comunidade presente que dava vivas a Ibirubá.

Se me permitirem, não é demais contar que o líder e comerciante Hermany, um dos primeiros comerciantes, promoveu o primeiro baile de Ibirubá, aliás, que se chamava General Osório. E que baile! Hermany oferecia transporte para o pessoal ir ao baile em sua casa, transporte nada fácil, não havia estradas,... mas picadas e picadões.

O interessante foi o Hermany ir a Cruz Alta e de lá trazer um bojudo garrafão de "vinho doce", preparado de água, cachaça e corante, de sorte que as fogosas canções do Reno encheram de entusiasmo o ambiente. "Alegria demais", proclamou Ernest Wilms.

Conta-se ainda, e as histórias são tantas, que "Frau" Loppe, sentada na cozinha, tendo ao lado uma vasilha com milho e entre os joelhos um molininho de moer café, porque outros socavam seu milho num pilão para ter a farinha. E nem precisava dizer para que, porque todos muito bem sabem que os alemães faziam o gostoso *Brot*, os italianos a vigorosa polenta, e os lusos e afro-brasileiros o saboroso bolinho, a popular broa de milho ou o cuscuz.

Historinhas tantas que, para revivê-las, só mesmo quem possui boa memória e jeito inegável para contá-las.

Era o começo de Ibirubá município que tivera no movimento emancipacionista a união e a diligência de toda sua liderança, que se propagou na organização e projeção da novel comunidade.

Exerci a vereança na segunda legislatura, a primeira teve curta duração. Dos ex-vereadores da primeira legislatura, responsáveis praticamente pela Constituição (constituinte para a elaboração dos códigos e das primeiras leis) apenas o ex-vereador Gustavo Sommer encontra-se

em nosso meio, a quem peço uma forte salva de palmas. A todos os ex-vereadores, ex-prefeitos e ex-vice-prefeitos desaparecidos, em nome de todos os presentes, a mais sentida e meritória homenagem, reverência que estendemos a todos os ex-funcionários também desaparecidos, cujos nomes permanecem em nossa lembrança.

Exerci o mandato de vereador ainda na administração de Edgar Otto Fleck, primeiro prefeito e também vereador. Lembro com emoção de todas essas pessoas com reverência e saudades.

Não posso, nem tempo teria para citar todos os nomes das lideranças ibirubenses com quem convivi, e orgulhosamente ainda convivo, porque isso não me seria possível. Comungo, pois, do mesmo espírito e pensamento de cada um dos presentes para dizer que não é um privilégio nosso, ele existe e se glorifica em todas as municipalidades e legislativos do Alto Jacuí. Muitos deles como nós, também comemoram seu cinqüentenário e se constituem em luminosas pérolas desta fulgurante constelação que é o Alto Jacuí.

Reverenciamos a todos os vereadores que já nos deixaram, aos ex-prefeitos e vices, ex-funcionários municipais que cumpriram com a trajetória da vida pública e nos fazem neste ato recordá-los com emoção e saudade.

A suas famílias, o nosso preito de lembrança, de estima e apreço.

Julgaria-me injusto, neste ato solene, se não reverenciasse, igualmente, algumas das tantas pessoas que estiveram a meu lado para elaborar o processo de dados e levantamentos técnicos e sociológicos para a batalha da conquista do município-modelo. Registro aqui dr. Altivo Osmar Ruschel, dr. Augusto Borges Berthier, contador Nabor Faria, economista Milton Décio Stefanello, ex-prefeitos Edmundo Roewer, Edgar Otto Fleck, Frederico Gunard Dürr, Celso Maia Tagliari. Diria mais, mas são tantos, distinguiria, o presidente da Câmara de Vereadores Theodoro de Abreu, grande homem público, Flávio Goelzer Lima, Ari Adamy, dr. Oldemar Weber, radialista Ilvedy Weber, pastores Gebhard Strebhel e Walter Hesse, professor Arthur Kanitz, ex-prefeitos Orlando Kanitz e Neri Zeilmann, Theobaldo Becker, Erich Frederich e Jânio Vital Stefanello.

Um cinqüentenário de tantas conquistas e exemplos que mostra brilhantemente o valor de um povo que se une, se irmana e tem consciência de seu destino. Exemplificou de forma brilhante quando da conquista do município-modelo, uma conquista não de um homem só, mas de todos, fato incontestável e reconhecido nacionalmente. Um título que não foi imposto, foi conquistado com garra e coração, foi conquistado por mérito.

Porque o valor de todas essas conquistas esteve, está e pertence à comunidade.

Ibirubá era um projeto-modelo não para construir um município de grandes obras, porque a materialidade não contava ponto, contava ponto o mérito da ação comunitária, o valor estava e está na pessoa humana.

Não foi só um simples título. Ibirubá modelo foi um programa e palco para demonstrações de organização, desenvolvimento de comunidades. O objetivo, pois, do programa, que não pode ser abandonado, teve e tem o mérito de expandir práticas, experiências e resultados do que a comunidade é capaz de realizar muito mais quando se une, e unida sempre deve estar.

Na verdade, o importante da filosofia do programa implantado a partir deste município foi o de aprimorar a pessoa, cultivar entre os homens o espírito de união, convivência solidária para tantos avanços sociais, políticos e econômicos. O espírito aceso aqui em Ibirubá foi a chama que se espalhou, não tanto como se projetara, mas que teve e tem méritos inquestionáveis.

É bom lembrar que tivemos o apoio de mais de vinte prefeitos da região na época para essa conquista de município-modelo, apoio que lhes devemos e, gradualmente, estamos lhes retribuindo, razão de tantos motivos para nos unir e fortalecer, como o da energia rural.

Ninguém vive sem orgulho de suas raízes. Orgulhamo-nos da nossa terra, orgulhamo-nos do espírito de solidariedade que frutifica. Povo que se une é povo forte. Povo que se ajuda é povo que progride, vive bem porque vive como se irmãos todos fossem. Isso é uma bênção de Deus que não devemos desmerecer.

E finalizo proferindo uma simples expressão que meu avô Ângelo dizia-me: "Tosi, amici, fratelli, volense bene che no costa niente." – "Jovens, amigos, irmãos, queiram-se bem, que não custa nada."

Ouvintes, o meu abraço!

Duas significativas homenagens

Homenagem aos sócios-fundadores

Registramos a emoção que sentimos em homenagear aqueles que deram parte de sua vida e de seu suor pela consolidação de um sonho, de um ideal.

O fortalecimento de nossa cooperação é um tributo a esses homens e mulheres que nos ensinaram que, com amor e dedicação, os sonhos são, antes de tudo, certeza de um futuro de conquistas.

Os homens que deram início ao sonho da Coprel, em 14 de janeiro de 1968, foram: Adolfo Nicolodi, Afonso Binsfeld, Afonso Schwantes, Alberto Bohrz, Alberto Pranke, Alfonso Schwaroswsky, Alfredo Kloh, Alfredo Raasch, Aloysio W. Rippel, Alvino Lorenzoni, Anilto Lorenzoni, Armindo Suhre, Arseno C. Henrichsen, Arnaldo Nicolodi, Arnaldo J. Bonzanini, Arno Carlos L. Braatz, Arnoldo Göcks, Asdrúbal da Silva Corralo, Célio Graf, Celso Maia Tagliari, Ciriaco Soares da Silva, Edgar Otto Fleck, Edmundo Roewer, Enio Ebbing, Enio Kussler, Emilio R. Heller, Erno Wayhs, Etelvino Ristow, Evaldo Schlindwein, Eurico F. de Araújo, Franz Hümmler, Frederico M. G. Dürr, Fridolino Klaesner, Guerino Fior, Guilherme De Bortoli, Helmuth B. Hallwass, Herbert Schäfer, Hilário K. Adiers, Honorina C. de Abreu, João Arno Kerkhoff, João F. Camargo, João Osvino Weiss, Lino Stefanello, Nerci P. da Silva, Olavo Stefanello, Otto Tieman, Otto A. Saueressig, Oswaldo Welzel, Paulo Nicolodi Filho, Rodolfo Brignoni, Rubens Noé Wilke, Theobaldo Becker, Vitalino C. Formentini, Victor M. Pimentel, Werno Wentz e Walter G. Horbach.

Foram presidentes: Edmundo Roewer (1968-73); Olavo Stefenello (1973-89) e, atualmente, Jânio Vital Stefanello (1989-2008).

Homenagem aos coprelianos

Em frente à Coprel há um monumento, feito pelo escultor Cláudio M. Costa e inaugurado no dia 10 de dezembro de 1993, em homenagem aos coprelianos. São mãos que simbolizam o cooperativismo.

De um ideal cooperativo nasceu a força e a energia desta terra.
Das mãos que se uniram formam-se uma corrente ligando famílias e vidas.
Mãos que trabalham pelo crescimento, solidariedade e desenvolvimento.
Mãos que buscam com energia uma melhor qualidade de vida para todos.
Neste monumento, mãos que simbolizam 25 anos de trabalho,
força e dedicação.

O garimpo da esmeralda

Este livro não termina aqui, com esta edição, uma nova já está pre-vis-ta, dará continuidade a tantas outras histórias, remembranças e fatos à margem de estudo e de investigação, que merecem ser descritos e conhecidos, não sendo possível agora, pela exigüidade de tempo, concluir.

Na vereda do tempo, a epopéia da Coprel é grande para dar força à família rural, e somam-se muitos destaques relevantes ainda não citados.

Nascida em 14 de janeiro de 1968, após intensa fermentação social, essa cooperativa justifica-se como dinâmico agente do desenvolvimento regional. Em cada um dos municípios de sua jurisdição executa atividades e estende os benefícios da luz.

Empenha-se para se toranr independente na geração e distribuição de energia. Deu passos importantes com a construção das usinas hidrelétricas Pinheirinho, em Ibirubá, Cotovelo do Jacuí, em Victor Graeff, e do Posto, entre Esmeralda e Lagoa Vermelha. Para tornar-se auto-suficiente ainda terá de obter novos investimentos, além dos já previstos. Contudo, a Coprel não pára, seus projetos estratégicos se agilizam e se desenvolvem, devido à ação dinâmica de sua equipe administrativa. Isso nos leva a crer que alguns deles possam se concretizar em futuro próximo.

A Coprel começa a construir a hidrelétrica de Capão da Convenção entre os municípios de Salto do Jacuí e Júlio de Castilhos. Outra usina em fase inicial de obras fica no Rincão do Ivaí, município de Júlio de Castilhos. Desdobra-se assim a Coprel para cumprir fielmente os objetivos e as finalidades de sua existência, para os quais foi criada.

Explicitamente, consolida o que se propôs a realizar há quarenta anos, tomar a si, como tomou, os encargos para garantir os benefícios da energia a seus cooperantes, razão e força da sociedade cooperativa.

Naquele tempo ninguém queria eletrificar o interior, por isso a família rural decidiu organizar-se e, com muita determinação e sacrifício de toda ordem, superou-se e venceu. A energia é uma realidade para mais de 44 mil cooperantes e em 71 municípios de sua jurisdição.

São tantas as histórias, além da luz, que merecem ser garimpadas, trabalho ao qual daremos continuidade por essas querências.

Com o apoio e a compreensão de nossos cooperantes, amigos e leitores, o que nem sonho era, tornar-se-á mais uma realidade informativa, quiçá de algum valor substantivo.

Cooperem conosco.